

NAYHARA FREITAS MARTINS GOMES

**A MOBILIDADE SOCIOESPACIAL DOS RURAIS E SUAS EXPRESSÕES
CITADINAS: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE ARAPONGA, MG.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2015**

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

G633m
2015
Gomes, Nayhara Freitas Martins, 1988-
A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões
cidades : uma análise do município de Araçonga, MG /
Nayhara Freitas Martins Gomes. – Viçosa, MG, 2015.
xxi, 189f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexo.

Inclui apêndices.

Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.160-167.

1. Sociologia rural. 2. Migração rural-urbana. 3. Vida rural.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Rural. Programa de Pós-graduação em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 307.72

NAYHARA FREITAS MARTINS GOMES

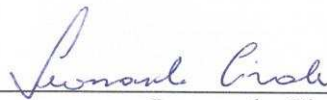
**A MOBILIDADE SOCIOESPACIAL DOS RURAIS E SUAS EXPRESSÕES
CITADINAS: UMA ANÁLISE DO MUNICÍPIO DE ARAPONGA, MG.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de junho de 2015.



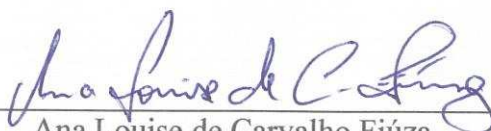
Douglas Mansur da Silva



Leonardo Civalde



Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo
(Coorientadora)



Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Orientadora)

Dedico essa dissertação aos meus amados pais, Vicente e Aparecida, por suas bênçãos e orações diárias. Pelo exemplo de honestidade e comprometimento em suas labutas cotidianas, isto certamente têm conduzido minhas escolhas.

“O relevante está no ínfimo, na vida cotidiana fragmentária e aparentemente sem sentido.”

José de Souza Martins

AGRADECIMENTOS

Devo a finalização deste trabalho e dessa etapa de minha vida, a muitas pessoas. Porém, primeiro agradeço a Deus pela vida, pelas oportunidades que tem me concedido e pelas pessoas colocadas em meu caminho. Agradeço a Virgem Maria pela força e coragem para seguir em frente e por me proteger com seu manto sagrado. Correndo o risco de cometer injustiça, agradeço também:

A minha mãe, Aparecida, exemplo de mulher, pela oportunidade que me deu de estudar, por acreditar nos meus sonhos, sempre encorajando-me. Pelo incentivo e ensinamentos a lutar por meus objetivos com confiança. Por me orientar durante o período de campo me direcionando aos caminhos menos sinuosos.

Ao meu pai, Vicente, pelo exemplo de honestidade, pelo carinho, paciência e amor incondicional. Por ter me acompanhado e ajudado em alguns momentos do trabalho de campo, me protegendo e ao mesmo tempo, abrindo às portas para a coleta dos dados.

Aos meus irmãos, Vinicius e Nádia, companheiros de infância e paixões de toda a vida, pelos momentos compartilhados, pela cumplicidade, por me animarem mesmo nos momentos mais difíceis. A minha cunhada Simone, irmã que ganhei, por me enviar energias positivas e pelo carinho de sempre.

Ao Odirley, pelo apoio em todas as etapas do mestrado, pelo amor e compreensão, pela ajuda nos momentos de dúvidas, pela paciência cotidiana, pela troca de ideias e partilha de sonhos e por ser a melhor companhia dos almoços no RU e das sobremesas no MU.

A toda minha família, obrigada pela torcida e apoio. Às tias pelas ligações cheias de carinho e as avós pelas orações. Em especial, agradeço a tia Eliana e tio Armindo que me concederam hospedagem e logística para chegar em muitas comunidades durante as idas ao campo. A tia Marcilei, que por diversas vezes, realizou apresentações preliminares desta pesquisa. Aos primos, Cássia, Juliana, Eunice, Guilherme e Bruno por compartilharem as angústias da pesquisa acadêmica.

As minhas companheiras de república entre 2008 a 2012, por se tornarem mais que primas – Renata, Camila, Natália, Ludimila e Thaysa, bem como o Juninho, pelas conversas, cumplicidade e por terem dado ouvidos a minha tagarelice descontrolada e às vezes, mau humor.

A minha turma de mestrado pelo aprendizado e amizade, em especial, as amigas que ganhei durante este período e que demonstraram que a amizade verdadeira é destituída de

qualquer interesse, levo vocês por toda a vida: Patrícia, Vanessa, Débora, Eulália, Solange, Amábile, Aline, Fernanda e Alessandra. Não posso esquecer também dos amigos que me fizeram ter certeza de que eu jamais estarei sozinha em qualquer outro lugar: Renata, Mayara, Kamila, Higor, Eliza, Mariana, Denere, Juliana, Tallita e Maisa. Obrigada pelos momentos incríveis passados juntos!

Ao admirável professor Edmilson Correia, por ter sido fonte de inspiração na escolha da graduação em Geografia. Pelo exemplo de vida e dedicação à profissão e pelos votos de confiança depositados em mim durante o período no qual trabalhamos juntos.

Agradeço a Universidade Federal de Viçosa e ao Programa de Pós Graduação em Extensão Rural do Departamento de Economia Rural, pela oportunidade do mestrado. Aos professores pelas contribuições acadêmicas, pelo aprendizado e amizade. Aos funcionários do DER, pela atenção, presteza e carinho. Em especial, ao Romildo, Cassiane e Myrna pela tamanha eficiência em lidar com as burocracias existentes. Ao professor Ambrósio pelo empréstimo do equipamento de GPS, sem o qual seria impossível utilizar as ferramentas de geoprocessamento. Ao Manu, por me ajudar na construção dos mapas desta investigação.

Em especial, agradeço a minha orientadora, professora Ana Louise de Carvalho Fiuza pela dedicação e trabalho intenso na construção desta dissertação, dando aporte às certas decisões, respeitando meus interesses, compreendendo minhas limitações e corrigindo minhas falhas. Obrigada por ter se preocupado não apenas com a qualidade do trabalho, mas também com meu bem-estar físico e emocional, não medindo esforços para que chegássemos a este produto final com êxito.

As professoras Neide Maria de Almeida Pinto e Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo, pela coorientação, pelas reflexões, leituras e correções durante o desenvolvimento desta pesquisa. A professora Lidiane Silva por ter aceitado participar como debatedora ao longo da construção desta dissertação, pela leitura atenta e apontamentos preciosos.

Aos professores Leonardo Civalo, Douglas Mansur e Paula Remoaldo por comporem a banca examinadora e pelo diálogo enriquecedor estabelecido.

Ao GERAR e seus integrantes por ser um ambiente fértil de discussões, por terem colaborado expressivamente em meu crescimento intelectual, pelo companheirismo e por fortalecer o compromisso de pesquisadores que somos. Por ser um espaço de descontração e ao mesmo tempo, de socialização de experiências profissionais. Em especial, agradeço a Vanessa, pelo incentivo, otimismo e por me acompanhar de perto durante todo o mestrado.

A CAPES pela concessão da bolsa de estudo, sem a qual não seria possível cursar o mestrado e ter dedicação exclusiva à produção da ciência.

A todos que contribuíram para construção da dissertação durante a pesquisa de campo, fosse fornecendo dados, dando abrigo, água, alimentação e cafezinho. Em especial, agradeço ao motorista e trocador da viação Luiza Turismo, por terem sido guias e informantes no período do campo. A Secretaria Municipal de Saúde de Araponga pelo fornecimento de dados secundários e Secretaria Municipal de Transporte por me apoiarem em algumas idas a campo com o uso do transporte escolar.

Em particular, agradeço aos moradores do campo do município de Araponga, Minas Gerais, por abrirem suas portas me confiando informações, pela hospitalidade, paciência e confiança durante a aplicação dos questionários. Pela acolhida, hospedagem e ajuda das famílias da Lucilene, Dona Margarida e Dona Eugênia durante o período de permanência no campo, permitindo-me vivenciar momentos afetuosos com suas famílias.

A todos cujo nome não foi citado, mas que por mim torceram ao longo dessa caminhada, meu muito obrigada!

BIOGRAFIA

NAYHARA FREITAS MARTINS GOMES, filha de Vicente de Paula Gomes e Maria Aparecida Martins Gomes, nasceu em 16 de Fevereiro de 1988, em Viçosa, Minas Gerais. Coursou o ensino básico em escola estadual rural, no município de Canaã, Minas Gerais e, ensino fundamental em escola pública estadual localizada no distrito da sua cidade natal, Araponga, Minas Gerais. Durante o ensino médio, estudou em colégio da rede privada de ensino em Viçosa, Minas Gerais. Sendo as escolas respectivamente: Escola Estadual José Dias do Carmo e Colégio Equipe de Viçosa. No ano de 2007, iniciou sua graduação em Geografia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa-MG. Durante a graduação cursou as modalidades de Licenciatura e Bacharelado, inseriu-se em projetos voltados para a pesquisa, ensino e extensão que lhe proporcionou a vivência como, bolsista de extensão universitária e iniciação científica pelo Museu de Ciências da Terra Alexis Dorofeef (DPS - UFRV) de 2008 a 2010. Posteriormente, foi bolsista de iniciação à docência no Programa PIBID de Geografia durante o ano de 2010 e por fim, foi bolsista iniciação científica de 2011 a 2012 pelo Departamento de Economia Rural com projeto voltado para o mundo rural. Em Março de 2013 ingressou no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, em nível de mestrado, do Departamento de Economia Rural da UFRV.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE GRÁFICOS	xiii
LISTA DE QUADROS	xiv
LISTA DE TABELAS	xv
RESUMO	xviii
ABSTRACT	xx
INTRODUÇÃO	1
Contextualização do problema	3
Delimitação do problema	4
Objetivos	5
Hipóteses	5
Classificação da pesquisa	6
Organização dos Capítulos	6
CAPÍTULO 1	8
Percursos entre o campo e a cidade: “mobilidade socioespacial”, “modos de vida” e “espacialidades”	8
1.1 A mobilidade socioespacial	8
1.2. A proximidade entre campo e cidade na contemporaneidade	10
1.2.1 <i>O olhar das instituições internacionais sobre o rural e o urbano</i>	16
1.3 Os modos de vida	18
1.4 O processo de hibridismo cultural	25
1.5 Territorialidade e espacialidade: adotando o conceito da espacialidade	28
1.6 Notas conclusivas sobre o capítulo	35
CAPÍTULO 2	37
Procedimentos metodológicos	37
2.1 Classificação da pesquisa	37
2.2 Razões para a escolha do município estudado	38
2.3 <i>População e amostra</i>	41
CAPÍTULO 3	53
As representações sociais da relação campo-cidade por parte dos rurais	53
3.1 Considerações sobre a teoria das representações sociais	53
3.2 As representações sociais dos rurais acerca do campo e da cidade	55

3.2.1 A imagem espontânea da cidade	56
3.2.2 A imagem espontânea do campo	62
3.3 O imaginário reflexivo dos rurais acerca do campo e da cidade	72
3.3.1 As assertivas com concordância total da maioria dos rurais.....	75
3.3.2 As assertivas com concordância parcial dos rurais	83
3.4 Notas conclusivas sobre o capítulo	86
CAPÍTULO 4	87
A mobilidade socioespacial dos rurais sob a perspectiva de gênero e geração	87
4.1 Perfil socioeconômico dos respondentes	87
4.2 A mobilidade socioespacial dos rurais.....	91
4.2.1 O deslocamento para trabalhar	92
4.2.2 O deslocamento para estudar	94
4.2.3 O deslocamento para o consumo	95
4.2.4 O deslocamento em busca de serviços de saúde.....	105
4.2.5 O deslocamento para realizar serviços bancários.....	108
4.2.6 O deslocamento para realizar atividades de lazer.....	110
4.3 Encurtando as distâncias entre o campo e a cidade: o uso crescente dos meios de transporte	112
4.4. Notas conclusivas sobre o capítulo	116
CAPÍTULO 5	118
A mobilidade socioespacial dos rurais e as influências sobre o seu modo de vida.	118
5.1 A relação do deslocamento com a Escolaridade.....	118
5.2 A relação do deslocamento com o trabalho	120
5.3 O deslocamento dos rurais voltado para o consumo: os efeitos para o modo de morar.....	123
5.4 Os deslocamentos rotineiros e as práticas de lazer dos habitantes do campo.....	136
5.5 Notas conclusivas sobre o capítulo	141
CAPÍTULO 6	142
As espacialidades cidadinas dos rurais	142
6.1 As especificidades da atratividade cidadina segundo as características dos municípios	142
6.2 Entre ir e vir: condições para a acessibilidade dos rurais à cidade	145
6.3 “A gente não sai por acaso, vai sempre com alguma intenção”: os espaços citadinos de afinidade para os rurais	148
6.4 Notas conclusivas sobre o capítulo	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160

APÊNDICES	168
APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento do respondente	168
APÊNDICE B - Modelo de Termo de Consentimento para pais/responsáveis pelo respondente entre 15 a 18 anos	170
APÊNDICE C - Termo de Assentimento para os respondentes com idade entre 15 e 18 anos	172
APÊNDICE D - Questionário	174
APÊNDICE E – Autorização da secretária de saúde de araponga para o levantamento dos dados cadastrais das famílias rurais, nas unidades básicas de saúde.....	184
APÊNDICE F – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço público	185
APÊNDICE G – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço público e privado	186
APÊNDICE H – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço privado.....	187
ANEXOS	188
ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP – UFV	188

LISTA DE SIGLAS

GERAR – Grupos de Estudos Rurais: Agricultura e Ruralidades

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

UBS - Unidades Básicas de Saúde

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PIB - Produto Interno Bruto

PNUD - Programa das Nações Humanas para o Desenvolvimento

IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

UCE - Unidades de Contexto Elementar

UCI - Unidades de Contexto Iniciais

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

AFC - Análise Fatorial de Correspondência

CHA - Classificação Hierárquica Ascendente

GPS - *Global Positioning System* ou Sistema de Posicionamento Global

SIG - Sistema de informações geográficas

CEP-UFV - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

ORNAS - Ocupações Rurais Não Agrícolas

AED - Análise Exploratória dos Dados

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização do município de Araponga na microrregião de Viçosa, Minas Gerais.	39
Figura 2: Mapa de distribuição dos participantes da pesquisa no município de Araponga, Minas Gerais.	47
Figura 3 - Distrito de Estevão Araújo	96
Figura 4- Vista aérea do distrito de Estevão Araújo	97
Figura 5 - Região central da sede municipal de Araponga	98
Figura 6- Imagem aérea do centro urbano de Araponga, MG.	99
Figura 7- Unidade Básica de Saúde da comunidade rural dos Estouros em Araponga, MG.	106
Figura 8: Pessoas aguardando a abertura de uma das agências bancárias em Araponga.	109
Figura 9- Mosaico de fotos dos meios de transporte utilizados pelos habitantes do campo de Araponga.	113
Figura 10- Mosaico de fotos de algumas paisagens geográficas de Araponga, MG.	116
Figura 11: Mosaico de fotos das principais atividades agrícolas realizada em Araponga, MG.	122
Figura 12- Mosaico de fotos sobre o consumo nos domicílios rurais.	125
Figura 13- Mosaico de fotos de alguns domicílios rurais de Araponga.	129
Figura 14- Mosaico de fotos representando a mescla entre o modo de vida rural e urbano.	130
Figura 11- Mosaico de fotos da presença de algumas TICs nos domicílios rurais de Araponga.	132
Figura 16- Mosaico de fotos de Igrejas em comunidades rurais de Araponga.	153

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Avaliação em relação a vida no campo no passado e no presente

69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Características constitutivas do perfil relativo ao “modo de vida rural” e ao “modo de vida urbano” na sociedade brasileira (em continuação).	23
Quadro 2: Características constitutivas do perfil relativo ao “modo de vida rural” e ao “modo de vida urbano” na sociedade brasileira (conclusão).	24
Quadro 3- Níveis de significância utilizados com maior frequência	43
Quadro 4: Dendograma da Classificação Hierárquica	57
Quadro 5: Dendograma da Classificação Hierárquica	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, Minas Gerais e Araponga	40
Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Araponga	40
Tabela 3: População rural residente por faixa etária e sexo em Araponga	42
Tabela 4: População residente rural por faixa etária e sexo em Araponga	42
Tabela 5: Total de questionários aplicados	45
Tabela 6: Localidade onde residem os respondentes	45
Tabela 7: Nível de concordância com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade	74
Tabela 8: Concordância total com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade	75
Tabela 9: Concordância parcial com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade	83
Tabela 10: Naturalidade dos respondentes	88
Tabela 11: Estado Civil dos respondentes	88
Tabela 12: Número de membros por família	89
Tabela 13: Estatística descritiva da variável “anos de estudo”	89
Tabela 14: Tipo de ocupação por geração e sexo	90
Tabela 15: Rendimento mensal familiar	91
Tabela 16: Frequência do deslocamento para trabalhar	92
Tabela 17: Destino do deslocamento para trabalhar	92
Tabela 18: Meio de transporte utilizado para trabalhar	93
Tabela 19: Tempo em minutos ao deslocar para o trabalho	93
Tabela 20: Frequência e destino do deslocamento para o estudo	94
Tabela 21: Tempo em minutos ao deslocar para o estudo	95
Tabela 22: Frequência do deslocamento para compras de uso pessoal	96
Tabela 23: Destino do deslocamento para compras de uso pessoal	100
Tabela 24: Meio de transporte utilizado para realizar compras de uso pessoal	100
Tabela 25: Tempo em minutos ao deslocar para comprar <i>itens</i> de uso pessoal	101
Tabela 26: Frequência do deslocamento para compras de uso doméstico	102
Tabela 27: Destino do deslocamento para compras de uso doméstico	103
Tabela 28: Meio de transporte utilizado para realizar compras domésticas	103

Tabela 29: Tempo em minutos ao deslocar para realizar compras para a casa	104
Tabela 30: Frequência do deslocamento para realizar compras para a propriedade	104
Tabela 31: Destino do deslocamento para realizar compras para a propriedade	105
Tabela 32: Frequência do deslocamento para atendimento à saúde	106
Tabela 33: Destino do deslocamento para buscar serviços de saúde	107
Tabela 34: Meio de transporte utilizado para buscar serviços de saúde	107
Tabela 35: Tempo em minutos ao deslocar em busca de serviços de saúde	108
Tabela 36: Frequência do deslocamento para realizar serviços bancários	109
Tabela 37: Destino do deslocamento para realizar serviços bancários	110
Tabela 38: Prática e frequência do deslocamento para o lazer, segundo o sexo e a geração	110
Tabela 39: Destino do deslocamento para o lazer	111
Tabela 40: Meio de transporte utilizado para o lazer	Erro! Indicador não definido.
Tabela 41: Meio de transporte mais utilizado pelo respondente	113
Tabela 42: Avaliação em relação ao meio de transporte utilizado para se deslocar para a cidade	114
Tabela 43: Escolaridade dos indivíduos que estudam na família	119
Tabela 44: Ocupações remuneradas entre os membros da família	120
Tabela 45: Frequência do deslocamento para trabalhar segundo a geração do respondente	121
Tabela 46: Principal fonte de renda da família	121
Tabela 47: Presença no grupo familiar de benefício do governo	122
Tabela 48: Atividades desenvolvidas na propriedade	123
Tabela 49: Eletrodomésticos e meios de transporte nos domicílios rurais (continuação)	127
Tabela 50: Eletrodomésticos e meios de transporte nos domicílios rurais (conclusão)	128
Tabela 51: Avaliação dos rurais sobre a influência da cidade no consumo de eletrodomésticos e de móveis	128
Tabela 52: Avaliação do respondente em relação a importância do eletrodoméstico/meio de transporte (continuação)	131
Tabela 53: Avaliação do respondente em relação a importância do eletrodoméstico/meio de transporte (conclusão)	131
Tabela 54: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (continuação).	133
Tabela 55: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (continuação).	134

Tabela 56: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (conclusão).	135
Tabela 57: Nível de deslocamento segundo a geração do respondente	136
Tabela 58: Avaliação dos rurais acerca da semelhança das suas casas com as citadinas, segundo a geração	136
Tabela 59: Frequência de atividades de lazer relacionadas ao uso da televisão	137
Tabela 60: Frequência de atividades de lazer relacionadas a leitura	138
Tabela 61: Frequência de atividades de lazer relacionadas a música, descanso e festas	139
Tabela 62: Frequência de atividades de lazer ligadas ao esporte	140
Tabela 63: Lazeres praticados pelos respondentes	141
Tabela 64 - Dados da microrregião de Viçosa	143
Tabela 65- Dados percentuais da distribuição da população rural e urbana na Microrregião de Viçosa nas décadas dos anos 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.	144
Tabela 66: Avaliação quanto a condição de deslocamento para o centro urbano do próprio município	146
Tabela 67: Avaliação quanto a condição de deslocamento para outros municípios	147
Tabela 68: Avaliação quanto ao atendimento das necessidades por parte do município	147
Tabela 69: Espaços de sociabilidade dos rurais na cidade (em continuação)	148
Tabela 70: Espaços de sociabilidade dos rurais na cidade (conclusão)	149

RESUMO

GOMES, Nayhara Freitas Martins, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, Junho de 2015. **A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, Minas Gerais.** Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiuza. Coorientadores: Neide Maria de Almeida Pinto e Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo.

A presente dissertação teve como objetivo investigar o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo, enfatizando a perspectiva do intercâmbio socioeconômico advindo dos deslocamentos entre o campo e a cidade. Em específico, buscou-se analisar as mudanças no modo de vida rural advindas com o estreitamento das distâncias entre o campo e a cidade. Embora a pesquisa não tenha tratado a mobilidade socioespacial como uma variável causal em relação às mudanças dos modos de vida das famílias que vivem no campo, esse movimento foi visto como um indicador das dimensões em que o modo de vida rural se modificou. Em termos metodológicos utilizou-se procedimentos de coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos, com a aplicação de um Survey com perguntas abertas e fechadas. Para a realização do estudo escolheu-se um pequeno município, Araponga, pertencente à microrregião de Viçosa, Minas Gerais, cuja economia é baseada no café. A escolha se deveu ao fato do município ter uma população inferior a 20.000 habitantes e ter uma economia agrícola, tal como acontece com mais de 80% dos municípios brasileiros. A amostra da pesquisa foi representativa da população, tendo sido constituída por 94 indivíduos. Os dados foram sistematizados e analisados no *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) e no *software* Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto) de análise quantitativa de dados textuais. Os resultados da pesquisa mostraram que os deslocamentos entre o campo e a cidade foram utilizados de forma efetiva pelos habitantes do campo para introduzir mudanças no seu modo de morar. As idas à cidade estiveram relacionadas, prioritariamente, à esfera do consumo, tanto de alimentos, como de eletrodomésticos e móveis para a casa. As tecnologias da informação e comunicação, como o celular, também mostraram a sua interface com os deslocamentos realizados pelos rurais entre o campo e a cidade, sendo utilizada para resolver assuntos relativos à saúde, negócios ou mesmo da esfera afetiva, como entre os jovens. Contudo, os deslocamentos entre o campo e a cidade não mostraram estar relacionados nem ao trabalho, nem ao estudo. Esferas em que o modo de vida rural se mostrou mais inalterado. Neste sentido, o trabalho agrícola realizado na própria propriedade mostrou-se como o principal fator de manutenção do modo de vida rural. A renda

da economia cafeeira combinada a programas do governo, como o bolsa família, o PRONAF, além da própria aposentadoria rural, mostrou-se capaz de manter grande parte dos membros da família na própria comunidade ou no próprio município. A mobilidade mostrou, ainda, forte viés de gênero, mas não de geração. Os homens foram os habitantes do campo que mais se deslocam buscando o centro urbano do município e outros pequenos municípios vizinhos, principalmente por estes possuírem os meios de transporte e renda numericamente superior do que as mulheres. Já as mulheres apresentaram o deslocamento circunscrito ao distrito do município. Assim, a pesquisa mostrou que a mobilidade espacial não se constitui como um fenômeno exclusivamente urbano, estando muito presente nos pequenos municípios brasileiros. No que diz respeito aos moradores do campo, esta mobilidade campo-cidade vem sendo utilizada para modificar, sobretudo, seus modos de morar e os seus hábitos de vida.

ABSTRACT

GOMES, Nayhara Freitas Martins, M.Sc, Universidade Federal de Viçosa, June, 2015. **The socio-spatial mobility of rural and your citizenly expressions: an analysis of the municipality of Araponga, Minas Gerais.** Advisor: Ana Louise de Carvalho Fiuza. Co-Advisors: Neide Maria de Almeida Pinto and Paula Cristina Almeida Cadima Remoaldo.

This work aimed to investigate the socio-spatial mobility phenomenon of people living in the countryside, emphasizing the socioeconomic perspective arising from exchange of displacements between the countryside and the city. Specifically, it sought to analyze the changes in the rural way of life stemming from the narrowing of the distances between the countryside and the city. Although the research not dealt with the socio-spatial mobility as a causal variable in relation to changing lifestyles of families living in the countryside, this move was seen as an indicator of the dimensions in which the rural way of life has changed. In terms of methodology was used procedures for collecting and analyzing quantitative and qualitative data, applying a Survey with open and closed questions. For the study was chosen a small municipality, Araponga belonging to microregion of Viçosa, Minas Gerais, whose economy is based on coffee. The choice was because the city having a population less than 20,000 and having an agricultural economy, as with more than 80% of Brazilian municipalities. The research sample was representative of the population, and was made up of 94 individuals. The data were organized and analyzed using the statistical software SPSS (Statistical Package for Social Sciences) and Alceste software (Lexical Analysis Contextual of a Text Segment Set) for quantitative analysis of textual data. The survey results showed that the displacements between the countryside and the city have been used effectively by the inhabitants of the field to make changes in their way of living. Trips to the city were related as a priority to the sphere of consumption as much foods such as appliances and furniture for the home. Information and communication technologies like mobile phone, also showed their interface with the movements made by rural between the countryside and the city, being used to resolve issues relating to health, business or even the affective sphere as well as between young people. However, dislocations between the countryside and the city have shown to be unrelated to work nor to study. Spheres where the rural way of life proved more unchanged. In this sense, agricultural work performed on the property itself proved to be the main factor maintaining the rural way of life. The income of the coffee economy combined with government programs, such as Bolsa Familia, PRONAF, apart from the specific rural retirement, proved to be able to

keep most of the family members within the community or in the city itself. Mobility also showed strong gender bias, but not generation. The men were the inhabitants of the most moving field seeking the urban center of the municipality and other small neighboring towns, mainly because these possess the means of transport and numerically higher income than women. The women showed the displacement limited to the municipal district. Thus, the research has shown that the spatial mobility does not constitute as an exclusively urban phenomenon and is very present in small municipalities. With regard to residents of the countryside, this rural-urban mobility has been used to modify, above all, their ways of living and their living habits.

INTRODUÇÃO

O objetivo central desta investigação foi estudar o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo analisando o intercâmbio socioeconômico advindo dos deslocamentos entre o campo e a cidade. A mobilidade socioespacial dos rurais se intensificou pela facilidade dos meios de transporte e comunicação que comprimiram o espaço e o tempo, levando ao surgimento de espaços híbridos, fruto das interações entre os modos de vida rural e urbano. Os deslocamentos realizados pelos rurais permitem, assim, uma interação territorial entre campo e cidade. O fenômeno da mobilidade socioespacial considerada neste estudo, não está voltada para o aspecto migratório, não implicando necessariamente na transferência de residência em primeira medida. Este estudo dá enfoque ao ir e vir, aos processos de troca, aos deslocamentos das pessoas que vivem no campo no seu próprio espaço e entorno dele.

A motivação para a realização desta pesquisa surgiu das discussões sobre os processos de mudanças socioeconômicas e culturais no campo, ao longo dos estudos realizados no Grupo de Pesquisa GERAR – Grupos de Estudos Rurais: agricultura e ruralidades¹. A relevância acadêmica e social deste estudo reside no fato de que os deslocamentos cotidianos têm sido estudados como fenômenos ocorridos, sobretudo, nos grandes centros urbanos, enquanto nas pequenas cidades e no campo, tal fenômeno tem sido responsável por grandes transformações nos modos de vida dos habitantes do campo e das pessoas que vivem em pequenas cidades, sem que, contudo, sejam realizadas pesquisas sobre este fenômeno.

A forma como no Brasil o campo tem se transformado mediante as relações capitalistas de produção vem colocando em intenso diálogo as formas de se viver na cidade e no campo. Portanto, cada vez mais, torna-se superada uma visão que distingue e coloca em extremos o campo e a cidade, visto que hoje tais espaços se tornam progressivamente mais articulados devido à melhoria de estradas, ao acesso aos diversos meios de transporte e de comunicação, bem como, pela mobilidade da população que tende a atenuar os comportamentos diferentes e a dificultar a observação direta das diferenças entre os dois tipos de espaços. Assim, as clivagens entre campo e cidade não resultam mais em uma oposição substantiva entre estes espaços, mas, sim em uma integração desses espaços. Neste sentido, autoras como Endlich & Sposito (2010) diferenciam campo de rural, a fim de evidenciar que a aproximação entre os espaços, “campo”

¹ Grupo de Pesquisa vinculado ao CNPq.

e “cidade”, não incide de forma uniforme sobre o “modo de vida rural” e o “modo de vida urbano”.

Na dissertação que ora se apresenta, o campo e a cidade são, portanto, conceituados como contendo especificidades formais que diferenciados pelo tipo de organização dos assentamentos humanos que neles se desenvolvem, as quais podem ser trazer a marca do modo de vida rural e/ou urbano. Assim, rural e urbano se manifestariam como um conteúdo social, um adjetivo territorial, que podem estar presentes concomitantemente no campo e na cidade. Este trabalho adota, assim, as perspectivas de Wirth (1979) e de Lefebvre (2001) segundo as quais o “rural” e o “urbano” são características das relações sociais que podem estar presentes tanto no campo como na cidade, os quais são vistos como formas espaciais.

Desse modo, o rural e o urbano são atribuídos como qualidades das relações sociais, podendo conviver em um mesmo espaço, pois são frutos das práticas dos sujeitos sociais. Esta perspectiva teórica vislumbra, portanto, que tanto o campo como a cidade estão atravessados por um processo de mudança que acompanha a dinâmica global difundida pela ação do Capitalismo. Admite-se, assim, que as diferenças entre os modos de vida no campo e na cidade diminuem à medida que a relação entre as pessoas que vivem nesses espaços se intensifica. Contudo, a forma e o ritmo com que os modos de vida se reconfiguram depende, principalmente, da forma como o tecido social está estruturado e da forma como este absorve as influências globais.

Para as pesquisas na área de extensão rural, o estudo do deslocamento entre campo e cidade se reveste de enorme importância por propiciar a compreensão da forma como vem se efetivando a mudança nos modos de vida de um expressivo segmento populacional que reside em municípios de pequeno porte com até 20.000 habitantes, os quais representam mais de 80% dos municípios brasileiros. Entende-se, assim, que investigar como vem se configurando o campo através dos deslocamentos é relevante, uma vez que, pode verificar-se a existência das sincronias e dissonâncias entre o campo e a cidade. Além de que, a produção destas informações pode fundamentar as políticas públicas direcionadas ao campo no Brasil.

Por fim, pode-se justificar ainda a importância desta pesquisa em termos do seu caráter inovador, dado que a maioria dos trabalhos acadêmicos sobre a mobilidade socioespacial focam aspectos referentes aos fenômenos ocorridos no âmbito dos grandes centros urbanos e sobretudo, nas metrópoles. Enquanto que estes estudos em pequenos municípios e principalmente, no campo, têm sido incipientes. Neste contexto, frente o processo de transformação do campo e das relações sociais a partir da proximidade entre rural e urbano,

abordar a mobilidade socioespacial das pessoas que residem no campo, em um pequeno município, trata-se de um estudo pouco explorado e portanto, com um ponto de vista original.

Contextualização do problema

A temática da mobilidade tem ganhado relevância especial na era da Globalização destacando-se os fluxos humanos sobre o espaço geográfico, ampliados em densidade, intensidade e ritmo. Neste contexto, o período atual testemunha uma intensificação dessa mobilidade, fazendo da aceleração vertiginosa da velocidade e do aumento da quantidade dos fluxos de origem material e imaterial um dos traços mais marcantes do espaço geográfico. A pretensão da pesquisa realizada foi transcender a mensuração dos fluxos e realizar uma leitura da heterogeneidade dos processos originados no campo e descrever as especificidades que o fenômeno da mobilidade socioespacial imprime às dinâmicas territoriais e ao modo de vida rural.

Na contemporaneidade, o espaço geográfico é caracterizado por fluxos materiais e imateriais que contribuem progressivamente para um aumento da dinâmica e da fluidez. Assim, a mobilidade, seja ela de pessoas, bens materiais, capitais ou informações tem se ampliado nos dias atuais. De acordo com Haesbaert (2009), a pós-modernidade tem na aceleração do movimento uma de suas marcas, como pode ser observado na expressão de Karl Marx (2011) “a aniquilação do espaço pelo tempo” ou pela “compressão espaço-tempo” nos termos de David Harvey (1992). A mobilidade é material, quando se refere a pessoas e mercadorias, e imaterial, quando ligada aos fenômenos da compressão tempo-espaço amparada pelo desenvolvimento técnico-informacional. No campo, bem como a cidade, pode se observar a aceleração dos deslocamentos espaciais. Esta não está somente ligada à ideia de movimento, mas, também, de troca, delineada por intensidades diferenciadas.

O enfoque dado neste estudo à mobilidade, não a trata no sentido estrito de mero deslocamento, objetivo de um local para outro, nem, no seu extremo oposto, como abstração, onde tudo é passível de mobilidade. Tratamos da mobilidade como um fenômeno que permite o contato entre sociedades distintas, consistindo na expressão das demandas dos indivíduos que vivem no campo, que circulam pelo espaço dialogando com outros modos de se vida. Nesse sentido, a mobilidade está diretamente ligada aos distintos sujeitos ou aos atores que a exercem, é importante esclarecer de que sujeitos se está tratando. Assim, foi analisada a mobilidade sócio espacial das pessoas que viviam no campo considerando-se a perspectiva de gênero e de

geração. Desta forma, nos atentamos ao deslocamento de homens e mulheres, jovens, adultos e idosos, buscando compreender as singularidades e semelhanças nos movimentos.

A questão que norteou esta pesquisa voltou-se para a compreensão de quais as dimensões da vida dos rurais se modificavam a partir da sua maior interface com a cidade. Buscou-se, ainda, compreender: a forma como a relação campo-cidade se construía a partir da mobilidade espacial vivida por homens e mulheres de diferentes gerações da família; bem como se os rurais, ao se relacionarem de forma mais estreita com a cidade, alterariam em que aspectos as suas práticas e valores? Buscou-se analisar também, que para além das mudanças nas práticas e valores dos rurais se percebe, também, permanências em suas práticas e valores? Este estudo considerou, sobretudo, que o *modo de vida* envolve dimensões identitárias, práticas, hábitos e valores, os quais se reconfiguram mediante processos de interação. Assim, outra dimensão importante desta pesquisa se voltou para a identificação dos *espaços de afinidade* dos rurais na cidade. Quais eram os espaços de maior afinidade para os rurais na cidade? Que espacialidade os nossos sujeitos delimitavam através do seu deslocamento às cidades?

Delimitação do problema

Para a realização deste estudo foi selecionado o município de Araponga, Minas Gerais, pertencente à microrregião de Viçosa localizada na região da Zona da Mata Mineira. Segundo Assis (2003), a história agrária do município tem no ano de 1871, um marco, em virtude do então governador de Minas Gerais, ter distribuído títulos de sesmarias e “datas mineiras”, ou seja, áreas de mineração. Este fato levou ao desbravamento das terras do arraial. Com a descoberta do ouro, no início do século XIX, foi formada uma povoação e começaram a chegar à região os primeiros escravos negros para trabalhar nas minas. Também se instalaram na região alguns grupos de negros refugiados, vindos de Ouro Preto e Mariana.

Em meados do século XIX, com a decadência da exploração do ouro, a cafeicultura foi introduzida na região, inicialmente com a formação de grandes fazendas trabalhadas por mão-de-obra escrava. Segundo Campos & Mendes (2004), com a transição para o trabalho livre e a indisponibilidade de trabalhadores assalariados, a produção cafeeira foi organizada a partir de formas de relação de trabalho que davam acesso parcial ao uso da terra pelos trabalhadores, como o colonato, através da meação. Alguns desses colonos conseguiram mais tarde ter acesso à sua própria terra, dando origem às atuais pequenas propriedades familiares. Além disso, algumas das antigas fazendas foram sendo desmembradas devido a sucessivas crises na cafeicultura e a divisões por herança. Também em razão das crises, a produção agrícola da

região foi diversificada e a população rural passou a se dedicar não somente às atividades ligadas a agricultura. Assim, a economia de Araponga manteve-se marcadamente agrícola, não tendo o município vocação industrial.

Diante de todo este contexto, as questões de investigação de caráter mais específico e localizado que se formularam nesta pesquisa foram: Os habitantes do campo em Araponga realizam deslocamentos para que lugares? Há diferenças entre os deslocamentos realizados por homens e mulheres de diferentes gerações, em termos das motivações para o deslocamento, bem como para os locais para onde se deslocam, a frequência com que o fazem e a forma? Este deslocamento por eles realizado entre o campo e a cidade tem afetado de que forma os modos de vida de homens e mulheres de diferentes gerações? De que forma os deslocamentos redesenham estes espaços conformando territorialidades? Quais os espaços de afinidade urbana desenhados nestes deslocamentos, considerando-se o gênero e a geração?

Objetivos

Tais questões de investigação tiveram o objetivo de analisar os deslocamentos entre campo-cidade realizado pelos rurais, sob a perspectiva de gênero e geração, no município de Araponga – MG, identificando a influência deste movimento espacial sobre os seus modos de vida e na conformação de suas espacialidades. Com o intuito de alcançar tal objetivo buscou-se especificamente: 1) identificar as finalidades que direcionavam os deslocamentos costumeiros entre o campo e a cidade realizados por parte dos rurais, considerando-se a perspectiva de gênero e de geração; 2) identificar a frequência do deslocamento dos rurais segundo o gênero e a geração; 3) identificar os espaços buscados pelos rurais na cidade; 4) mapear as espacialidades construídas pelos rurais através dos seus deslocamentos; e 5) verificar possíveis mudanças nos modos de vida dos rurais influenciadas pelos seus deslocamentos costumeiros para a cidade.

Hipóteses

Com base, fundamentalmente, nas perspectivas teóricas sobre a mobilidade socioespacial, os modos de vida e a conformação de espacialidades formularam-se três hipóteses de pesquisa, sendo: 1) os espaços frequentados e ocupados na cidade pelos rurais como bancos, órgãos públicos, consultórios médicos e dentários, bem como aqueles espaços de afinidade, como feiras e praças públicas, permitem aos rurais a construção de espacialidades econômicas, culturais e políticas, constituintes do sentimento de pertencimento à cidade, além

de incorporarem hábitos e valores típicos da cultura urbana; 2) a mobilidade espacial dos rurais contribui para a mudança dos seus modos de vida, advinda do deslocamento habitual entre o campo e a cidade, influenciando de forma diferenciada homens e mulheres de diferentes gerações; e 3) o deslocamento dos rurais estabelece espacialidades urbanas diferenciadas segundo o sexo e a geração.

Classificação da pesquisa

A pesquisa realizada pode ser classificada quanto aos seus objetivos como de caráter descritivo-explicativa. Ela foi operacionalizada a partir do levantamento de dados secundários fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde, por meio dos registros das famílias atendidas pelo Programa Saúde da Família nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e primários. Em termos de fontes primárias optou-se pela aplicação de um *Survey* contendo questões abertas e fechadas aos jovens, adultos e idosos (as) do campo de Araponga. Foram também utilizados dados secundários obtidos no IBGE e na Fundação João Pinheiro. Os dados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa foram tabulados e analisados no *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) e no *software* Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto) de análise quantitativa de dados textuais.

Organização dos Capítulos

Após todo o percurso teórico-metodológico e discussão dos dados estruturou-se a presente dissertação em seis capítulos. O Capítulo 1 apresenta a contribuição teórica da pesquisa para a compreensão dos fenômenos socioespaciais dos rurais entre o campo e a cidade. O Capítulo 2 versa sobre os procedimentos metodológicos que circunscreveram o desenvolvimento desta investigação. O Capítulo 3 apresenta discussões referentes às representações sociais realizadas pelos rurais diante da realidade experimentada no campo e na cidade por meio de evocações espontâneas e reflexivas com ênfase nos resultados obtidos pelo uso do *software* Alceste e por meio do posicionamento dos envolvidos em situações específicas. O Capítulo 4 traça o perfil socioeconômico dos envolvidos na pesquisa e as características dos deslocamentos realizados por jovens, adultos e idosos de ambos os sexos, com suas respectivas motivações. O Capítulo 5 discute as mudanças no modo de vida rural relacionando-o com o processo de urbanização da sociedade rural em decorrência da intensificação da circulação e trocas estabelecidas entre o campo e a cidade. O Capítulo 6 trata do mapeamento das espacialidades construídas frente aos espaços buscados pelos rurais na cidade permitindo a

compreensão das particularidades e semelhanças do ato de se deslocar entre os espaços de origem e destino, além dos espaços citadinos de maior afinidade para os rurais.

CAPÍTULO 1

Percursos entre o campo e a cidade: “mobilidade socioespacial”, “modos de vida” e “espacialidades”

O presente capítulo centra-se na contribuição teórica desta pesquisa mediante o estado da arte referente aos temas relativos à “mobilidade socioespacial”, aos “modos de vida” e às “espacialidades”, que circunscreveram o objeto desta dissertação, qual seja, a mobilidade socioespacial dos rurais entre o campo e a cidade. Complementa-se este capítulo teórico com abordagens teóricas que discutem à aproximação entre o campo e a cidade na contemporaneidade e o conceito de hibridismo cultural.

1.1 A mobilidade socioespacial

Segundo Becker (1997), os “deslocamentos populacionais” se realizaram ao longo do tempo em escalas espaciais diferenciadas. Assim, desde as invasões dos povos bárbaros asiáticos, até aos migrantes dos tempos atuais, grupos populacionais entraram em movimento: lutaram pela hegemonia de novos territórios, fugiram de perseguições étnicas e repressões múltiplas, almejaram a possibilidade de novas terras e mercados de trabalho mais promissores ou circularam em busca de atividades para a sua subsistência.

As “interações espaciais” constituem um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico (CORREA, 1997). Podem ser caracterizadas pela maior ou menor intensidade, por variações segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e direção, motivadas por objetivos a serem alcançados e se realizarem através de diversos meios e velocidades. Neste sentido, há uma gama de exemplos correntes de interações espaciais e experiências socioespaciais, nas quais de certa forma, estamos envolvidos.

A “mobilidade socioespacial” se constitui, pois, em um componente das interações espaciais e está ancorada na sociedade e em seu movimento de transformação. Ou seja, a mobilidade espacial e suas dinâmicas são inerentes à história do homem se constituindo em uma forma de interação espacial integrante da existência, da reprodução e do processo de transformação social. Desta forma, seria muito reducionista percebê-la apenas como simples deslocamento de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço (CORREA, 1997).

Neste contexto, a mobilidade socioespacial ao se referir à existência e reprodução social reflete as dissonâncias dos lugares de origem e destino face às necessidades sentidas, resultando em um julgamento valorativo assimétrico de um lugar em detrimento do outro.

Quando se observa, por exemplo, a Revolução Industrial percebe-se que esta instaurou complexas transformações socioespaciais nas relações estabelecidas pelos indivíduos, que resultaram de imediato em uma revolução tecnológica. Assim, aos poucos a mobilidade começou a ocorrer como uma forma de interação espacial, intensificando-se e tornando-se mais complexa, gradativamente, até ocasionar o rompimento das amarras territoriais. Para Correa (1997), estas alterações na interação espacial foram ampliadas devido à massa de mercadorias, pessoas, recursos financeiros e informações em circulação; relacionadas com o avanço nos meios de circulação e comunicação. Esta velocidade nas interações, segundo o autor, estão se tornando mais complexas e abrangentes com um número crescente de nós, vias, fluxos e agentes sociais. Assim, a interação espacial amplificada vem ganhando importância na vida socioeconômica, cultural e política, passando a acontecer com maior frequência, já que os propósitos de sua realização se tornaram diversificados.

Observa-se, assim, que a integração do espaço geográfico vem se dando a partir da alteração da natureza, da intensidade e dos padrões espaciais da interação. A mobilidade socioespacial acentuada, que resulta das transformações oriundas do Capitalismo Industrial, acelera a circulação de pessoas, mercadorias, capitais e informações, afetando diretamente os deslocamentos de curta e longa distância, entre espaços de origem e de destino semelhantes ou distintos. De acordo com Correa (1997), a instantaneidade e a simultaneidade conhecidas hoje no âmbito da circulação de informações, que não se aplicam da mesma forma às mercadorias e às pessoas, é resultado do progresso técnico decorrente da crescente demanda de comunicação. Ainda segundo o autor, já no fim do século XIX, as interações espaciais entraram na modernidade, marcadas pela superação do espaço pelo tempo, com a cristalização do Capitalismo como sistema econômico. Demandante da aceleração do ciclo reprodutivo, o capital buscou sucessivos e mais eficientes meios de circulação e comunicação. De acordo com Marx (1984), o ciclo de reprodução do capital se constituiria no principal processo do Capitalismo que originaria direta ou indiretamente, grande parte das interações espaciais.

As experiências socioespaciais dos rurais ocorrem à medida que estes necessitam de se locomover constantemente para realizarem as mais diversas funções e atividades, bem como adquirir bens e serviços no espaço citadino. Segundo Sousa (2003), a mobilidade socioespacial

faz parte das pré-condições do desenvolvimento político e cultural de um povo, pois as pessoas necessitam de estar em constante movimento para realizar diferentes funções como trabalho, lazer, educação, práticas religiosas, consumo de bens e serviços. Dessa forma, a situação espacial de cada sujeito pode facilitar ou dificultar esses deslocamentos. Vasconcellos (2001), afirmou que os deslocamentos são necessários à reprodução da vida, sendo dependentes de fatores sociais, políticos e econômicos que variam no tempo e no espaço e conseqüentemente, as suas necessidades de transporte também são muito diferentes e estão diretamente ligadas às condições específicas de cada local (VASCONCELLOS, 2001, p. 37).

Por fim, fica evidenciado na escolha dos autores selecionados a concepção de mobilidade socioespacial como não sendo voltada para o aspecto migratório, mas para os movimentos diários, semanais ou ocasionais, que não implicam na transferência de residência. Deste modo, o deslocamento considerado neste estudo dá enfoque ao ir e vir, aos processos de troca, aos deslocamentos das pessoas que vivem no campo e que trabalham na cidade, ou mesmo que se deslocam em busca de serviços ligados à educação, à saúde, ao lazer, entre outros. A partir do deslocamento entre o campo e a cidade, estas porções espaciais têm as suas relações aproximadas.

1.2. A proximidade entre campo e cidade na contemporaneidade

Na atualidade, o espaço geográfico vem assumindo uma nova organização territorial. As fronteiras espaciais estão cada vez mais articuladas com os fluxos globais e envolvidas por novos modelos de intercâmbio através de redes de circulação e comunicação ligadas por uma dinâmica espaço-temporal. Segundo Santos (1997), o espaço como fruto de relações sociais, como um constructo social, vem sofrendo um processo de metamorfose, (re) construindo novas fronteiras espaciais cada vez mais flexíveis face à conectividade entre o local e o global, de modo que os limites geográficos à escala mundial ficam atenuados.

Rimbaud (1969) já nos idos de 60, chamava a atenção para o fato do espaço não ser algo em si, mas se constituir em um elemento que absorve as propriedades dos fenômenos, ou seja, o espaço se constitui em um processo, em um conjunto de relações. O espaço social não é somente físico, podendo ser múltiplo. Por ser fruto da construção humana, o espaço absorve os fluxos informacionais oriundos do desenvolvimento da técnica e da ciência ao longo do processo produtivo envolvido nas relações que a cidade e o campo estabelecem. Contudo, o processo de transformação do espaço acelerado com a integração entre a cidade e o campo,

advinda do desenvolvimento do capitalismo, não leva, necessariamente, a uma homogeneização espacial e social.

A compreensão do rural e do urbano no contexto contemporâneo está vinculada ao seu par dialético: o campo e a cidade. E, para isto, é necessário distinguir com clareza os seus significados, como destaca Whitacker (2010, p. 191), que afirma ser tal distinção necessária porque a “cidade” e o “campo” se caracterizam por expressarem formas espaciais, enquanto “urbano” e “rural” possuem uma dimensão processual, são conteúdo e contingente. Campo e cidade são formas concretas, “materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem; ‘urbano’ e ‘rural’ são os conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade” (BIAZZO, 2008, p. 144).

Além da vinculação dialética entre rural-urbano e campo-cidade, é necessário considerar que os avanços da ciência, da técnica e da informação se disseminam de forma desigual no espaço geográfico, seletivamente, tornando a dinâmica socioespacial mais complexa, dificultando a distinção entre o rural e o urbano. Embora no período contemporâneo as articulações entre campo e cidade se intensificaram, esses espaços continuam apresentando características que lhe são específicas, particulares, como fragmentos do espaço geográfico (totalidade).

A visão que predominou sobre os estudos do campo, o colocava como um espaço ligado ao setor primário enquanto a cidade estaria ligada a uma diversificada cadeia produtiva. Entretanto, essa concepção foi sendo ultrapassada, aos poucos, uma vez que o campo passou a se dedicar a atividades que não estavam apenas ligadas à agricultura. Diante do contexto de transformação do campo tanto na base produtiva quanto na organização social, a distinção entre rural e urbano tornou-se difícil, pois elementos de um modo de vida urbano passaram a ser incorporados no campo, mesclando-se aos modos de vida rurais, da mesma forma que os mesmos passaram a ser reproduzidos na cidade.

Após a Segunda Guerra Mundial, sobretudo, na Europa, novas atividades produtivas e de prestações de serviço foram se desenvolvendo, de forma crescente. No campo, as casas foram se equipando com tecnologias domésticas, tecnologias da informação e comunicação e meios de transporte, incorporando práticas de trabalho e de sociabilidade cidadinas. As mudanças nas práticas e costumes que foram se instituindo nos modos de morar e de viver no campo, devido à proximidade com a cidade, permitiu a alguns segmentos sociais mais que

outros, adotarem, nas sociedades rurais novos comportamentos e práticas, contribuindo, assim, para a penetração de um modo de vida urbano no campo.

As mudanças econômicas, demográficas e sociais vivenciadas na França, na década de 1960, foram os alicerces para o desenvolvimento de estudos sobre a sociedade rural realizados por Rambaud (1969). Para este autor, o campo e a cidade estavam envolvidos em uma dinâmica universal dada pelo processo de urbanização dos modos de vida. Essas formas de viver urbanas nasceram na cidade, mas ultrapassaram os seus limites e passaram a ser reproduzidas no campo. Os indivíduos que viviam nas sociedades rurais, ao julgar necessário a incorporação de elementos da cultura vinda das cidades, instauraram uma série de mudanças comportamentais e de práticas relativas à racionalidade econômica. A incorporação de um modo de vida urbano no campo teve no consumo um dos principais veículos de mudança. Conforme Rambaud (1969), a estética do consumo se destacaria por lançar a sociedade rural ao contato mais estreito com a cidade. O automóvel e as motocicletas foram alguns dos símbolos e instrumentos adequados para reduzir o deslocamento no espaço e no tempo.

Esta incorporação dos hábitos de consumo urbanos expressariam as escolhas seletivas feitas pelos rurais daquilo que consideravam mais relevante para si no ambiente urbano, construindo o que Rambaud (1969) denominou de “*canevas*”, ou seja, uma escolha de elementos da cultura urbana para compor o seu modo de vida. O “*canevas*” se constituiria, em uma expressão do ideário relativo ao projeto de vida do sujeito. Placide Rambaud (1969) destacava tal processo como uma forma heterogênea e multifacetada de urbanização do campo. Determinados segmentos sociais, como os jovens e as mulheres, gradualmente, participam da vida da cidade e reproduzem os modos de vida e de consumo urbano. O autor utiliza as categorias de urbano e rural como modos de vida que passam a ser transformados a partir da relação entre o campo e a cidade. Estes espaços foram vistos pelo autor como espaços não antagônicos, mas relacionais. No campo, o processo de urbanização apontaria, assim, para a escolha de um modo de vida.

Tal como para Rambaud (1969) também Endlich (2010) conceitua urbano e rural como não estando restrito à cidade ou ao campo, respectivamente. O modo de vida urbano não se limitaria apenas à cidade, mas extrapolaria as suas fronteiras, chegando ao campo de acordo com as demandas dos diferentes segmentos dos que habitam este espaço. Para Lefebvre (2001), o urbano, ou a sociedade urbana, seria uma virtualidade, uma projeção que carregaria a constituição de uma sociedade planetária, uma totalidade que se modificaria, em ritmos

heterogêneos e singulares. Ainda segundo o autor, a cidade e o campo teriam experimentado alterações no tempo. Em um primeiro momento, a diferenciação se deu em função da divisão do trabalho. Já quando houve a expansão da indústria, o campo foi absorvido pela cidade e houve a ampliação dos modos de vida urbanos, com a difusão de tecnologias, de símbolos urbanos e da troca de mercadorias. A noção de urbano passou a superar a concepção de divisão. A sociedade urbana se estendeu ao campo, sem suprimir, no entanto, o desenvolvimento das atividades agrícolas. Sendo assim, os conteúdos do campo se mesclaram formas urbanas.

Rua (2000) dá ênfase às particularidades e singularidades que marcam tanto o rural quanto o urbano tendo uma visão mais integradora a partir de uma abordagem territorial, ou seja, a partir das territorialidades em que o urbano e o rural se configuram. Segundo Rua (2000), a identidade do rural contemporâneo pode ser apreendida a partir da consideração de uma série de “mistos”. A incorporação de “urbanidades”, entendidas como a manifestação de elementos urbanos no campo, produz uma interação que dá lugar a territorialidades ímpares. Soto (2011) argumenta que, o rural deveria deixar de ser visto, como referência aos aspectos geográficos e passar a ser entendido a partir das relações sociais. Por isso, para Biazzo (2008), seria importante observar a existência de ruralidades e urbanidades, as quais expressariam as racionalidades, as construções simbólicas, as manifestações ou criações culturais concebidas, a partir de hábitos e costumes diferenciados localmente.

A abordagem da relação cidade-campo a partir das territorialidades advém do reconhecimento de que os atores sociais presentes nesses espaços vivenciam e produzem múltiplas territorialidades por meio das diferentes escalas de ação (local/regional/global). No mundo globalizado, as fronteiras entre o rural e o urbano são cada vez mais tênues, dada a intensidade das relações que se estabelecem entre eles, podendo os sujeitos sociais interagir não apenas com a escala local. Essa mobilidade e transitoriedade pelas diferentes escalas de ação são possibilitadas pelo processo de globalização, que integra os diversos lugares do planeta, mesmo os mais distantes. As diferentes escalas nas formas de ação marcam o surgimento de espaços dotados de uma hibridez e inovação, resultantes da interação entre o urbano e o rural.

Rua (2000) ressalta, no entanto, que mesmo o campo incorporando elementos do modo de vida urbano este preservaria especificidades, tornando-se um território híbrido, uma amálgama de particularidades onde os modos de vida rural e urbano interagiriam. Dessa forma, o campo, ao guardar especificidades, permitiria uma identidade social coletiva, a qual poderia ser vista como uma conexão do contexto local com o global, através da ação dos indivíduos. As identidades seriam pluralizadas, marcadas por novas formas de comportamentos. O processo

de urbanização, nesse contexto, não implicaria na homogeneização dos espaços. Seguindo nesta compreensão da conectividade entre os espaços e os modos de vida, Biazzo (2008) e Hespanhol (2011), percebem o rural e o urbano como qualidades das relações sociais, sendo que o rural e o urbano poderiam conviver no mesmo local, em decorrência do tipo de práticas adotadas pelos sujeitos.

Nesse sentido, o campo e a cidade poderiam ser identificados como uma realidade material, enquanto que as respectivas categorias rural e urbano corresponderiam a uma realidade social produzida no espaço. Também Santos (1993) considera cidade e campo como formas no espaço e defende que urbano e rural evidenciaríamos o conteúdo social de tais formas. Assim, entendemos que na definição de rural e urbano há a necessidade de se considerar as dimensões sociais e culturais de cada espacialidade, uma vez que são elas que engendram significado às relações estabelecidas nos espaços. Lefebvre (2001, p. 49), clarifica esta discussão, ao afirmar que a cidade pode ser lida como uma morfologia material, uma realidade presente, imediata, um dado prático-sensível, arquitetônico. Já o urbano corresponderia à morfologia social, a uma realidade social composta de relações presentes e relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento. Nesse sentido, as relações entre cidade e urbano são estreitas, já que é impossível para a vida urbana dispensar uma base prático-sensível, que se constitui em produto e condição da dinâmica social.

Segundo Sobarzo (2006) poderíamos pensar o campo como sendo entendido como a base prático-sensível e o rural, a realidade social, mas a sua analogia perde sentido porque o urbano não se restringe somente à sociedade que mora na cidade. Nessa perspectiva, entende-se que o campo e a cidade não podem ser utilizados como sinônimos de rural e urbano, pois, o campo não necessariamente precisa ser a base prática de manifestação do rural e, de forma semelhante, a cidade ser a base de manifestação do urbano. Uma vez que, a realidade social manifestada e associada a cada espaço (rural e urbana) ultrapassa os limites físicos de cada um.

É necessário também considerar que toda a realidade é dotada de uma dinâmica, que pode tornar os conceitos ultrapassados e obsoletos. O campo e a cidade são realidades históricas em transformação (WILLIAMS, 1989, p. 387). A distinção entre o rural e o urbano está muito mais vinculada à reprodução das relações sociais que a materialidade espacial, campo e cidade permite pensar no que diz respeito estritamente às manifestações do rural na cidade e do urbano no campo. É, então, neste contexto de metamorfoses sociais, econômicas e políticas que as

discussões sobre as relações entre o campo e a cidade são, na contemporaneidade, de demasiada relevância, para dar conta de seus novos conteúdos e novas formas.

No mesmo sentido, Endlich (2010) defendeu que as relações entre o campo e a cidade seriam complementares e articuladas inserindo o rural de modo diferenciado na sociedade moderna e incorporando profundas influências dessa. Assim, haveria a dissolução gradual da dicotomia campo e cidade. O *continuum* seria marcado pelo fato de que tanto na cidade como no campo haveria as mesmas coisas, mas marcadas por suas especificidades. Deste modo, o que se quebraria seria uma visão baseada na divisão rígida da cidade como polo econômico e industrial e do campo como agrário, ligado às atividades primárias. Dentro desta perspectiva de continuum diferenciado localmente, o espaço seria marcado pelas formas de assentamento construídas segundo os modos de vida dos seus habitantes, mas tais mudanças não diluiriam as marcas da história incorporadas, também, ao longo do tempo.

Um dos traços marcantes da ruralidade contemporânea é o crescente avanço da racionalização da vida rural. As atividades primárias ligadas à agricultura e à pecuária cedem espaço a uma maior diversificação produtiva com crescente diferenciação social e econômica. Endlich (2010) afirma que o Brasil é mais urbano do que se imagina, pois ao considerar os modos de vida dos indivíduos percebe-se uma forte influência urbana nas práticas e hábitos cotidianos hodiernos. Segundo o geógrafo Milton Santos, a penetração das formas modernas de capitalismo no campo conduziu a uma nova estrutura técnica. Para o autor, a presença no campo de capital elevado, de estradas favorecendo a circulação e as trocas de mercadorias e serviços, bem como a proximidade de um centro regional e de especialização produtiva gerou uma lógica de funcionamento típica de uma “*região urbana*” envolvendo os espaços que participam destas relações. Assim, para o autor, o que distingue a “*região urbana*” da “*agrícola*”, não seria mais a especialização funcional, mas a quantidade, densidade e multidimensão das relações mantidas nestes espaços. Desse modo, a oposição cidade-campo daria lugar à noção de complementariedade.

Em suma, campo e cidade são compreendidos como espaços (formas) dotados de conteúdos (modos de vida), rurais e urbanos. Esses conteúdos, entretanto, podem extrapolar os seus espaços de origem e, portanto, qualquer definição que se apresente de forma estanque pode impossibilitar uma análise mais completa da realidade que, em si, é dotada de uma multiplicidade de sentidos. Dessa forma, ampliam-se as coexistências, as contradições e os conflitos entre diferentes temporalidades e espacialidades presentes no rural. Como destaca Marques (2003, p. 108), além dos diferentes conteúdos assumidos pelos espaços urbano e rural

no tempo, a contemporaneidade também comporta o diverso. A lei do desenvolvimento desigual e combinado nos remete para diferenças de ritmo e intensidade com que as mudanças se processam no campo e na cidade e internamente a estes espaços.

1.2.1 O olhar das instituições internacionais sobre o rural e o urbano

A definição de rural e urbano por parte das agências internacionais revela que não há uma concepção do que seja rural e urbano internacionalmente aceita. São perceptíveis as limitações dos enfoques empíricos utilizados, muitas vezes, estes encontram-se até mesmo descontextualizados. O Banco Mundial resume a ruralidade primeiro em relação a densidade demográfica, como ponto de corte urbano/rural utilizado pela OCDE, 150 hab./Km². Por exemplo, acima de 150 hab./Km² poderia ser considerada uma área urbana. Bem, como, utiliza a variável, dada pela acessibilidade de cada região, onde são calculados os tempos de viagem aos centros urbanos mais próximos com mais de 100.000 habitantes, sendo consideradas áreas remotas aquelas que estão a mais de uma hora de viagem desses centros (THE WORLD BANK GROUP, 2014).

Para o Mercosul, a definição proposta é que o urbano seria um espaço com 2.000 ou mais habitantes. Contudo, os países membros vem mantendo a sua própria classificação. (MERCADO COMUM DO CONE SUL, 2000). A Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) criou uma proposta que se fundamenta na tipologia do Banco Mundial. Ao perceberem que na sua região de atuação há grandes divergências sobre a definição do rural de forma histórica. Contudo, propõe a alteração no nível de desagregação dos dados e o uso do conceito de atividade primária em detrimento da acessibilidade. Essa metodologia consiste em verificar se a divisão política administrativa imediatamente inferior ao município, como os distritos no caso brasileiro, possui uma densidade demográfica menor que 150 hab./Km².

Para o *International Fund for Agricultural Development* (2001) o rural corresponde ao lugar onde as pessoas vivem em fazendas ou em grupos de casas contendo entre 5.000 e 10.000 habitantes, estes separados por plantações, pastos, árvores ou mata nativa. O rural também se caracteriza pelo maior gasto de tempo em trabalhos na agropecuária. Contudo, essa ampla definição traz graves problemas, como a subestimação ou superestimação da pobreza em comunidades rurais. A organização chega a propor recomendações às Nações Unidas para unificar o conceito de rural e urbano, de um ponto de vista estritamente demográfico. A *Food and Agriculture Organization* (FAO) não estabelece posição oficial sobre uma definição do rural, mas subsidia trabalhos que visam à delimitação do rural através de estimativas

populacionais (densidade demográfica) e imagens de satélite (luzes noturnas obtidas através do *Nighttime Lights* 2000).

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) utiliza a densidade demográfica em dois estágios para distinguir o rural do urbano. No primeiro estágio as localidades que possuem densidade demográfica abaixo de 150 habitantes por quilômetro quadrado são consideradas rurais. No segundo estágio as regiões são classificadas em níveis: Região Predominantemente Rural; Região Intermediária e Região Predominantemente Urbana. As Regiões Predominantemente Rurais são aquelas que mais de 50% da população vive em comunidades rurais, ou seja, com uma densidade demográfica abaixo de 150 hab./km². As Regiões Intermediárias são aquelas em que entre 15% e 25% vivem em unidades rurais e as Regiões Predominantemente Urbanas são aquelas em que menos de 15% da população está em regiões que tem menos de 150 hab./km² (OCDE, 1994).

A União Europeia alterou a forma de classificação da OCDE e passou a utilizá-la para nortear a sua política comum de desenvolvimento rural (EUROPEAN COMMISSION, 2006). Além da densidade demográfica considerou também o contingente populacional contínuo. Portanto, seriam três categorias: regiões predominantemente rurais/Regiões Rurais: aquelas em que 50% ou mais da população vive em células consideradas rurais; Regiões Intermediárias: são aquelas em que entre 20% e 50% dos habitantes vive em células rurais; Regiões Predominantemente Urbanas: são aquelas em que a população que vive em células rurais é menor que 20%. Se a região considerada predominantemente rural possuir uma cidade com mais de 200.000 habitantes e isto representar pelo menos 25% do total da região ela passa a ser considerada uma Região Intermediária. Se a região foi classificada com intermediária e conter uma cidade de mais de 500.000 habitantes e isto representar pelo menos 25% da população, então é considerada Predominantemente Urbana (EUROPEAN COMMISSION, 2013).

Nos Estados Unidos, não há uma definição oficial de rural. A *National Aeronautics and Space Administration* (NASA) através do projeto *Global Rural-Urban Mapping Project* (GRUMP, 2011) possui um banco de dados onde é possível visualizar em nível mundial a localização dos “assentamentos urbanos”, bem como a densidade demográfica e a extensão das “áreas urbanas”. O *United States Census Bureau* (2010), define as áreas urbanizadas como aquelas que possuem 50.000 ou mais habitantes, *Clusters Urbanos* são aquelas localidades que possuem população entre 2.500 e 50.000, e as demais áreas são consideradas rurais.

No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) faz uso da definição oficial de urbano e rural segundo a localização do domicílio. Na situação urbana consideram-

se as pessoas e os domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não (lei municipal), correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A situação rural abrange a população e os domicílios recenseados em toda a área situada fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana, os povoados e os núcleos (IBGE, 2013).

Em suma, conceber o que é “rural” e o “urbano” é tarefa complexa. As agências internacionais vêm criando propostas, mas são perceptíveis as limitações quando postas em prática em escala nacional. Portanto, a validade destas propostas para outras realidades socioespaciais tornam-se ultrapassadas e descontextualizadas, dado aos recortes que apresentam. Neste contexto, as classificações próximas a concepção de modo de vida, defendidas por autores como Rambaud (1969), Candido (1975) e Wirth (2005) podem consistir em formas menos arbitrárias para lançar mão de diferenciações entre o rural e o urbano. Uma vez que, há a possibilidade de mesclar os patamares demográfico, administrativos, acesso a serviços públicos e demais características da lógica da reprodução social.

1.3 Os modos de vida

A literatura sociológica e os estudos na área da geografia urbana, vêm apontando que a proximidade entre campo e cidade tem influenciado nas transformações dos modos de vida da sociedade rural, em decorrência da penetração crescente de expressões urbanas. Wirth (1979) se constitui em uma das principais referências nesta temática, em virtude de ter estudado o modo de vida inserido dentro do processo de crescimento das grandes cidades, destacando as condições de vida e as marcas que surgem dentro dos grandes aglomerados de pessoas em torno de determinados centros que passam a difundir ideias e práticas definindo a civilização. Segundo o autor, as influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem caracteriza o mundo contemporâneo como “urbano”. Dentro de um determinado grau, no entanto, o urbano não é medido somente pela proporção das pessoas que moram nas cidades, mas, principalmente, pelas influências que as cidades exercem na vida social dos indivíduos, como na moradia e no local de trabalho que atuam como o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural, atraindo as localidades mais remotas para dentro da sua órbita. Passaria a haver, assim, a interligação de diversas áreas e povos.

De acordo com Wirth (1979), as alterações nas formas de trabalho, de consumo, de estilo de vida em diferentes fases da vida apontariam pistas para os estudiosos da diferença entre o modo de vida rural e urbano. O autor pondera que a vida rural levaria as marcas do urbanismo

a partir da influência da cidade e dos meios de comunicação, bem como pelo contato entre os grupos sociais. A cidade seria o local característico do urbanismo, mas o modo de vida urbano não se confinaria às cidades. Wirth (1979) afirma que os traços marcantes do modo de vida urbano consistiriam na substituição de contatos primários por secundários, no enfraquecimento das relações de parentesco e do significado social da família, no desaparecimento da vizinhança e da solidariedade social.

Tal como Wirth, Rambaud (1973), também destacou a influência do processo de urbanização dos modos de vida sobre a sociedade rural. Segundo ele, a cultura advinda das cidades estaria ultrapassando os limites desse espaço e sendo reproduzida no campo. Frente a este contexto, os rurais incorporariam elementos da cultura urbana e mesclariam a sua própria cultura, selecionando o conteúdo ou os elementos desta cultura na sua de origem, dando forma e ritmo próprio a este processo. O autor destaca a dimensão individual e heterogênea desse processo, enfatizando as possibilidades de escolha que cada indivíduo ou segmento social (jovens, mulheres, etc.) teria no processo de composição do seu modo de vida, denominando este processo de escolha individual ou de segmentos sociais de canevas (RAMBAUD, 1973).

No Brasil, Antônio Candido foi um dos primeiros pesquisadores brasileiros a desenvolver estudos abordando as mudanças nos modos de vida rural, ao pesquisar os caipiras paulistas, entre as décadas de 1940 e de 1950. Ele descreveu os seus meios de subsistência, as mudanças nos seus modos de vida e as consequências destas na organização da sua vida social. Candido (1997) descreveu os costumes, a cultura, as relações sociais, isto é, as formas com que os caipiras paulistas tentavam superar as necessidades do cotidiano. Para o autor, o modo de vida se constituía em uma expressão de vida dos sujeitos sociais, que em outras palavras, consistiam nas características das relações do homem com o espaço ao seu entorno.

Candido (1997) defendia que o termo “meio de vida” estava associado a um equilíbrio relativo entre as necessidades de dada sociedade e a sua satisfação frente aos recursos do meio físico. No entanto, as necessidades não podiam ser entendidas apenas pelo seu caráter natural, relativo à existência física dos indivíduos, mas, também, pelo seu caráter social e cultural, ou seja, as necessidades seriam inventadas pelo homem na vida em sociedade e a sua satisfação dependeria dos recursos por eles construídos. A sociedade, portanto, precisaria se organizar a fim de satisfazer determinada necessidade, isto designaria os meios de vida ou modos de vida. Este mesmo autor, ao avaliar como se comportava a cultura caipira demonstrou que o modo de vida caipira passou por uma redefinição de vínculos de dependência, que incorporaram a órbita da fazenda e das povoações, afastando-se das estruturas tradicionais típicas. Esta situação seria

o resultado da coexistência dos fatores de persistência, associados aos modos tradicionais de vida e dos fatores de transformação que representariam a incorporação de padrões modernos.

Candido (1997) classificou a mudança da cultura caipira em três tipos ideais de indivíduos: 1) o caipira que procurava enquadrar-se ao máximo às novas condições; 2) o que se apega à vida tradicional, procurando conciliá-la com as exigências do presente; 3) o que era totalmente incapaz de ajustar-se às duas condições anteriores. Na verdade, os fatores tradicionais exerceriam ação reguladora frente às novas condições, combinando-se a elas, integrando-se de certo modo no seu sistema: “A situação não seria de substituição mecânica dos padrões de vida; mas de redefinição dos incentivos tradicionais, por meio do ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social” (CANDIDO, 1997, p. 161). A “acomodação” do caipira aos padrões urbanos se faria conforme o encontro de condições satisfatórias para substituir os seus próprios padrões de vida. Ainda segundo Cândido, este fenômeno seria de ordem global, apontando para a absorção por parte das cidades das variedades culturais rústicas. Assim, a cultura urbana desempenharia, cada vez mais, o papel de cultura dominante, através da imposição de suas técnicas, dos seus valores e dos seus padrões de vida.

Setubal (2005) na obra “Vivências Caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades” reflete sobre os valores e costumes dos modos de vida que formaram a identidade do homem simples interiorano, destacando que os mesmos foram construídos e reconstruídos ao longo do tempo. Para Setubal (2005), os modos de vida corresponderiam aos aspectos culturais, econômicos e sociais que comporiam a vida do caipira e definiriam o seu modo de ser, com os seus valores e costumes, relativos à moradia, aos hábitos alimentares, ao vestuário, às festas e a outras manifestações culturais como a moda de viola, as prosas, o artesanato, as práticas religiosas, as crenças, assim como os laços de compadrio e solidariedade. Desta forma, o modo de vida envolveria dimensões identitárias, relativas práticas, hábitos e valores.

Sorre (1958) considerava o modo de vida como uma ligação do homem com o meio físico. Para o autor, o modo de vida pode ser entendido como as formas de adaptação de um grupo humano ao espaço geográfico. Sorre (1958) exemplifica a sua definição de modos de vida através dos povos que vivem em regiões como o Ártico, afirmando que estes mantinham, mesmo após milênios, os mesmos modos de vida e que quando houve uma degradação que alterou esse ambiente, os modos de vida deles também se transformaram. O autor procurava mostrar que o *mode de vie* podia ser partilhado por pessoas de diferentes idades, *status quo* e atividades sociais, visto que o modo de vida se mostra mais vinculado a parâmetros culturais

estabelecidos face ao meio social em que se vive. Logo, as relações apontadas por Sorre (1958), tempos mais tarde influenciou diversos autores ao associarem que a cidade e o campo podem ter diferentes modos de vida, não sendo exclusivos o urbano e o rural, respectivamente.

Para Isabel Guerra (1993), ao se analisar os modos de vida, deve-se levar em conta, três dimensões, que geralmente são pouco utilizadas; o *sistema* e os *atores sociais*; a *História* e o *cotidiano*; e o *objetivo* e o *subjetivo* na percepção do real. Essas três dimensões deveriam ser articuladas de modo a combinar a força da estrutura com a possibilidade de ação dos indivíduos, o nível da vida cotidiana articulado com o econômico, o político, o cultural, bem como as redes de poder estabelecidas nas articulações entre as diferentes esferas do social. O estudo sobre os modos de vida se encontra frente a um dilema: por um lado, de acordo com a autora, a análise da vida cotidiana assumiria a forma de uma mediação horizontal, específica e irredutível, mas sofreria com as contradições sociais. Por outro lado, a análise dos modos de vida, submetem-se à lógica da reprodução da força de trabalho expressa pelas condições de exploração e de classe.

Segundo Guerra (1993), as pesquisas mais recentes sobre os modos de vida dão enfoque a dois aspectos. Por um lado, a análise da relação entre as diferentes práticas cotidianas, trabalho, vida familiar, consumo, lazer e etc. e, por outro lado, as relações que o conjunto destas práticas cotidianas estabelece com as relações sociais mais gerais. Assim, para Guerra (1993), os estudos ligados aos aspectos da vida cotidiana deveriam se preocupar com o grau de consciência dos atores sobre a condução dos seus destinos, individuais ou coletivos. Deveriam, ainda, buscar a compreensão do nível de racionalidade e irracionalidade presente nas práticas sociais, seguindo tendências imersas na história da sociedade em questão.

Tais sentidos imersos na história, não captáveis conscientemente pelos indivíduos, são destacados por Martins (2011) em seus estudos sobre a sociabilidade do homem comum, que vive à margem da sociedade. O autor também contribui para os estudos dos modos de vida, ao apontar que a cultura popular incorpora a modernidade, mas não a partir da tradição. Numa perspectiva semelhante à de Rambaud (1973), o autor discorre sobre as influências da força expansiva da cultura difundida em escala global, a qual exerceria forte influência nas escalas locais. Brandão (2009) também se mostrou atento à relação que o global exerce sobre o local. Este autor dedicou muitos estudos à construção cultural das escalas espaço-temporais em comunidades rurais, defendendo que os padrões de tempo e espaço construídos em nível local permitiriam aos sujeitos sociais construir e recriarem o cenário entre a natureza e a cultura, sendo este processo expresso pelos seus modos de vida.

Diante do exposto, adotamos nesta dissertação, a perspectiva de que a vida no campo incorpora as marcas do modo de vida urbano, seja a partir dos diversos tipos de atividades que os rurais realizam na cidade, seja através das influências difundidas pelos meios de comunicação. Endossamos a perspectiva de Rambaud (1973), de Wirth (1979) e de Lefebvre (2001), segundo a qual a força da cultura urbana é expansiva e age sobre a sociedade rural através da paulatina incorporação e reprodução de elementos urbanos, em formas e ritmos diferenciados, resultando este processo na diversificação da base produtiva e da organização social local. É importante perceber que o “modo de vida” envolve dimensões identitárias, práticas, hábitos e valores, os quais se reconfiguram mediante processos de interação entre o campo e a cidade. A concepção teórica adotada nesta dissertação se fundamenta na concepção de “modos de vida” como as condições materiais ou simbólicas que permeiam as esferas sociais, econômicas e culturais, referentes a um grupo e aos indivíduos que o compõe. O quadro 1 a seguir sintetiza um constructo teórico acerca das dimensões constitutivas do modo de vida².

² As variáveis relacionadas foram consideradas como tipos ideais weberianos.

Quadro 1: Características constitutivas do perfil relativo ao “modo de vida rural” e ao “modo de vida urbano” na sociedade brasileira (em continuação).

MODO DE VIDA	MODO DE VIDA RURAL	MODO DE VIDA URBANO
1 Padrões de consumo		
Alimentação	Predomínio do autoconsumo	Gastos com alimentação (alimentos comprados e frequência a locais de alimentação fora de casa)
Vestuário	Fabricação própria e compras esporádicas	Gastos habituais com vestuário
Lazer	Gasto restrito com lazer	Gastos casuais com lazer
2 Modos de Morar		
Móveis	Móveis de fabricação própria	Móveis adquiridos nas lojas
Elerodomésticos	Predomínio de artefatos artesanais feitos localmente	Predomínio de aparelhagem tecnológica comprada.
Meios de comunicação	Rádio, cartas e intercâmbio interpessoal.	TICs (Tecnologias da informação e comunicação).
Estrutura física da casa	Banheiro externo, quartos conjugados sem privacidade, luz de querosene ou similar.	Banheiro interno, quartos voltados para a preservação da privacidade, luz elétrica.
3 Trabalho		
Realização do trabalho	Pela família	Mão de obra contratada esporádica ou permanentemente
Tipos de vínculo de trabalho	Sem contrato/sem carteira assinada	Com contrato/carteira assinada
Assistência técnica	Ocasional	Frequente
Práticas produtivas	Passadas de pai para filho	Adquiridas através de capacitação profissional
Forma de gerir a propriedade.	Sem utilizar planilha de custo	Utilizando planilha de custos
4 Aparato tecnológico produtivo		
Acesso à tecnologia	Artesanal	Industrializada
Máquinas	Manuais e pouco presente	Industrializadas e diversificadas
Trato da terra, das plantas e animais	Produtos orgânicos presentes na propriedade.	Insumos químicos
Insumos	Pouco usados	Muito usados
Mudanças nas práticas produtivas	Passadas de pai para filho	Adquiridas através de capacitação profissional
5 Vínculo com a terra		
Relação	Central	Periférica
Padrão de herança	Existência de sucessor segundo padrões culturais	Inexistência de sucesso. Igualdade na distribuição do patrimônio familiar.
6 Uso do tempo		
6.1 Para o trabalho	Sem demarcações para descanso e lazer	Com demarcações para descanso e lazer
6.2 Para o lazer	Pequena importância	Grande importância
6.3 Práticas culturais e de lazer		
-Práticas Religiosas	Muito expressivas	Secundárias
-Práticas Esportivas	Masculinas	Masculinas e Femininas

Quadro 2: Características constitutivas do perfil relativo ao “modo de vida rural” e ao “modo de vida urbano” na sociedade brasileira (conclusão).

MODO DE VIDA	MODO DE VIDA RURAL	MODO DE VIDA URBANO
- Bailes	Em datas tradicionais	Casuais e com a presença de jovens e idosos.
-Bares	Sem especificidade geracional	Com especificidade geracional
-Outras atividades de lazer:	Inexpressivas	Diversificadas
7 Práticas Políticas e associativas		
7.1 Sindicato	Masculino	Presença feminina constante
7.2 Partido	Masculino	Presença feminina constante
7.3 Movimentos sociais	Masculino	Presença feminina constante
7.4 Associação/ Cooperativa	Masculino	Presença feminina constante
8 Capital Cultural		
8.1 Anos de estudo	Não passa de 4 anos	Acima de 6 anos
8.2 Qualificação Profissional	Ausente	Presente
9 Capital Econômico		
9.1 Renda	Predominantemente agrícola	Predominantemente não-agrícola
9.2 Pensão, aposentadoria	Utilizada nas atividades agrícolas	Utilizada nas atividades não agrícolas
9.3 Auxílio do governo	Acessado por homens	Acessado constantemente por mulheres
10 Frequência de deslocamento para a cidade.	Esporádica	Semanal
10. Acesso a Serviços		
10.1 Escola (Graus)	Ensino básico e fundamental	Ensino Médio e Superior
10.2 Hospitais, postos de saúde	Uso municipal	Uso regional
10.3 Atendimento jurídico	Inexistente	Presente
10.4 Outros	Pouco presentes	Variados
11 Visão social de mundo		
Concepção acerca da vida conjugal: casamento, separação, amasiamento, união entre pessoas do mesmo sexo.	Valorização do casamento religioso e entre pessoas da família ou da localidade.	Redução da importância do casamento religioso e entre da família ou da localidade.
Concepção acerca da divisão sexual do trabalho	Homem deve ser o provedor e a mulher cuidar da casa, dos filhos e do marido.	Tendência à valorização do compartilhamento na divisão das tarefas domésticas e no reconhecimento do direito da mulher a trabalhar fora.
Concepção de lucro e rentabilidade	Racionalidade voltada para a autossustentabilidade e para a venda do excedente.	Reconhecimento da necessidade do uso de investimentos tecnológicos, de empréstimos para investimento etc.
Perspectiva de felicidade	A felicidade está voltada para a valorização da vida local.	A felicidade está voltada para o alcance de bens materiais e profissionais.

Fonte: Grupo de Pesquisa GERAR – **Grupo de Estudos Rurais:** agriculturas e ruralidade do Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa, coordenado pela Profa. Ana Louise Fiúza.

O quadro em construção, referente aos modos de vida rural e urbano permite a percepção de que as formas materializadas no espaço decorrentes das práticas cotidianas incidem sobre a

distinção entre os modos de vida rural e urbano. A aproximação entre a cidade e o campo vem gradualmente transformando os hábitos, os costumes, e a percepção de mundo das pessoas que vivem no campo. No entanto, essas mudanças ocorrem de maneira irregular, com graus e conteúdos diversificados. São transformações que se dão de forma heterogênea, de acordo com os interesses e a posição social dos atores, o que pode, segundo Rambaud (1969), não implicar em uma ruptura abrupta no tempo, nem no conjunto do sistema social.

No Brasil, as mudanças dos modos de vida dos habitantes do campo vêm sendo estudadas, tal como com Rambaud na França, desde a década de 1950 se estendendo até os anos 2000, com autores como Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, dentre tantos outros sociólogos e antropólogos. Mais recentemente, uma corrente de geógrafos, Max Sorre, Carlos Rodrigues Brandão, Ruy Moreira, etc., vem se dedicando ao estudo dos modos de vida, seguindo os marcos teóricos construídos por Lefebvre. Nesta dissertação, os modos de vida estão sendo estudados, sobretudo, dando ênfase ao aspecto do deslocamento habitual do campo para a cidade, do sair para buscar algo e retornar com aquilo que se buscou. Queremos compreender os deslocamentos campo-cidade em termos da sua materialização nos modos de vida dos rurais, nas casas, nos modos de morar, nos hábitos de consumo, no jeito de se vestir, nas práticas de lazer, etc. Neste sentido, entender o que leva as pessoas a se deslocarem entre os espaços de origem e de destino pode contribuir para refletir como os rurais realizam as suas atividades cotidianas exprimindo a direção em que está se dando a mudança em torno dos seus modos de vida.

1.4 O processo de hibridismo cultural

A formação dos países da América Latina ocorreu mediante a penetração de culturas estrangeiras, que ocasionaram um processo de mescla cultural. Tal processo vem se dando ao longo dos séculos, por meio do encontro, da reciprocidade e também dos conflitos com as culturas de outros países. Nesse sentido, Canclini (1998), chama a atenção para os processos de hibridismo das culturas latino americanas que foram resultantes do encontro entre a cultura dos conquistadores com a dos conquistados, resultando em processos de diferenciação cultural. O autor estudou o diálogo entre a cultura erudita, a popular e a cultura de massas, especialmente, nos países latino-americanos, nos quais haveria ocorrido um desajuste entre um “modernismo

exuberante” e uma “modernização deficiente”³. Para Canclini (1998), a modernidade não deveria ser vista como uma força dominadora que iria substituir o tradicional pelo moderno.

Segundo o autor, haveria uma complexa relação entre a tradição e a modernidade, de modo que o tradicional não seria extinto pela industrialização e massificação dos bens simbólicos. A cultura híbrida estaria sendo gerada pelas novas tecnologias comunicacionais, pela reorganização do público e do privado e pela desterritorialização dos processos simbólicos. As culturas de fronteiras, para Canclini (1998), seriam como formas híbridas, resultantes do fenômeno da desterritorialização. Na concepção do autor, as fronteiras já permitiriam fluxos multidirecionais levando a intercâmbios culturais e econômicos, reforçando a constante (re) construção das mesmas que se tornariam cada vez mais flexíveis. O autor reflete sobre as migrações, tomando-as como uma constante diáspora, como processos que enfraquecem as fronteiras nacionais e redefinem conceitos de nação, povo e identidade.

Esses contextos interculturais são denominados por Canclini de hibridação, pois envolveriam mesclas não apenas raciais, como também fusões religiosas ou de outros processos simbólicos tradicionais. Canclini (1998) destaca a possibilidade de convivência do tradicional com a mudança. O autor destaca a importância da ação do Estado e do mercado quando se quer levar a modernidade às esferas sociais mais desfavorecidas. Para Peter Burke (2003), outro autor que também trata do conceito de hibridismo cultural, no atual período em que vivemos, existe uma tendência a se celebrar o híbrido, pois os encontros culturais são cada vez mais frequentes e intensos. Os processos de globalização cultural envolvem a hibridização, ou seja, existe uma tendência global de mistura e hibridização. A hibridização pode ocorrer na esfera econômica, social, política, bem como cultural. Para o autor, o termo cultura pode ser considerado como uma forma de incluir atitudes, mentalidades, valores e as suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações.

Para Burke (2003), o multiculturalismo seria um processo resultante do cruzamento de culturas que produz uma mescla cultural. As práticas híbridas seriam fruto de encontros múltiplos, sucessivos, que adicionariam novos elementos à mistura. Estes encontros contribuiriam para a conversão cultural, voluntária ou forçada, contando com a interveniência

³ Para isso, Canclini (1998) propõe a definição de modernidade como uma etapa histórica relacionada com diversos momentos do Capitalismo. Já o modernismo estaria associado a um movimento artístico e cultural, ou seja, projetos culturais que renovam as práticas simbólicas. O moderno se atrelaria a um modo de refletir sobre esses outros processos, enquanto a modernização seria um processo socioeconômico que constrói a modernidade. A modernidade teria um sentido incerto, pois seria resultado de uma mistura entre a tradição e o moderno.

de um mediador cultural. Tal fenômeno se manifestaria mediante a ocorrência da circularidade cultural, através da qual os sujeitos sociais incorporariam elementos novos à sua cultura.

Contudo, tal processo seria perpassado por uma apropriação seletiva. Neste sentido, Peter Burke discorda da concepção clássica de “aculturação”, que a toma como a modificação cultural completa, como uma forma de subordinação e adoção das características da cultura dominante. Burke percebe o hibridismo como um processo que possibilita a multiplicidade e a fluidez cultural. Todas as culturas estariam envolvidas entre si, nenhuma delas seria única e pura, mas híbridas e heterogêneas (SAIAD, 1993). Duas culturas ao entrarem em contato se modificariam por meio da mescla, expressando mudanças, mas, também, permanências. Alguns locais, como as fronteiras, seriam particularmente favoráveis à troca cultural. A fronteira não se constitui em um limite espacial, mas cultural. As áreas de fronteira permitem o contato intercultural, não se constituindo apenas em locais de encontro, mas, também, de sobreposições ou de interseções entre culturas. O que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente. (BURKE, 2003)

Segundo Turner (2008), as mudanças sociais manifestam-se através de uma fase desarmônica do processo social, quando interesses e atitudes de grupos e indivíduos se encontram em uma óbvia oposição. Neste contexto, os sujeitos fariam uma releitura do próprio cotidiano e da visão do mundo que o sustenta. Turner (2008) utiliza o conceito de liminaridade para tratar dos interstícios sociais, que consistem na interposição do centro e das margens, como áreas periféricas do poder. Ou seja, os sujeitos negociam as mudanças através de simbolismos contidos na ação, de modo que ordenam o poder pelos esquemas de significação em uma área fronteira.

Para Gupta (1992), a fronteira permite a compreensão da cultura como um fenômeno que não se limita a uma porção espacial. Desta forma, mapear as culturas por ou sobre os espaços é uma missão difícil, visto que haveria um multiculturalismo, que expressaria o fenômeno através do qual as culturas ao longo dos tempos perderam as suas amarras vinculadas a lugares definidos. Deste modo, a mudança social permitiria a percepção da ligação entre os espaços, ao invés de tomá-los de forma desconectada. Para Peter Burke (2003) as consequências das trocas culturais poderiam se manifestar em termos da aceitação, da rejeição (defesa das fronteiras culturais), da segregação e da adaptação. Assim, o autor aponta quatro possíveis cenários para o futuro das nossas culturas: o primeiro seria a resistência ou contra-globalização; o segundo seria a da diglossia cultural, uma combinação de cultura global com culturas locais;

o terceiro seria a homogeneização, uma fusão de diferentes culturas e, por fim; a possibilidade do surgimento de novas sínteses.

Em suma, os processos de hibridismo cultural permitiriam entender que as transformações do período atual ocorrem em diferentes velocidades e expressam mudanças, permanências e mesclas. As transformações imateriais, aquelas condizentes a mudanças de atitude e de mentalidade podem ser ainda mais lentas do que as transformações materiais. A hibridização consciente permitiria ao sujeito a escolha daquilo que ele considera como apropriado à situação em que se encontra. Mas a hibridização também poderia se dar de forma inconsciente. Uma cultura poderia conquistar outras. Assim, haveria a emergência de uma nova forma de ordem cultural, rapidamente diversificada. Entretanto, as formas híbridas de hoje não se mostrariam, necessariamente, como um estágio no caminho para uma cultura global homogênea.

Identifica-se como característica da contemporaneidade não apenas a mobilidade socioespacial, mas, sobretudo, a simbólica, expressada pela capacidade do indivíduo de mover-se entre vários universos culturais em diferentes escalas espaço-temporais, e de lidar com um amplo repertório de material simbólico, com distintos códigos e fronteiras simbólicas. A coexistência desses diferentes códigos simbólicos em um mesmo grupo, ou com um mesmo indivíduo ou localidade distingue o cenário social das sociedades contemporâneas. Os indivíduos não pertencem mais a um só grupo ou localidade e, portanto, não têm mais uma única identidade distintiva e coerente. As identidades construídas e permeadas pela lógica cultural pós-moderna são híbridas, maleáveis, fluidas e multiculturais (CANCLINI, 1995).

As localidades e os espaços rurais, ao serem perpassados pela intensificação das relações sociais contemporâneas, combinam, a partir de suas matrizes simbólicas, os diversos elementos advindos dos fluxos globais, promovendo um movimento de decomposição-recomposição em suas configurações sócio espaciais. Segundo Canclini (1995), neste movimento, (re) constroem-se novas configurações e identidades sócio espaciais, em que o ‘velho’ e o ‘novo’, o antigo (a ‘tradição’) e o ‘moderno’, compõem-se, justapõem-se ou mesmo se fundem peculiarmente.

1.5 Territorialidade e espacialidade: adotando o conceito da espacialidade

Segundo Milton Santos (1996) encontrar uma definição precisa para espaço, bem como para território é tarefa árdua. Cada uma destas categorias possui diversas acepções, recebe

diferentes elementos de forma que toda e qualquer definição não é uma definição imutável, fixa e eterna, sendo flexível e permitindo mudanças. Isso significa que os conceitos apresentam, historicamente, diversos significados.

Ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa, houve um esforço teórico e metodológico na utilização de conceitos que vislumbrassem a realidade em estudo. Paulatinamente, percebeu-se, que a dinâmica revelada pela mobilidade socioespacial dos rurais condiz com a construção de espacialidades, mais do que de territorialidades, como foi proposto inicialmente. Assim, optou-se pela troca da concepção conceitual da territorialidade em favor do das espacialidades, uma vez que o conceito de espacialidade é o que melhor explica a realidade observada nesta pesquisa. Embora sejam conceitos indissociáveis, tanto as espacialidades quanto as territorialidades, percebidas a partir de suas singularidades elas podem auxiliar nas tentativas de compreensão e leitura sócio espacial, geohistórica e geopolítica (COLUCCI, 2011).

Não nos propomos nesta apresentação aprofundar nas discussões destes conceitos, mas, apenas, apontar qual a concepção teórica se apresenta mais aproximada à realidade em questão. Circular em certas áreas, direções e horários podem ser atos muito significativos. Ao aceitar-se que a mobilidade socioespacial dos rurais tem papel de destaque, abre-se caminho para novas interpretações do modo de vida rural. Identificar os espaços citadinos de frequência e de afinidade permite compreender a dimensão e o significado que tem a cidade para os rurais, bem como perceber a apropriação da cidade em nível físico e simbólico.

Sob forte influência da concepção elaborada por Claude Raffestin (1993) acerca das discussões sobre o território concebido como um espaço criado pelo ser humano através de suas territorialidades políticas, econômicas e culturais, bem como pelas redes de circulação e comunicação por ele criadas, Saquet (2007) afirma que este processo é o resultado histórico e social das relações de poder e de suas edificações, ou seja, o território manifesta-se de forma material e imaterial (SAQUET, 2007). Portanto, estas dimensões formam uma totalidade multidimensional e multiescalar com inúmeros interesses, que não são meramente políticos e econômicos, mas que envolvem, também, necessidades culturais e ambientais. Dito de outra maneira, o território é entendido como o quadro de vida que permite aos grupos e sujeitos a (re) produção da própria existência através do controle do espaço, das pessoas e dos fenômenos pertinentes a cada situação vivida por estes.

Neste contexto, as territorialidades, de acordo com Colucci (2011), nos permitem focalizar a coexistência de diferentes especificidades sociais e, não necessariamente, físico-naturais. Deste modo, elas delimitam extensões do espaço nas quais as relações de poder antes consolidadas sofrem diluições. O território surge teoricamente para definir as relações de poder sobre o espaço delimitado por extensões de terra e dinâmicas sociais específicas, ou como a delimitação da extensão de um poder sobre uma sociedade e seus recursos.

Para Rogério Haesbaert (2004), o território é um produto socioespacial de relações concretas e simbólicas, articuladas aos interesses econômicos e políticos que potencializam os símbolos e as representações sociais em favor do controle e da acumulação, ou seja, é uma apropriação determinada por ações de certos grupos sociais sobre o espaço de vida. Tido desta forma, o território é resultado e condição dos processos sociais, sendo constituído através das ações de seus atores sociais, mediante as necessidades e interesses por eles vividos. Pode, ainda, ser percebido como a base sobre a qual se desenvolve o sentimento de pertencimento por parte do indivíduo e as relações de poder nas quais este se envolve.

Na mesma linha de análise, Saquet (2007) discorre que a produção do território se efetiva sob as forças econômicas, políticas, culturais e da natureza. O território corresponde, assim, a um lugar onde o ser humano constrói sua história a partir das manifestações de sua existência, ou seja, as relações que se concretizam no território se traduzem em territorialidades. O território é objetivado por relações sociais, de poder e dominação, o que implica na conformação de territorialidades no espaço, a partir das diferentes atividades cotidianas. Este aspecto pode ser observado, também, na mobilidade dos rurais que delimitam campos de ações, de poder, de práticas espaciais, bem como permitem a construção de malhas, nós e redes por meio da interação com a cidade.

Sack (1986) também é próximo das discussões realizadas por Marcos Aurélio Saquet. Para ele o conceito de território é a expressão de uma área dominada por um grupo de pessoas e, através desse domínio, se estabelece a possibilidade de controlar, dominar ou influenciar o comportamento de outros. Neste contexto, a territorialidade se constitui em estratégias espaciais usadas para obter esse controle, através das atividades e relações estabelecidas pelos indivíduos, o que pode ocorrer em diferentes níveis escalares. Sack (1986) argumenta em favor da territorialidade humana, tanto no nível pessoal ou de grupo, como uma estratégia para influenciar ou controlar recursos, fenômenos, relações e pessoas. Segundo ele, haveria motivações geográficas e sociais, e o controle dependeria de quem está influenciando quem, da delimitação e do contexto do lugar, do espaço e do tempo. A territorialidade estaria intimamente

relacionada à forma como as pessoas usam a terra, como organizam o espaço e como dão significado ao lugar (SACK, 1986, p.2).

A territorialidade seria uma expressão geográfica primária do poder social, promovendo uma interconexão entre sociedade e espaço. Ela seria constituída por três facetas interligadas: pela forma de classificação ou de definição da área; pela forma de controle do acesso e ainda pelo modo de comunicação. Ao afirmar que a territorialidade seria uma forma de se fazer uma classificação da área, Sack (1986) se refere ao fato de que ao se exercer uma estratégia de controle de uma área, cria-se instantaneamente uma limitação para o contato com quaisquer objetos ou pessoas dentro dos limites em questão, não havendo, contudo, a necessidade de enumerá-los.

Isso se torna possível ao estabelecer um controle direto do acesso, seja por barreiras físicas ou simbólicas, como guaritas ou placas. A terceira e última característica da territorialidade estaria presente na necessidade de comunicar o controle exercido, envolvendo uma declaração de posse ou exclusão e às vezes, também, de direção no espaço. Para Robert Sack (1986), a territorialidade como um componente do poder, não significa somente a criação e a manutenção da ordem, mas seria, também, um esquema para criar e manter o contexto geográfico através do qual experimentamos o mundo e lhe damos significados.

Haesbaert (2002) também dá destaque para concepções híbridas ou multidimensionais do território, evidenciando a existência de territorialidades econômicas, políticas, culturais, bem como territórios plurais, destacando os aspectos da sua multidimensionalidade. Desse modo, as territorialidades podem ser de indivíduos ou grupos sociais, sejam elas socioculturais, econômicas e/ou políticas. As relações de poder vão territorializando espaços e imprimindo nestes uma determinada territorialidade. Sendo assim, a análise deve estar centrada nos atores locais e em suas relações. Também, a territorialidade poderia ser definida como as relações diárias, momentâneas, entre os seres humanos e a natureza orgânica e inorgânica, necessárias para a sobrevivência.

A territorialidade destacaria as relações espaço-poder no qual o território é apropriado de forma política, cultural e econômica por grupos em relação ao seu espaço vivido. Sendo assim, a noção de território é baseada nas relações entre sociedade e natureza, especialmente no que se refere ao comportamento dos homens em relação ao seu ambiente físico (HAESBAERT, 2004, p. 40). Esse componente territorial enfatiza a dimensão temporal-móvel do território que, conjugada com a “superfície” territorial, ressalta o seu dinamismo, o seu movimento, as suas perspectivas de conexão e “profundidade”.

Já o espaço delimita o processo de apropriação dos recursos necessários à produção concomitante ao desenvolvimento de relações produtivas e reprodutivas da existência humana. Este conceito é central nas discussões de Milton Santos (1978). Para ele, o espaço é compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que acontecem e manifestam-se através de processos e funções. Segundo o mesmo autor, o espaço é um verdadeiro campo de formas cuja formação é desigual. Espaço e território são elementos interconectados. Podemos dizer que o espaço está relacionado à dinâmica sócio produtiva, enquanto o território trata do estabelecimento e da extensão de poder sobre esta dinâmica. O “espaço” relaciona-se com os aspectos da interação humana na construção dos seus lugares sociais no mundo, ultrapassando os limites políticos, em geral administrativos, estabelecidos na construção territorial.

O espaço, na visão de Milton Santos, é uma totalidade, sendo construído processualmente. Contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade, ou seja, é resultado e condição dos processos sociais. Para Santos (1978), ao realizar uma leitura geográfica do espaço, deve-se considerar categorias como forma, função, estrutura, processo e totalidade. A “forma” é o aspecto visível, exterior de um conjunto de objetos: as formas espaciais; a “função” é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a “estrutura” é definida historicamente: nela, formas e funções são criadas e instituídas. As formas e as funções variam no tempo e assumem as características de cada grupo social. É uma concepção histórica e relacional de geografia e do espaço. O processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando a um resultado que implica tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica, resultando de suas contradições internas. Assim, ao considerarmos esses processos em conjunto, podemos analisar os fenômenos espaciais na sua totalidade.

De acordo com Santos (1997), as “espacialidades” aparecem como formas sociais singulares de apropriação e utilização dos recursos em um determinado espaço geográfico gerando novas relações de produção. A espacialidade é uma forma de organização do espaço social que apresenta características predominantes que a qualificam e a diferenciam historicamente das outras, ou seja, a espacialidade é fruto de dinâmicas espaciais e concebe o espaço em uma experiência articulada, intercalando os seus diversos usos. Além disso, a noção de espacialidade traz consigo a ideia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço em si, mas do espaço na história, pensado como processo histórico, num constante movimento dialético. Mesmo porque não existe espaço *a priori*, ele só pode ser

pensado como espaço social, não sendo uma categoria independente da realidade (RAMOS, 1982, p. 68).

Para Sack (1986), com a expansão do Capitalismo haveria efeitos territoriais, como a mobilidade geográfica do capital, do trabalho e da comunicação, os quais gerariam o incremento de relações impessoais. Neste contexto, compreender o deslocamento realizado pelos rurais para fora dos seus espaços de origem permitiria compreender a complexidade das necessidades sentidas deste espaço, de acordo com as demandas dos deslocamentos. Assim, as espacialidades conformadas na cidade, como espaços derivados da apropriação dos rurais, poderiam se superpor no tempo e/ou no espaço, uma vez que as suas ações fora do espaço de origem se multiplicariam. Os deslocamentos envolveriam um fluxo de pessoas, mercadorias e informações, permitindo a interação de diversas espacialidades. De acordo com esta perspectiva, a mobilidade socioespacial estimularia a transformação do espaço e a conformação de espacialidades em decorrência da circulação e dos usos do espaço.

Quanto à aproximação dos conceitos de territorialidade e espacialidade, estes não podem ser dissociados. Não existe espaço e nem território que não sejam construções sociais. Todavia, ambos possuem suas especificidades. O recorte epistemológico referente à espacialidade nos permite focar o modo de produção espacial, os usos no/do espaço realizados pelos rurais. Quando tratamos de espacialidade acentuamos o espaço. Espacialidades representam mecanismos de apropriação dos recursos disponíveis, gerando relações humanas de produção distintas daquelas vigentes em macro escala e, conseqüentemente, formas distintas de pensar e agir no e com o mundo, reconfigurando o espaço geográfico. A espacialidade está associada a singularidades na reprodução social, cuja maior expressão se encontra nas relações sociais de produção de bens e mercadorias. Territorialidades são, sobretudo, os traços conjunturais de interação entre os homens e o meio físico que favorecem a implantação de poder político sobre esta dinâmica social em uma determinada extensão territorial. Elas estão diretamente associadas a uma movimentação social, econômica e política.

Neste sentido, por mais que o conceito de “territorialidade” permita compreender a fluidez das relações em que nele possa existir, o uso deste conceito não seria o mais adequado para a realidade estudada, visto que os deslocamentos realizados pelos rurais, sendo estes jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, em primeira instância, não implica em relações de poder com o espaço, em decorrência de não haver a apropriação de porções territoriais. Por isto a opção pelo conceito de “espacialidade”, por esta conceber a integração de diferentes

dimensões sociais, já que é fruto da dinâmica social, ou seja, da sociedade com a própria natureza. Os espaços frequentados pelos rurais, ao se caracterizarem como espaços de afinidade permitem o entendimento de como se dá a apropriação do espaço citadino pelos rurais configurando as espacialidades. Esta multiplicidade de dimensões confere a espacialidade uma experiência total do espaço, conjugando em um mesmo lugar os diversos componentes da vida social (SANTOS, 1997).

Neste contexto, as territorialidades se referem de modo geral, às relações sociais e ao contexto histórico em que se inserem. A reprodução social é mediada pelo espaço, assim a territorialidade está intimamente relacionada à condição humana. No limiar desta visão, a concepção de espacialidade inclui uma visão multiescalar, relacionando diversas esferas: o mundo material com o ideal, a sociedade e a natureza, o político e o cultural, ou o econômico e o simbólico. As espacialidades ao serem conformadas trazem consigo a percepção da mutabilidade, já que tais relações são construídas a cada momento por atores e pelo próprio espaço. Logo, conseguem representar a complexidade das relações que marcam as transformações nos dias atuais, principalmente, no que se refere à interação campo-cidade.

A tentativa de delineamentos teórico-epistemológicos de conceitos como os de espacialidade e territorialidade tem esta intenção de funcionar como auxílio às leituras geográficas acerca da complexidade do mundo, das relações nele travadas e de seus movimentos e dinâmicas. Tais recortes, contudo, não pretendem apresentar-se como fragmentos dissociados e impermeáveis. Para que possam cooperar com leituras do mundo e com críticas, devem ser percebidos como esforços de compreensão das singularidades no interior de movimentos interdependentes e inter-relacionados, de construções sociais e históricas postas em questão pelos sujeitos no mundo. Assim, talvez o sentido de se tentar estabelecer as singularidades entre os conceitos de espacialidade e territorialidade não esteja no desejo de sua delimitação precisa e estanque, mas na vontade de compreensão dos seus entrelaçamentos e aproximações quando utilizados a partir de estudos socioespaciais. Pensamos que as fronteiras entre categorias como espaço, território, territorialidade, precisam ser relativizadas para que o recorte socioespacial posto em estudo seja abundante de significados carregados de existência e do próprio mundo.

Pensar o rural e o urbano em termos de modos de vida e em relação ao território e à territorialidade é, pois, afirmar que o rural e o urbano são adjetivos territoriais, pois extrapolam seus limites, rompendo com a lógica que o campo é o espaço predominantemente das relações

rurais. Essa não é mais uma realidade exclusiva do campo, bem como não o é associar o urbano a cidade. Conforme Rosas (2010), essa forma de vida, cultural, ideológica, transcende os seus limites por meio dos territórios e da territorialização de seus modos de vida num espaço geográfico, demonstrando a construção de um conjunto de valores e hábitos construídos num espaço, mas não estando fadados à permanência neste.

Assim, a temática deste trabalho voltada para o estudo da “mobilidade socioespacial e da construção de espacialidades e suas influências no modo de vida dos habitantes do campo” pode vir a contribuir para ampliar a compreensão em torno do fenômeno da mobilidade entre pessoas que vão e vêm do campo para as pequenas cidades, as quais representam cerca de 80% dos municípios brasileiros (IBGE, 2010). Compreender as motivações que levam os rurais a deslocarem-se rotineiramente para fora de seu espaço de origem permite, ainda, perceber as mudanças em seus modos de vidas, as suas atividades cotidianas, bem como as especificidades socioeconômicas e culturais referentes a diferentes gerações e gênero. Buscamos, enfim, com este estudo ampliar a compreensão acerca do fenômeno da mobilidade socioespacial sob o prisma do contato entre modos de vida rurais e urbanos.

1.6 Notas conclusivas sobre o capítulo

As discussões realizadas ao longo deste capítulo identificam-se com a perspectiva defendida por autores como Lefebvre (2001), Rambaud (1969), Sobarzo (2006) Endlich & Whitacker (2010), aos quais compreendem o campo e cidade como espaços dotados de conteúdos (modos de vida rurais e urbanos). Na contemporaneidade, a flexibilização das fronteiras entre o campo e a cidade como destacam Wirth (1979), Candido (1997), Brandão (2009) e Marques (2003) se dá principalmente por diferentes conteúdos assumidos por estes espaços, sejam de ordem material ou imaterial. A realidade, tanto no campo quanto na cidade, processa mudanças carregadas de uma multiplicidade de sentidos, como abordam Canclini (1998) e Burke (2003), onde as lógicas de reprodução da vida no campo e na cidade cada vez mais se interpenetram. Neste sentido, o deslocamento dos habitantes do campo para espaços ao seu entorno e para a cidade torna-se um instrumento que possibilita mudanças no modo de vida rural, observadas principalmente pelos novos padrões de consumo no campo. Portanto, o ir e vir à cidade, permite aos rurais que vivenciem espaços múltiplos na cidade conforme suas necessidades, como discutem Santos (1997), Haesbaert (2004) e Colucci (2011).

Neste contexto, o quadro 1, resultado de discussões teóricas e empíricas, endossa estas discussões por apresentar um constructo de variáveis que enaltecem as diversas dimensões

características do modo de vida rural e urbano. E, que de modo geral, são negligenciadas nas definições de rural e urbano feita por prefeituras, governos e por instituições internacionais. O esforço desta síntese foi de ir muito além em se traçar meramente as dissonâncias e similitudes entre o modo de vida rural e urbano, mas antes de tudo, enriquecer as discussões sobre esta temática.

CAPÍTULO 2

Procedimentos metodológicos

2.1 Classificação da pesquisa

Esta pesquisa pode ser classificada como descritiva-explicativa por ter objetivado descrever e compreender as finalidades dos deslocamentos realizados por jovens, adultos e idosos, moradores do campo do município de Araponga, Minas Gerais e identificar a forma como tais deslocamentos poderiam incidir na transformação dos seus modos de vida rurais. Conforme Gil (2010), a pesquisa descritiva tem como finalidade descrever as diversas características apresentadas em uma realidade. Enquanto a pesquisa explicativa procura evidenciar os fatores que contribuíram para a ocorrência de determinado fenômeno.

Empregou-se, nesta investigação, uma combinação de desenhos de pesquisa qualitativos e quantitativos. Segundo Reichardt & Cook (1979), os métodos quantitativos, se orientam à busca da magnitude e das causas dos fenômenos sociais, sem interesse pela dimensão subjetiva. Utiliza procedimentos controlados e objetivos. Já os métodos qualitativos condizem com a análise do comportamento humano, do ponto de vista do ator social. De modo geral, a abordagem qualitativa procura descrever significados que são socialmente construídos e que assumem uma dimensão subjetiva. Enfatiza os processos, os discursos e conteúdos nas interações sociais. Já a abordagem quantitativa, busca descrever os significados da realidade estudada de forma objetiva permitindo uma análise focalizada, pontual e estruturada dos dados.

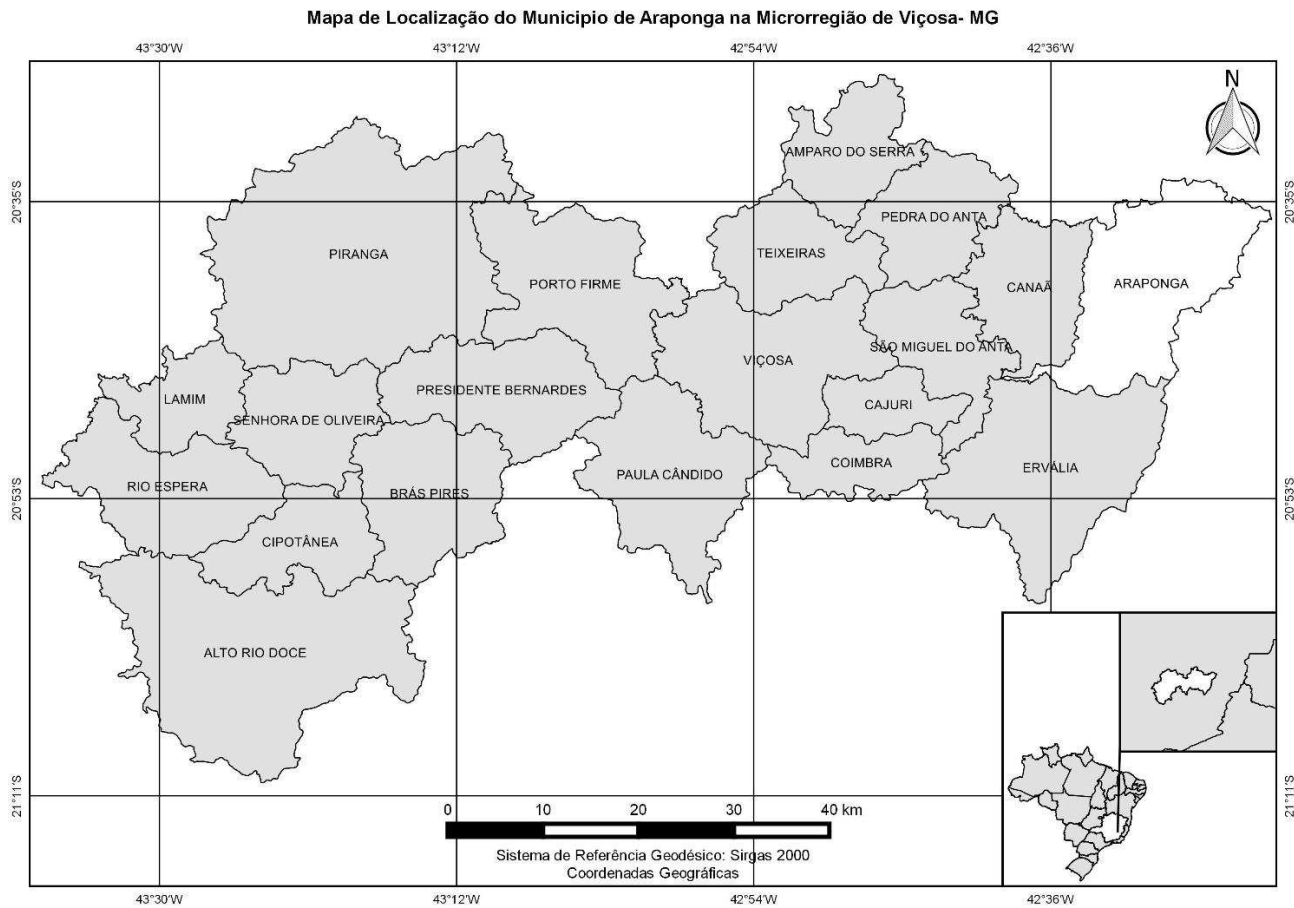
Tanaka (2001) afirma que as vantagens de uma abordagem quantitativa se alinham com a possibilidade dos dados serem analisados de forma direta e assumirem uma força demonstrativa que permite a generalização, representatividade e, sobretudo, a inferência para vários contextos. Por seu turno, a abordagem qualitativa apresenta como vantagem o enfoque das interações entre os sujeitos e a sua subjetividade permitindo compreender o comportamento de modo individual nas suas múltiplas dinâmicas e aspectos da realidade estudada conseguindo avaliar resultados difusos e não específico. Desta forma, o uso da abordagem quantitativa e qualitativa pautou-se pela busca da complementaridade entre ambas. Landim *et. al.* (2006, p.5) afirma que, em muitas circunstâncias, a utilização de uma única abordagem pode ser insuficiente para abarcar toda a realidade observada, daí a importância de não serem trabalhadas de modo oposto, mas, sim, integradas.

2.2 Razões para a escolha do município estudado

Segundo os dados do Censo de 2010, o município de Araponga apresenta uma população de aproximadamente 8.152 habitantes, contando com 3041 habitantes na cidade e 5.011 habitantes no campo, o que corresponde a respectivamente a 37,3% e 62,7% da população. A expressividade do campo face à cidade se constituiu em uma característica determinante para a escolha deste município como lócus para o desenvolvimento desta pesquisa. O município em estudo possui dimensão territorial de 303,8 Km² e uma densidade demográfica de 26,8hab./Km². A baixa densidade demográfica e o fato de ter uma população muito inferior a 20.000 habitantes, tal como acontece com mais de 80% dos municípios brasileiros, podendo assim ser caracterizado como um pequeno município (nos termos de VEIGA, 2004) tendo sido outra das razões para a seleção deste município.

O município de Araponga faz fronteira com outros pequenos municípios, os quais também têm menos de 20.000 habitantes e densidade demográfica menor do que 50 hab./Km²: Canaã, Ervália, Jequeri, Fervedouro, Sericita, Miradouro e Pedra Bonita. Este fato facilita, ainda, a observação das relações mantidas entre os pequenos municípios, bem como as que mantém dentro de si mesmo, com os seus distritos. No caso de Araponga, o município possui apenas um distrito, Estevão de Araújo, conhecido como São Bento, localizado a 11 km da sede municipal. Na figura 1 pode-se visualizar a área em estudo destacado pela cor branca, conjuntamente com os municípios que compõem a microrregião de Viçosa.

Figura 1: Mapa de localização do município de Araponga na microrregião de Viçosa, Minas Gerais.



FONTE: Mapa elaborado por: FERNÁNDEZ, M.C; GOMES, N.F.M

Base de dados: IBGE/ Malha municipal 2010 - Sistema de Coordenadas 23Sul - Datum: Sirgas 2000 - Software utilizado: QGIS 2.0.1 Dufour - Data de confecção: 03/2015.

Para além das características demográficas, também os aspetos económicos que justificaram a escolha do município. A economia de Araponga é típica de muitos municípios brasileiros, sendo voltada para a prestação de serviços e atividades ligadas à agropecuária, com predominância da “pequena propriedade”, considerando-se o padrão brasileiro: cerca de 85% das propriedades têm menos do que 50 ha. Numericamente é a pequena propriedade a mais importante na malha fundiária do município, pois exerce destacado papel na produção agropecuária. Na tabela 1, pode-se observar os valores referentes ao Produto Interno Bruto (PIB) do município, o qual revela a expressividade do PIB de serviços e do PIB agropecuário face ao PIB industrial, tal como acontece na grande maioria dos municípios brasileiros.

Tabela 1: Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, Minas Gerais e Araponga

	PIB Agropecuário	PIB Industrial	PIB Serviços	PIB <i>per capita</i>
Brasil	196.100.000.000	983.400.000.000	2.561.200.000	22.402,00
Minas Gerais	30.214.659	103.353.712	218.334.160	20.324,58
Araponga	25.012	5.221	32.177	7.779,97

Fonte: IBGE, 2012.

No que tange ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), Araponga possui o segundo pior IDHM do Estado de Minas Gerais, dado revelado segundo o Programa das Nações Humanas para o Desenvolvimento (PNUD, 2014). O IDHM é um relatório produzido a cada 10 anos e aborda como critério os dados relativos à expectativa de vida (longevidade), à renda e à educação da população. Estas situações locais são sintetizadas em uma escala de 0 a 1. Quanto mais próximo de um, maior o desenvolvimento humano. A educação, apesar de registrar avanços na última década, continua sendo o setor mais atrasado tanto nos municípios mineiros como no país. Araponga não foge deste contexto apresentando um IDHM na educação de 0,339. Através da tabela 2 pode-se observar que o município em estudo apresenta um IDHM valorado em 0,536, considerado de baixo desenvolvimento humano.

Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Araponga

Evolução do IDHM	
1991	0,277
2000	0,393
2010	0,536

Fonte: PNUD, 2014.

É importante mencionar, que a seleção do município para esta investigação se deu, também, pelo fato, da pesquisadora ser natural de Araponga. Tal fato trouxe como risco a

relativização do distanciamento necessário para o estudo, o que requer uma vigilância redobrada, mas por outro lado, trouxe o benefício da proximidade durante a pesquisa de campo.

2.3 População e amostra

Optou-se, nesta pesquisa, pela amostragem probabilística e representativa da população adotando-se a aleatoriedade. Segundo Babbie (2005), a amostragem aleatória e representativa da população, permite a cada envolvido na pesquisa ter igual chance de seleção, independentemente de qualquer outro processo de seleção (BABBIE, 2005). Desta forma, para realizar o cálculo da amostra efetuou-se um levantamento das unidades domiciliárias rurais do município através da consulta aos dados cadastrais fornecidos pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da Secretaria de Saúde de Araponga, MG.

Inicialmente, em Maio de 2014, a pesquisadora entrou em contato com a Secretária de Saúde para apresentar a pesquisa e obter apoio no levantamento dos dados cadastrais (APÊNDICE E). Em um segundo momento, ainda no mês de Maio de 2014, participou de uma reunião com a Secretária, ocasião na qual a pesquisadora foi informada de que os cadastros estavam em período de atualização. Desta forma, a Secretária de Saúde encaminhou a pesquisadora para um encontro com as agentes de saúde comunitária para que se buscasse a melhor alternativa para que a mesma pudesse ter condições de realizar o levantamento dos dados cadastrais. Assim, os dados cadastrais foram sendo obtidos paulatinamente, à medida que as agentes encerravam a atualização dos dados com os respectivos endereços das famílias residentes nas comunidades rurais. A tabela 3 apresenta os dados relativos à população residente no campo no município de Araponga, considerando-se o sexo e a faixa etária utilizados pelo IBGE (2010). Consideraram-se, ainda, as diretrizes e as normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, expressas pela Resolução 196/96/CNS.

Tabela 3: População rural residente por faixa etária e sexo em Araponga

Faixas etárias (Anos)	Número e % de residentes	Sexo feminino	Sexo masculino
0 a 4	363 (7,10%)	181 (3,54%)	183 (3,58%)
5 a 9	464 (9,07%)	248 (4,85%)	216 (4,22%)
10 a 14	487 (9,52%)	201 (3,93%)	286 (5,59%)
15 a 19	462 (9,03%)	226 (4,42%)	236 (4,61%)
20 a 24	488 (9,54%)	224 (4,38%)	264 (5,16%)
25 a 29	519 (10,15%)	230 (4,50%)	289 (5,65%)
30 a 39	846 (16,55%)	396 (7,74%)	450 (8,80%)
40 a 49	554 (10,83%)	249 (4,87%)	305 (5,96%)
50 a 59	401 (7,84%)	221 (4,32%)	179 (3,50%)
60 a 69	294 (5,75%)	160 (3,13%)	133 (2,60%)
70 ou mais	234 (4,57%)	102 (1,99%)	132 (2,58%)
TOTAL	5.111 (100%)	2.437 (47,68%)	2.674 (52,31%)

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

No que diz respeito aos questionários aplicados, considerou-se como idade limite para os respondentes a faixa etária de 15 a 19 anos, em virtude de autores como Murray (2006), advogarem que os jovens com idade inferior a 15 anos, não têm maturidade cognitiva para responder a questionários. A tabela 4 permite a visualização da população que constituiu o universo deste estudo.

Tabela 4: População residente rural por faixa etária e sexo em Araponga

Faixas etárias (Anos)	Número de residentes	Sexo feminino	Sexo masculino
15 a 19	462	226	236
20 a 24	488	224	264
25 a 29	519	230	289
30 a 39	846	396	450
40 a 49	554	249	305
50 a 59	401	221	179
60 a 69	294	160	133
70 ou mais	234	102	132
TOTAL	3.798	1.808	1.988

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

As faixas etárias selecionadas foram delimitadas de acordo com os objetivos deste trabalho. As categorias criadas seguiram uma lógica voltada para a cultura local, que costuma classificar como “*jovens*”, os indivíduos que estão no ensino médio e ainda não se casaram, tendo geralmente entre os 15 e os 19 anos; os “*jovens adultos*” estão na faixa dos 20 aos 29 anos, já tendo um percentual significativo de casados; na faixa dos 30 aos 39 anos, estão aqueles

indivíduos que possuem filhos pequenos; na faixa etária dos 40 a 49 anos, aqueles indivíduos que já possuem filhos adolescentes; na faixa etária dos 50 a 59 anos, aqueles que já possuem filhos adultos e, na faixa etária acima dos 60 anos, aqueles indivíduos que já possuem filhos morando fora de casa e que já recebem ou estão prestes a receber aposentadoria.

Para a definição do tamanho da amostra levou-se em consideração que a população que vive no campo no município de Araponga era de 3.798 habitantes. Adotamos, ainda, para a definição da amostra o erro de estimativa de 10% e 95% como grau de confiança. Os cálculos da amostra foram realizados segundo a fórmula da proporção finita de Bolfarine e Bussab (2005), dada por:

$$n = \frac{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} \times N}{Z_{\alpha/2}^2 \times \hat{p} \times \hat{q} + (N - 1)E^2}$$

Onde:

n= tamanho amostral

Z= valor tabelado de uma distribuição normal

N= tamanho populacional

E= margem de erro ou erro máximo de estimativa

p= proporção populacional de indivíduos que pertence a categoria estudada

q= proporção populacional de indivíduos que não pertencem à categoria estudada (q=1-p)

α = nível de significância

Como os valores populacionais p e q são desconhecidos, os mesmos foram substituídos pelos valores amostrais \hat{p} e \hat{q} correspondentes a 0,5. Já o nível de significância é uma probabilidade definida pela curva normal padronizada. Essa estatística estabelece, com o erro de amostragem, a precisão das estimativas. O valor complementar do nível de significância é o nível de confiança. Assim, quanto menor o nível de significância adotado, maior a confiabilidade das estimativas. Os valores dos níveis de significância mais adotados estão expressos abaixo:

Quadro 3- Níveis de significância utilizados com maior frequência

Nível de significância	1%	5%	10%
Valor de Z	2,58	1,96	1,64

Fonte: BOLFARINE E BUSSAB (2005)

O erro amostral corresponde à diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro parâmetro que se deseja estimar. Assim, o erro amostral influencia a precisão das

estimativas dos parâmetros da população e pode ser calculado de acordo com a equação a seguir:

$$e_p = \sqrt{\frac{p * q}{n}} * 100$$

Em que:

e_p = erro com que se verifica um fenômeno para um desvio-padrão

p = porcentagem com que se verifica um fenômeno

q = complementar de p

n = tamanho da amostra

Com o auxílio da fórmula e para proceder ao cálculo, substituíram-se os valores na equação citada: o Z que é 1,96 conforme valor tabelado no Quadro 3, p e q eram desconhecidos e foram substituídos por 0,5, adotamos 95% como grau de confiança, 10% de margem de erro e o N igual a 3.798 (tamanho da população rural pesquisada), obtendo-se:

$$n = \frac{(1,96)^2 \cdot (0,5) \cdot (0,5) \cdot (3.798)}{(1,96)^2 \cdot 0,5 \cdot 0,5 + (3.798-1) \cdot (0,10)^2} = 94$$

Neste contexto, a amostra foi composta por 94 indivíduos. Para obtermos a proporção dos indivíduos de acordo com as faixas etárias e o sexo, utilizou-se a seguinte fórmula:

$$n_i = \frac{n \times N_i}{N}$$

Onde:

n_i = tamanho amostral referente a faixa etária ou sexo feminino e masculino

n = tamanho amostral

N_i = tamanho populacional referente a faixa etária ou sexo feminino e masculino

N = tamanho populacional

i = refere as faixas etárias e ao sexo feminino e masculino

Fonte: BOLFARINE E BUSSAB (2005), adaptado para o cálculo proporcional da amostra.

A tabela 5 se refere ao tamanho da amostra pesquisada quanto às faixas etárias e ao sexo. Desse modo, a presente pesquisa manteve a proporcionalidade entre os indivíduos baseada em faixas etárias e sexo.

Tabela 5: Total de questionários aplicados

Faixas etárias	População pesquisada	Sexo feminino	Sexo masculino
15 a 19	11	5	6
20 a 24	12	5	7
25 a 29	13	6	7
30 a 39	21	10	11
40 a 49	14	6	8
50 a 59	10	6	4
60 a 69	7	4	3
70 ou mais	6	3	3
TOTAL	94	45	49

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Conforme pode ser observado na tabela 5, a amostra foi composta de 94 questionários, os quais foram sorteados dentre os 3.798 indivíduos da população. Na tabela 6 apresenta-se os participantes da pesquisa de acordo com a localidade (comunidade rural) que residem no município.

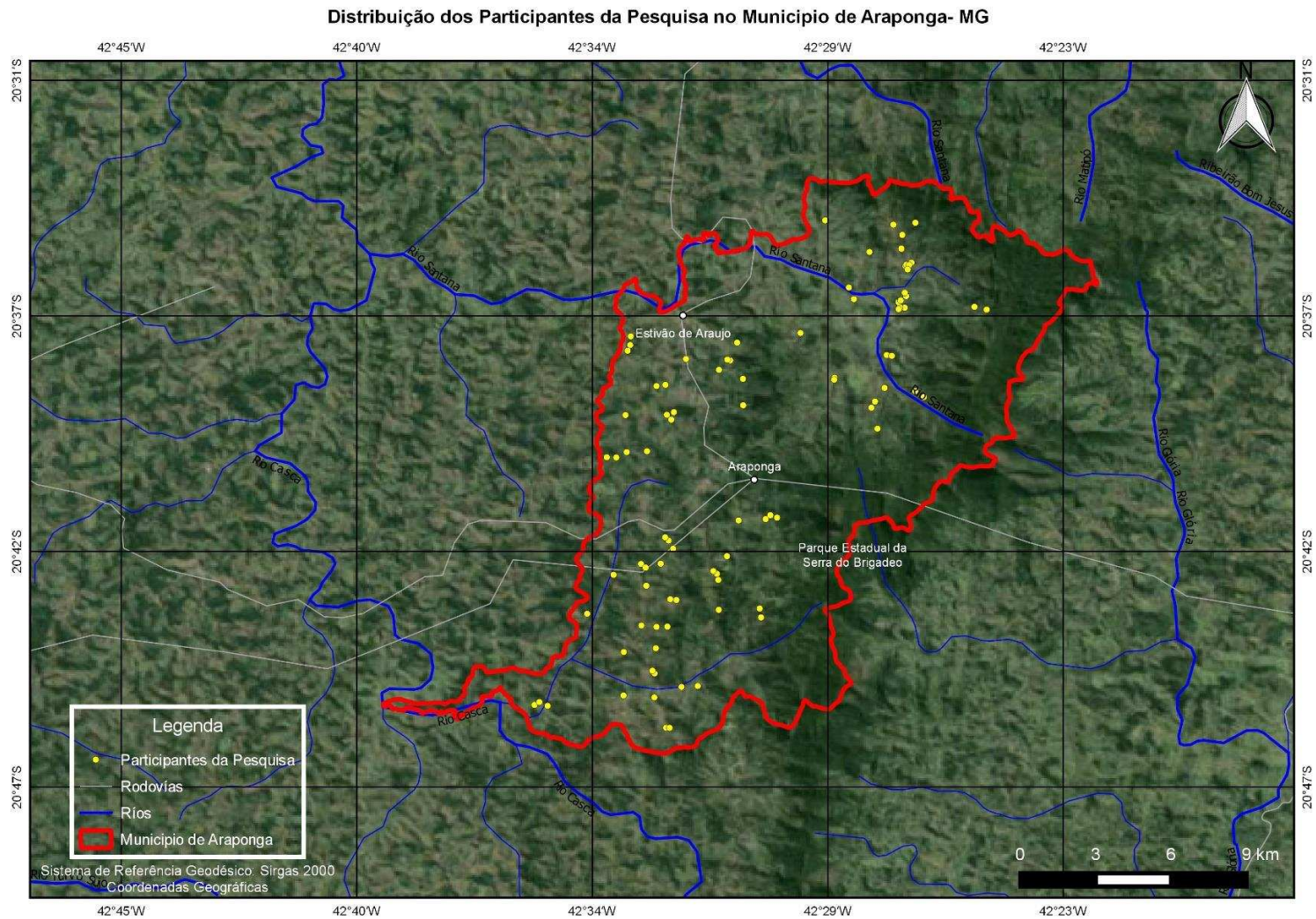
Tabela 6: Localidade onde residem os respondentes

Localidade	Frequência	(%)
Bananal	1	1,1
São Joaquim	5	5,3
Baú	2	2,1
Santa Cruz	4	4,3
Praia Danta	4	4,3
Boné I	2	2,1
Caparaó	1	1,1
Pereira	2	2,1
Boné II	3	3,2
São Gabriel	2	2,1
Paulas	7	7,4
Bestas	1	1,1
Carapinas	6	6,4
Tromba Danta	5	5,3
Santo Antônio	1	1,1
Brigadeiro	2	2,1
Taquaraçu	2	2,1
Braga	1	1,1
São Caetano	7	7,4
Salazar	5	5,3
Paciência	2	2,1
Lanas	4	4,3
Serra das Cabeças	4	4,3
Braúna	2	2,1
Serrinha	2	2,1
Pedra Redonda	1	1,1
São Domingos	5	5,3
Serra dos Teixeira	2	2,1
Moita	3	3,2
Casa Nova	3	3,2
Barra	1	1,1
Baraúna	2	2,1
TOTAL	94	100,0

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Na figura 2 é possível identificar a localização dos participantes da pesquisa em suas respectivas comunidades rurais, usando ferramentas de georreferenciamento para o mapeamento destes indivíduos. À medida que estes foram sendo encontrados em suas respectivas residências, as localizações exatas foram identificadas via GPS (*Global Positioning System*).

Figura 2: Mapa de distribuição dos participantes da pesquisa no município de Araponga, Minas Gerais.



FONTE: Mapa elaborado por: FERNÁNDEZ, M.C; GOMES, N.F.M - Base de dados: Imagem de satélite do Google Earth e Levantamento por GPS dos indivíduos participantes da pesquisa
Sistema de Coordenadas 23 Sul - Datum: Sirgas 2000 - Data de confecção: 03/2015 - Software utilizado: QGIS 2.0.1 Dufour

Os dados primários foram coletados por meio de um *survey*, sendo a unidade de análise o indivíduo, segmentado em faixas etárias e sexo. De acordo com Vasconcelos (2002) o método de *survey* é utilizado em pesquisas que trabalham com um segmento ou parcela da população, ou seja, com uma amostra selecionada de forma rigorosa e planejada do ponto de vista estatístico para ser representativa do universo desejado de pessoas. De acordo com Babbie (2005), a análise do *survey*, se divide entre a descrição e a explicação. Desta forma, o pesquisador ao utilizar este método mede as variáveis e, posteriormente, examina a associação entre elas. Este método permite fazer estimativas sobre a população total da qual a amostra foi selecionada. Assim, os *surveys* por amostragem podem permitir estimativas precisas sobre as populações que retratam.

Para coletar os dados utilizou-se o questionário semi-estruturado (APÊNDICE D) combinando questões fechadas e abertas, em que o participante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagação formulada (MYNAIO, 2012, p. 64). O questionário continha 140 questões. Em 25 dessas questões utilizou-se a escala de Likert de cinco pontos para medir o grau de satisfação e a concordância dos participantes sobre determinados temas. As questões abertas foram em número de 15 e tiveram como objetivo aprofundar informações obtidas através da abordagem quantitativa. Para complementar os dados obtidos através das entrevistas também se aproveitou o momento de ida ao campo, muitas vezes realizado por viagens de ônibus e adotou-se uma metodologia complementar do tipo observação participante.

A pesquisadora se dispôs a realizar viagens de ônibus em uma linha que sai do campo com destino a cidade de Araponga, tendo dois horários por dia. Dessa forma, acompanhou alguns passageiros durante a viagem, com a intenção de, ao longo do percurso, obter informações sobre as intencionalidades dos deslocamentos, a frequência com que eram realizados, os períodos de deslocamento, as pessoas que mais se deslocavam na família e os lugares mais procurados na cidade. Este momento da pesquisa foi muito proveitoso, pois permitiu a pesquisadora interagir com o motorista, com o cobrador e com os passageiros, permitindo a apresentação da pesquisadora e do objeto de estudo, bem como a realização de observações referentes à percepção de como os rurais conviviam com a cidade.

Simmel (2006) afirmava que a análise de pequenas situações sociais era um caminho para a compreensão não só da relação entre o indivíduo e a sociedade, mas se constituía também em uma oportunidade de perceber todo o processo que envolvia a construção da sociedade. Foi possível, assim, através das viagens de ônibus com os rurais, perceber a diversidade de espaços

buscados pelos rurais, na cidade e o período de maior procura. Tornou-se nítido que, os rurais ao interagirem com a cidade através de suas experiências cotidianas e de suas práticas sociais, criavam espaços de sociabilidade na cidade.

Para a ida a campo contou-se com o apoio do Departamento Municipal de Transportes que viabilizou a ida da pesquisadora para algumas comunidades rurais nos transportes escolares para as comunidades de difícil acesso. Ressalta-se também, a participação do pai da pesquisadora na etapa final do trabalho de campo, que auxiliou no deslocamento para algumas comunidades, bem como, contribuiu de modo interativo e interpretativo na realidade do trabalho de campo. A pesquisadora recebeu, ainda, o apoio de algumas pessoas das comunidades que a hospedaram e que a acompanharam a fim de apresentá-la a alguns dos moradores sorteados. Este acompanhamento dos próprios rurais foi de extrema importância pois, de início, algumas pessoas ficavam desconfiadas, mas, quando a pesquisadora estava na companhia de alguém conhecido da comunidade parecia-lhes transmitir mais segurança. Este fato foi notado pois nos locais onde a pesquisadora se dirigiu às comunidades sem a presença de uma companhia, sentiu-se um estranhamento por parte dos participantes.

Esta etapa de realização e aplicação dos questionários utilizando o delineamento tipo *survey* foi primordial para a interação do pesquisador com os participantes, pois, de fato, esta interação se dava no momento em que os atores conformavam a realidade, permitindo ao pesquisador o conhecimento empírico acerca da realidade estudada (MYNAIO, 2012, p. 61). Após a pesquisa de campo tabularam-se as respostas obtidas nos questionários. Depois da extração e organização dos dados, os mesmos foram inseridos no Excel *software da Microsoft Office* para, posteriormente, transportá-los para o programa estatístico *Statistical Package for Social Sciences - SPSS*, versão 20.0 para a realização da Análise Exploratória de Dados - AED, bem como para a realização dos demais testes estatísticos. Para executá-los escolheu-se o programa estático SPSS por se tratar de um *software* de análise estatística e tratamento de dados voltado para as Ciências Sociais (MARTINEZ & FERREIRA, 2007).

Segundo Triola (2005) a análise exploratória de dados é o processo de uso das ferramentas estatísticas para investigar conjuntos de dados com o objetivo de explorar, compreender e descrever e comparar conjuntos de dados e suas características importantes. A AED possibilitou a descrição das variáveis da pesquisa, bem como a apresentação dos valores de frequência, porcentagens, média, mínimo, máximo, entre outros. Em algumas ocasiões as aplicações dos questionários foram gravadas, sendo posteriormente transcritas e utilizadas para

ilustrar e reafirmar os dados descritos. As narrativas foram citadas utilizando-se o número de cada respondente e não o nome.

Outro método utilizado na presente pesquisa para a análise dos dados foi o *software Alceste* – Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto (IMAGE, 1998). Cinco questões abertas foram transcritas e posteriormente foram estruturados cinco *corpus*. A escolha destas questões se deu devido, estas possibilitarem uma análise das representações sociais acerca das vantagens e desvantagens do campo e da cidade, bem como da avaliação das condições da vida rural no passado e no presente. O programa se constitui em um método de estatística textual, que identifica a organização tópica do discurso. Para iniciar as análises no programa, o *corpus* estruturado foi convertido para um arquivo de documento *Word for Windows 2013*, salvo no tipo texto “txt” e transportado para o Alceste iniciar as análises. Ressalta-se que o *corpus* de análise é lido pelo programa através das cinco Unidades de Contexto Iniciais (UCIs) correspondente a cada indivíduo envolvido na pesquisa com suas respectivas respostas.

Durante a análise dos dados o *software* realizou quatro etapas de processamento os resultados: 1) leitura do texto e cálculo dos dicionários: corresponde à primeira etapa do processo que é responsável para reformar e dividir o texto para a organização das Unidades de Contexto Elementar (UCEs), organiza os vocábulos, reduz as palavras e cria os dicionários; 2) cálculo das matrizes de dados e classificação das UCEs (cálculo de qui-quadrado medindo a importância das ligações ao nível de significância de 5%): as UCEs são selecionadas e ocorre os cálculos para a formação das matrizes pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD); 3) descrição das classes de UCEs: definição e descrição das classes paralelo a Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e por fim os 4) cálculos complementares: estruturação das UCEs em cada classe, estruturação da Classificação Hierárquica Ascendente (CHA) e organização de outras informações que são exportadas no relatório de análise (*rapport détaillé*). Após os resultados fornecidos pelo *software Alceste*, os dados foram analisados com base na literatura e organizados na forma de tabelas para mostrar a relação de variáveis presentes em cada uma das classes, posteriormente selecionou-se fragmentos dos *corpus* para exemplificar a síntese realizada em cada classe.

Para enriquecer o trabalho utilizou-se, também, uma câmera fotográfica para registrar as diversas realidades vislumbradas durante a realização da coleta dos dados primários. Contou-se, ainda, com o auxílio do equipamento GPS (*Global Positioning System*) ou Sistema de Posicionamento Global, marca *Garmin*, modelo *Etrex Adventure*. O uso deste equipamento se

deu para o levantamento de pontos coletados em campo com suas respectivas coordenadas geográficas (latitude, longitude) referentes às localidades onde os participantes da pesquisa residem. Estes pontos coletados foram utilizados na construção dos mapas utilizando o *software* para sistemas de informações geográficas (SIG), *Arcgis 10.1*.

Por fim, os dados foram analisados e discutidos à luz da teoria, voltada para atender os objetivos desta pesquisa e confirmar ou refutar as hipóteses proposta para o mesmo. Como a pesquisadora trabalhou diretamente com seres humanos encaminhou-se o projeto de pesquisa para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa (CEP-UFV) antes de ir a campo em consonância com a Resolução no. 196, de 10 de Outubro de 1996, do Conselho Nacional da Saúde (BRASIL, 1996). A presente pesquisa foi autorizada pelo CEP-UFV pelo parecer número 713.588 (ANEXO 1) na relatoria datada de 04/07/2014.

Para a aplicação do questionário utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) assinado pelo sujeito questionado (jovem, adulto, idoso, sendo estes, homens e mulheres) em duas vias, uma para o participante e outra para a pesquisadora. O TCLE dos que não tinham condições de assinarem por condições de analfabetismo foi rubricado por um responsável. Ressalta-se que para os jovens com idade inferior aos 18 anos, utilizou-se o TCLE específico (APÊNDICE B) acompanhado por um Termo de Assentimento (APÊNDICE C), nos quais os pais ou responsáveis autorizaram a participação do menor.

Frente as opções metodológicas, é importante também relatar as dificuldades que se configuraram de diferentes formas durante a pesquisa de campo. De fato, este caminho ofereceu alguns desafios, mas que foram contornados com segurança pela pesquisadora. O acesso aos dados cadastrais nas Unidades Básicas de Saúde da Família ocorreu de forma parcelada. Uma vez que, estas informações estavam sendo atualizadas e de modo muito desorganizado. Foram necessários vários encontros com as agentes de saúde para organizar o banco de dados agrupando um expressivo volume de informações das famílias que residem no campo do município em estudo.

Deste banco de dados foram selecionados os sujeitos que viriam a ser envolvidos na investigação por meio de *surveys*. De um modo geral, a maior dificuldade encontrada foi localizar os sujeitos do universo da investigação, delimitados pela amostra e os quais foram selecionados de modo aleatório. Por diversas vezes, o respondente não se encontrava no domicílio, tendo a pesquisadora que retornar em um outro momento fazendo várias tentativas.

Este fato não implicava na substituição por outro participante da comunidade da mesma faixa etária e sexo, pois isto poderia interferir na qualidade das informações coletadas. Sendo assim, a locomoção no interior de uma comunidade ou desta para outras circunvizinhas, era muito extensa no plano territorial. Portanto, o período da pesquisa de campo, foi marcado por muitas idas e vindas em busca da consecução dos objetivos propostos. O deslocamento a estas comunidades ora se dava por bicicleta, percursos a pé, ora com mais conforto, indo de carro, de moto, de ônibus e caridosas “caronas”.

Outro desafio imediatamente enfrentado durante o momento da aplicação dos questionários semiestruturados, foi que este instrumento era longo, contendo muitas questões. Assim, os sujeitos demonstravam um certo desconforto e desconfiança durante o levantamento das informações. Esse problema é enfrentado por muitos pesquisadores que se propõem a investigar o universo rural. Inicialmente, elaborar questionários e formular perguntas podem, parecer tarefas simples, mas, quando disso depende a realização de uma pesquisa, não o é. À medida que as perguntas iam sendo feitas diversas vezes, para diferentes pessoas, em variadas circunstâncias é que se tornava possível avaliar criticamente o próprio desempenho da pesquisadora e ir corrigindo-o gradativamente. Ademais, este instrumento foi durante todo o trabalho de campo, de certa forma, flexível, pois era sempre revisto, avaliando-se se atendia os objetivos definidos nesta investigação.

A tecnologia também empreendeu alguns sustos. O funcionamento do equipamento GPS, repentinamente, por algumas vezes, foi interrompido. O aparelho como se não bastasse, travava ou desligava por completo. Assim, a pesquisadora em algumas ocasiões, teve que retornar a alguns domicílios para refazer a marcação via GPS daquela localidade. Os desafios que se fizeram presentes ao longo da pesquisa de campo desta investigação, também forneceram ricas oportunidades de reflexão e aprendizado.

CAPÍTULO 3

As representações sociais da relação campo-cidade por parte dos rurais⁴

“O caminho é incerto, há mais de meio século o dilema interpretativo do que seja campo e cidade, bem como as suas metamorfoses e as relações entre estas duas realidades socioespaciais, está presente no seio de estudos de diversas áreas do conhecimento, sem resolução, mas, vale frisar, todas as respostas são válidas, pois é a partir do erro que a ciência caminha.” (Suzuki, 2007, p. 148.)

Este capítulo discute as representações sociais dos rurais acerca do campo e da cidade. A análise destas representações pode permitir a percepção sobre a forma como estes espaços se configuram no modo de vida e no cotidiano dos rurais, expressando as suas necessidades sentidas, bem como as motivações que orientam as suas relações com estes espaços.

3.1 Considerações sobre a teoria das representações sociais

Os primeiros estudos sobre ‘representações’ surgiram com Émile Durkheim sob a denominação de representações coletivas. Durkheim (1994) enfatizou a primazia do pensamento social em relação ao individual. A perspectiva teórica de Durkheim foi aperfeiçoada por Serge Moscovici e Denise Jodelet. Moscovici (1978) discutiu as representações sociais a partir da Psicologia Social, entendendo as “representações sociais” como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana. Tais explicações poderiam ser comparadas aos mitos e crenças das sociedades tradicionais e entendidas em uma versão contemporânea como expressando o pensamento do senso comum.

Moscovici (1978) realizou análises sobre a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas caracterizadas pela intensidade e fluidez das trocas e comunicações, pelo desenvolvimento da ciência, bem como pela pluralidade e mobilidade social. Segundo o autor, a representação social consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo, ao mesmo tempo, as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. Isto ocorre porque as representações sociais contextualizam as

⁴A categoria ‘rurais’ refere-se aos habitantes que vivem no campo, como no caso do pequeno município de Araponga, no qual foi realizada a pesquisa.

peças e os objetos em um determinado lugar ligando-os a determinados grupos e depois apresentam a estrutura neste contexto. Para Moscovici, o fato do não familiar alarmar as pessoas e as comunidades, as impele a tornar explícito os pressupostos implícitos que são básicos do consenso” (MOSCOVICI, 1978, p. 56).

Le Goff (1985) concebia a noção de representação como uma tradução mental de uma realidade exterior percebida e envolvida pela abstração. O imaginário, de acordo com o autor, faria parte de um campo da representação como expressão do pensamento, se manifestando por imagens e discursos para definir uma realidade. Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são importantes na vida cotidiana por assumirem a função de guiar, nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, em termos de interpretação, tomada de decisão e posicionamento. Para a autora, as representações sociais circulam nos discursos trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais. Assim, as representações sociais expressariam a definição relativa ao objeto representado pelos indivíduos e grupos (JODELET, 2001, p. 21).

As representações sociais constituem formas de conhecimentos socialmente elaborados, produzidas por grupos de indivíduos para se comunicarem e entenderem tudo aquilo que não lhes é familiar. Assim, a representação social nada mais é que afirmações e explicações originadas no decurso do cotidiano e no decurso das comunicações interindividuais. Para Jodelet (2001), elas devem ser reconhecidas enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e que orienta, organiza as condutas e as comunicações sociais. Entretanto, elas intervêm em processos variados como a difusão e assimilação de conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais. Para a autora, as representações sociais são abordadas como produto e processo de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade. De fato, representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Dessa forma, a representação social é sempre a representação de alguma coisa e de alguém, em que as características do sujeito e do objeto se manifestam através da subjetividade do sujeito. Ou seja, a representação social tem com o seu objeto uma relação de simbolização e interpretação, resultado da construção e da expressão dos sujeitos.

Conforme afirma Pesavento (1995), as imagens e discursos produzidos sobre o real não são exatamente o real, não se constituindo em expressões literais da realidade. Para a autora, no

domínio da representação, as coisas ditas, pensadas e expressas têm outro sentido além do manifestado. Enquanto representação do real, o imaginário é sempre referência ao outro ausente. O imaginário enuncia, reporta e evoca algo não explícito e não presente. Dessa forma, Pesavento (1995) defendia que este processo, envolve uma relação entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações), os quais pertenceriam a uma dimensão simbólica. O real seria concretude e a representação seria instituída imaginariamente, se expressando simbolicamente através de um sistema de ideias-imagens que constituiriam a representação do real.

Neste contexto, assumimos como representações sociais os fenômenos complexos em ação na vida social e abrangem diversos elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Contudo, são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre a realidade. Em vias de conclusão, a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem como objetivo prático a contribuição para a construção de uma realidade comum a conjunto social. Também designada “saber de senso comum” ou “saber ingênuo”, “natural” distingue-se do conhecimento científico, assume demasiada importância na vida social e na elucidação de fatos que possibilita o entendimento dos processos cognitivos e das interações sociais.

3.2 As representações sociais dos rurais acerca do campo e da cidade

Em um contexto de aproximação das relações entre o campo e a cidade, as quais se manifestam em fenômenos tais como: 1) a constância e a rapidez dos deslocamentos entre ambos os espaços; 2) a ampliação do acesso por parte dos rurais a serviços públicos e privados; 3) o crescimento do consumo de bens materiais, tais como: carro, moto, tecnologias da informação e comunicação (celular, telefone rural, internet e televisão), eletrodomésticos etc.; bem como, 4) fenômenos relativos a economia, como o crescimento das ORNAS (Ocupações Rurais Não Agrícolas) levaram às transformações ocorridas nas representações e nos modos de vida dos rurais. O presente capítulo pretende analisar a representação que as pessoas que vivem no campo do município de Araponga fazem em relação à cidade e a de si próprios. Para isto, perguntou-se a eles, quais seriam as vantagens e desvantagens percebidas frente a cada um destes espaços, tal como Placide Rambaud o fizera em sua pesquisa na França, publicada pela primeira vez em 1969. Portanto, seguiu-se o mesmo procedimento adotado por Rambaud (1973): além da opinião espontânea dos rurais sobre determinados temas, solicitou-se aos respondentes um julgamento reflexivo, com tempo para pensarem sobre situações ou os valores,

em relação aos quais deveriam manifestar o seu nível de concordância face às assertivas a eles apresentadas.

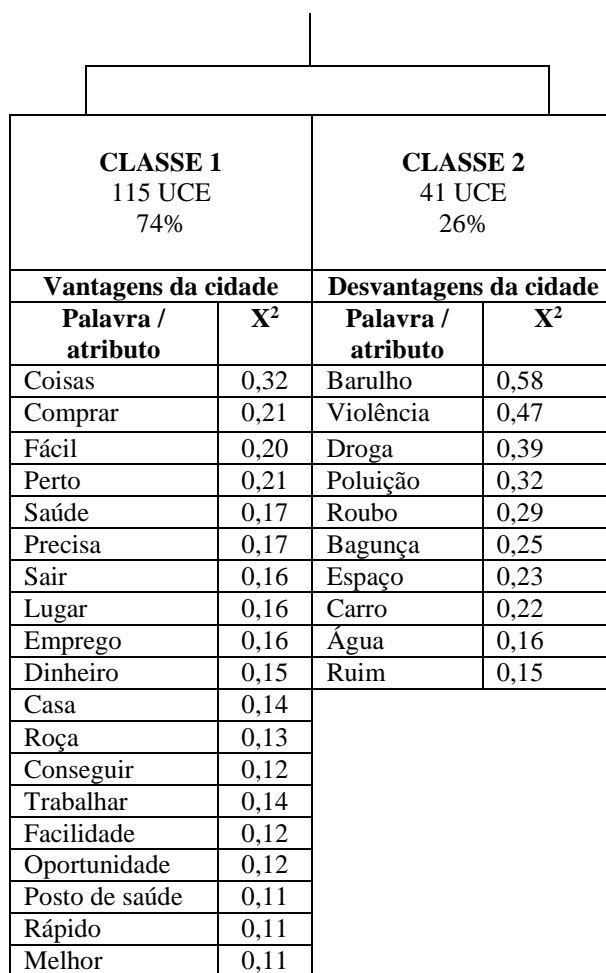
Obteve-se a partir desta pergunta uma resposta espontânea dos rurais, ao par dialético, campo-cidade. De acordo com Rambaud (1973), a partir das suas representações do campo e da cidade pode-se compreender os seus julgamentos, os quais servem de guia e de justificação para os seus comportamentos. As representações sociais se constituem em formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas e pressupõem uma forma de legitimação social acerca dos fenômenos e acontecimentos que nos rodeiam. Dessa forma, a representação social tem com o seu objeto uma relação simbólica: ela pode substituí-lo, tornando-o presente quando o mesmo está ausente; mas, também, interpretativa, ou seja, conferindo-lhe significados e sentidos (JODELET, 2001).

Os rurais percebem a realidade urbana e a recriam para fazerem uma representação original deste espaço. Segundo Rambaud (1969) a “definição” de cidade para os rurais seria instrumental; estando voltada para utilidade nela vislumbrada. A cidade aparecia na representação dos rurais por ele entrevistados como um dado imediato, cotidiano, sendo associada a trabalho, barulho, distrações, etc. A representação da cidade, segundo o autor, estaria na gênese das condutas dos rurais com os cidadãos. Ela propiciaria tanto resolver problemas concretos quanto elaborar conhecimentos, julgamentos e percepções. Para Rambaud (1969), a influência urbana se manifestaria na representação que os rurais faziam da sociedade urbana e logo também deles mesmos. As representações dos rurais acerca da cidade serviriam para guiar as suas ações face à atualização dos seus valores do “passado”. As representações dos rurais acerca da cidade apontariam, segundo Rambaud, para uma síntese das relações que se tecem entre as suas necessidades, o conjunto de técnicas e meios de produção de que dispõem, bem como das necessidades e dos bens que consomem. As representações dos rurais acerca da cidade apontariam, enfim, para o julgamento de valor que faziam acerca das vantagens e inconvenientes que atribuíam à cidade.

3.2.1 A imagem espontânea da cidade

Ao atribuir vantagens e deficiências ao espaço citadino começa a se desenhar os contornos de uma realidade heterogênea. Os rurais, compreendidos em termos de sua pluralidade, homens, mulheres, jovens, adultos e idosos, expressaram, através da aplicação de um questionário semiestruturado, a sua satisfação ou sua insatisfação manifestando as suas expectativas em relação ao campo e à cidade. As respostas relacionadas à representação do

campo e da cidade foram transcritas e posteriormente preparou-se *um corpus*, analisado pelo *software Alceste* de análise quantitativa de dados textuais. Para Araújo *et al* (2006, p.92) a utilização do *Alceste* e da análise das representações sociais possibilita uma interpretação de um volume considerável de dados textuais, bem como a possibilidade de triangulação de dados qualitativos e quantitativos.⁵



The dendrogram shows a hierarchical classification of data into two main classes. The root node splits into two branches: 'CLASSE 1' (115 UCE, 74%) and 'CLASSE 2' (41 UCE, 26%). 'CLASSE 1' is further divided into 'Vantagens da cidade' and 'Desvantagens da cidade'. 'CLASSE 2' is also divided into 'Vantagens da cidade' and 'Desvantagens da cidade'. The table below lists the words and their associated X² values for each category.

CLASSE 1 115 UCE 74%		CLASSE 2 41 UCE 26%	
Vantagens da cidade		Desvantagens da cidade	
Palavra / atributo	X ²	Palavra / atributo	X ²
Coisas	0,32	Barulho	0,58
Comprar	0,21	Violência	0,47
Fácil	0,20	Droga	0,39
Perto	0,21	Poluição	0,32
Saúde	0,17	Roubo	0,29
Precisa	0,17	Bagunça	0,25
Sair	0,16	Espaço	0,23
Lugar	0,16	Carro	0,22
Emprego	0,16	Água	0,16
Dinheiro	0,15	Ruim	0,15
Casa	0,14		
Roça	0,13		
Conseguir	0,12		
Trabalhar	0,14		
Facilidade	0,12		
Oportunidade	0,12		
Posto de saúde	0,11		
Rápido	0,11		
Melhor	0,11		

Quadro 4: Dendrograma da Classificação Hierárquica

⁵ No processamento da análise do software Alceste, o corpus referente às vantagens e desvantagens da cidade foi constituído de 188 UCIs (Unidades de Contexto Iniciais) totalizando 2242 ocorrências, sendo 533 palavras diferentes, tendo, em média, 4 ocorrências por palavra. Para a análise que se seguiu, foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior à média e com $X^2 \geq 3,84$. Após a redução dos vocábulos às suas raízes, foram encontradas 84 palavras reduzidas e analisáveis e 194 UCEs (Unidades de Contexto Elementares - fragmentação do corpus de dados segundo critérios de pontuação e tamanho do banco de informações). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) aproveitou 80% total das UCEs do corpus, organizando em duas classes. Estas classes são formadas pelas palavras mais representativas a partir do valor do qui-quadrado, e da Análise Fatorial de Correspondência (AFC). O *corpus* sofreu uma partição a partir da CHD, referente ao conteúdo verbal das imagens associadas a cidade sendo sistematizada em 2 classes. A aglomeração das classes foi denominada Classe 1, Vantagens da Cidade e a Classe 2, denominada Desvantagens da Cidade. Para representar os significados presentes em cada classe foram selecionadas as palavras com maior qui-quadrado, cálculo que indica a força de associação entre a palavra e a classe correspondentes (Kronberger & Wagner, 2002) e, para fins de contextualização foram apresentadas as classes acompanhadas de suas respectivas palavras relevantes na sua constituição.

A classe 1 “Vantagens da Cidade”, envolveu 115 UCEs (Unidades de Contextos Elementares), foram selecionadas e analisadas 19 palavras, correspondentes a 74% do corpus. As palavras analisadas pelo *software* corroboraram as discussões realizadas por Placide Rambaud acerca das imagens que os rurais elaboram do campo e da cidade. Na presente pesquisa, tal como na pesquisa realizada pelo autor, os rurais caracterizaram a cidade principalmente como espaço de oportunidades, como lugar de trabalho:

Tem coisas ao redor, tem oportunidade de emprego e de continuar um estudo diferenciado, oportunidade de conhecer lugares novos. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos).

Salário todo mês, oportunidade de ter um emprego, tem rotina, o dinheiro vem mais fácil que na roça. (Respondente 37, adulta, 44 anos).

Tudo é mais perto, tem as coisas pra comprar, tem diversão, maior facilidade de ter um emprego, de conseguir as coisas. (Respondente 68, jovem, mulher, 29 anos).

Ter um emprego, pode ser pouco ou muito todo mês tem um salário, o trabalho não é tão pesado igual o da roça. (Respondente 56, adulta, 33 anos).

Como pode ser observado, as mulheres e os mais jovens destacam a cidade como espaço que tem a capacidade de “abrir os espíritos”, bem como lugar de trabalho e de diversão. Rambaud constatou na sua pesquisa, que foi através das mulheres e dos jovens que a cultura urbana penetrou com maior facilidade na sociedade rural, talvez porque ambos os grupos encontravam-se menos satisfeitos com a sua situação de vida dentro da hierarquia social vigente no campo. Independente das representações mais ou menos elogiosas acerca da cidade, esta foi representada pelos entrevistados como lugar rico em trocas, em contatos e com um ritmo de vida mais acelerado, como pode ser observado nas narrativas que se seguem:

Na cidade você tem conhecimento das coisas, dá para conhecer várias pessoas e lugares diferentes, tem dinheiro certo todo mês, tem a carteira assinada, mais recurso, mais oportunidade pra fazer um curso que pensa. (Respondente 74, adulto, 32 anos).

Tem mais movimento, é melhor que na roça. (Respondente 72, jovem, homem, 27 anos).

O ritmo da vida, o tempo passa rápido, tem movimento. (Respondente 89, adulto, 36 anos).

Lá tem mais venda, loja, tudo que precisa é só sair do lado de fora. Tem mais acesso as novidades e mercadorias. (Respondente 80, jovem, mulher, 25 anos).

Enquanto que no campo, segundo Rambaud (1969), “as pessoas são pouco comunicativas” a cidade parece feita de contatos diretos e de interconhecimento, logo também é caracterizada pela facilidade de acesso às tecnologias da informação como o celular e a *internet*, bem como de acesso ao tempo livre para diversão:

As coisas chegam mais rápido na cidade, tecnologia, informação. Tem mais chance de arrumar um emprego, você está perto dos postos de saúde, perto de transporte pra qualquer coisa, até perto da igreja. (Respondente 53, adulto, 35 anos)

Todo fim de semana é festa, tem festa melhor, tem mais coisas para divertir. (Respondente 16, jovem, homem, 21 anos)

Tem uma condição de vida melhor, mais acesso à tecnologia. (Respondente 18, jovem, homem, 17 anos)

Se tem uma festa, tá ali dentro da cidade, é pertinho. Se tá faltando alguma coisa de comer dentro de casa, tá próximo da venda. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Tecnologia é maior para usar, tem oportunidade de conseguir um emprego, mais acesso para tirar uma carteira de carro ou de moto. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos)

As narrativas relativas à cidade a caracterizaram como lugar de maior intercâmbio, apontando para as facilidades que a definem como mediadora dos objetos e das pessoas, com um ritmo de vida mais acelerado. Estas funções foram evidenciadas na Classe 1 na qual apareceram as palavras, “comprar”, “perto”, “rápido”, “posto de saúde” e “coisas” apareceram associadas à produção, à oferta, à proximidade dos serviços de saúde, educação, transporte e bancários:

Tudo é mais perto, se você vai comprar alguma coisa é pertinho. Tem mais oportunidade de continuar os estudos, tem mais escolas e tem mais facilidade de praticar algum esporte. (Respondente 29, jovem, homem, 21 anos).

Lá tem mais facilidade nas redondezas, por que no nosso lugar, não tem por exemplo loja que acha de tudo. (Respondente 12, adulta, 30 anos).

Tem hospital mais perto, banco, as escolas ainda são mais fáceis de acessar, tem mais facilidade para levar a vida. (Respondente 34, adulta, 43 anos).

Tem condução mais fácil, transporte público passa na porta, para sair para algum lugar tem horário certo. (Respondente 50, jovem, mulher, 23 anos).

A imagem positiva da cidade é destacada pela sua estrutura e funcionamento, como polo aglutinador das decisões comerciais, econômicas e políticas. A cidade é identificada pelo conjunto das comodidades fornecidas relativas ao trabalho, ao comércio e aos serviços. Contudo, percebe-se que ela tem um caráter de complementariedade em relação ao campo, estando integrada às necessidades e demandas dos rurais, tal como pode ser observado na fala do respondente 7 que se segue:

A cidade é importante para comprar o que você não consegue produzir ou fabricar, lá tem as coisas mais perto. É isso, ela oferece condições para você comprar mais, se você tiver o dinheiro, por que se não tiver, não vai adiantar nada não. Mas hoje, tudo que você compra nem precisa ir no lugar mais, hoje você compra pelo telefone, pela internet, eles entrega na sua porta, do mesmo preço que vende na cidade, não tem muita diferença, se você tiver dinheiro pra comprar, você nem precisa sair de casa mais, você sai de casa quando quer. Aqui agora tem de tudo, telefone, internet. Eu tenho também.

Na narrativa anterior percebe-se, ainda, a forma como os serviços oferecidos pelas pequenas cidades estão passando por um processo de desterritorialização. O acesso à internet permite também aos rurais buscarem atender as suas necessidades de forma deslocalizada, seja através da *internet* ou a partir de uma rede formada por pequenos e médios municípios prestadores de serviços. Desta forma o vínculo apenas com a cidade onde o rural vive vai se esvaziando e sendo suprido de forma “deslocalizada”. No entanto, a cidade está, também, carregada de complicações relativas à vida cotidiana, assumindo certa desumanidade no imaginário dos rurais. Assim, os elementos psicológicos ocupam importante reflexão nas atitudes espontâneas dos rurais. Isto pode ser evidenciado na análise da classe 2, denominada “Desvantagens da Cidade”. Esta classe envolveu 41 UCEs (Unidade de Contexto Elementar), com 10 palavras analisadas, significando, todavia, apenas 26% do corpus, ao contrário das vantagens que representaram 74% do *corpus*. Estas palavras revelam os aspectos repulsivos da vida urbana interferindo em seu caráter atraente. Tais são, “barulho”, “violência”, “droga”, “poluição”, “roubo”, “bagunça”, bem como “espaço” fazendo alusão a falta de espaço no sentido físico, “carro” referindo ao constante e intenso movimento das cidades”, “água”, a qualidade deste elemento natural, além desta ter que ser paga e “ruim” aos aspectos negativos

encontrados no espaço citadino. As narrativas que se seguem retratam algumas das desvantagens da cidade no imaginário dos rurais entrevistados em Araponga.

Poluição, água ruim, barulho, muita violência, não tem liberdade na hora que quer. (Respondente 29, jovem, homem, 21 anos).

Bagunça de gente, de movimento, de barulho. (Respondente 24, jovem, mulher, 24 anos).

Trânsito pesado, muito carro na rua, barulho. (Respondente 85, jovem, homem, 29 anos).

Fico sufocada, é pouco espaço e muita agitação. (Respondente 30, idosa, 68 anos).

Muita poluição, barulho, tem muito mal elemento, a convivência é difícil entre as pessoas. (Respondente 19, jovem, homem, 23 anos).

Roubo, uso de muita droga, poluição. Paga água, iluminação de rua, os impostos são mais caros. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos).

A cidade é caracterizada como a negação de um dos elementos centrais do campo, a natureza. Outro aspecto negativo associado à vida na cidade é a perda da independência, a necessidade de se comprar tudo de que se precisa para viver:

A desvantagem da cidade é por que a pessoa tem tudo que quer, mas a maioria das coisas que eles precisa depende do pessoal da roça, por exemplo, alimento, eles não consegue produzir pra eles mesmo, então tudo que quer acaba tendo que comprar. O modo de viver também é mais difícil, a pessoa fica mais presa dentro de casa, a vida é mais cansativa (Respondente 10, jovem, homem, 17 anos).

Tem que comprar tudo pra casa, a cidade tem um alto custo de vida. Se não tiver dinheiro, não tem como viver. (Respondente 18, jovem, homem, 17 anos)

Para criar família é complicado, tem mais violência, se a pessoa não tiver salário bom, não tem como viver, custo de vida é mais alto, deslocamento é mais difícil, trânsito caótico. (Respondente 59, jovem, mulher, 24 anos)

Poluição pra mim é pior, esta tal de água tratada, que tal de água tratada é esta? Tudo você tem que comprar, os empacotados, pra mim essas são as piores coisas. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

A forma como os rurais valoram em aspectos positivos e negativos a cidade demonstra que eles o fazem de forma consciente. Demonstra, ainda, que eles estabelecem um caráter complementar entre a vida no campo e na cidade. Reconhecem a dependência dos recursos

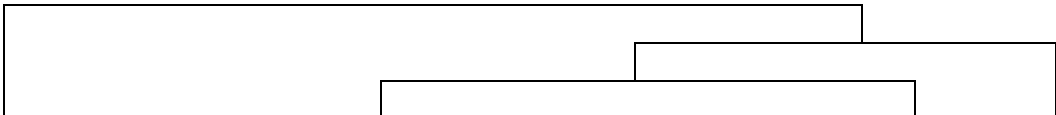
existentes na cidade, mas consideram os aspectos negativos associados à mesma. Avaliam o espaço citadino como atrativo e propício ao revelar oportunidades profissionais, principalmente, relacionadas ao trabalho remunerado, à escolaridade, ao consumo e às possibilidades de acesso às tecnologias da informação. Contudo, as comodidades encontradas na cidade e criadas também se revelaram como podendo complicar a vida se comparadas à simplicidade da vida no campo. Essas complicações relacionavam-se às exigências de uma formação profissional e às crescentes necessidades de consumo. Outros aspectos negativos destacados pelos rurais em relação à cidade foram a poluição, o excesso de barulho, a falta de ar puro e água de qualidade. Ressaltaram, ainda, o alto consumo de drogas e a presença da violência. Portanto, os rurais evidenciam o papel da cidade expressando a sua satisfação e insatisfação. Notou-se, ainda, que a valoração positiva acerca da cidade foi muito mais expressiva que a negativa. A seguir será apresentada a representação que os rurais manifestaram, de forma espontânea, acerca do campo.

3.2.2 A imagem espontânea do campo

O *corpus* de dados referente às vantagens e desvantagens do campo foi constituído por 282 UCIs (Unidades de Contexto Iniciais) que se referem aos dados relativos a três questões dirigidas aos 94 entrevistados. Após o processamento dos dados, totalizou-se 6138 palavras analisadas, ficando o mesmo composto por 1012 palavras diferentes, tendo, em média, seis ocorrências por palavra. Na análise foram consideradas as palavras que apresentavam frequência igual ou superior a média e $X^2 \geq 3$. Após a redução dos vocábulos às suas raízes, foram encontradas 184 palavras reduzidas e analisáveis e 316 UCEs (Unidades de Contexto Elementares). A classificação Hierárquica Descendente (CHD) aproveitou 75% do total das UCEs do *corpus*, organizando-as em quatro classes compostas pelas palavras mais representativas a partir do valor do qui-quadrado, e da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

O *corpus* sofreu duas partições a partir do processamento do *software Alceste*. A primeira partição originou duas aglomerações de classes: a Classe 1, denominada “Vantagens do campo relacionadas à proximidade com a natureza e à atividade produtiva” e a Classe 2, denominada “Desvantagens do Campo.” Esta última classe sofreu duas subdivisões, originando a Classe 3, relacionada a “Avaliação da vida rural frente aos tempos de “antigamente” e a Classe 4, denominada “Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e à instrução”. O quadro 5 apresenta uma síntese das ideais centrais referentes ao campo, agrupadas em

categorias semânticas gerais, a fim de fornecer uma visão mais ampla e integral dos significados. Embora possam apresentar contraposições no que se refere ao conteúdo que representam, as categorias significativamente mais frequentes possibilitam retratar os aspectos comuns encontrados em termos semânticos



CLASSE 1 46 UCE 28%		CLASSE 3 38 UCE 16%		CLASSE 4 61 UCE 25%		CLASSE 2 74 UCE 31%	
Vantagens do campo relacionadas a proximidade com a natureza e atividade produtiva		Avaliação da vida rural frente aos tempos de “antigamente”		Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e a instrução		Desvantagens do campo	
Palavra / atributo	X²	Palavra / atributo	X²	Palavra / atributo	X²	Palavra / atributo	X²
Plantar	0,41	Mais fácil	0,52	Conforto	0,36	Saúde	0,34
Poder	0,40	Hoje	0,46	Terreno	0,34	Cidade	0,30
Água boa	0,36	Era mais difícil	0,33	Casa	0,33	Falta	0,28
Trabalhar	0,35	Sofrido	0,30	Moto	0,32	Médico	0,27
Milho	0,33	Antigamente	0,27	Carro	0,32	Roça	0,26
Colher	0,32	Melhorou	0,26	Estudar	0,31	Ruim	0,25
Espaço	0,32	Tempo	0,23	Moradia	0,30	Estrada	0,25
Feijão	0,32	Não tinha	0,23	Dificuldade	0,28	Precisar	0,23
Tranquilidade	0,30	Carne	0,22	Empregado	0,27	Mal	0,23
Natureza	0,29	Vida	0,21	A pé	0,24	Sair	0,22
Horta	0,28	Passado	0,20	Luz	0,23	Rua	0,22
Verdura	0,24	Condições	0,17	Geladeira	0,22	Sinal	0,21
Café	0,23	Povo	0,15	Roupa	0,21	Longe	0,20
Sossego	0,22	Alimentar	0,15	Televisão	0,18	Diffcil	0,20
Fartura	0,21	Vestir	0,12	Condução	0,18	Emprego	0,19
Galinha	0,19	Antes	0,12	Meio de transporte	0,18	Vender	0,18
Não precisa comprar	0,19	Tinha muita dificuldade	0,12	Oportunidade	0,15	Festas	0,15
Viver	0,17	Trabalhar	0,10	Calçado	0,10	Comércio	0,15
Produzir	0,17	Comprar	0,09	Própria	0,10	Conseguir	0,14
Facilidade	0,14			Mudou	0,10	Dinheiro	0,12
Liberdade	0,13			Possuir	0,10	Chover	0,12
Não pagar água	0,13			Cavalo	0,10	Recurso	0,09
Família	0,12						
Lavoura	0,10						
Cuidar	0,09						

Quadro 5: Dendrograma da Classificação Hierárquica

A classe 1 “*Vantagens do campo relacionadas a proximidade com a natureza e atividade produtiva*” envolveu 66 UCEs. Das 34 palavras analisadas foram selecionadas 25 palavras, significando 28% do *corpus*. Algumas palavras analisadas apresentam elementos

relacionados com a forma de viver no campo integrando significados que evidenciam a sociabilidade rural marcada pela proximidade com a natureza e pelo sentido de boa convivência. No estudo de Santos (2009) que tratou das representações televisivas de campo e cidade, verificou-se que a imagem do campo estava ligada a ideias de vida simples, tranquila e harmoniosa e à família. Também nesta pesquisa que ora se apresenta e se discute os resultados, as categorias “tranquilidade”, “liberdade”, “sossego”, “viver”, “família” e “cuidar”, evidenciando o campo como espaço relacionado à tranquilidade, à autonomia, à amplidão e à pureza:

A primeira coisa é a paz, a zona rural te oferece uma paz muito mais forte por que você convive com a natureza, ela te transmite esta paz. O oxigênio é também muito mais puro, a alimentação, você tem condição de você mesmo plantar e comer o alimento que você plantou, você sabe o que tem nele, são estas coisas. (Respondente 7, idoso, 64 anos).

A vida é mais tranquila, a gente planta e colhe de tudo, tem mais espaço para família inteira vir visitar. Para criar família também é bom, tem muito serviço para os filhos. (Respondente 62, idosa, 65 anos).

Água é boa, está perto da natureza, dá para ouvir o cantar dos pássaros, a gente pode plantar, viver sossegado. (Respondente 45, adulto, 34 anos).

A zona rural na economia ela ajuda bastante e na tranquilidade, você vive mais tranquilo, você vive um ar mais puro. Na roça tem muito favorecimento, nem é tudo que a gente compra, na roça não compra uma verdura, carne, pó de café, chá, não tem que pagar água. (Respondente 8, adulta, 51 anos).

Respira um ar mais gostoso, tem mais liberdade para sair de casa, até o sabor da água é diferente, porque a água é boa.” (Respondente 20, adulta, 31 anos)
“Tem as coisas para plantar, tem espaço, o lugar é bom, muito sossegado para criar a família. (Respondente 85, jovem, homem, 29 anos).

Os respondentes manifestaram a ideia de um modo de vida autossustentável e com autonomia em função da capacidade produtiva retratada, como indicam as palavras: “plantar”, “poder”, “produzir”, “trabalhar”, “colher”, “milho”, “feijão”, “horta”, “verdura”, “café”, “galinha”, “fatura”, “lavoura”. Estas palavras estão presentes nas narrativas que se seguem:

Bom por tudo, a água é fácil, não paga, uma verdura, milho, não precisa comprar, pode plantar. Você vive mais tranquila, mais despreocupada, sossegada. Por tudo a roça é melhor, as coisas que come, sabe de onde vem, porque foi plantado em casa. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Tudo é vantajoso, se a pessoa da roça plantar, ele colhe, tem tranquilidade, se a pessoa cuidar das coisas, ele não precisa comprar de tudo. (Respondente 38, adulto, 46 anos)

A vantagem é que você tem a tranquilidade, você trabalha o dia que quiser, mantém a mesma coisa, colhe café, sempre tem reserva, economia. Não tem que bater cartão todo dia. Não compra verdura por que tem na horta, planta milho e feijão, dá para criar uns frango de granja. (Respondente 42, adulta, 50 anos)

Na roça vive muito mais solto, tem uma vida alternativa, colhe as coisas sem agrotóxico, tem água de nascente, natural, o gasto é menor, o custo de vida é muito mais barato porque colhe de tudo, tudo produz com fartura. (Respondente 82, adulto, 45 anos)

A Classe 1 evidencia, portanto, uma imagem do campo ligada à natureza, à autonomia, à harmonia, à boa convivência, se comparado ao mundo artificial da cidade. Ressalta-se, ainda, a sua dimensão social relacionada à atividade produtiva, concebida como assegurando a autos sustentabilidade, como pode ser observado nas narrativas que se seguem:

Na zona rural, a gente pode fazer um plantio, colhe com fartura, a gente tem mais chance de sobreviver, é mais fácil sobreviver. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Aqui muitas coisas não são compradas, na cidade tudo é comprado, aqui tem sossego, na cidade tem muito barulho. (Respondente 12, adulta, 30 anos)

A gente colhe alimentos mais saudáveis. Se você for para cidade você tem que ter uma preocupação danada, para conseguir um alimento tem que trabalhar mesmo e aqui não, se você não trabalhar, você se vira, come uma coisa ou outra que a roça oferece. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos)

Neste contexto de elucidação dos aspectos positivos levantados pelos rurais frente à avaliação do campo, a classe 4 “Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e a instrução” também se alinha a estes julgamentos. Esta classe envolveu 61 UCEs, com 51 palavras analisadas, significando 25% do *corpus*. Destas foram selecionadas 22 palavras. As palavras significativas para esta discussão destacavam aspectos relativos ao consumo, a autonomia conquistada pelos rurais e a crescente instrução. Rambaud (1973) percebeu que os rurais viam a escola como a instituição que lhes possibilitaria alcançar um futuro melhor. Na presente pesquisa, as palavras, “estudar” e “oportunidade” também foram reveladas como relacionadas às melhorias alcançadas no campo, as narrativas abaixo revelam o crescimento da escolarização no campo:

No estudo era muito difícil, antigamente nem estudar a gente podia, não tinha condição nenhuma, se estudasse um, não podia estudar o outro. (Respondente 54, adulto, 37 anos)

Dia primeiro, estudar era coisa pra gente rico, pra criança estudar tinha que ir de pé, hoje tem condução que passa na porta, não estuda quem não quer, hoje a gente tem oportunidade de estudo. (Respondente 8, adulta, 51 anos)

Melhorou muito, por que igual quando meus pais eram mais novos, não tinha forma deles estudar, tinha muita dificuldade. (Respondente 10, jovem, homem, 17 anos)

Melhorou muito, porque com o tempo aperfeiçoei mais no ramo da cafeicultura e tive incentivo na produção dos cafés finos e extra-finos. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Se o estudo se tornou uma possibilidade acessível aos rurais, outros aspectos se revelaram com conotação também positiva na elaboração da imagem positiva que faziam do campo, tais como: “moradia”, “terreno”, “própria”, “possuir” os quais destacam a apropriação humana do espaço e a autonomia frente ao trabalho, como identificado nas narrativas dos respondentes:

A vida melhorou, avançou muito, pelo menos em partes, meios de comunicação, locomoção, moradia, estrada, medicina, estas coiseras tudo avançou, mas, talvez o respeito e a amizade do passado ganhava muito do de hoje, esta é a diferença que tem do passado com hoje. Isto que eles tratam ai de qualidade de vida, que eu não sei se é, isto ai, melhorou muito. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Nossa, melhorou cem por cento! Antes a gente morava no terreno dos outros, morava de empregado, trabalhava muito e o rendimento era pouco. Hoje, a gente tem o terreno para trabalhar e a casa da gente mesmo. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Melhorou porque hoje a gente tem mais coisas, a gente sai mais, tem mais dinheiro pra poder possuir o que quer, tá mais fácil. Antigamente, pessoal não tinha nada, era mais difícil. (Respondente 35, jovem, mulher, 18 anos)

Tanto como o estudo, tido como outrora distante e hoje acessível, o consumo foi outro elemento que apareceu na representação dos rurais como fazendo parte de suas vidas, como observado através das palavras, “casa”, “conforto”, “moto”, “carro”, “luz”, “geladeira”, “roupa”, “televisão”, “condução”, “meio de transporte”, “calçado”, “cavalo”, presentes nas narrativas dos rurais:

Por que antes, quando meus pais casaram, era uma casa velha, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada, meus pais tinham até que carregar água para dentro de casa. Não tinha geladeira, televisão, por que não tinha luz. Hoje a gente tem de tudo, tem conforto. (Respondente 2, jovem, mulher, 15 anos)

A gente tem oportunidade de vestir uma roupa melhor, não é que compra sempre, mas é assim, bem melhor. Igual a tecnologia, não é grandes coisas não, mas a gente tem oportunidade de ter um celular, meus pais nunca tiveram, também eles não tinham televisão. As casas antigamente, raramente encontrava uma casa com um piso, hoje qualquer lugar que você vai, pode caçar uma casa que não tem piso, talvez não tem na casa toda, mas pelo menos, num banheiro, numa cozinha, num fogão tem. Igual pra secar café, hoje a maioria tem um terreiro de cimento para secar. Não tinha luz na época e meio de transporte deles era só a pé mesmo. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos)

Há tempos atrás a nossa vida era muito pior, não tinha conforto nenhum, não existia luz, não tinha carro, geladeira, não tinha nem um rádio. Hoje mesmo tendo dificuldade, a vida tá muito melhor. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Depois que o povo passou a tocar café, o dinheiro começou aparecer. O povo comprou moto, carro, reformou a casa, tem mais serviço para trabalhar. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos)

Graças a Deus, antigamente a gente tinha que pular muito para sobreviver, tinha muita dificuldade para comprar roupa e calçado. Calçado mesmo ninguém quase usava. A comida também era uma coisa com menos variedade, eu era empregado dos outros não era fácil. (Respondente 69, idoso, 74 anos)

As coisas antigamente eram mais atrasada, a pessoa não tinha nem chinelo pra botar no pé, hoje, menino nasce calçado. Todo mundo tem luz em casa, antes era na base de querosene. Hoje o povo tudo tem carro, moto e antes, os meios de transporte era carro de boi, charrete, ou senão ia a pé ou no lombo do cavalo. Hoje, todo mundo tem telefone, mesmo não pegando sinal, todo mundo tem casa boa e confortável, povo come bem, porque antes, era difícil pra tudo, até pra comer. (Respondente 77, jovem, homem, 20 anos)

Passando à análise da classe 3 denominada “*Avaliação da vida rural frente aos tempos de antigamente*” observou-se que a mesma envolveu 38 UCEs, com 33 palavras analisadas, significando 16% do *corpus* e 19 vocábulos selecionados. Esta classe situa-se como complemento da Classe 4. As palavras agrupadas nesta classe, referem-se ao posicionamento avaliativo dos participantes em relação ao campo comparando a vida no passado e no presente. Destacaram-se nos resultados termos como, “mais fácil”, “hoje”, “era mais difícil”, “sofrido”, “antigamente”, “melhorou”, “tempo”, “não tinha”, “passado”, “condições”, “antes”, “tinha muita dificuldade”, como mencionado nas narrativas dos respondentes a seguir:

A vida melhorou totalmente. Facilitou em muitas coisas, antigamente tudo era mais difícil, para sair pra resolver as coisas, pra passear, pra trabalhar, pra morar. Hoje tenho dentista na porta, comércio, loja, se precisar de alguma coisa é só correr e comprar. (Respondente 34 adulta, 43 anos)

Há tempos atrás era muita dificuldade, a família era grande, mal dava para sustentar todo mundo, a gente andava com roupa remendada, ganhada, comia o que dava em casa, nem cama direito tinha pra todo mundo, dormia amontoadado, hoje em dia, em vista de antigamente tá tudo muito melhor. (Respondente 20, adulta, 31 anos)

Hoje em dia tem mais facilidade de conseguir as coisas. As pessoas não tinham muito conhecimento nada, cultivava as coisas não tinha valor nenhum, o que dava as vezes, era conta da despesa da casa, meio de transporte era a pé e se quisesse. (Respondente 26, jovem, mulher, 27 anos)

Antigamente o pessoal sofria demais, tudo é mais fácil hoje em dia. Tenho minha moto, posso sair na hora que eu quero, tenho mais liberdade. Meu pai me dá oportunidade de trabalhar no terreno dele, mas não tenho que mear o que dá com ele. Antes, não tinha televisão, celular, as casas antigamente era tudo ruim, sem conforto nenhum. O povo vivia mais como empregado dos outros. (Respondente 29, jovem, homem, 21 anos)

Ah hoje é diferente, antigamente o pessoal vivia muito mal, hoje em dia a pessoa veste melhor, come melhor, calça melhor, tem meio de transporte, antigamente era a pé ou no lombo do cavalo. Hoje o povo tudo tem casa boa, celular, as coisas melhoraram demais. (Respondente 71, jovem, homem, 26 anos)

Hoje tá bem melhor, as coisas hoje, é muito fácil, algum tempo atrás era muito difícil, não tinha lugar de trabalhar a não ser no terreno dos outros, hoje tudo mundo tem seu pedacinho, rendeu lugar de trabalhar. Modo de morar, comer era tudo difícil, a vida de hoje tá bem mais fácil. Hoje, a pessoa trabalha consegue o que quer, não tem dificuldade para ter as coisas. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

O julgamento de valor dos rurais acerca da vida no campo no presente e no passado foi ainda analisado, tomando-se como referência de mensuração uma escala de *Likert* com valores gradativos de 1 a 5, em que 1 era piorou muito e o 5 melhorou muito. Os resultados mostraram que 2,1% dos respondentes disseram que a vida no campo não mudou, enquanto que 64,9% disseram que a vida no campo melhorou e 33% disseram que a vida no campo melhorou muito, como descrito no gráfico 1.

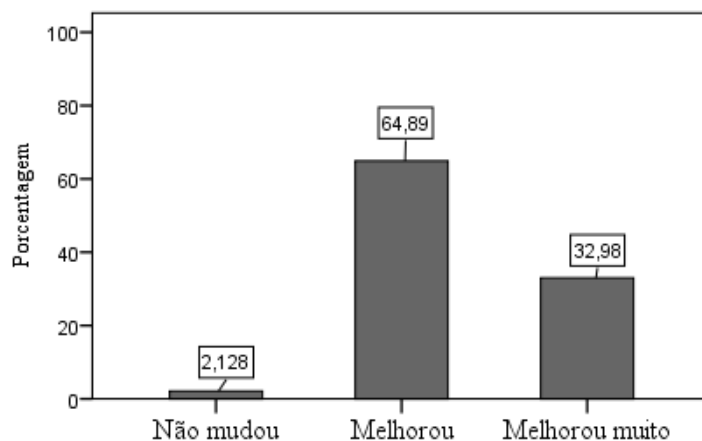


Gráfico 1: Avaliação em relação a vida no campo no passado e no presente

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Por outro lado, a classe 2, nomeada de “Desvantagens do campo” envolveu 74 UCEs, com 37 palavras analisadas, significando 31% do *corpus*, sendo selecionados 22 vocábulos mais relevantes para a constituição da classe. Os resultados apontaram os problemas identificados no campo pelos seus moradores, ou seja, os pontos críticos e as dificuldades por eles sentidas na vida no campo. As palavras destacadas apontam para a falta de alguns recursos e serviços reclamados como necessários a vida no campo, principalmente, aqueles ligados à área da saúde, como: “falta”, “médico”, “mal”, “recursos”. As narrativas dos respondentes traduzem de forma mais clara as suas ideias:

Quando você passa mal na roça, se tiver muito ruim, até que chega na cidade, é perigoso até morrer. (Respondente 9, jovem, homem, 15 anos)

Falta recursos na área da saúde, na hora da urgência é difícil, tem que correr pra cidade. (Respondente 41, adulto, 44 anos)

Quando precisa de médico com pressa, é difícil. (Respondente 69, idoso, 74 anos)

Outros aspectos destacados nas narrativas se referiam à infraestrutura das vias de acesso, dificuldade de acesso à telefonia móvel, internet e à escassez de atividades ligadas ao lazer, como as festas. A análise elencou as palavras, “ruim”, “estrada”, “precisar”, “sair”, “sinal”, “longe”, “chover” e “festas” obtidas através de narrativas como as que se seguem:

As estradas não ajudam muito, se você vai de moto ou a pé suja tudo de poeira, se tem barro é a mesma coisa. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Estrada muito ruim, quando chove se adoecer alguma pessoa, só Deus, tem que ir marchando a pé, se quiser. (Respondente 57, jovem, mulher, 22 anos)

Não pega celular, não tem internet. (Respondente 23, jovem, mulher, 17 anos)

Estrada é ruim porque é de chão, não tem festa, quando tem, não presta, não tem nada para fazer, não tem mulher, falta emprego. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos)

O trabalho foi outro tema vinculado pelos rurais aos problemas enfrentados no campo. O campo foi caracterizado como o espaço definido pela falta de oportunidade de “empregos” e por uma concepção de trabalho que o considera penoso e de baixo retorno financeiro devido às dificuldades relacionadas à produção e comercialização dos produtos agrícolas. Este fato pode ser visualizado através das categorias: “roça”, “difícil”, “emprego”, “vender”, “conseguir” e “dinheiro” que apareceram nas narrativas dos respondentes:

A pessoa da roça luta muito no tempo de colheita do café, tem uma dificuldade de apanhar aquilo no jeito e dá na hora de vender, aquilo sai quase de graça, parece que ninguém quer. Ai acostuma que a pessoa da roça fica querendo desanimar por causa disso. Os jovens ficam falando é em vazar fora, por que acha que na cidade é melhor que na roça, mas acaba não sendo, por muito ruim que a roça é, acaba sendo muito melhor que a cidade. (Respondente 5, idosa, 60 anos)

Na hora de vender o que produz, o produto da roça não tem bom preço, não é valorizado. O trabalho na roça é mais pesado, mais sofrido, mais difícil. (Respondente 28, adulto, 50 anos)

Não tem emprego, na cidade a pessoa consegue dinheiro, na roça dinheiro é difícil, só tem dinheiro uma vez ao ano pra quem mexe com café. Trabalha muito e no fim não sobra nada, tudo que faz acaba não sobrando, só gasta (Respondente 44, adulto, 57 anos)

No caso a gente trabalha, tem tudo que precisa, mas não recebe, não tem salário. Não tem oportunidade de ir em lugares diferentes, conhecer coisas novas. Se a gente vai na cidade, tem um monte de coisas ao redor lá, uma lanchonete, um parque, um zoológico, aqui vai aonde? Vê bicho é no terreiro, vê é cachorro. Lá tem praia, piscina, aqui se a gente quiser nadar é no córrego ou senão tomar banho no chuveiro. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos)

O trabalho é pesado, mesmo com máquina, é sol a sol e os produtos como o café tem pouco preço no mercado. As autoridades lá de cima não dão valor ao produto do roceiro (Respondente 93, jovem, homem, 29 anos)

Para Rambaud (1973), o trabalho possuía lugar central nas mudanças que ocorreram no campo. Para os rurais, a noção de desemprego não faria parte do seu universo mas, antes, era reconhecida como um atributo da vida citadina, relativo às pessoas assalariadas. O campo era visto por eles como o lugar do trabalho, um lugar onde sempre se tem o que fazer. Por isso, também, o trabalho no campo era tido como penoso, pois todo o tempo haveria o que arranjar, não existindo, ao contrário da cidade, o tempo do descanso ou do lazer. Assim, a imagem que os rurais constroem do trabalho urbano revela a cidade como um lugar no qual se pode observar a separação entre o tempo de trabalho e o do não trabalho, enquanto no campo isso não estaria presente.

A cidade, nessa perspectiva, seria mais atrativa quanto ao trabalho pela oportunidade de renda fixa e por ser tida como um lugar onde o trabalho seria mais leve. Outros pontos valorizados em relação à cidade foram: o fato de perceber a cidade como tendo atividades de lazer, oportunidades de crescimento profissional e educacional, bem como a consideração de que na cidade a solidão seria menor que no campo, pois haveria festas que criam animação, distrações e facilidades de encontro, como se pode observar nas narrativas seguintes:

Tédio, porque na cidade sempre tem mais movimento, na roça dá solidão.
(Respondente 1, idoso, 62 anos)

Não tem mulher na roça mais, as moças da roça acabou tudo, não tem movimento, as coisas são paradas. (Respondente 72, jovem, homem, 27 anos)

Se analisadas as representações de campo e cidade, pode-se perceber uma visão mais pessimista quanto ao campo, quando o tema é trabalho e futuro. Mas há outras representações do campo de caráter ambíguo: de um lado se caracteriza o campo como tranquilo, mas, por outro lado, a agricultura é vista como dando pouco retorno financeiro. Também a cidade é retratada pelos rurais de forma dicotômica; nos estudos de Raymond Williams, sobre as representações de campo na Inglaterra, a cidade aparecia associada à ideia de centro de realizações, de saber, de comunicação e luz. Mas havia também as associações negativas. A cidade era tida como lugar de barulho, mundanidade e ambição, enquanto o campo era tido como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11). Em suma, as práticas e as formas de organização do campo e da cidade são diversas. Contudo, as representações que existem de campo e cidade trazem características muito recorrentes.

Assim, as representações relativas ao campo e a cidade, bem como ao urbano e ao rural, podem ser pensadas como categorias relacionais que operam e organizam um sistema de

interdependência constitutiva e funcional. Rambaud (1973) interpretava a representação social acerca da cidade e do campo, dentro de uma perspectiva durkheimiana, concebendo-a como a imagem que os rurais fazem das vantagens e inconvenientes de outra cultura. Embora, o autor reconhecesse que a representação dos rurais sobre a cidade era instrumental e por vezes até mesmo deformada, ele acreditava que os conflitos de imagens por eles manifestados expressavam as tensões entre os valores dos grupos sociais permitindo explicar por que a sociedade rural aceitava ou recusava algumas transformações. Nas representações expostas de forma espontânea, os elementos econômicos surgiram com maior frequência.

3.3 O imaginário reflexivo dos rurais acerca do campo e da cidade

O gradativo e heterogêneo processo de transformação da sociedade rural face à urbana não se estabelece de forma impositiva, como defende Burke (2010), em seu estudo sobre o hibridismo cultural. Na pesquisa realizada por Rambaud (1969), os rurais manifestaram o desejo de assumir um modo de vida mais urbano, em virtude de concebê-lo como sendo menos “sofrido” e “rude”. Também para Burke (2010), como para Rambaud (1969), o processo de urbanização seria antes de tudo mental e se manifestaria de forma segmentada e diferenciada em termos de grupos e indivíduos em uma dada sociedade. Cada indivíduo montaria o seu próprio “canevas”. Rambaud descreve o “canevas” como uma espécie de tela, que poderia ser vista como a estrutura social sobre a qual cada indivíduo poderia imprimir os seus traços, os seus contornos, associando este ato de impregnar o “canevas” com o seu estilo pessoal, ao próprio ato de escolha do indivíduo acerca do que lhe conviesse absorver da cultura urbana. Ou seja, a tela seria a estrutura que serve de base para o indivíduo constituir as suas referências, a sua identidade, mas ela seria flexível, permitindo ao indivíduo fazer escolhas.

Segundo Rambaud (1973), enquanto alguns grupos manifestavam abertura para absorver determinados comportamentos urbanos, outros segmentos, como os homens adultos e idosos, reagiam de maneira hostil à incorporação de elementos da cultura urbana, oferecendo resistência à incorporação da mesma no seu modo de vida. Assim, o autor evidenciava que a heterogeneidade de intensidade com que a cultura urbana era absorvida nas sociedades rurais apontava para o fato de que uma vez que o processo de urbanização multiplicava e dividia os centros de interesse dos rurais, provocava, nos diferentes grupos, reações que ora os aproximavam de determinados grupos urbanos, ora os afastavam. Segundo o sociólogo francês, o processo de urbanização se manifestaria tanto na representação coletiva quanto nos materiais que se expressavam como símbolos sociais para os rurais. Assim, para compreender as

transformações ocorridas no campo, Rambaud (1969) chamava a atenção para a importância de se captar as representações coletivas que os rurais manifestavam em relação a eles mesmos e, também, em relação à cidade e aos cidadãos.

Na pesquisa realizada com os rurais do município de Araponga, seguiu-se o mesmo procedimento adotado por Rambaud (1973), na França: além da opinião espontânea dos rurais sobre determinados temas, solicitou-se aos respondentes um julgamento reflexivo, com tempo para pensarem sobre situações ou os valores, em relação aos quais deveriam manifestar o seu nível de concordância face às assertivas a eles apresentadas. Assim, apresentam-se algumas frases aos respondentes através das quais eles deveriam colocar seu nível de concordância com as mesmas, segundo uma escala de 1 a 5, em que o “1” significava “discordo totalmente” e 5 “concordo totalmente”. A seguir apresentam-se as frases dispostas na tabela 7 com a distribuição das respostas em porcentagem:

Tabela 7: Nível de concordância com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade

	Concordo totalmente (1)	Concordo parcialmente (2)	Não concordo, nem discordo (3)	Discordo parcialmente (4)	Discordo totalmente (5)
Ir muito a cidade melhora a pessoa	40,4%	19,1%	3,2%	1,1%	36,2%
Ir muito a cidade estraga a pessoa	41,5%	22,3%	2,1%	1,1%	33%
A cidade faz as pessoas gastarem mais	94,7%	2,1%		1,1%	2,1%
O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade	78,7%	12,8%	2,1%	2,1%	4,3%
As pessoas da roça também fazem parte da cidade	92,6%	4,3%			3,2%
As pessoas da cidade tratam bem as pessoas da roça quando estes vão a cidade	28,7%	60,6%	1,1%	1,1%	8,5%
Trabalhar na cidade dá mais segurança à pessoa que trabalhar na roça	41,5%	17%	2,1%		39,4%
A cidade muda o jeito das pessoas alimentarem	89,4%	5,3%	1,1%		4,3%
Os alimentos comprados na cidade tornam mais fácil o preparo das refeições	83%	10,6%			6,4%
Ir a cidade desperta o interesse de comprar mais eletrodomésticos e móveis para a casa	81,9%	11,7%	1,1%		5,3%
A ida a cidade desperta o interesse de comprar mais roupas e calçados para uso pessoal	84%	9,6%	1,1%		5,3%
A ida a cidade faz a pessoa comprar mais equipamentos agrícolas e insumos para a propriedade	43,6%	37,2%	5,3%	2,1%	11,7%
Os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural	93,6%	5,3%	1,1%		
A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet	74,5%	13,8%			11,7%
O modo de trabalhar na zona rural está parecido com o modo de trabalhar na cidade	22,3%	23,4%		1,1%	53,2%
O modo de viver na zona rural está parecido com o modo de viver na cidade	28,7%	23,4%			47,9%
As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade	52,1%	20,2%	2,1%	2,1%	23,4%
As pessoas que vivem na cidade têm mais oportunidade de estudar e ter uma profissão a que as pessoas que vivem na zona rural	86,2%	8,5%			5,3%
Os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade	95,7%	3,2%			1,1%
Estudar faz a pessoa subir de vida	67%	28,7%			4,3%
Na cidade existe maior acesso a informação	92,6%	4,3%			3,2%
Assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural	68,1%	19,1%			12,8%
O jovem prefere viver na cidade a que na zona rural	81,9%	14,9%		1,1%	2,1%

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

3.3.1 As assertivas com concordância total da maioria dos rurais

Entre as questões que os rurais manifestaram “*concordância total*” há afirmações referentes à constatação da dinâmica do cotidiano, como afirmações do tipo: “*os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade*”; ou “*os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural*” ou ainda; “*na cidade existe maior acesso a informação*”. Contudo, há, também, manifestações que expressam a concordância as quais se referem a julgamentos de valor, tais como: “*as pessoas da roça também fazem parte da cidade*”, “*o dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade*”; “*assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural*”, ou ainda “*estudar faz a pessoa subir de vida*”, como pode ser visto na tabela 8.

Tabela 8: Concordância total com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade

Os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade	95,7%
A cidade faz as pessoas gastarem mais	94,7%
Os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural	93,6%
Na cidade existe maior acesso a informação	92,6%
As pessoas da roça também fazem parte da cidade	92,6%
A cidade muda o jeito das pessoas alimentarem	89,4%
As pessoas que vivem na cidade têm mais oportunidade de estudar e ter uma profissão a que as pessoas que vivem na zona rural	86,2%
A ida a cidade desperta o interesse de comprar mais roupas e calçados para uso pessoal	84%
Os alimentos comprados na cidade tornam mais fácil o preparo das refeições	83%
Ir a cidade desperta o interesse de comprar mais eletrodomésticos e móveis para a casa	81,9%
O jovem prefere viver na cidade a que na zona rural	81,9%
A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet	74,5%
O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade	78,7%
Assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural	68,1%
Estudar faz a pessoa subir de vida	67%
As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade	52,1%

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Uma das afirmações com maior nível de concordância entre os rurais entrevistados diz respeito à associação que dela se fazia como local de informação: “*Na cidade existe maior acesso a informação*”, 92,6% dos respondentes se posicionaram em total concordância com esta afirmativa. Esta concordância reflete a representação da imagem da cidade como parecer englobar não apenas elementos da vivência local, mas, sobretudo, uma imagem de cidade generalizada pelos contatos (WILLIAMS, 1989). De acordo com este autor, a cidade é considerada como produtora de cultura e como prova da ilimitada capacidade humana e o campo é colocado à sua sombra:

Acho que está igual, a mesma coisa, você vê a questão da tecnologia, hoje você está ligado no mundo, aqui da roça eu levo informação pra cidade. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Ficar sem informação é muito ruim, ter acesso aos meios de comunicação muda até o jeito de pensar, por que quando a gente não tinha rádio, televisão, a gente as vezes tinha até vontade de deixar a roça e ir pra cidade, no tempo que não tinha luz sabe, a gente tinha vontade de deixar tudo e ir pra cidade. Hoje eu não tenho mais vontade, por que se eu quiser ver televisão eu tenho, quero ouvir rádio eu tenho, hoje tenho luz em casa. Então, que eu vou fazer na cidade? Vou continuar morando no meu cantinho sossegado, é melhor. (Respondente 8, adulta, 51 anos)

Na roça não fica tão desinformado também, hoje tem a televisão, rádio que coloca a gente ligado de tudo que acontece, está tudo é igual mesmo, informação chega na roça rápido. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Além de ter sido associada à informação a cidade foi também associada ao estudo e à possibilidade de ascensão social. Para 67% dos entrevistados “*Estudar faz a pessoa subir de vida*”. Contudo, o estudo não foi visto como um fator infalível para as oportunidades de ascensão profissional, como mencionado nas narrativas:

Eu acho que sim, por que hoje, infelizmente quem não tem estudo, é difícil demais para controlar a situação. Hoje qualquer serviço que você for procurar para ter um salário, eles tão exigindo um grau maior de estudo. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Pra quem quer estudar sim, pra quem não quer, não faz subir de vida não, depende da sua vontade, do interesse da pessoa, tem gente que estuda, estuda e morre sem saber das coisas. (Respondente 53, adulto, 35 anos)

Tem gente que estuda muito, forma e vai trabalhar para gente que tem menos estudo que ele, mais analfabeto que o próprio empregado. (Respondente 60, jovem, homem, 29 anos)

Concordo mais ou menos porque as vezes a pessoa que não tem estudo, é criativo, inteligente. De que vale uma pessoa quebrar a cabeça com estudo e não ter destreza com a vida? (Respondente 82, adulto, 45 anos)

Isto vai é da pessoa, as vezes a pessoa estuda a vida inteira e não faz nada para frente. A pessoa tem que ser vivo para livrar dos espertos. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Outra perspectiva expressiva voltou-se para as narrativas que destacavam os aspectos mais instrumentais da cidade, associados à utilidade da mesma, principalmente, como local de

consumo. “*A cidade faz as pessoas gastarem mais*”, 94,7% dos respondentes concordam totalmente com esta afirmativa:

Você pingou fora de casa, já tá gastando. Todo jeito que vira, tá gastando. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

A gente chega na rua⁶, quer comprar tudo o que vê. (Respondente 11, adulta, 31 anos)

Gasta até o que não tem, principalmente quando diz que tá de promoção, a pessoa vê e quer levar. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Às vezes você não vai com a intenção de comprar, mas vê uma coisa e ai já viu, acaba comprando. (Respondente 52, adulta, 37 anos)

A proximidade do modo de vida rural em relação ao citadino se revela de forma bem evidente em relação aos hábitos de consumo referentes à compra de eletrodomésticos e móveis. Para 81,9% dos respondentes “*Ir à cidade desperta o interesse de comprar mais eletrodomésticos e móveis para a casa*”, como pode ser observado nas narrativas:

Ih como desperta, não desperta se não ir. (Respondente 14, adulta, 39 anos)

Você vê mais coisas e se algum conhecido tiver, a pessoa pensa: se fulano tem, eu quero ter também, eu também vou comprar. (Respondente 18, jovem, homem, 17 anos)

Todo ano tá trocando, povo da roça não gosta de coisa velha não. (Respondente 56, adulta, 33 anos)

Como se diz, tudo que não vê passa sem ele, agora vendo sempre, acaba comprando. (Respondente 89, adulto, 36 anos)

Mas não apenas os eletrodomésticos e os móveis apontam para o crescimento dos hábitos de consumo entre os rurais. Os bens não duráveis também reforçam esta aproximação, como se pode constatar através da concordância de 84% dos respondentes em relação à afirmação: “*A ida a cidade desperta o interesse de comprar mais roupas e calçados para uso pessoal*”. Nesta direção, Rambaud (1973) argumentou que a ética do consumo se fortalece no campo em detrimento da ética do trabalho:

⁶ Categoria nativa dos respondentes referindo-se ao espaço citadino, seja do município de Araçatuba, bem como de centros urbanos de outros municípios.

A gente vai na cidade e vê as coisas, põe na ideia e acaba comprando mesmo. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Tudo que os olhos não vê, o coração não deseja, a pessoa olha as coisas e acaba querendo comprar. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Se for muito na cidade, compra mesmo, se eu não for, não vejo, fico quieta por aqui, eu fico com a que tem. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Quando se observa a importância atribuída à compra de TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) a proximidade com o modo de vida urbano se torna ainda mais evidente. Aproximadamente 74% dos respondentes concordaram com a afirmativa “*A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet*”, como se observa nas narrativas que se seguem:

O celular ajuda demais, ele faz uma desordem, na mesma hora que você está aqui, você está em SP. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

O consumo te obriga, a pessoa inventa de comprar um negócio, fica devendo, agride a natureza, por que a pessoa tem que pagar. Por exemplo, celular, pior que a gente precisa, mas pra que cada casa, ter dois, três pra que isto? Isto já passa a ser abuso. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

No que diz respeito ao trabalho a fala dos rurais revelou um sentimento de subordinação e exploração em relação à forma como o fruto do seu trabalho era apropriado pelos citadinos, às vezes encarnados na figura dos atravessadores, como o manifestaram 78,7% dos respondentes ao expressarem a sua total concordância em relação à afirmativa: “*O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade*”, como revelado nas seguintes narrativas:

Sem a roça eles não faz nada, sem os braço forte da roça, das máquinas, todo jeito que vira é da roça mesmo que eles precisa. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

Lógico que eles enriquece, por que a gente da roça colhe um plantio de feijão, vai lá e vende na cidade, eles vende mais caro e ganha o dinheiro com as coisas que é da roça. Pra eles comprar, tem um preço, para vender é outro. (Respondente 11, adulta, 31 anos)

Quando a gente vende aqui, vende baratinho, chega na cidade, eles vende caro. (Respondente 25, adulta, 35 anos)

Enriquece por que é o lugar que tem as coisas pra buscar, segue a lei do consumo. (Respondente 26, jovem, mulher, 27 anos)

Tudo que colhe na roça, leva pra cidade. Na época das panha do café, esses comerciantes ficam tudo doido. Se café desse duas vezes por ano, povo ficava milionário. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Na verdade quem enriquece as custas das pessoas da roça é o atravessador, ele que ganha dinheiro, porque ele compra barato naquele dia e depois vende mais caro pra frente. Hoje café vale 110, mas pra nos eles paga só 90. (Respondente 53, adulto, 35 anos)

Mas a divisão social do trabalho parece, de fato, revelar um descontentamento muito mais relacionado ao sentimento de exploração do mais forte sobre o mais fraco, do que uma oposição identitária entre citadinos e rurais, visto que os respondentes não se viam de forma nenhuma excluídos da dinâmica citadina, antes, acreditavam participar na constituição das cidades, sendo que 92,6% concordavam totalmente com a assertiva: “*As pessoas da roça também fazem parte da cidade*”. Os rurais consideravam a cidade como um prolongamento de sua própria sociedade, como se pode perceber nas narrativas a seguir:

Não tem ninguém que não faz parte, pra você vê, até quando nós morremos, nós vamos pra lá. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

A gente faz parte por que precisa muito dela, do mesmo jeito que eles precisa das coisas que a gente manda pra eles. (Respondente 18, jovem, homem, 17 anos)

Não é porque está lá na roça que está separado, a gente também faz parte da cidade. (Respondente 55, adulta, 42 anos)

Faz demais, você vê que se a gente não for na rua, eles vão ficar é sozinho. (Respondente 70, adulta, 53 anos)

Fazem mesmo, quando está chovendo muito o povo da rua começa a reclamar, mesma coisa quando o café está barato, povo da rua reclama porque o povo da roça compra menos, faz menos movimento na rua. (Respondente 82, adulto, 45 anos)

Embora 92,6% dos rurais tenham avaliado que eles também faziam parte da cidade, 60,6% concordaram parcialmente com a assertiva: “*As pessoas da cidade tratam bem as pessoas da roça quando estes vão a cidade*”, logo assumem ter sofrido situações de preconceito por serem reconhecidos como advindos do campo, como tais:

Nem sempre trata bem, há umas demagogias, é o jeca do mato. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Eu discordo, por que se você chegar muito mal arrumada ou meio suja de poeira na rua, as mulher reparadeira, olha e fala na hora. (Respondente 17, adulta, 34 anos)

Nem todas, tem aquele negócio: o da roça envém ali, é um bobo. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Depende da proximidade e do conhecimento que a pessoa tem com a outra, se for meio desconhecido, as vezes a pessoa da cidade critica o povo da roça. (Respondente 26, jovem, mulher, 27 anos)

Algumas pessoas da cidade, trata a gente igual bicho por conta das nossas mãos calejadas. (Respondente 57, jovem, mulher, 22 anos)

Dentre os fatores apontados pelos rurais como revelando a forte influência da cidade sobre o modo de vida das pessoas estava a alimentação. Em relação à assertiva: “*A cidade muda o jeito das pessoas alimentarem*”, 89,4% dos respondentes concordam totalmente, como visto nas frases que se seguem:

Vê o povo da cidade, eles alimentam muito mal, come muita porcaria, tem gente que não almoça, nem janta. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

A rotina faz mudar, a vida é muito corrida, tem que comer muito lanche, chega na hora da janta pede uma pizza porque não tem tempo para fazer, já na roça, é almoço e janta todo dia e com hora marcada. (Respondente 60, jovem, homem, 29 anos)

Na cidade come menos, come quando dá tempo, na roça a gente vê as coisas e come mais, nossa alimentação é mais forte do que alimentação de gente da cidade. (Respondente 68, jovem, mulher, 29 anos)

No entanto, a constatação de que a cidade muda os hábitos alimentares das pessoas não apresenta apenas aspectos negativos. Diante da assertiva: “*os alimentos comprados na cidade facilitam o preparo das refeições*”, 83% dos respondentes concordaram totalmente com tal afirmativa. Isto revela que o modo de vida rural vem incorporando traços diversos do modo de vida urbano se fazendo inclusive nas variações observadas quanto ao ato de preparar os alimentos, como pode ser visto:

A gente compra um frango lá na rua, ele já vem praticamente pronto, no jeito. Agora na roça, a gente recria uns frangos de granja, ai tem que preparar, tem que matar, limpar, picar, ai eu acho que o alimento da cidade nesta parte facilita. Apesar dele vir gelado de lá, a gente não sabe o jeito que ele foi tratado. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Concordo por que os alimentos que a gente usa quase tudo vem da cidade. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Facilita muito, por que já vem arrumado, cozido, mastigado é só engolir. (Respondente 28, adulto, 50 anos)

Hoje você compra um feijão ele já vem praticamente limpo, as coisas vem quase tudo pronto. (Respondente 63, jovem, homem, 23 anos)

A proximidade dos rurais do modo de vida urbano se revela, ainda, na racionalidade produtiva que penetra o mundo do trabalho. A penetração da tecnologia no trabalho agrícola foi outro aspecto que beirou a unanimidade em termos de aprovação entre os rurais. Aproximadamente 94% afirmaram que “*Os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural*”. Segundo Candido (1997) as relações com base na produtividade passaram a se apoiar mais no conhecimento técnico-científico. Como visto nos comentários seguintes:

Toda maneira ajuda sim, você vê a máquina de panhar café o tanto que rende o serviço. (Respondente 53, adulto, 35 anos)

Na roça hoje todo mundo tem uma maquininha, difícil ver alguém voltando de serviço com enxada na mão, se não ver uma zoeira é porque o povo não está na roça trabalhando. (Respondente 62, idosa, 65 anos)

Folga demais, se tem um serviço que gasta quatro companheiros trabalhando com enxada, com uma roçadeira, faz o serviço todo deles. (Respondente 70, adulta, 53 anos)

As máquinas facilitam muito, porque igual com o café, antes você panhava na mão, agora panha muito mais porque panha com a máquina. (Respondente 71, jovem, homem, 26 anos)

Mas, se o trabalho agrícola foi reconhecido como tendo incorporado a tecnologia, tendo, assim, se tornado menos penoso, por outro lado, pouco mais de 50% dos rurais entrevistados acreditavam que “*O modo de trabalhar na zona rural está parecido com o modo de trabalhar na cidade*”. Aproximadamente 53,2% dos respondentes disseram discordar totalmente de tal afirmativa. Apesar da adoção da técnica, do crédito e das políticas agrícolas assegurarem maior previsibilidade ao agricultor em relação ao futuro, estes ainda consideravam estar em uma posição inferior quando comparado ao trabalho na cidade:

Na roça trabalha na hora que quer, a gente que faz a nossa hora e na cidade o patrão que marca a hora. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Na cidade as pessoas trabalham no computador, só de boa. Na roça, mesmo quando a gente trabalha usando uma máquina, é um trabalho muito mais difícil, sofre mais, trabalha debaixo de sol, chuva, poeira, é bem diferente do da cidade. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Está ficando parecido na questão da tecnologia, por que a roça já está dependendo de tecnologia para produzir e assim ter mais renda. Hoje se você ficar preso na enxada e na foice, rende pouco. (Respondente 26, jovem, mulher, 27 anos)

Não é muito parecido por que na cidade trabalha lá, as vezes mais sentado, na roça demora chegar no serviço, quando chega, tem até que tomar fôlego pra poder começar a trabalhar. (Respondente 43, adulta, 57 anos)

Discordo porque o modo de trabalhar na roça é mais pesado. Eu trabalho na lavoura e o funcionário de banco trabalha no banco, na sombra, sentado. Eu pego no serviço as 7, no banco já é as 10, até as roupas para ir para o serviço são diferentes, não é a mesma coisa. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Na roça trabalha qualquer maneira, põe um boné na cabeça e parte. Na cidade tem que ficar aprontando, tem que sair arrumadinho para o serviço. (Respondente 68, jovem, mulher, 29 anos)

Dentre os fatores levantados como aproximando o modo de vida rural do urbano está o acesso aos meios de transporte. Diante da afirmação: “*Os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade*”, 95,7% dos respondentes concordam totalmente demonstrando que há satisfação com os meios de transportes devido a comunicação que possibilitava em redução do tempo de percurso entre estas duas realidades sócio espaciais. Foi retratado a crescente acessibilidade aos meios de transporte, próprios e públicos, graças a expansão da rede viária no campo, como visto nas narrativas:

Por que facilitou bastante, hoje todo mundo tem um modo de condução para ir, tem o ônibus que leva e que busca na cidade, o modo é mais fácil um pouco para sair por que não depende da condução para ir. A condução que ajudou mais, por que antigamente, se quisesse estudar, tinha que ir a pé e hoje a condução busca na porta. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Na verdade parece que encurta mesmo, por que a pé tudo fica mais longe, ai de nós se não tivesse o meio de transporte. (Respondente 20, adulta, 31 anos)

Carro e moto aqui está a mesma coisa que na cidade, está que nem rua o movimento. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Povo não anda mais a pé não, de primeiro, você via passar o povo na estrada, povo dava carona, agora ninguém anda a pé, quem anda a pé na estrada é gente muito desconhecido. (Respondente 62, idosa, 65 anos)

3.3.2 As assertivas com concordância parcial dos rurais

Entre as questões que apresentaram “ambiguidades no julgamento” dos respondentes por apresentarem tanto uma perspectiva favorável como desfavorável, estavam as assertivas:

Tabela 9: Concordância parcial com assertivas sobre a representação reflexiva do campo e da cidade

Ir muito a cidade estraga a pessoa	41,5%	22,3%	2,1%	1,1%	33,0%
Trabalhar na cidade dá mais segurança à pessoa que trabalhar na roça	41,5%	17%	2,1%		39,4%
Ir muito a cidade melhora a pessoa	40,4%	19,1%	3,2%	1,1%	36,2%

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

As narrativas que se seguem ilustram as representações de caráter ambíguo, as quais consideram tanto os aspectos positivos quanto negativos por parte dos rurais quanto ao significado que atribuem a ir à cidade:

Ir na cidade, quantas coisas novas você não conhece, você aprende mais coisas, te orienta para melhor. Igual a vontade que eu tenho de usar a internet, mas como que eu uso aqui na roça? (Respondente 03, jovem, mulher, 17 anos)

Ir muito na cidade, te desvincula da sua atividade, tende a não valorizar aquilo que você tem. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Tudo que tem que resolver, tem que ir é na cidade, então melhora a mente para ver as coisas, a gente acaba aprendendo mais, pega mais conhecimento das coisas. (Respondente 28, adulto, 50 anos)

Se a pessoa tiver inclinação para mexer com droga, roubo, estas coisas, acaba tirando a pessoa do ramo. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

Melhora na questão do conhecimento, se a gente ficar só aqui, parado, não vai saber das coisas que acontece lá fora a gente vai conversando ali, aprende alguma coisa, pega novas ideias, práticas. A pessoa que não anda, conhece pouco as coisas. (Respondente 48, jovem, homem, 20 anos)

Tem gente que vai na cidade, vai caçar é briga, outra vez, vai la e gasta demais, gasta as vezes o que não tem, gasta sem poder. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Pode-se observar que as avaliações que apontaram para uma associação equilibrada entre as dimensões positivas e negativas de vários aspectos relativos à vida no campo e na cidade parecem relativizar o fato de que o espaço seria determinante para caracterizá-las como melhores ou piores. Tal constatação pode ser observada em relação à assertiva: “*Trabalhar na cidade dá mais segurança à pessoa do que a que trabalhar na roça*”, perante a qual 41,5% dos respondentes disseram concordar totalmente, enquanto 39,4% discordaram totalmente:

Trabalhar em qualquer lugar te dá segurança, negócio é que tem que trabalhar. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

A pessoa que trabalha na roça se tiver ideia certa na cabeça pra planejar as coisas, acho que dá bastante lucro e segurança também. Por que se não planejar direito, não faz nada (Respondente 12, adulta, 30 anos)

Lá na cidade, as pessoas têm direito, tem as coisas mais controladas, trabalhando fixado, aqui na roça, se você machuca, se não procurar recurso, você fica ai, sem comer, sem beber, sem nada. (Respondente 14, adulta, 39 anos)

Concordo, porque muitas vezes a pessoa tem carteira assinada, tem condução na porta, vale transporte e alimentação, mesmo sendo demitido, você ainda recebe os acertos todos. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Dá segurança por que a pessoa se tiver um serviço bom, ele tem aquele dinheiro seguro todo mês. Na roça pra você ter aquele dinheiro pra frente você tem que trabalhar muito e investir no que tem para render. (Respondente 70, adulta, 53 anos)

Dentre os julgamentos com tendência ambivalente, ou seja, que revelaram equilíbrio entre os entrevistados que destacaram aspectos positivos e negativos em relação a uma determinada afirmativa, destacou-se o consumo relacionado ao trabalho. Se o consumo em geral foi associado à influência que o modo de vida urbano revelava sobre o rural, no que diz respeito ao consumo de equipamentos agrícolas e insumos a compra do mesmo não foi associada de forma contundente à influência da cidade. Diante da assertiva “*A ida a cidade faz a pessoa comprar mais equipamentos agrícolas e insumos para a propriedade*”, 43,6% dos respondentes concordam totalmente, enquanto 37,2% concordam parcialmente, argumentando que para eles a compra destes equipamentos poderia ser efetivada sem sair de casa, como retratado nas narrativas:

Nem sempre precisa ir na cidade pra comprar, passa gente vendendo as coisas na porta, quando a gente olha e gosta, eles entrega aqui. (Respondente 17, adulta, 34 anos)

As vezes, tem coisas que você compra que te aliena, você passa a ficar dependente daquilo, tem coisas que as pessoas faziam até com muito mais economia, por exemplo, hoje até balaio de plástico tem, pra não tecer uma taquara, mas um dia estas coisas vão acabar, isto não choca, não cria, não tem semente, isto vai acabar. Quando eu não sei e vocês que tão novo, tem que pensar nisto, degrada a natureza, que ela nunca mais vai voltar a ser a de antes. Insumo agrícola e maquina ajuda em partes, é veneno. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Concordo mais ou menos porque não precisa ir na cidade para comprar estas coisas, tendo necessidade compra até no nosso lugar. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Não é que indo muito na cidade compra mais equipamento, é porque estas coisas compra é depois da colheita conforme a necessidade, isso vai de acordo com os planos da pessoa. (Respondente 55, adulta, 42 anos)

O gradual processo de aproximação entre o modo de vida urbano e rural se constituiu em outra das situações nas quais a avaliação dos rurais equilibrou as posições tendencialmente concordantes e discordantes. No que diz respeito às afirmações: “*O modo de viver na zona rural está parecido com o modo de viver na cidade*” e “*As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade*” aproximadamente 52% dos respondentes disseram concordar totalmente ou parcialmente com estas afirmativas, como pode ser observado nas seguintes frases:

Está mesmo, chegou energia em tudo quanto é canto, eletrodoméstico, celular, enfim, carro e moto, está tudo muito parecido, não está tendo muita diferença. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Isso ai está, tem gente que ainda não evoluiu, mas hoje em dia, se a pessoa quiser ter uma casa, tipo da cidade, qualquer um hoje pode possuir. As facilidades tão tudo igual. Você traz o conforto pra roça. (Respondente 8, adulta, 51 anos)
Mesmo quem está na roça, hoje, questão de alimentação, vestimenta, boas morada, está mais parecido com a cidade. Já foi o tempo que as casa na roça era ruim, povo andava mal vestido, comia o que tinha em casa. Mas, agora virou moda, dia primeiro as coisas eram bem grosseiro, simples, hoje ninguém fica pra trás. (Respondente 62, idosa, 65 anos)

De primeiro o povo da roça morava numa choupana, qualquer pobrezinho hoje tem uma casa boa. As casas eram tampada de sapé e quem tá fazendo a mudança é a lavoura de café, é o que mudou a vida dos pequeno. Sem a lavoura de café não via nada, foi o que fez a parte da roça melhorar, o que ajuda o pobre é o café, o único dinheiro que vem pro pobre, é o dinheiro do café. (Respondente 4, idoso, 68 anos)

Verdade, algumas casas da roça são até melhor que muitas da cidade, hoje na roça cada vez mais, as pessoas têm o conforto da cidade, tem poucas casas ruins, povo está sempre melhorando mais. (Respondente 14, adulta, 39 anos)

As casas tão tudo arrumadinhas, de vez em quando, a gente chega em uns lugares que as casas são tudo uma pertinho das outras, tem casa que tem até muro. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Na roça tem até casa melhor, na cidade tem nego morando em casa de papelão em umas favelas danada. (Respondente 38, adulto, 46 anos)

As casas estão parecidas mesmo, antes, todo mundo tinha é piso de cimento grosso, hoje, é cerâmica em tudo quanto é canto, as casas da roça hoje tão muito ajeitada. (Respondente 42, adulta, 50 anos)

3.4 Notas conclusivas sobre o capítulo

A análise das representações sociais sobre a relação campo cidade consiste em uma importante ferramenta para a compreensão das intensas interações estabelecidas entre o rural e o urbano. Dessa forma, tanto as representações sociais espontâneas quanto as reflexivas permitem decifrar o olhar dos rurais diante da organização e produção do campo e da cidade por meio das linguagens do cotidiano, sendo norteadas por segmentos distintos de análise. Neste contexto, pode-se compreender as motivações do movimento de ir e vir entre campo-cidade, suas intencionalidades e os desdobramentos evidenciados pelo crescente contato entre os modos de vida rural e urbano. Logo, as representações sociais sobre o campo e a cidade, como construções imagéticas decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais, salientam as relações e processos sociais no espaço, pois enfatiza a dinâmica espacial. Assim, as leituras que os indivíduos rurais fazem do espaço a sua volta e do espaço citadino, passam a ser entendidas de uma forma ainda mais rica, haja vista as interações do rural com o urbano.

CAPÍTULO 4

A mobilidade socioespacial dos rurais sob a perspectiva de gênero e geração

O presente capítulo apresenta as características dos deslocamentos realizados pelos moradores do campo do município de Araçuaia, Minas Gerais. Nele se descrevem as finalidades que direcionam os seus deslocamentos e os espaços por eles buscados na cidade, considerando a perspectiva de gênero e de geração. A intenção foi de perceber em que medida a mobilidade socioespacial expressava comportamentos particulares em relação à idade e ao sexo, no que diz respeito à especificidade de suas demandas no espaço ao seu entorno e no ambiente citadino.

4.1 Perfil socioeconômico dos respondentes

Inicia-se este capítulo apresentando o perfil socioeconômico dos participantes da pesquisa. A “Análise Exploratória dos Dados” (AED) foi utilizada para descrever e comparar os conjuntos de dados, sob a perspectiva de gênero e de geração, agrupando os dados em estratos relativos às faixas etárias: o estrato nomeado por “jovens” correspondeu à seleção das faixas etárias de 15 a 29 anos; o dos “adultos” correspondeu aos indivíduos entre 30 e 59 anos e o dos “idosos” aos participantes com 60 e mais anos. As variáveis métricas, como: “idade”, “anos de estudo” e “renda mensal” foram submetidas às análises de média, desvio-padrão (S), valor mínimo e máximo. No que diz respeito às variáveis categóricas (nominais), tais como: “naturalidade”, “estado civil” e “tipo de ocupação”, foram descritas em função da frequência.

No que diz respeito à amostra, ela foi representativa da população, pois os indivíduos que a constituem foram escolhidos por um processo em que todos os membros da população tinham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra. Assim, a amostra representativa da população permite que os resultados sejam confiáveis para avaliar as características da população e que possam ser imputados à população inteira. Portanto, a amostra foi composta por 94 indivíduos: 38% referente à população jovem, 48% aos adultos e 14% aos idosos. Estes estratos etários foram compostos por 52% de homens e 48% de mulheres. Entre os jovens, a grande maioria (70% dos rapazes e 69% das moças) era natural da cidade polo da microrregião: Viçosa. Este se constitui em um marco indicador do vínculo de pertencimento dos jovens à cidade polo da região, desde o nascimento. Já os adultos e os idosos nasceram,

predominantemente, em comunidades rurais do próprio município. As informações descritas podem ser visualizadas na tabela 10.

Tabela 10: Naturalidade dos respondentes

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M*	F**	M	F	M	F
Na comunidade em que reside	5,0	12,5	47,8	59,1	33,3	14,3
Em outra comunidade rural do município	5,0		30,4	22,7	33,3	57,1
Na cidade polo da microrregião	70,0	68,8	8,7	13,6		
Em pequeno município vizinho	20,0	12,5	8,7	4,5	33,3	14,3
No centro urbano do próprio município		6,3				
Em pequeno município da microrregião			4,3			14,3

*M= masculino; F**= feminino

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao estado civil dos participantes, a grande maioria dos jovens era solteira (75% dos rapazes e 62,5% das moças – Tabela 11). Entre os adultos a grande maioria era casada (60,9% dos homens e 63,6% das mulheres). Já no que diz respeito aos idosos, quase 100% dos homens eram casados ou viviam em união estável, contrastando com as idosas, as quais apresentavam um expressivo percentual de viúvas: 57%.

Tabela 11: Estado Civil dos respondentes

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Solteiro (a)	75,0	62,5	8,7	18,2		
Casado (a)	15,0	25,0	60,9	63,6	66,7	42,9
União estável	10,0		21,7	9,1	33,3	
Separado/Divorciado		12,5	4,3			
Viúvo (a)			4,3	9,1		57,1

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao tamanho da família, observou-se que as famílias que vivem no campo seguem a mesma tendência de redução do grupo doméstico encontrado nas famílias que vivem na cidade. A família extensa típica das sociedades rurais se transformou. A média de pessoas por família fica próxima de três, chegando a quatro entre as famílias dos entrevistados mais jovens e caindo para abaixo de três entre as famílias dos entrevistados mais idosos (Tabela 12).

Tabela 12: Número de membros por família

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S*
Jovem	Masculino	20	1	7	4,1	1,4
	Feminino	16	2	8	4,3	1,7
Adulto	Masculino	23	1	7	3,4	1,3
	Feminino	22	1	7	3,7	1,4
Idoso	Masculino	6	2	4	2,8	0,8
	Feminino	7	1	5	2,9	1,5

*S = valor referente ao desvio padrão.

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto à idade, os dados mostraram uma tendência para a igualdade entre homens e mulheres de diferentes gerações e a idade média encontrada foi de: 22 anos para os jovens, 41 anos para os adultos e 70 anos para os idosos. No que se refere aos anos de estudo, observou-se que os jovens do sexo masculino foram os que obtiveram a média mais alta de anos de estudo, superando ligeiramente a média das jovens: 8,30 anos contra 8 anos de estudo. As idosas obtiveram a menor média de anos estudados: 1,29 anos. Outro dado que chamou a atenção foi o retrocesso na quantidade de anos estudados entre os homens adultos quando comparados com os idosos. Ou seja, a ausência do Estado na oferta de oportunidades de estudo na geração dos adultos parece ter sido ainda mais evidente do que na geração dos idosos.

Os dados referentes à educação confirmam a constatação das estatísticas reveladas pelo Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que apontaram que o município estudado possuía o segundo pior IDHM do Estado de Minas Gerais, segundo o Programa das Nações Humanas para o desenvolvimento (PNUD, 2014). A tabela 13 permite observar a situação relatada anteriormente.

Tabela 13: Estatística descritiva da variável “anos de estudo”

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S*
Jovem	Masculino	20	2	15	8,3	3,6
	Feminino	16	3	15	8,0	3,7
Adulto	Masculino	23	0	12	3,6	2,9
	Feminino	22	0	12	3,8	2,4
Idoso	Masculino	6	0	12	4,5	4,2
	Feminino	7	0	4	1,3	1,7

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

A escolaridade da população rural é um dos quesitos importantes na mensuração do processo de transformação da sociedade rural. De acordo com Rambaud (1973), a população que vive no campo, ou pelo menos parte dela, está ciente da importância do estudo na sociedade

contemporânea. No entanto, segundo o mesmo autor, além das falhas do poder público na oferta de oportunidades de estudo para os rurais, existiriam também fatores culturais que contribuiriam para o menor nível de escolaridade dos moradores do campo quando comparados com os citadinos, tais como: a falta de “paciência” dos mesmos para esperar o tempo necessário para o término de uma formação superior; bem como a grande importância que a sociedade rural atribuía ao trabalho, fazendo com que os indivíduos começassem a trabalhar muito cedo.

Em relação ao tipo de ocupação dos respondentes considerou-se como exercendo a “combinação de atividade agrícola e não agrícola” aqueles indivíduos que realizavam atividades, tais como: era agricultor e trabalhava no Sindicato de Trabalhadores Rurais; era empregada doméstica e lavradora; era balconista de comércio e lavrador; era pedreiro e lavrador; era lavrador e vendedor de tapetes; era cabeleireiro e lavrador; era agricultor e terapeuta de medicina alternativa; era agricultor e pedreiro; era administrador público e pecuarista (gado de leite), era agricultor e empresário (dono de fábrica de iogurte)”. Já por “ocupação doméstica” compreendeu-se aquela atividade realizada pelos respondentes homens e mulheres que se dedicavam aos cuidados com o próprio lar.

A “atividade não agrícola” envolveu aqueles respondentes que possuíam ocupações não ligadas à agricultura: “servente de pedreiro em empreiteira; funcionária (o) público; cuidadora de idosos; técnica em saúde bucal (auxiliar de dentista); auxiliar de produção em serralheria; empregada doméstica”. Outra ocupação relatada pelos respondentes foi o “trabalhador assalariado agrícola”, ou seja, aquele que possuía relação assalariada relativa ao trabalho agrícola, como foi o caso de motorista de trator. Os dados mostraram a predominância das atividades agrícolas sobre as demais, sendo que os homens estavam mais envolvidos com elas nos três grupos etários (Tabela 14).

Tabela 14: Tipo de ocupação por geração e sexo

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Agricultor (a) e pecuarista	40,0	37,5	69,6	54,5	50,0	
Estudante	5,0	6,3				
Atividade agrícola e não agrícola	15,0		26,1	4,5	16,7	
Estudante e lavrador	25,0	12,5				
Atividade não agrícola	10,0	6,3		13,6		
Trabalhador assalariado agrícola	5,0					
Doméstica		6,3	4,3	22,7		
Aposentado (a)				4,5	33,3	100,0

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Na realidade pesquisada constatou-se que o rendimento mensal domiciliar declarado pelos respondentes girava, em média, próximo a um salário mínimo e meio (R\$ 1100,00) nas famílias dos entrevistados mais jovens e dos adultos (Tabela 15). Os maiores ganhos foram encontrados nas famílias com idosos, sendo que nas famílias dos entrevistados idosos do sexo masculino o rendimento médio mensal ainda foi superior ao das famílias das idosas entrevistadas: R\$2675,00 contra R\$ 1432,00.

Tabela 15: Rendimento mensal familiar

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	350	2500	1031,0	613,8
	Feminino	16	200	3000	1168,8	781,6
Adulto	Masculino	23	250	7500	1158,7	1495,9
	Feminino	22	300	2500	1034,1	699,7
Idoso	Masculino	6	1450	4000	2675,0	1022,6
	Feminino	7	724	2000	1432,0	371,9

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

De acordo com Rambaud (1973), a monetarização da economia rural, leva ao processual aprofundamento do modo de vida urbano no campo. O trabalho para subsistência vai aos poucos sendo substituído pelo trabalho com segurança de ganho, ou seja, assalariado. Após apresentar o perfil socioeconômico dos respondentes, apresentar-se-á, em seguida, as motivações que orientaram os seus deslocamentos costumeiros para fora dos seus espaços de origem.

4.2 A mobilidade socioespacial dos rurais

É fato que todos nós necessitamos, constantemente, de nos deslocarmos para assegurarmos a nossa reprodução. Segundo Souza (2003), a mobilidade faz parte das pré-condições do desenvolvimento político e cultural de um povo, em virtude das pessoas necessitarem de estar em constante movimento para realizarem diferentes funções como trabalhar, se divertir, ter acesso à educação, às práticas religiosas, bem como consumir bens e serviços. Segundo Froehlich (2002) uma das características da contemporaneidade é a mobilidade espacial e simbólica, que possibilita ao indivíduo se mover entre vários universos culturais e diferentes escalas de espaços e tempos, o que resultaria na constituição de identidades híbridas e plásticas. Este tópico do presente capítulo tem o objetivo de analisar os deslocamentos campo-cidade realizados pelos rurais, assim como, a frequência destes, considerando a perspectiva de gênero e de geração. Analisaram-se variáveis referentes à frequência dos deslocamentos, aos destinos buscados, aos meios utilizados e ao tempo gasto para se deslocar.

4.2.1 O deslocamento para trabalhar

A tabela 16 permite observar a frequência e os locais para onde os rurais se deslocavam, considerando o gênero e a geração. Entre os jovens o deslocamento diário para trabalhar foi maior entre os rapazes do que entre as moças: 70% contra 43,8%.

Tabela 16: Frequência do deslocamento para trabalhar

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	15	50	47,8	45,5	100	100
Mais de 1x/semana	15	6,3	4,3	4,5		
Diariamente	70	43,8	47,8	50		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao deslocamento para trabalhar constatou-se que ele se dava com maior expressividade dentro da própria comunidade, sendo que os rapazes se deslocavam mais que as moças: 45% contra 19%. Em relação aos adultos a situação se inverteu: os homens se deslocavam menos do que entre as mulheres: 26% contra 36%, respectivamente. Já entre os idosos, tanto os homens quanto as mulheres não saíam mais do espaço de origem para trabalhar (Tabela 17).

Tabela 17: Destino do deslocamento para trabalhar

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA*	15,0	50,0	47,8	45,5	100	100
Para a própria comunidade onde reside	45,0	18,8	26,1	36,4		
Para outra comunidade rural do próprio município	20,0	6,3		4,5		
Para o distrito do próprio município		6,3				
Para a própria comunidade e para outras comunidades rurais do município	10,0	18,8	21,7	13,6		
Para o centro urbano do próprio município				4,3		
Para o centro urbano do próprio município e para outras comunidades rurais do próprio município	5,0					
Para outro pequeno município vizinho	5,0					

*Não se aplica (refere-se aos respondentes que não realizam tal ação)

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

No que diz respeito aos meios de transporte utilizados nos deslocamentos realizados pelos rurais para trabalhar, a moto destacou-se como a mais utilizada: 65% dos rapazes entrevistados utilizavam-na para esta finalidade, assim como 26% dos homens adultos, 25% das moças e 18% das mulheres adultas. A moto foi considerada um meio de deslocamento

flexível e veloz em comparação aos demais, sendo que o carro próprio não foi citado como um meio comum de transporte. Dentre os meios de transporte não automotores⁷, como a charrete, as mulheres adultas foram as maiores usuárias (Tabela 18).

Tabela 18: Meio de transporte utilizado para trabalhar

	Respondentes por geração e sexo			
	Jovens		Adultos	
	M	F	M	F
NA	15,0	50,0	47,8	45,5
Carro próprio			4,3	
Moto própria	65,0	25,0	26,1	18,2
Meios de transporte não automotores	20,0	18,8	21,7	36,4
Trator		6,3		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

No que tange ao tempo em minutos gasto para se deslocar até ao trabalho, os rapazes gastavam, em média, mais tempo do que as moças, fato compreensível já que eram eles que mais se deslocavam para fora da comunidade com esta finalidade: 15,5 minutos contra 13,4 minutos⁸. Em relação aos respondentes adultos⁹, observou-se que os homens eram aqueles que gastavam, em média, menos tempo para se deslocar, enquanto as mulheres adultas corresponderam ao grupo que gastou mais tempo para se deslocar (Tabela 19). A posse e o uso preferencial da moto e do carro por parte dos homens pode constituir em um fator explicativo deste fato.

Tabela 19: Tempo em minutos ao deslocar para o trabalho

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	0	50	15,5	13,3
	Feminino	16	0	40	13,4	15,7
Adulto	Masculino	23	0	30	11,4	12,6
	Feminino	22	0	120	16,3	28,2
Idoso	Masculino	6	0	0	0,0	0,0
	Feminino	7	0	0	0,0	0,0

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

⁷ A categoria analítica “meios de transporte não automotores” refere-se aos meios de transporte: charrete; carroça, carro de boi, bicicleta, andar a pé e a cavalo.

⁸ Os valores de desvio padrão entre os jovens do sexo masculino foram inferiores à média revelando que estão concentrados em torno do tempo médio. Já entre as jovens o desvio padrão apresentou-se superior aos valores de tempo médio, demonstrando que os tempos gastos estão dispersos em torno da média.

⁹ Os tempos mínimo e máximo de deslocamento dos homens adultos foram respectivamente de 0 e de 30 minutos, com tempo médio de 11,4 minutos. O desvio padrão foi superior ao valor da média, logo assume-se que os tempos gastos não se concentram em torno do tempo médio. Em relação ao sexo feminino o tempo mínimo e máximo oscilou entre 0 e 120 minutos, com tempo médio de 16,3 minutos para se deslocar até ao local de trabalho. O valor de desvio padrão foi superior em relação ao tempo médio gasto afirmando que os tempos gastos para se deslocar entre as mulheres estão variando em torno da média, logo se encontram dispersos.

Sintetizando, em relação à mobilidade para trabalhar observou-se que os jovens e os adultos de ambos os sexos se deslocavam diariamente dentro da própria comunidade para exercerem as suas atividades laborais. O meio de transporte mais utilizado era a moto, excetuando na condição das mulheres adultas que utilizavam meios de transporte não automotores para se deslocarem para o trabalho no próprio município, gastando para isto a maior média de tempo de todos os grupos geracionais.

4.2.2 O deslocamento para estudar

Quanto ao deslocamento para estudar, este mostrou-se restrito aos jovens, embora mesmo entre eles pouco frequente¹⁰. Observou que a maioria dos rapazes (65%) e das moças (75%) nunca se deslocavam para estudar. Entre os jovens que estudavam, a maior frequência era para escolas do próprio município, mas constatou-se também o vínculo com a Escola Família Agrícola, que funcionava sob regime de alternância, no qual os jovens passavam 15 dias internos na escola e 15 dias em atividades práticas desenvolvidas na propriedade do aluno (Tabela 20).

Tabela 20: Frequência e destino do deslocamento para o estudo

Respondente	Sexo	Variável	Descrição	%
Jovem	Masculino	Frequência	Nunca	65
			Mais de uma vez por semana	5
			Diariamente	15
			Mais de uma vez por mês	15
		Destino	NA	65
			Para o distrito do próprio município	15
			Para outro pequeno município vizinho	5
			Para a própria comunidade onde reside	5
	Feminino	Frequência	Para outra comunidade rural do próprio município	5
			Para comunidade rural de outro pequeno município vizinho	5
		Destino	Nunca	75
			Diariamente	25
			NA	75
			Para o distrito do próprio município	12,5
Para o centro urbano do próprio município	6,3			
Para outro pequeno município vizinho	6,3			

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao meio de transporte utilizado pelos jovens para estudar, os rapazes utilizavam mais o transporte público do que as moças: 25% contra 12,5%, respectivamente (Tabela 21). Este

¹⁰ Foi mencionado por um respondente adulto do sexo masculino o deslocamento para realização de qualificação contínua através da participação em cursos e eventos sobre medicina alternativa, com frequência mensal. Nota-se que os valores de desvio padrão são numericamente superiores aos da média. O conjunto de dados referente aos tempos do deslocamento para o estudo comportam-se de maneira dispersa em torno da média, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

fato é explicado em função deles estudarem em um percentual superior ao delas. Em relação ao tempo gasto para o deslocamento da residência até ao local de estudo¹¹, a média de deslocamento dos rapazes foi de 18 minutos e das moças de 3,12 minutos, porque elas estudam mais perto de onde moram.

Tabela 21: Tempo em minutos ao deslocar para o estudo

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	0	120	18,0	32,9
	Feminino	16	0	20	3,1	6,2

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.2.3 O deslocamento para o consumo

4.2.3.1 O deslocamento para a realização de compras de uso pessoal

O deslocamento com fins de adquirir produtos para uso pessoal como roupas e calçados, seja mensalmente ou algumas vezes por ano, é uma realidade entre todas as gerações dos respondentes. Entre os jovens ele é maior entre os rapazes (90%) do que entre as moças (87,5%). Quanto aos adultos, os homens deslocam-se menos para as atividades de consumo do que as mulheres: 73,9% contra 90,9%, respectivamente. A mesma tendência se mantém entre os idosos: 50% dos senhores se deslocavam para consumir contra 85,7% das senhoras. Segundo Candido (1997), o consumo assinala as mudanças nos modos de vida do caipira paulista face ao avanço do processo de urbanização dos bens de consumo antes produzidos a nível doméstico, os quais passam cada vez mais a serem substituídos por *itens* comprados fora da propriedade.

Em termos do consumo mais assíduo (uma vez por mês), entre os jovens, as moças se deslocavam-se para consumir mais (37%) do que os rapazes (20%). A mesma tendência de gênero se mantém entre os adultos (23% das mulheres se deslocam para fins de consumo contra 9% dos homens) e os idosos (43% das mulheres contra 17% dos homens). Ou seja, os deslocamentos mais frequentes para realizar atividades de consumo de uso pessoal têm uma clara marca de gênero, sendo que as mulheres idosas são as que mais se deslocam para este fim, seguidas das moças: 43% contra 37% (Tabela 22). Entre os que menos se deslocam com fins de consumo, os idosos do sexo masculino destacam-se: 50% deles que nunca se deslocam para consumir.

¹¹ O máximo encontrado entre os jovens do sexo masculino foram 120 minutos com tempo. Já entre as jovens estudantes o tempo máximo demandado foi de 20 minutos.

Tabela 22: Frequência do deslocamento para compras de uso pessoal

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	10,0	12,5	26,1	4,5	50,0	14,3
Uma x/mês	20,0	37,5	8,7	22,7	16,7	42,9
Mais de 1x/mês	5,0	6,3		4,5		28,6
Algumas x/ano	65,0	43,8	65,2	68,2	33,3	14,3

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto aos destinos procurados para a realização das compras de uso pessoal, os deslocamentos realizados tendo como destino o *distrito do próprio município de origem* (Estevão de Araújo, figura 3) foram mais realizados pelas mulheres adultas e pelas idosas: 50% e 43%, respectivamente. Na figura 4, têm-se uma visão panorâmica do distrito de Estevão de Araújo, situado no fundo de um vale.

Figura 3 - Distrito de Estevão Araújo



Fonte: <http://araponga.mg.gov.br/site/>

Figura 4- Vista aérea do distrito de Estevão Araújo



Fonte: Google Earth (2015)

Quem mais se deslocava para consumir produtos de uso pessoal no *centro urbano do próprio município* (Araponga, figura 5) eram as Senhoras idosas: 57%. Quando se considera o deslocamento para *outros pequenos municípios vizinhos* (Ervália e Canaã) percebe-se que os homens adultos seguidos pelas moças eram os que mais se deslocavam: 35% contra 31% (Tabela 23). Os deslocamentos para o município polo da microrregião não foram expressivos chamando a atenção para a importância da rede de pequenos municípios como suporte para o comércio de uso pessoal daqueles que vivem no campo em pequenos municípios.

Figura 5 - Região central da sede municipal de Araponga



Fonte: <http://araponga.mg.gov.br/site>

Na Figura 6, têm-se uma imagem aérea do centro urbano de Araponga cercado pelas lavouras de café (atividade agrícola predominante no município).

Figura 6- Imagem aérea do centro urbano de Araponga, MG.



Fonte: Google Earth (2015)

Tabela 23: Destino do deslocamento para compras de uso pessoal

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	10,0	12,5	26,1	4,5	50,0	14,3
Para o distrito do próprio município	25,0	37,5	30,4	50,0	16,7	14,3
Para o centro urbano do próprio município	20,0	6,3	4,3	4,5		14,3
Para outros pequenos municípios vizinhos	10,0	31,3	34,8	22,7		14,3
Para a cidade polo da microrregião			4,3	9,1		
Para o distrito do próprio município e para o centro urbano do próprio município	15,0			13,6	16,7	42,9
Para o distrito do próprio município e para outro pequeno município vizinho		6,3				
Para o distrito do próprio município, para a cidade polo da microrregião e para o centro urbano do próprio município	10,0			4,5		
Para o centro urbano do próprio município e para outro pequeno município vizinho	5,0	6,3			16,7	
Para outro pequeno município vizinho, para o centro urbano do próprio município e para cidade polo da microrregião	5,0					
Para a própria comunidade e para o distrito do próprio município				4,5		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto aos meios de transporte utilizados para as compras de bens de uso pessoal, 65% dos rapazes e 43,5% dos homens adultos utilizavam a moto. Já as mulheres utilizavam mais o ônibus: 25% das moças, 54% das mulheres adultas e 43% das Senhoras. As moças eram as que mais utilizavam os meios de transporte não automotores. Já o carro era mais utilizado pelos Senhores idosos: 33,3%. Observa-se, portanto, que os homens detinham um maior acesso aos meios de transporte com maior flexibilidade e autonomia de deslocamento, como a moto e o carro. Já as mulheres utilizavam os meios de transporte com maior dependência de horário, como o ônibus, ou mais lentos, como os meios não automotores (Tabela 24).

Tabela 24: Meio de transporte utilizado para realizar compras de uso pessoal

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	10,0	12,5	26,1	4,5	50,0	14,3
Carro próprio	5,0	18,8	13,0	9,1	33,3	28,6
Moto própria	65,0	12,5	43,5	27,3	16,7	
Ônibus de linha	10,0	25,0	8,7	54,5		42,9
Meios de transporte não automotores	10,0	25,0	8,7	4,5		
Meios de transporte automotores combinados		6,3				
Carro alugado						14,3

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Entre os jovens o tempo médio para o deslocamento da residência até ao local onde eram realizadas as compras para uso pessoal¹², foi menor entre os rapazes: 32 minutos contra 37 minutos. Todavia os rapazes se deslocavam por mais tempo: 120 minutos contra 75 minutos, o que pode indicar que eles se deslocavam para mais longe quando comparado com as moças. Entre os adultos, o tempo médio de deslocamento foi menor entre os homens do que entre as mulheres: 31 minutos contra 53 minutos, respectivamente. Quanto aos idosos, o tempo médio de deslocamento dos homens foi menor do que o das mulheres: 12 minutos contra 38 minutos. Confirmou-se, assim, a tendência para o deslocamento em menor tempo por parte dos homens de todas as gerações. Tal observação pode estar relacionada ao fato de serem eles considerados os usuários preferenciais do carro e da moto dentro da família.

Tabela 25: Tempo em minutos ao deslocar para comprar *itens* de uso pessoal

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	0	120	32,4	35,0
	Feminino	16	0	75	36,9	24,4
Adulto	Masculino	23	0	80	31,1	24,6
	Feminino	22	0	110	53,2	25,8
Idoso	Masculino	6	0	50	12,5	19,4
	Feminino	7	0	90	38,6	30,2

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Concluindo, no que se refere ao ato de se deslocar para fazer compras de uso pessoal, como roupas e calçados, constatou-se a baixa frequência da mobilidade. As idosas eram as que mais se deslocavam. O distrito do próprio município foi o destino de maior deslocamento para os jovens de ambos os sexos e para as mulheres adultas. Depois do distrito municipal, o local para o qual havia maior deslocamento foi a sede do centro urbano do próprio município, como se observou no caso das idosas. Fica evidente, portanto, a importância do comércio a nível local para a vida dos rurais. Já os homens adultos e os idosos buscavam mais os pequenos municípios

¹² O tempo máximo em minutos para o deslocamento da residência até ao local onde eram realizadas as compras para uso pessoal entre os jovens do sexo masculino foi de 120 minutos. O desvio padrão foi 34,9 minutos, ou seja, os tempos gastos estão dispersos em torno do tempo médio. Já entre as moças, o tempo máximo demandado foi de 75 minutos. O desvio padrão foi de 24,3 minutos demonstrando que os tempos gastos entre as jovens mulheres estavam próximos do tempo médio. O tempo máximo de deslocamento dos homens adultos foi de 80 minutos e das mulheres de 110 minutos. Em ambos os casos os valores de desvio padrão são considerados baixos revelando portanto, que os tempos gastos entre os respondentes adultos se concentram em torno do tempo médio. Quanto aos Senhores idosos o tempo máximo de deslocamento foi de 50 minutos. O valor do desvio padrão foi de 19,4 minutos, numericamente superior ao tempo médio, dessa forma, os tempos gastos são dispersos ao se considerar o tempo médio. Entre as idosas o máximo de tempo gasto foi de 90 minutos. O valor de desvio padrão foi inferior ao tempo médio podendo assumir que os tempos gastos realmente giram em torno do tempo médio, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

vizinhos para realizarem as suas compras de uso pessoal. Os meios de transporte utilizados pelos homens de todas as gerações eram os veículos próprios. No caso dos jovens e dos adultos, era a moto, e no caso dos idosos, era o carro. As mulheres utilizavam o transporte coletivo ou no caso das moças, utilizavam, também, os meios de transporte não automotores. Daí se entender o porquê do tempo gasto nos deslocamentos ter sido maior entre as mulheres do que entre os homens.

4.2.3.2 O deslocamento para fazer compras para a casa

Em relação ao ato de se deslocar para fazer compras para a casa, como de alimentos e produtos de limpeza, os homens, adultos e idosos, foram os maiores compradores, seguidos pelas idosas, o que sugere que a renda, como a da aposentadoria pode exercer uma forte influência em relação a quem realiza as compras para a casa (Tabela 26). O fato do homem sustentar a imagem de ser o provedor da casa, dá sentido aos elevados percentuais relacionados com as compras realizadas por eles.

Tabela 26: Frequência do deslocamento para compras de uso doméstico

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	50,0	62,5	8,7	45,5	16,7	28,6
Mais de 1x/semana						14,3
Uma x/mês	25,0	25,0	56,5	45,5	16,7	42,9
Mais de 1x/mês	20,0	12,5	34,8	9,1	66,7	14,3
Algumas x/ano	5,0					

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto aos locais procurados para comprar bens para a casa, os homens de todas as gerações e as idosas buscavam o centro urbano do próprio município. Por seu turno, as moças (19%) e as mulheres adultas (23%) buscavam o distrito local para fazerem as suas compras (Tabela 27). Talvez, pelo fato de terem menor poder econômico e por ser mais fácil obter crédito por serem da própria comunidade. Observou-se, ainda, que em relação ao consumo de bens domésticos o município supria as principais demandas dos moradores do campo.

Tabela 27: Destino do deslocamento para compras de uso doméstico

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	50,0	62,5	8,7	45,5	16,7	28,6
Para o distrito do próprio município	10,0	18,8	17,4	22,7	33,3	14,3
Para o centro urbano do próprio município	15,0	6,3	30,4	4,5	50,0	42,9
Para outro pequeno município vizinho	5,0	6,3	21,7	4,5		14,3
Para a própria comunidade	10,0	6,3	13,0	9,1		
Para outra comunidade rural do próprio município	5,0		4,3	13,6		
Para a própria comunidade e para outro pequeno município vizinho	5,0		4,3			

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

No que diz respeito à forma de se deslocar, a moto foi o meio de transporte mais usado para fazer compras para a casa pelos homens adultos e pelos rapazes. Já os homens idosos usavam mais o carro. Quanto às mulheres apenas as idosas tinham maior acesso ao uso do carro (próprio ou alugado). O ônibus de linha foi o meio mais comum para as mulheres adultas fazerem compras para a casa (Tabela 28).

Tabela 28: Meio de transporte utilizado para realizar compras domésticas

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	50,0	62,5	8,7	45,5	16,7	28,5
Carro próprio	10,0	6,3	17,4		50,0	28,6
Moto própria	35,0	6,3	47,8	13,6	16,7	
Ônibus de linha		18,8	4,3	31,8		
Meios de transporte não automotores	5,0	6,3	21,7	9,1		14,3
Carro alugado					16,7	28,6

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Em relação ao tempo para o deslocamento da residência até ao local onde eram realizadas as compras para o lar¹³, os rapazes gastaram menos tempo (9,5 minutos), em média, do que as moças (12,6 minutos – Tabela 29). Entre os homens adultos o tempo médio de deslocamento para a realização de compras para a casa foi maior do que o das mulheres: 29

¹³ O tempo máximo de deslocamento em minutos entre os jovens do sexo masculino e feminino foi de 60 minutos. O desvio padrão em ambos os casos é considerado numericamente superior aos valores da média, ou seja, os tempos gastos estão dispersos em torno do tempo médio. O tempo máximo gasto também pelos homens e pelas mulheres adultos foi de 60 minutos. Já os homens idosos gastavam o máximo de 25 minutos para se deslocarem para fazer compras para a casa contra 40 minutos das idosas. Os valores de desvio padrão do tempo do deslocamento entre os homens adultos e idosos são considerados baixos revelando portanto, que os tempos gastos entre estes se concentram em torno do tempo médio. Já os valores de desvio padrão entre as mulheres adultas e idosas é numericamente superior ao tempo médio, logo, os tempos gastos estão dispersos em torno do tempo médio, como pode ser visualizado na tabela abaixo.

minutos contra 19 minutos. Este fato pode estar associado ao fato das mulheres fazerem compras no próprio distrito, enquanto os homens se deslocam para o centro urbano do próprio município. Entre os idosos, tal como entre os jovens, os homens também gastaram menos tempo (média de 10 minutos) do que as mulheres (média de 18 minutos) para se deslocarem para fazer compras para a casa.

Tabela 29: Tempo em minutos ao deslocar para realizar compras para a casa

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	0	60	9,5	15,7
	Feminino	16	0	60	12,6	23,7
Adulto	Masculino	23	0	60	29,0	21,9
	Feminino	22	0	60	18,8	24,4
Idoso	Masculino	6	0	25	10,3	8,8
	Feminino	7	0	40	17,9	18,2

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.2.3.3 O deslocamento para a realização de compras para a propriedade

Em relação ao deslocamento para a realização de compras para a propriedade, tais como insumos agrícolas e equipamentos, este configurou-se como predominantemente masculino e efetivado maioritariamente pelos homens adultos e pelos idosos (Tabela 30). Esta não era uma incumbência nem dos rapazes e menos ainda das moças. Tão pouco era das mulheres adultas e das Senhoras idosas.

Tabela 30: Frequência do deslocamento para realizar compras para a propriedade

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	65,0	100	13,0	81,8	16,7	100
Uma 1x/mês	15,0		8,7		33,3	
Mais de 1x/mês					16,7	
Algumas x/ano	20,0		78,3	18,2	33,3	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao local de realização das compras para a propriedade este era feito predominantemente dentro do próprio município e das comunidades e distritos que o compunham. Excetuando no caso dos adultos homens que buscavam pequenos municípios vizinhos (Tabela 31).

Tabela 31: Destino do deslocamento para realizar compras para a propriedade

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	65,0	100	13,0	81,8	16,7	100
Para o distrito do próprio município	25,0		17,4	18,2	16,7	
Para o centro urbano do próprio município	5,0		8,7			
Para o distrito do próprio município e para outra comunidade rural do próprio município	5,0					
Para outros pequenos municípios vizinhos			34,8		33,3	
Para outra comunidade rural do próprio município			4,3			
Para o distrito do próprio município e para outro pequeno município da microrregião			8,7			
Para a própria comunidade, para outra comunidade rural e para outro pequeno município da microrregião			4,3			
Para o distrito do próprio município e para outro pequeno município vizinho			8,7			
Para cidade polo de outra microrregião, para cidade polo da microrregião e para o distrito do próprio município					16,7	
Para o distrito do próprio município e para cidade polo da microrregião					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.2.4 O deslocamento em busca de serviços de saúde

Quanto à busca por serviços de saúde como a ida em médicos e/ou dentistas notou-se um claro recorte de gênero, com as mulheres se deslocando muito mais do que os homens, com exceção dos idosos, estrato no qual os Senhores se deslocavam mais em busca de atendimento médico das Senhoras. Entre os jovens observou-se que, 100% das moças se deslocavam com esta finalidade contra 60% dos rapazes. Entre os adultos, 91% das mulheres contra 48% dos homens. Já entre os idosos, 71,4% das Senhoras buscavam os serviços de saúde contra 83% dos Senhores. Em relação à frequência mensal do deslocamento em busca dos serviços de saúde esta foi muito mais regular entre as mulheres do que entre os homens, com exceção dos idosos, faixa etária em que a percentagem de busca foi maior entre os homens. A pesquisa mostrou que entre as jovens o deslocamento mensal foi de 50%, entre as mulheres adultas de 68% e entre as idosas caiu para 43%. Já entre os homens, apenas 30% dos jovens e dos homens adultos buscavam os serviços de saúde no mínimo uma vez no mês. Entretanto, este percentual subia para 50% entre os senhores idosos (Tabela 32).

Tabela 32: Frequência do deslocamento para atendimento à saúde

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	40,0	50,00	52,2	9,1	16,7	28,6
Uma 1x/mês	30,0		17,4	68,2	50,0	42,9
Mais de 1x/mês		18,8	4,3	4,5		
Algumas x/ano	30,0	31,3	26,1	18,2	33,3	28,6

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto ao local com maior demanda para a prestação dos serviços relacionados com a saúde, o município de residência foi o mais procurado por homens e mulheres de todas as gerações, com exceção dos idosos. Em particular, os homens, que buscavam, em um percentual acima de 50%, os serviços mais especializados no centro urbano do município, cidade polo da região e na capital do Estado (Belo Horizonte). As idosas combinavam mais as idas ao posto de saúde da comunidade (Figura 7), bem como ao centro urbano do próprio município, como também à cidade polo da microrregião. (Tabela 33)

Figura 7- Unidade Básica de Saúde da comunidade rural dos Estouros em Araponga, MG.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 33: Destino do deslocamento para buscar serviços de saúde

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	40,0		52,2	9,1	16,7	28,6
Para o distrito do próprio município	5,0					
Para o centro urbano do próprio município	30,0	56,3	8,7	27,3		14,3
Para outros pequenos municípios vizinhos	5,0		8,7	4,5		
Para a própria comunidade	5,0			4,5		
Para a cidade polo da microrregião		18,8		4,5	33,3	14,3
Para outra comunidade rural do próprio município		12,5	13,0	22,7		
Para outra comunidade rural do próprio município e para a cidade polo da microrregião	10,0	6,3	8,7	18,2		14,3
Para a própria comunidade e para a cidade polo da microrregião						14,3
Para outra comunidade rural do próprio município e para o centro urbano do próprio município	5,0			4,5		
Para o distrito do próprio município e para outro pequeno município vizinho		6,3				
Para o centro urbano do próprio município e para a cidade polo da microrregião				4,5	16,7	14,3
Para o centro urbano do próprio município, para a cidade polo da microrregião e para cidade polo de outra microrregião			8,7			
Para a cidade polo da microrregião e para a capital do estado de Minas Gerais					16,7	
Para o distrito do próprio município, para o centro urbano do próprio município e para a cidade polo da microrregião					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto aos meios de transporte utilizados para buscar serviços de saúde, no que diz respeito aos homens de todas as gerações, estes continuaram utilizando os veículos próprios, como o carro e a moto. Já entre as mulheres a utilização sobretudo do carro sobe quando comparado com o uso do mesmo para outras finalidades, principalmente, entre as mulheres adultas e as senhoras idosas (Tabela 34).

Tabela 34: Meio de transporte utilizado para buscar serviços de saúde

	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	40,0		52,2	9,1	16,7	28,6
Carro próprio	5,0	18,8	13,0	9,1	50,0	42,9
Moto própria	45,0	18,8	17,4	27,3		
Ônibus de linha	5,0	6,3	4,3	13,6		
Meios de transporte não automotores		25,0	4,3	18,2		
Carro alugado	5,0	6,3	4,3	18,2		28,6
Transporte público mantido pela prefeitura		6,3		4,5		
Meios de transporte automotores combinados		12,5			16,7	
Microônibus municipal para atendimento à saúde		6,3	4,3		16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Em relação ao tempo gasto de deslocamento da residência até ao local onde eram prestados os serviços ligados à saúde¹⁴, os homens, gastaram menos tempo, com exceção dos idosos (Tabela 35). O tempo médio de deslocamento dos rapazes foi de 14 minutos contra 43 minutos das moças. Entre os adultos, os homens também gastaram menos tempo (29 minutos) do que as mulheres (41 minutos) de deslocamento procurando atendimento à saúde. Quanto aos idosos, o tempo médio de deslocamento dos homens foi maior (55 minutos) do que o das mulheres (42 minutos) pelo fato deles precisarem ir em centros urbanos mais distantes.

Tabela 35: Tempo em minutos ao deslocar em busca de serviços de saúde

Respondente	Sexo	Frequência	Mínimo	Máximo	Média	S
Jovem	Masculino	20	0	90	14,2	23,1
	Feminino	16	5	120	42,8	32,8
Adulto	Masculino	23	0	120	29,6	42,0
	Feminino	22	0	110	40,8	33,9
Idoso	Masculino	6	0	90	55,0	29,5
	Feminino	7	0	120	42,1	48,5

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.2.5 O deslocamento para realizar serviços bancários

O município em estudo contava, com quatro agências funcionando no formato de posto avançado, ou via Correios; ou via lotérica. Lidar com dinheiro, para os rurais entrevistados, mostrou-se uma atribuição dos adultos e dos idosos, em geral (Tabela 36).

¹⁴ O tempo máximo em minutos utilizado entre os rapazes para se deslocar em busca de atendimento à saúde foi de 90 minutos. O desvio padrão apresentado foi 23,1 minutos superior ao tempo médio. Pode-se concluir que o conjunto de valores referente aos tempos é disperso em torno do tempo médio. Entre as jovens mulheres o tempo mínimo foi de 5 minutos e o máximo de 120 minutos. O desvio padrão foi de 32,8, logo inferior à média e assim os tempos utilizados no deslocamento giram em torno do tempo médio gasto entre as mulheres. Entre os adultos, o tempo máximo de deslocamento para atendimento à saúde gasto pelos homens foi de 110 minutos. O desvio padrão pode ser considerado alto podendo se assumir que os tempos não foram próximos do tempo médio utilizado entre os homens. Já entre as mulheres adultas o tempo máximo de deslocamento foi de 110 minutos. Entre os idosos, O máximo de tempo gasto no deslocamento foi de 25 minutos, enquanto entre as mulheres foi de 120 minutos. Os valores de desvio padrão do tempo do deslocamento entre as mulheres adultas e idosos homens são considerados baixos revelando portanto, que os tempos gastos entre estes estão próximos do tempo médio. Entre as idosas o tempo máximo foi 120 minutos com valor médio de 42,14 minutos. O valor de desvio padrão é numericamente superior ao tempo médio, logo, os tempos gastos estão dispersos em torno do tempo médio.

Tabela 36: Frequência do deslocamento para realizar serviços bancários

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	50	75	30,4	36,4	14,3	14,3
Uma 1x/mês	35	18,8	43,5	63,6	66,7	85,7
Mais de 1x/mês	5		4,3		16,7	
Algumas x/ano	10	6,3	21,7		16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Observou-se que a frequência de deslocamento predominante para a realização dos serviços bancários foi mensal, estando os fluxos vinculados predominantemente ao centro urbano do próprio município, como pode ser observado nas Tabelas 36, 37 e na figura 8.

Figura 8: Pessoas aguardando a abertura de uma das agências bancárias em Araponga.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 37: Destino do deslocamento para realizar serviços bancários

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	50	75	30,4	36,4		14,3
Para o centro urbano do próprio município	35	18,8	34,8	50	33,3	71,4
Para a cidade polo da microrregião	10		4,3	4,5	16,7	
Para o centro urbano do próprio município e para a cidade polo da microrregião	5		8,7		16,7	
Para outros pequenos municípios vizinhos		6,3	17,4	4,5	16,7	14,3
Para pequeno município vizinho e para outro município da microrregião			4,3		33,3	
Para o centro urbano do próprio município e para outro pequeno município vizinho				4,5		
Para a cidade polo da microrregião e para outro pequeno município vizinho					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.2.6 O deslocamento para realizar atividades de lazer

Segundo Rambaud (1973) o lazer é uma prática própria da “Cultura Urbana”, que se expandiu da cidade para o campo, em função de ter sido na cidade que o tempo do não trabalho se demarcou mais precocemente em detrimento do campo, onde o trabalho era realizado de forma contínua, sem demarcações para o descanso. Neste *item* apresentam-se as atividades realizadas pelos rurais no seu tempo de não trabalho. Do conjunto destas atividades, a ida a bares, a “vendas/botecos” e a festas guardavam um claro recorte de gênero. Embora entre os jovens fossem realizadas independentemente do sexo, entre os adultos e idosos, tais práticas tinham um corte de gênero, sendo realizados basicamente por homens (Tabela 38).

Tabela 38: Prática e frequência do deslocamento para o lazer, segundo o sexo e a geração

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nunca	5,0	25,0	43,5	54,5	16,7	85,7
Uma x/semana	45,0	12,5	13,0	13,6		
Mais de 1x/semana	20,0	6,3	30,4	13,6	33,3	
Diariamente	15,0		4,3			
Uma x/mês	5,0	31,3	4,3		50,0	14,3
Mais de 1x/mês	10,0	6,3	4,3	4,5		
Algumas vezes/ano		18,8		13,6		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Os espaços buscados por jovens e adultos do sexo masculino situavam-se na própria comunidade, enquanto as moças se dirigiam ao centro urbano e os idosos se deslocavam para o distrito do próprio município. Stropasolas (2006) mostrou, no seu estudo no Sul do Brasil,

mostrou que as moças daquela região não queriam casar-se com rapazes que viviam no campo, em função de não desejarem reproduzir a sina das mães. Talvez este fato explique o maior deslocamento das moças para a cidade, quando comparado com os rapazes.

Tabela 39: Destino do deslocamento para o lazer

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	5,0	25,0	43,5	54,5	16,7	85,7
Para a própria comunidade	25,0	18,8	34,8	13,6	16,7	
Para outra comunidade rural do município	5,0		13,0	4,5		
Para o distrito do próprio município	5,0				33,3	
Para o centro urbano do próprio município e para outros pequenos municípios vizinhos	5,0	6,3				14,3
Para o centro urbano do município, para a própria comunidade e para outras comunidades rurais do município	15,0	6,3				
Para a comunidade, outras comunidades, o centro urbano do munic., a cidade polo da microrregião e outros munic. Vizinhos	5,0					
Para o centro urbano do município, para outro pequeno município vizinho e para outras comunidades rurais do município	5,0			4,5		
Para o distrito do próprio município, para o centro urbano do próprio município e para a própria comunidade	5,0					
Para o distrito do município, para o centro urbano do próprio município e outras comunidades rurais do município	10,0				16,7	
Para a comunidade, outras comunid. rurais, o centro urbano do município, outro município vizinho e o distrito do munic.	5,0		4,3			
Para a própria comunidade e para outras comunidades rurais do próprio município	5,0		4,3			
Para outras comunidades rurais do município e para o centro urbano do próprio município	5,0					
Para o centro urbano do município		25,0		13,6		
Para a cidade polo da microrregião		6,3				
Para outro pequeno município vizinho e para o distrito do próprio município		6,3				
Para o centro urbano do município, para outros pequenos municípios vizinhos e para a própria comunidade		6,3		9,8		
Para o centro urbano do próprio município, para outro pequeno município vizinho e para município de outra microrregião					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Os meios de transporte utilizados para o lazer entre os rapazes era a moto. Os homens adultos usam meios não automotores confirmando a situação de deslocamento para a própria comunidade. Já os homens idosos deslocavam –se de carro próprio.

Tabela 40: Meio de transporte utilizado para o lazer

	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	5,0	25,0	43,5	54,5	16,7	85,7
Carro próprio		18,8	4,3	9,1	66,7	14,3
Moto própria	75,0	25,0	17,4	13,6	16,7	
Ônibus de linha						
Meios de transporte não automotores	15,0	18,8	34,8	18,2		
Carro alugado		6,3				
Carona	5,0	6,3		4,5		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Principalmente, os jovens e os idosos, principalmente, mencionaram, ainda, outras atividades de lazer, tais como: sair para trocar ideias com os amigos, participar no campeonato de futebol, namorar, ir a velório, ir a lanhouse e dar uma volta na praça. A diversão é um termo comumente utilizado pelos respondentes para se referirem a atividades prazerosas com caráter de distração. Por isso, a diversão é associada por eles ao lazer.

4.3 Encurtando as distâncias entre o campo e a cidade: o uso crescente dos meios de transporte

Os dados apresentados anteriormente evidenciaram um fato facilmente perceptível na vivência cotidiana das pessoas: quando o deslocamento é realizado por meio de veículos privados a mobilidade efetiva-se de forma mais rápida e flexível. Foi justamente isto que os dados desta pesquisa mostraram: aqueles que deslocavam-se com maior facilidade e agilidade eram os homens, em função dos mesmos terem a posse dos meios de transporte, principalmente, a moto, no caso dos rapazes e dos homens adultos, e do carro, no caso dos senhores idosos. Já entre as mulheres, a condição das idosas de acesso aos meios de transporte com maior flexibilidade de horário, como o carro, próprio ou de aluguel, era muito maior do que o das mulheres adultas, chegando a 43% delas. Já entre as mulheres adultas 45,5% delas utilizavam mais o ônibus para sair de casa (Tabela 41).

Tabela 41: Meio de transporte mais utilizado pelo respondente

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Carro		12,5	17,4	4,5	33,3	42,9
Moto	95	43,8	65,2	31,8	50	
Ônibus	5	25		45,5		28,6
Meios de transporte não automotores		18,8	17,4	18,2		14,3
Carro pago					16,7	14,3

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Através da figura 9, é possível visualizar a diversidade dos meios de transportes utilizados pelos habitantes do campo de Araponga.

Figura 9- Mosaico de fotos dos meios de transporte utilizados pelos habitantes do campo de Araponga.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Ao se avaliar o grau de satisfação que os homens e as mulheres de diferentes gerações manifestavam em relação ao meio de transporte que mais utilizavam para se deslocar, observou-

se algo semelhante ao descrito por Bourdieu (1977), ao afirmar que as pessoas faziam da necessidade virtude, ou seja se conformavam com os padrões normativos e as possibilidades de renda com que contavam para ter acesso a um ou outro meio de transporte. Dito de outra forma, os insatisfeitos com as suas condições de transporte não ultrapassaram o percentual de 30%. Todavia, os mais satisfeitos foram os homens e as mulheres idosas que contavam com maior possibilidade de escolha em relação ao meio de transporte a ser utilizado nos seus deslocamentos (Tabela 42).

Tabela 42: Avaliação em relação ao meio de transporte utilizado para se deslocar para a cidade

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Insatisfeito (a) por ter uma moto e não um carro	10,0	12,5	4,3			
Meio satisfeito (a) com a moto, mas gostaria de ter um carro	20,0	12,5	21,7	9,1	16,7	14,3
Satisfeito (a) por ter tanto moto quanto carro	5,0		4,3			
Satisfeito (a) por ter uma moto	55,0	18,8	30,4	18,2	33,3	
Meio satisfeito (a) por usar ônibus	5,0	12,5	4,3	9,1		14,3
Insatisfeito (a) por usar ônibus	5,0	6,3	4,3	4,5		
Satisfeito (a) por ter um carro		12,5	17,4	9,1	50,0	28,6
Insatisfeito (a) por não ter meio de transporte próprio		12,5		13,6		
Satisfeito (a) por andar a pé		6,3	4,3	9,1		
Satisfeito (a) por usar ônibus		6,3		27,3		14,3
Satisfeito (a) por andar a cavalo ou charrete			8,7			
Satisfeito (a) por poder pagar um carro						28,6

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Fazer da necessidade virtude foi sem dúvida mais característico na fala das mulheres, como se pode observar a seguir, nas narrativas retiradas de 27% das mulheres adultas, que se encontravam satisfeitas por usar o ônibus como principal meio de transporte.

Tem que tá satisfeita, porque é a única condução que a gente pode usar. O ônibus tá quase caindo aos pedaços, mas é o que leva e traz a gente. (Respondente 14, adulta, 39 anos)

Por que antes nem tinha o ônibus, tinha que andar a pé, tô satisfeita assim, a gente não pode reclamar muito das coisas não. (Respondente 27, adulta, 51 anos)

Eu tô satisfeita, porque sempre que a gente anda de ônibus, você anda mais a vontade, anda no meio de muita gente, dá para bater um papo durante a viagem. De moto anda mais sozinho, fora que dependendo do lugar que você chega, fica preocupado com a moto por conta do lugar que deixou. (Respondente 39, adulta, 38 anos)

Aqui se não fosse o ônibus, não tem outro jeito, se não tivesse ele, tava perdida, ele sempre tá ali disponível. (Respondente 40, adulta, 40 anos)

Já a moto foi muito expressiva, principalmente, na fala dos rapazes e dos homens adultos, como observado através das seguintes narrativas.

Tô satisfeito demais. Aquela dali é mulher minha, minha paixão, já pulo nela, me carrega pra todo que é lado. Ela é minha namorada, para todo lado que eu toco ela, ela vai. (Respondente 16, jovem, homem, 21 anos)

Satisfeito. Antes dependia dos outros para levar, agora não, é só falar, já vou em tal lugar e sair, a moto é rápida e econômica demais. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Tô muito satisfeito, porque a moto é meu quebra galho, meu ganha pão, me vale na hora que eu preciso. (Respondente 60, jovem, homem, 29 anos)

Eu tô muito satisfeito, porque a moto ajuda muito, se tem alguma coisa para resolver, rapidinho vai e volta. Se for esperar ônibus de horário demora muito e nem sempre tem os horários que serve pra gente. (Respondente 73, adulto, 37 anos)

Já a satisfação com o carro, próprio ou alugado fez parte da fala dos Senhores idosos e das Senhoras idosas, que se mostraram satisfeitos por ter condição financeira para possuírem um carro ou alugá-lo, como pode ser observado nas narrativas que se seguem:

Por que é um carro bom, tem tração e bom desempenho, além de ser carro próprio. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

O carro é meu companheiro. Para mim ele é minha ferramenta de trabalho, não importa se é novo ou velho, o que importa é que ele me leva e me traz, não é para mostrar não, é para conduzir mesmo. Um carro novo, como um carro velho, pra mim não tem diferença nenhuma, se bem que o carro velho ainda é melhor, ele é menos visto e ele eu posso usar, eu pego lenha ponho dentro dele, eu pego saco, pego cimento, eu busco calcário, busco adubo, agora carro só para olhar ai não, ai não, não vale nada. Olhar eu olho na estrada. Hoje pra mim, é praticamente impossível viver sem carro. É questão de necessidade, não é de luxo não. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

A gente vai, quer resolver as coisas com calma, paga a uma pessoa, ele espera a gente com paciência, vai feliz, chega feliz, eu pago satisfeita para ir mais tranquila. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Percebeu-se que a dinâmica do deslocamento campo-cidade no pequeno município de Araponga também sofre forte interferência dos seus aspectos morfológicos. Ou seja, a própria configuração do terreno atua como um fator limitante às possibilidades de deslocamento dos

habitantes do campo. A região pertence à Serra da Mantiqueira (domínio geomorfológico dos mares de morro) é constituída por escarpas, recebendo denominações regionais de Serra do Boné, Serra do Brigadeiro, das Cabeças, entre outras. Nessas áreas serranas com longas declividades são frequentes os afloramentos rochosos, destacando-se pães de açúcar, paredões rochosos e frontões modelados. Na parte central do município, o relevo mostra-se bastante diversificado apresentando alternâncias entre serras e planaltos. Nas superfícies regulares com topografia suavizada formam-se bacias de acumulação de sedimentos.

Isto se clarifica ao perceber que os homens apresentam uma mobilidade ampliada em relação às mulheres, devido as facilidades de transporte que possuem, rompendo os limites espaciais entre o campo e a cidade. Já as mulheres por dependerem de meios de transporte alheios ou coletivos, apresentam mobilidade restrita e os deslocamentos neste município com relevo predominantemente acidentado, torna-se dificultado. Na figura 10, apresenta-se um mosaico de fotos relativo à paisagem geográfica do município em questão.

Figura 10- Mosaico de fotos de algumas paisagens geográficas de Araponga, MG.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

4.4. Notas conclusivas sobre o capítulo

Observou-se, que no campo, de fato, há um aumento na mobilidade, com a ampliação da intensidade dos fluxos dos indivíduos para espaços do seu entorno e para os centros urbanos, do próprio município como daqueles circunvizinhos. A renda da economia cafeeira revelou ser um fator relevante para a escolha do tipo de transporte a ser utilizado. Esta renda combinada a

programas do governo, como o bolsa família, o PRONAF e a aposentadoria rural, mostrou-se capaz de manter grande parte dos membros da família na própria comunidade ou no próprio município.

Segundo Guerrero (2003), no período pós-fordismo houve um crescimento da mobilidade, com a descentralização dos centros de produção e de consumo e com o crescimento da interação territorial. O mesmo autor ressalta ainda, que as cidades, lócus de diversos deslocamentos, exercem influências para além de seus limites espaciais, e esse fato está relacionado com as facilidades de transporte para os deslocamentos que se realizam.

Neste contexto, assume-se que o uso dos meios de transporte, sejam próprio ou coletivo permitem a interação entre espaços de origem e destino, no caso das relações campo-cidade influenciam diretamente na acessibilidade dos rurais a cidade, estreitando as relações e flexibilizando as fronteiras entre estas porções espaciais. A mobilidade apresentou peculiaridades quanto ao gênero, mas não de geração. Os homens foram os habitantes do campo que mais se deslocam buscando o centro urbano do município e outros pequenos municípios vizinhos, principalmente por estes possuírem os meios de transporte e renda numericamente superior do que as mulheres. Já as mulheres apresentaram o deslocamento circunscrito ao distrito do município. Em suma, com a melhoria das vias de acesso a cidade e funcionamento em larga escala dos meios de transporte houve vantagens para o deslocamento campo cidade.

CAPÍTULO 5

A mobilidade socioespacial dos rurais e as influências sobre o seu modo de vida.

As transformações pelas quais o modo de vida dos rurais vem passando desde o fim da Segunda Guerra Mundial têm sido estudadas, sobretudo, sob o prisma dos impactos advindos do processo de modernização e de difusão de tecnologia dirigido à agricultura. Neste capítulo, buscou-se compreender a conformação do modo de vida dos rurais na atualidade a partir da influência dos deslocamentos por eles realizados. Para tanto, retomou-se, aqui, o quadro conceitual com os tipos ideais de “*Modo de vida urbano*” e “*Modo de vida rural*”, apresentado no *Capítulo 1* desta dissertação, utilizando-o, na perspectiva de um suporte teórico, capaz, apenas, de delimitar tendências.

A apropriação deste quadro conceitual serviu, portanto, apenas para realçar a direção em que determinadas práticas referentes à vida dos rurais se aproximavam mais de um ou outro “modo de vida”. Assim, o uso deste quadro conceitual não teve a pretensão de afirmar que o modo de vida dos rurais pode ser caracterizado como urbano ou rural, mas apenas identificar as direções apontadas pelas mudanças ocorridas nos modos de vida das pessoas que vivem no campo. Neste capítulo se analisa a forma como a possibilidade de deslocamento se relaciona com as várias facetas dos modos de vida dos rurais.

5.1 A relação do deslocamento com a Escolaridade

De acordo com Rambaud (1973) uma das variáveis mais importantes na mensuração do processo de transformação da sociedade rural é a escolaridade. Segundo o referido autor, o processo de expansão da “*Cultura Urbana*” faz com que a população que vive no campo ou pelo menos parte dela, compreenda a importância do estudo na sociedade contemporânea. Na presente pesquisa constatou-se que apenas os jovens estudavam e mesmo entre eles era muito alto o percentual daqueles que não estudavam: 65% entre os rapazes e 75% entre as moças. A média dos anos de estudo entre os rapazes foi de 8,3 anos e das moças 8,0¹⁵. Se considerarmos que 95% dos rapazes e 44% das moças tinham acesso à moto, não parece haver limitação dos jovens ao estudo devido aos meios de transporte. Ainda mais se observarmos as outras opções de transporte disponíveis, como: ônibus, carro, charrete, cavalo e bicicleta. O mesmo se

¹⁵O número de anos de estudo variou de modo geral entre 0 e 15 anos.

considerarmos a intensidade dos fluxos dos indivíduos para os espaços do seu entorno e para os centros urbanos do próprio município ou dos municípios circunvizinhos. Ou, seja, o baixo deslocamento para estudar parece revelar mais uma faceta cultural do que uma impossibilidade.

Conforme Rambaud (1973) em sua pesquisa realizada na França, na década de 1960, a busca pela escolarização revela uma faceta da penetra da Cultura Urbana no campo, em função de apontar para um reconhecimento por parte dos rurais da necessidade cada vez maior de estudar além do primário para aprender uma profissão, além daquela de agricultor. Assim, nos estudos realizados por Rambaud, a busca pelo ensino secundário e técnico passou a ser percebida como permitindo ao habitante do campo inserir-se num processo complexo de mobilidade profissional, cultural e espacial (RAMBAUD, 1973). Todavia, o autor realçava que mesmo procurando estudar mais, os jovens rurais buscavam mais o ensino técnico, mais voltado para o mundo do trabalho manual, além de buscarem a entrada mais precoce no mundo do trabalho do que os citadinos. Os rurais não valorizariam um longo tempo de formação escolar, dado que as tradições rurais engrandeciam condutas práticas, em que o trabalho seria privilegiado em relação ao estudo. Os dados apresentados a seguir na tabela 43, reforçam a interpretação de que no pequeno município rural de Araponga, de economia cafeeira, o “modo de vida rural”, marcado pela maior valorização do trabalho do que pelo estudo, continua mais forte do que o “modo de vida urbano”, não tendo tido a possibilidade de deslocamento interferência neste âmbito.

Tabela 43: Escolaridade dos indivíduos que estudam na família

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA*	40,0	50,0	39,1	45,5	83,3	100
Cursando Ensino Médio	5,0	6,3	4,3			
Cursando Ensino Fundamental	20,0	31,3	43,5	40,9	16,7	
Cursando Ensino Fundamental e Médio	30,0	6,3	4,3			
Cursando Educação Infantil e Ensino Fundamental	5,0					
Cursando Ensino Médio e Graduação		6,3				
Cursando Ensino Fundamental e Graduação			4,3	9,1		
Cursando Graduação e Pós Graduação			4,3			
Cursando Educação Infantil				4,5		

* Não se aplica (refere-se aos respondentes que não realizam tal ação)

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

5.2 A relação do deslocamento com o trabalho

Em relação à “variável trabalho” pode-se perceber pela Tabela 44 que se segue que o trabalho remunerado representa em média 31% do trabalho realizado pelos membros das famílias entrevistadas. Assim, o trabalho agrícola concretizado na própria propriedade mostrou-se largamente majoritário. O trabalho remunerado foi maior entre os jovens que entre os adultos, sendo, ainda, mais expressivo entre os rapazes que entre as moças. Entre os adultos ele mostrou-se percentualmente superior entre as mulheres: 32% contra 22%. Assim, pode-se perceber que o acesso aos meios de transporte e a possibilidade de deslocamento não incidiram de forma decisiva sobre o trabalho realizado fora da propriedade. Por isso, a mobilidade espacial não se constituiu um fator determinante para alterar o tipo de trabalho típico do modo de vida rural: a agricultura.

Quanto às principais ocupações não agrícolas destacaram-se: servente de pedreiro em empreiteira, serviçal em escola, servente de pedreiro, guarda parque (PESB), funcionária da UBS (Unidade Básica de Saúde), comerciante, professora, vereador, pedreiro, cabelereiro, cuidadora de idosos, auxiliar de dentista; auxiliar de produção em serralheria e pedreiro, motorista e administrador público (prefeito).

Tabela 44: Ocupações remuneradas entre os membros da família

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	55,0	75,0	25,0	68,2	100	85,7
Trabalho na roça como diarista	5,0					
Trabalho não agrícola	35,0	25,0	17,4	18,2		14,3
Trabalho assalariado agrícola	5,0		4,3	4,5		
Pluriatividade				9,1		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Fazendo menção ainda às questões do trabalho, Rambaud (1973) destaca que o trabalho no campo operaria de acordo com o tempo natural, diferente do tempo social, da cidade. Nesse sentido, a transição de uma sociedade de economia agrícola não monetarizada para a sociedade capitalista, introduziria mudanças nas noções de tempo, ditando um novo conceito de trabalho. Em uma sociedade onde prepondera relações de trabalho de base familiar e nível comunitário é de se esperar que o modo de vida rural prevaleça forte. Os dados que se seguem na tabela 45 mostram a importância do trabalho realizado em nível da própria comunidade de origem do indivíduo.

Tabela 45: Frequência do deslocamento para trabalhar segundo a geração do respondente

	Jovens	Adultos	Idosos
NA*	11	21	13
Para a própria comunidade onde reside	12	14	
Para outra comunidade rural do próprio município	5	1	
Para o distrito do próprio município	1		
Para a própria comunidade e para outras comunidades rurais do município	5	8	
Para o centro urbano do próprio município			
Para o centro urbano do próprio município e para outras comunidades rurais do próprio município	1		
Para outro pequeno município vizinho	1		
TOTAL	36	45	13

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Reforça-se, assim, a percepção de que o acesso aos meios de transporte, não é um meio utilizado para buscar trabalho fora do lugar de origem. Tal situação pode estar ligada ao fato de a renda familiar ser suficiente para satisfazer as necessidades básicas, bem como os desejos e interesses que os indivíduos possuem. A Tabela 46 mostra a importância da renda advinda da atividade agropecuária nas famílias das pessoas entrevistadas.

Tabela 46: Principal fonte de renda da família

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Atividade agropecuária	70,0	62,5	82,6	54,5	50	
Trabalho assalariado ligado a atividade agrícola	5,0			13,6		
Trabalho assalariado ligado a atividade não agrícola	10,0	6,3	4,3	9,1		
Benefícios do governo	15,0	25,0	8,7	22,7	50	100
Atividade não agrícola		6,3	4,3			

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Conclui-se, assim, pelos dados apresentados, que a atividade agrícola realizada no próprio município, assim como o recebimento da aposentadoria têm se repercutido em termos da circunscrição do trabalho em âmbito local. Na figura 11, apresenta-se um mosaico de fotos das atividades agropecuárias desenvolvidas no município em estudo. Entre as propriedades que trabalhavam com a agricultura, o café era a principal fonte de receitas para a família.

Figura 11: Mosaico de fotos das principais atividades agrícolas realizada em Araponga, MG.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

No que tange à presença de benefícios do governo percebeu-se que todos os agrupamentos familiares da presente investigação acessavam ou recebiam algum benefício. A tabela 47 mostra que nas famílias dos entrevistados o “bolsa família” era recebido por 27,6% delas, a “aposentadoria e a pensão” por 23,4% e “a combinação do recebimento de vários benefícios” fazia parte da vida de 19% das famílias. Menos de 40% das famílias dos entrevistados, não tinha qualquer recebimento de benefício, o que ajuda a compreender a possibilidade da maior parte dos entrevistados de manterem uma dinâmica de trabalho em nível local, trabalhando com agricultura na própria propriedade e ainda recebendo algum tipo de benefício econômico por parte do Estado, como mostram os dados das duas tabelas que se seguem.

Tabela 47: Presença no grupo familiar de benefício do governo

Respondentes por geração e sexo	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Nenhum	40,0	31,3	30,4	31,8		
Bolsa família	35,0	31,3	30,4	31,8		
Aposentadoria	5,0	18,8	8,7	9,1	50,0	71,4
Pensão	5,0	31,3	13,0	4,5		
Auxílio saúde	5,0					
Combinação de diversos benefícios sociais	10,0	12,5	17,4	22,7	50,0	28,6

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

A seguir apresentam-se os dados relativos às atividades desenvolvidas na propriedade, os quais permitem perceber que aproximadamente 70% dos entrevistados viviam em famílias que realizavam atividades agrícolas e que 30% deles apenas viviam no campo, mas não desenvolviam atividades agrícolas.

Tabela 48: Atividades desenvolvidas na propriedade

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Agropecuária	50,0	68,8	60,9	68,2	83,3	57,1
Agricultura, pecuária leiteira e psicultura	10,0		4,3			
Apenas moradia	30,0	31,3	30,4	31,8	16,7	42,9
Agricultura e psicultura	5,0					
Agricultura, pecuária de corte e eucalipto	5,0					
Agricultura, pecuária leiteira e agroindústria			4,3			

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Os dados apresentados neste capítulo, demonstram que os deslocamentos rotineiros realizados pelos rurais não se voltaram de forma significativa para as finalidades de “estudo” e “trabalho”, apontando, assim, para o predomínio de um “modo de vida rural” no que tange a estas duas dimensões. O próximo tópico apresenta a relação dos deslocamentos costumeiros com as práticas relativas ao consumo.

5.3 O deslocamento dos rurais voltado para o consumo: os efeitos para o modo de morar

Para Candido (1997), a entrada dos rurais no mercado de consumo se estabelece a partir da monetarização dos seus modos de vida, seja através da comercialização dos excedentes agrícolas, bem como pelo incremento da renda por fontes diversas, como o desenvolvimento de atividades assalariada e o recebimento de benefícios. Bens e serviços passam a ser amplamente consumidos pelos habitantes do campo, o que corresponde, segundo Rambaud (1973), a um dos mais expressivos retratos da transformação do modo de vida rural. Para este autor, a condição de consumidores atuaria aproximando a cultura urbana dos modos de vida dos rurais. Assim, o acesso dos rurais a bens de consumo e serviços introduziria no campo uma lógica não mais do trabalho voltado para a subsistência. A monetarização introduz o tempo futuro na vida dos rurais: tempo para planejar as aplicações, os investimentos vindouros, como a reforma da casa, a compra de eletrodomésticos, etc. De acordo com Wanderley (2009), a condição de consumidores aproxima os habitantes do campo dos da cidade. Essa paridade seria fruto da integração da sociedade rural à economia e sociedade global. No entanto, essa

integração não se estabeleceria de forma uniforme no campo, já que existiriam desigualdades e diferenciação entre os grupos sociais que habitam este espaço.

No capítulo 4 observou-se que a mobilidade dos rurais para fazer compras pessoais, para a casa e para a propriedade movimentava a vida de toda a família. Contudo, essa dinâmica de deslocamento era realizada dentro de recortes de gênero e geração: os homens adultos e os idosos eram aqueles que realizavam as compras para a propriedade e para a casa, sendo seguidos pelas idosas neste último *item*. Quanto às compras de uso pessoal todos os outros segmentos, rapazes, moças, mulheres adultas e idosas a realizam, sendo muito pouco expressiva a participação dos homens adultos e idosos neste quesito. O deslocamento para o consumo destes produtos para uso pessoal, bem como para a casa ou para a propriedade se efetivava, quase que exclusivamente, a nível local, estando circunscrito ao âmbito do próprio município e de outros pequenos municípios circunvizinhos. O tempo gasto para a aquisição destes bens de consumo não ultrapassava, no geral, os trinta minutos.

Ao se observar o consumo para a casa, percebeu-se uma grande percentagem de consumo voltado para eletrodomésticos, bem como para as tecnologias da informação e comunicação, como a televisão e o celular. A tabela que se segue mostra que os eletrodomésticos presentes em maior proporção nos domicílios foram: a televisão (98,9%), seguido da antena parabólica (97,9%), o fogão a gás (97,9%), a geladeira (94,7%), o liquidificador (94,7%), o tanquinho ou máquina de lavar roupa (91,5%), o celular (84%), o ferro elétrico (72,3%), o DVD (61,7%), aparelho de som (59,6%). Notou-se, no entanto, que o fogão a lenha continuava presente em (90,4%) dos domicílios e que o rádio, outrora muito presente nos domicílios rurais, encontrava-se, apenas, em pouco mais da metade das residências dos pesquisados (56,4%). Talvez pelo fato da sua programação poder ser ouvida no celular. Tal como o rádio, a máquina de costura outrora muito utilizada para fazer as roupas de toda a família estavam presentes em apenas 30,6% dos domicílios rurais.

Já no que refere à posse da televisão, antena parabólica, fogão a gás, geladeira, liquidificador e até mesmo do tanquinho e da máquina de lavar roupa, percebeu-se que os domicílios rurais tinham amplo acesso a esses bens de consumo. Percebe-se, assim, que o modo de morar dos rurais entrevistados se mostrava bastante próximo daquele encontrado nas cidades (Figura 12).

Figura 12- Mosaico de fotos sobre o consumo nos domicílios rurais.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

A mesma situação se passou em relação à posse do celular. Observou-se que no campo em estudo, 84% dos domicílios rurais o possuíam, realidade que há muito pouco tempo atrás¹⁶ era marcadamente citadina. De acordo com os dados da PNAD (2011), 61,7% dos domicílios rurais do Estado de Minas Gerais possuíam o celular. Estes dados mostram, portanto, que no que se refere à esfera do consumo de eletrodoméstico e de tecnologias de uso pessoal as diferenças entre o campo e a cidade vem se atenuando, sendo o deslocamento campo-cidade um instrumento para efetivação desta proximidade.

Autores como, Graziano da Silva (1997), Veiga (2004), Wanderley (2009), apesar de utilizarem abordagens distintas, concordam que o processo de reestruturação da vida no campo se estabeleceu devido ao encurtamento de distâncias a partir das inovações em comunicação e transporte. O acesso dos habitantes do campo a bens de consumo e serviços urbanos introduz uma lógica de futuro e investimento no campo, fazendo com que o trabalho e,

¹⁶ Esta avaliação se dá também, em relação às observações e às impressões da pesquisadora frente as transformações ocorridas no campo e vivenciadas pela mesma.

consequentemente, o dinheiro passem a adquirir um novo sentido, saindo de uma lógica de subsistência para uma lógica voltada para o consumo (RAMBAUD, 1969).

Quanto à posse de computador e acesso à internet, observou-se que os domicílios rurais pesquisados não tinham amplo acesso a estes bens. Apenas 6,4% deles possuíam computador e somente 2,1% deles tinham acesso à internet. Quanto à posse de meio de transporte de maior percentagem entre os domicílios rurais foi a moto (76,6%) seguido da bicicleta (37,2%), carro (31,9%), cavalo (21,3%) e trator (20,2%).

Tabela 49: Eletrodomésticos e meios de transporte nos domicílios rurais (continuação)

	N° de domicílios que possuem	%	Quantidade	%
Televisão	93	98,9	0	1,1
			1	74,5
			2	19,1
			3	5,3
DVD	58	61,7	0	38,3
			1	60,6
			2	1,1
Som	56	59,6	0	39,4
			1	56,4
			2	3,2
			3	1,1
Rádio	53	56,4	0	42,6
			1	50
			2	6,4
			3	1,1
Máquina de costura	29	30,6	0	60,9
			1	30,1
Computador	6	6,4	0	93,6
			1	6,4
Internet	2	2,1	-	-
Antena parabólica	92	97,9	0	2,1
			1	90,4
			2	7,4
Celular	79	84	0	16,0
			1	30,9
			2	26,6
			3	13,8
			4	9,6
			5	2,1
			6	1,1
Telefone fixo	8	8,5	0	91,5
			1	8,5
Fogão a gás	92	97,9	0	2,1
			1	94,7
			2	3,2
Forno elétrico	9	9,6	0	90,4
			1	9,6
Fogão a lenha	85	90,4	0	9,6
			1	87,2
			2	3,2
Microondas	10	10,6	0	89,4
			1	10,6
Geladeira	89	94,7	0	5,3
			1	93,6
			2	1,1
Freezer	17	18,1	0	81,9
			1	17,1
Ventilador	7	7,4	0	92,6
			1	7,4
Liquidificador	89	94,7	0	5,3
			1	93,6
			2	1,1
Batedeira	29	30,9	0	69,1
			1	30,9

Tabela 50: Eletrodomésticos e meios de transporte nos domicílios rurais (conclusão)

	Nº de domicílios que possuem	%	Quantidade	%
Tanquinho ou máquina de lavar	86	91,5	0	8,5
			1	83
			2	8,5
Ferro elétrico	68	72,3	0	26,6
			1	71,3
			2	2,1
Moto	72	76,6	0	23,4
			1	56,4
			2	16
Carro	30	31,9	3	4,3
			0	68,1
			1	28,7
Trator	19	20,2	2	2,1
			0	79,8
			1	19,1
Cavalo	20	21,3	2	1,1
			3	1,1
			4	1,1
			0	78,7
Bicicleta	35	37,2	1	14,9
			2	4,3
			3	8,5
			1	1,1

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Na avaliação dos rurais de todas as faixas etárias a ida à cidade é em um fator motivador para o gasto com a aquisição de bens relacionados com os modos de morar dos cidadãos, como mostra a tabela 51 com a avaliação que fizeram sobre este fato.

Tabela 51: Avaliação dos rurais sobre a influência da cidade no consumo de eletrodomésticos e de móveis

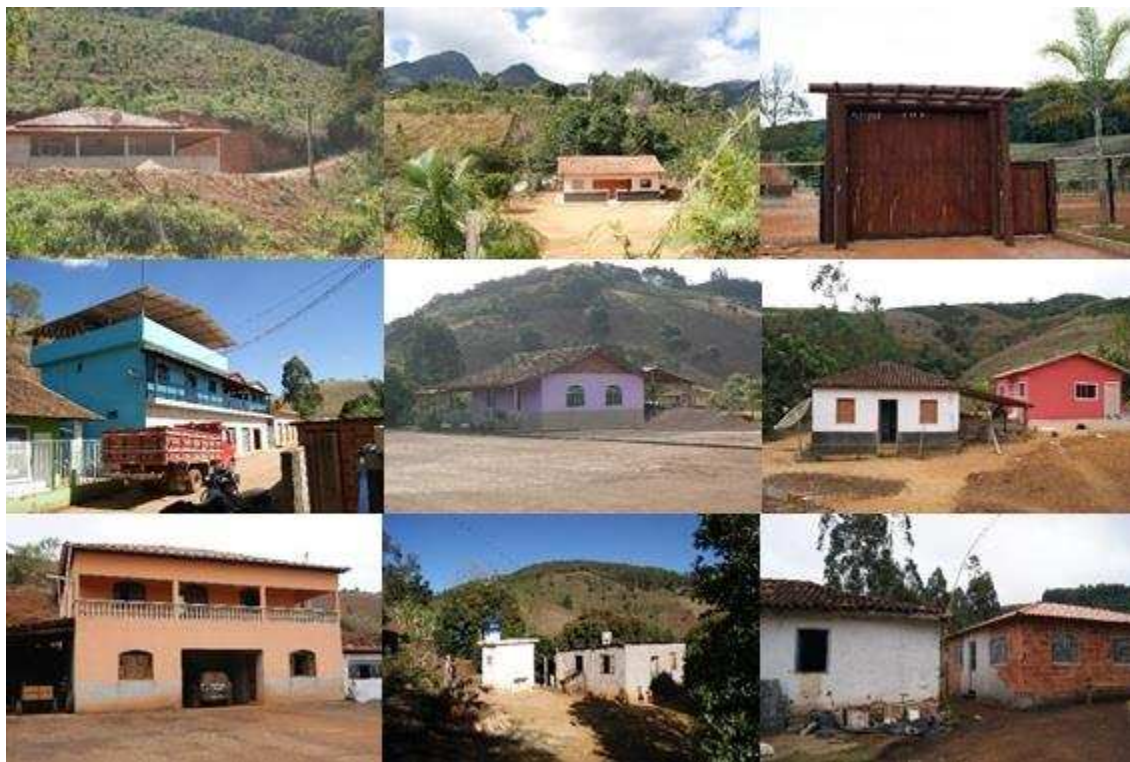
	Ir a cidade desperta o interesse de comprar mais eletrodomésticos e móveis para a casa			
	Jovens	Adultos	Idosos	Total
Concordo totalmente	28 (78%)	39 (87%)	10 (77%)	77 (82%)
Concordo parcialmente	4 (11%)	5 (11%)	2 (15%)	11 (12%)
Não concordo, nem discordo	1 (3%)		1 (1%)	1 (1%)
Discordo totalmente	3 (8%)	1 (2%)	1 (8%)	5 (5%)

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Durante a aplicação dos questionários percebeu-se que os gastos das famílias com a equipagem das casas, não eram apenas em termos de eletrodomésticos e móveis. Mas, também, na estrutura física construída (Figura 13), a qual seguia um estilo citadino de morar: casas de

alvenaria pintadas com tinta industrial, com acabamentos em cerâmica, janelas de vidro ou lata, cobertas com telhado colonial, banheiros equipados e muitos inclusive com “box”.

Figura 13- Mosaico de fotos de alguns domicílios rurais de Araponga.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Antigamente aproveitavam-se materiais encontrados na própria comunidade para a construção das casas, mas, hoje, os materiais de construção consumidos são comprados. Contudo, se percebe, por outro lado, a mescla entre o velho e o novo, a qual expressa uma racionalidade voltada para a busca do melhor dos dois modos de vida, o rural e o urbano. Tal fato pode ser observado através da convivência do fogão à lenha com o fogão a gás, da panela de pedra com a panela elétrica, do uso da bicicleta com a moto. Enfim, o hibridismo passa a fazer parte dos modos de morar e viver no campo (CANCLINI, 1998; BURKE, 2010). A figura 14 retrata essa mistura: a manutenção de práticas rurais incrementados com elementos do modo de vida urbano.

Figura 14- Mosaico de fotos representando a mescla entre o modo de vida rural e urbano.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araçuaia, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Ao avaliar o grau de importância atribuído pelos respondentes em relação aos bens de consumo e meios de transportes em suas vidas, utilizou-se a Escala de Likert. Esta escala foi elaborada dentro de uma perspectiva valorativa, tendo sido composta por cinco pontos, expressões avaliativas, que procuraram antagonizar os contrastes em termos do julgamento que expressaram referente ao grau de importância que a eles atribuíam. Desta forma, elaborou-se as seguintes expressões valorativas: “nenhuma importância”, “pouco importante”, “indiferente”, “importante”, “muito importante”. Dentre os equipamentos de uso doméstico, 84% dos rurais consideraram a geladeira “muito importante”, assim como 83% consideraram o tanquinho ou máquina de lavar, 74% o fogão a lenha, 67% o celular, 64% o liquidificador, 63% o fogão a gás, (62,8%), 52% a antena parabólica, 49% a televisão. Em relação aos meios de transportes, os considerados de muita importância, foram respectivamente o carro (87%), a moto (85%), o trator (50%) e como de nenhuma importância o cavalo para (41%) dos entrevistados e a bicicleta para (34%).

Tabela 52: Avaliação do respondente em relação a importância do eletrodoméstico/meio de transporte (continuação)

	Nenhuma importância	Pouco Importante	Indiferente*	Importante	Muito importante
Televisão	4,3 %	3,2 %	11,7 %	31,9 %	48,9 %
DVD	30,9 %	25,5%	19,1 %	9,6 %	14,9 %
Som	12,8 %	20,2 %	21,3%	21,3 %	24,5 %
Rádio	7,4 %	13,8 %	16 %	28,7 %	34 %
Máquina de costura	21,3 %	20,2 %	22,3%	16%	20,2 %
Computador	18,1 %	18,1 %	16 %	14,9 %	33 %
Internet	20,2 %	12,8 %	16 %	18,1%	33 %
Antena parabólica	2,1 %	3,2 %	9,6 %	33%	52,1 %
Celular	1,1 %	3,2 %	6,4%	22,3%	67 %
Telefone fixo	14,9 %	12,8 %	27,7 %	18,1%	26,6 %
Fogão a gás	1,1%	4,3%	10,6%	21,3%	62,8%
Forno elétrico	19,1%	30,6 %	19,1 %	16 %	14,9 %
Fogão a lenha	2,1%	3,2 %	8,5%	11,7%	74,5%

*corresponde a avaliação nem pouco ou muito importante.

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 53: Avaliação do respondente em relação a importância do eletrodoméstico/meio de transporte (conclusão)

	Nenhuma importância	Pouco Importante	Indiferente*	Importante	Muito importante
Microondas	25,5 %	31,9 %	19,1	9,6	13,8%
Geladeira	1,1%	1,1%	4,3%	9,6%	84%
Freezer	10,6%	14,9%	19,1%	20,2%	35,1%
Ventilador	50 %	22,3%	13,8%	5,3%	8,5%
Liquidificador	-	4,3 %	10,6 %	21,3 %	63,8 %
Batedeira	28,7 %	24,5%	18,1	12,8	16%
Tanquinho ou máquina de lavar	1,1 %	4,3 %	1,1%	10,6%	83%
Ferro elétrico	9,6 %	26,6 %	24,5%	17%	22,3%
Moto	3,2 %	4,3%	2,1%	5,3%	85,1 %
Carro	1,1 %	2,1%	3,2%	6,4%	87,2 %
Trator	5,3 %	7,4 %	18,1%	19,1%	50 %
Cavalo	41,5%	27,7%	8,5%	9,6%	12,8%
Bicicleta	34%	30,9%	13,8%	9,6%	11,7%

*corresponde a avaliação nem pouco ou muito importante.

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

A importância atribuída ao uso do fogão a lenha complementada pela utilização secundária do fogão a gás, aponta para a coexistência de utensílios domésticos que independentes de serem antigos ou novos apontam para a relevância das mudanças e das permanências em termos dos modos de vida dos rurais. Merece destaque também, a valoração dada à máquina de costura. De acordo com Barros (2014), comprar roupas prontas passou a ser mais racional em função do preço e do trabalho poupado. A prática do remendo das roupas que

era comum, hoje, pode-se comprar roupas baratas, sendo desestimulante o seu reaproveitamento através de remendos. Este fato pode ser claramente notado em relação à avaliação da máquina de costurar, que foi considerada pelos respondentes como insignificante. Corrobora-se, portanto, a perspectiva de Rambaud (1973) que afirmava que o consumo de bens e serviços por parte dos rurais constituía uma das facetas da expansão da “Cultura Urbana”.

Mas é sem dúvida, o acesso à moto um dos mais contundentes meios de penetração da cultura urbana no campo, em função da agilidade que propicia aos rurais de se deslocarem entre o campo e a cidade, articulando em suas vidas o melhor dos dois universos. Neste mesmo sentido, o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) também constitui um dos principais fatores de maior impacto sobre os modos de vida, por flexibilizar a interconectividade entre as pessoas em diferentes espaços (Figura 11). Tal fato torna mais ágil a comunicação entre o campo e a cidade, favorecendo as relações de trabalho, estudo, lazer, bem como aquelas relacionadas à família e às relações afetivas.

Figura 151- Mosaico de fotos da presença de algumas TICs nos domicílios rurais de Araponga.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 54: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (continuação).

	De quem/ “dono”	%	Quem mais usa	%
Televisão	Da família ou casal	74,5	A família	27,7
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	13,8	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	26,6
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	6,4	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	33,0
	Do esposo, pai, filho e irmão	3,2	Esposo, pai, entrevistado, genro	3,2
	De cada membro individualmente	1,1	Filhos ou irmãos sem distinção de sexo	7,4
			Pais sem distinção de sexo	1,1
DVD	Da família ou casal	38,3	A família	22,3
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	4,3	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	10,6
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	6,4	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	21,3
	Do esposo, pai, filho e irmão	12,8	Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
			Filhos ou irmãos sem distinção de sexo	5,3
			Pais sem distinção de sexo	1,1
Som	Da família ou casal	22,3	A família	16,0
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	14,9	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	24,5
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	10,6	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	19,1
	Do esposo, pai, filho e irmão	11,7	Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
	De cada membro individualmente	1,1		
Rádio	Da família ou casal	27,7	A família	12,8
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	20,2	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	31,9
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	8,5	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	12,8
	Do esposo, pai, filho e irmão	1,1		
Máquina de costura	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	30,9	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	30,9
Computador	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	3,2	A família	1,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	2,1
	Do esposo, pai, filho e irmão	2,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	3,2
Internet	-	-	A família	1,1
	-	-	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	1,1
Antena parabólica	Da família ou casal	90,4	-	-
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	3,2	-	-
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	4,3	-	-
Celular	Da família ou casal	9,6	A família	35,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	18,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	19,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	8,5	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	23,4
	Do esposo, pai, filho e irmão	18,1	Filhos ou irmãos sem distinção de sexo	6,4
	De cada membro individualmente	29,8		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 55: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (continuação).

	De quem/ “dono”	%	Quem mais usa	%
Telefone fixo	Da família ou casal	7,4	A família	6,4
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	1,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	1,1
			Pais sem distinção de sexo	1,1
Fogão a gás	Da família ou casal	58,5	A família	18,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	38,3	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	70,2
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	8,5
			Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
Forno elétrico	Da família ou casal	3,2	A família	1,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	6,4	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	8,5
Fogão a lenha	Da família ou casal	75,5	A família	13,8
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	13,8	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	72,3
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	4,3
Microondas	Da família ou casal	3,2	A família	4,3
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	7,4	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	6,4
Geladeira	Da família ou casal	88,3	A família	90,4
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	4,3	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	2,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	2,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	2,1
Freezer	Da família ou casal	17,0	A família	18,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	1,1		
Ventilador	Da família ou casal	6,4	A família	7,4
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	1,1		
Liquidificador	Da família ou casal	79,8	A família	60,6
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	13,8	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	31,9
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	2,1
Batedeira	Da família ou casal	18,1	A família	5,3
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	11,7	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	25,5
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1		
Tanquinho ou máquina de lavar	Da família ou casal	34,0	A família	7,4
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	55,3	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	79,8
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	3,2
	De cada membro individualmente	1,1	Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
Ferro elétrico	Da família ou casal	47,9	A família	12,8
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	24,5	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	58,5
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	1,1	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	2,1

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 56: Presença e uso das tecnologias da Informação e Comunicação, dos meios de transporte e outros eletrodomésticos nos domicílios (conclusão).

	De quem/ “dono”	%	Quem mais usa	%
Moto	Da família ou casal	6,4	A família	4,3
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	2,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	1,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	45,7	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	70,2
	Do esposo, pai, filho e irmão	20,2	Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
	De cada membro individualmente	2,1		
Carro	Da família ou casal	3,2	A família	2,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	5,3	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	3,2
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	22,3	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	24,5
	Do esposo, pai, filho e irmão	1,1	Esposo, pai, entrevistado, genro	1,1
			Pais sem distinção de sexo	1,1
Trator	Da família ou casal	2,1	A família	2,1
	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	1,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	1,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	16,0	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	18,1
	Do esposo, pai, filho e irmão	1,1		
Cavalo	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	1,1	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	1,1
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	14,9	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	20,2
	Do esposo, pai, filho e irmão	5,3		
Bicicleta	Da esposa, mãe, filha, entrevistada, cunhada	10,6	A esposa, mãe, filha, irmã, entrevistada, cunhada	9,6
	Do esposo, pai, entrevistado, genro	4,3	Esposo, pai, filho e irmão, entrevistado	23,4
	Do esposo, pai, filho e irmão	22,3	Esposo, pai, entrevistado, genro	2,1
			Filhos ou irmãos sem distinção de sexo	2,1

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Pode-se observar que determinados eletrodomésticos são de uso coletivo, enquanto outros têm claro recorte de gênero e geração. Eletrodomésticos como o forno elétrico, microondas, tanquinho (máquina de lavar roupa), máquina de costura, fogão a lenha e a gás eram predominantemente utilizados pela mulher, bem como o som e o rádio. Já a televisão, o carro e a moto eram mais utilizados pelo homem. Este fato pode ser facilmente visualizado quando se observa a Tabela 57 referente ao deslocamento dos rurais, considerando o sexo e a geração.

Tabela 57: Nível de deslocamento segundo a geração do respondente

	Entre os membros da família quem sai mais			
	Jovens	Adultos	Idosos	Total
NA	1	1	1	3
Homem (entrevistado, esposo, pai, filho)	28	28	7	63
Mulher (entrevistada, esposa, mãe, filha)	5	10	5	20
Sai igual, não tem quem sai mais	2	6	0	8
	3	45	13	94

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Como mostrado anteriormente, o estreitamento do intercâmbio simbólico e material dos rurais com a vida citadina trouxe várias mudanças nos seus modos de morar, através da reforma e construção de uma nova casa e da sua equipagem com eletrodomésticos. Assim, buscou-se conhecer, ainda, a forma como as diferentes gerações avaliavam estas mudanças nas casas em que viviam, comparando-as com as casas citadinas. O fato dos idosos terem sido o grupo etário que mais sentiram a aproximação dos modos de morar em relação ao dos citadinos pode estar relacionado ao fato de terem sido eles os que mais sentiram as mudanças nos seus modos de vida (Tabela 58).

Tabela 58: Avaliação dos rurais acerca da semelhança das suas casas com as citadinas, segundo a geração

	As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade			
	Jovens	Adultos	Idosos	Total
Concordo totalmente	20 (55%)	20 (44%)	9 (69%)	49 (52%)
Concordo parcialmente	5 (14%)	12 (27%)	19 (20%)	19 (20%)
Não concordo, nem discordo	1 (3%)	1 (2%)	2 (2%)	2 (2%)
Discordo parcialmente		1 (2%)	2 (2%)	2 (2%)
Discordo totalmente	10 (28%)	11 (24%)	22 (23%)	22 (23%)

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

5.4 Os deslocamentos rotineiros e as práticas de lazer dos habitantes do campo

Em relação ao tempo dirigido ao não trabalho no campo, às práticas de lazer, os respondentes foram indagados sobre o que praticam no tempo ocioso. Em relação aos lazers ligados ao uso da televisão, percebeu-se que estes tinham contornos de uma ludicidade coletiva: jovens, adultos e idosos assistiam à televisão. As mulheres idosas eram as que menos assistiam à televisão: 57% delas disseram nunca assistir a novelas, por exemplo. Já os homens, independente da geração disseram assistir transmissões jornalísticas: 45% dos jovens, 48% dos adultos, 50% dos idosos. A assiduidade das mulheres a programas informativos é mais dispersa

através da semana. A programação com maior diferença de gênero foi a esportiva, com clara predominância masculina. Quando a programação se refere a filmes, esta é uma atividade realizada predominantemente por jovens: 50% dos respondentes do sexo masculino e 31% do feminino assistem a filmes transmitidos pela televisão durante várias vezes na semana. Tais caracterizações podem ser vislumbradas na Tabela 59.

Tabela 59: Frequência de atividades de lazer relacionadas ao uso da televisão

Assistir novela (%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Todos os dias	35,0	68,8	21,7	45,5		14,3
Várias x/semana	35,0	31,3	21,7	50,0	50,0	28,6
Uma x/semana	10,0		13,0	4,5	16,7	
Só ao fim de semana	5,0					
Nunca	15,0		39,1		33,3	57,1
Uma x/mês			4,3			
Assistir jornal						
Todos os dias	45,0	31,3	31,3	27,3	50,0	42,9
Várias x/semana	25,0	37,5	37,5	45,5	33,3	14,3
Uma x/semana	15,0	12,5	12,5	4,5		14,3
Nunca	15,0	18,8	18,8	22,7	16,7	28,6
Assistir futebol						
Todos os dias	5,0		4,3	4,5	16,7	
Várias x/semana	55,0	18,8	52,2		33,3	
Uma x/semana	5,0			9,1		
Só ao fim de semana	25,0	12,5	13,0	9,1	33,3	14,3
Uma x/mês	5,0	6,3		4,5	16,7	
Nunca	5,0	62,5	30,4	72,7		85,7
Assistir filme						
Todos os dias	5,0	12,5		4,5		
Várias x/semana	50,0	31,3	8,7	9,1		28,6
Uma x/semana		12,5	8,7			
Só ao fim de semana	30,0	6,3	8,7	4,5		
Uma x/mês	5,0	6,3			33,3	
Nunca	10,0	31,3	73,9	81,8	66,7	71,4

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Em relação a leitura como atividade de lazer, em se tratando da leitura de jornais e revistas, observa-se que devido à dificuldade de acesso a estas mídias, os rurais de modo geral, nunca realizam esta atividade. Quanto à leitura de livros, desconsiderando os didáticos utilizados durante a escolarização, apenas 37,5% das moças disseram buscar livros para leitura, como descrito na Tabela 60.

Tabela 60: Frequência de atividades de lazer relacionadas a leitura

Ler jornal (%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Todos os dias		6,3	4,3	4,5		
Várias x/semana	10,0	6,3	8,7	9,1		14,3
Uma x/semana	5,0	6,3		4,5	16,7	
Nunca	85,0	75,0	78,3	81,8	66,7	85,7
Uma x/mês		6,3	8,7		16,7	
Ler revista						
Todos os dias		6,3	4,3			
Várias x/semana	5,0	12,5	8,7	13,6	16,7	14,3
Uma x/semana	10,0	12,5		9,1		
Nunca	85,0	62,5	82,6	72,7	50,0	85,7
Uma x/mês		6,3	4,3	4,5	33,3	
Ler livro						
Todos os dias	15,0	12,5	4,3	18,2	16,7	14,3
Várias x/semana	15,0	37,5	8,7	27,3		
Uma x/semana	10,0	6,3		13,6		
Só ao fim de semana	5,0		4,3	4,5		
Uma x/mês		6,3	4,3		16,7	
Nunca	55,0	37,5	78,3	36,4	66,7	85,7

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Em relação ao lazer ofertado pela audição de músicas, os respondentes demonstraram ter afinidade por tal prática, independente do sexo ou da geração, tendo este lazer sido um pouco mais baixo. Apenas entre as idosas, camada na qual apenas 43% delas escutavam músicas diariamente seja pelo celular, rádio, aparelho de som ou televisão. Quanto ao ato de descansar, esta prática se constituía em uma prática diária e de final de semana, mas de forma bem segmentada. Nos finais de semana era mais expressiva entre os idosos do sexo masculino (66%), enquanto durante a semana era mais comum para as moças (44%), para os homens adultos (48%) e para as idosas 71% das idosas. Quem quase não descansava eram as mulheres adultas. No que diz respeito às festas, estas eram pouco frequentadas pelas mulheres: 63% das mulheres adultas e 86% das idosas disseram nunca praticar tal lazer, como pode ser observado na Tabela 61 que segue.

Tabela 61: Frequência de atividades de lazer relacionadas a música, descanso e festas

Ouvir música (%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Todos os dias	70,0	75,0	73,9	63,6	66,7	42,9
Várias x/semana	20,0	12,5	13,0	13,6		42,9
Uma x/semana			4,3			
Só ao fim de semana				13,6	16,7	
Nunca	5,0	12,5	8,7	9,1	16,7	14,3
Uma x/mês	5,0					
Descansar						
Todos os dias	35,0	43,8	47,8	22,7	16,7	71,4
Várias x/semana	5,0	6,3		4,5		
Uma x/semana	5,0		4,3			
Só ao fim de semana	50,0	43,8	43,5	54,5	66,6	14,3
Nunca	5,0	6,3	4,3	18,2	16,7	14,3
Ir a festas						
Todos os dias	10,0		4,3			
Várias x/semana	25,0		39,1	4,5	33,3	
Só ao fim de semana	40,0	18,8	4,3	9,1		
Uma x/mês	10,0	43,8	4,3	22,7	50,0	14,3
Nunca	15,0	37,5	47,8	63,6	16,7	85,7

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Quanto aos lazeres ligados à prática esportiva, as caminhadas eram praticadas apenas pelas idosas (43%). A pesca não era uma atividade de lazer. Já no que diz respeito a jogar futebol, este lazer foi marcadamente realizado por rapazes: 55% destes. Em relação a andar a cavalo, apenas os idosos, 50% manifestaram cavalgar.

Tabela 62: Frequência de atividades de lazer ligadas ao esporte

Fazer caminhadas (%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
Todos os dias	5,0		4,3	4,5	16,7	14,3
Várias x/semana	10,0	6,3	4,3	9,1	33,3	42,9
Só ao fim de semana	5,0					
Nunca	80,0	87,5	91,3	86,4	50,0	42,9
Uma x/mês		6,3				
Ir pescar						
Várias x/semana		12,5				
Uma x/semana	15,0	6,3		4,5		14,3
Só ao fim de semana			4,3		16,7	
Uma x/mês	10,0	18,8	8,7			
Nunca	75,0	62,5	87,0	95,5	83,3	85,7
Jogar futebol ou ir torcer						
Uma x/semana			8,7			
Várias x/semana	15,0					
Todos os dias				4,5		
Só ao fim de semana	55,0	12,5	17,4			
Uma x/mês	5,0	6,3			16,7	
Nunca	25,0	81,3	73,9	95,5	83,3	100
Andar a cavalo						
Uma x/semana	5,0		4,3		16,7	
Várias x/semana			17,4		16,7	
Todos os dias			4,3		16,7	
Só ao fim de semana		12,5				
Uma x/mês	15,0					
Nunca	80,0	87,5	73,9	100	50,0	100

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Andar de moto, jogar sinuca, baralho e playstation foram, ainda, lazeres associados aos rapazes e os cuidados com a beleza, como, fazer as unhas e as sobrancelhas e revender produtos de beleza às moças. De acordo com Candido (1997) as mudanças em relação à importância e ao tempo destinado ao lazer pelos rurais, seriam comuns em um campo em transformação, já que com a introdução do dinheiro e a partir do contato com os citadinos se criariam novas necessidades que antes eram pouco conhecidas, como é o caso da vaidade feminina. Já entre as mulheres idosas as atividades relacionadas com a confecção de tapetes e artesanato (flores de plástico), cuidados com a horta e as flores, buscar lenha no mato; fazer doces, também eram atividades de lazer. Entre os idosos, destacaram-se as conversas com amigos e entre os homens adultos, para além destas, sair para beber e jogar com os amigos, assistir ao futebol pela televisão e andar de moto. Tais descrições podem ser observadas pela Tabela 63.

Tabela 63: Lazer praticados pelos respondentes

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	M	F	M	F	M	F
NA	50,0	37,5	69,6	86,4	50,0	71,4
Conversar com os amigos	5,0		8,7		33,3	
Tocar instrumento musical	5,0			4,5		
Combinação de jogo de televisão, com jogo presencial e lazer com moto	30,0		8,7			
Lazer com moto	5,0					
Combinação entre jogo presencial com beber com os amigos	5,0		8,7			
Lazer rurais		12,5		9,1		28,6
Cuidado com a beleza		37,5				
Combinação entre cuidados com a beleza e atividade artesanal		6,3				
Mexer no celular		6,3	4,3			
Esporte					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

5.5 Notas conclusivas sobre o capítulo

Neste capítulo, percebeu-se que o processo de urbanização parece incidir de forma mais contundente no modo de vida rural, em termos de consumo no que se refere aos modos de morar, acesso a bens e a serviços. Ressalta-se que esta investigação não tratou a mobilidade socioespacial como uma variável causal em relação às mudanças dos modos de vida das famílias que vivem no campo. Mas, sim, foi vista como um indicador das dimensões em que o modo de vida rural vem sofrendo mudanças. Em contrapartida, percebeu-se que os deslocamentos entre o campo e a cidade não indicam relação com o trabalho, o estudo e a comunicação (internet), dimensões que se mostraram inalteradas. Em suma, a mobilidade campo-cidade realizada pelos moradores do campo, vem sendo utilizada para modificar, sobretudo, seus modos de morar e os seus hábitos de vida.

CAPÍTULO 6

As espacialidades cidadinas dos rurais

Este capítulo objetivou compreender e identificar os espaços buscados pelos rurais na cidade. Tais deslocamentos se traduzem em espacialidades construídas por meio das relações estabelecidas entre os espaços de origem e destino. Apresenta-se, ainda, neste capítulo, o mapeamento dos locais mais buscados e frequentados pelos rurais, os quais revelaram os significados que orientavam a construção das espacialidades cidadinas por eles configuradas. A mobilidade socioespacial no campo, no Brasil e, especificamente, na Zona da Mata mineira, lócus deste estudo, tem se intensificado em decorrência da maior facilidade de acesso aos meios de transporte e comunicação que permitem uma aproximação corriqueira com a cidade.

A interação campo cidade permite que os atores sociais através de suas práticas, produzam e vivenciem múltiplas espacialidades, resultantes dos seus espaços de afinidade. Os espaços frequentados e ocupados na cidade pelos rurais permitem a construção de espacialidades econômicas, culturais e políticas, as quais expressam as suas necessidades e desejos, reveladores do seu vínculo de pertencimento à cidade. As espacialidades cidadinas dos rurais são constituídas, portanto, através das conexões espaciais desenhadas pelos deslocamentos que realizam entre os espaços de origem e destino.

O espaço urbano é produzido, reproduzido e apropriado de acordo com a lógica capitalista e se encontra cada vez mais, segmentado socioespacialmente. Nesse sentido, a circulação e a mobilidade de pessoas, bens, símbolos e mercadorias dão-se de forma diferenciada, de acordo com os fatores econômicos, políticos e sociais. Segundo Vasconcelos (2001), tanto as pessoas de menor renda quanto as de maior, se apropriam do espaço citadino de formas variadas, se movendo de forma segmentada pela cidade. Tanto uns como outros desconhecem muitas parcelas de seu território e não o apreendem em toda a sua totalidade. Contudo, as espacialidades construídas revelam, também, acessibilidades desiguais em relação à cidade. Mas estariam tais espaço de “segregação” demarcados apenas pela lógica econômica, ou os modos de vida dos rurais e dos citadinos expressariam nuances específicas?

6.1 As especificidades da atratividade citadina segundo as características dos municípios

De acordo com a classificação do IBGE se assume como cidade toda sede municipal. As “*idades pequenas*” são consideradas para o IBGE, como aquelas que possuem população

inferior a 100.000 habitantes. As sedes municipais que possuem população entre 100.000 e 500.000 são consideradas pelo IBGE como “*médias cidades*” e aquelas com número de habitantes superior a 500.000 como “*grandes cidades*”. Contudo, adotamos neste estudo a classificação da ONU (Organização das Nações Unidas) que atribui à *pequena cidade* um contingente populacional de até 20.000 mil habitantes, em função de entendermos que ela propicia um agrupamento mais uniforme do que o do IBGE. No caso do Brasil, aproximadamente 80% dos municípios não ultrapassam aos 20.000 habitantes e dentro deste grupo os municípios com perfil agrícola representam quase a sua totalidade. Em especial, no caso de Minas Gerais, 673 dos 853 municípios, que representam 79%, estão abaixo do referido limite populacional e têm a sua economia fortemente ancorada na agricultura.

Além da expressividade do campo face à cidade, em termos econômicos, os pequenos municípios, como é o caso do município investigado e de outros pertencentes à microrregião de Viçosa, compartilham de uma densidade demográfica inferior a 50 habitantes por km² (Tabela 64). Isto significa, que a população residente está distribuída de forma irregular pelo território. Desse modo, os pequenos municípios apresentam traços de identidade econômica, social e também cultural. Vale destacar que, a Microrregião de Viçosa é formada por 20 municípios e metade deles apresenta população rural maior que a população urbana. Com exceção de Viçosa, os demais municípios contam com no máximo 20 mil habitantes.

Tabela 64 - Dados da microrregião de Viçosa

Município	Área (Km ²)	Densidade Demográfica (Hab. / Km ²)	População Total	População Urbana	População Rural
Alto Rio Doce	518,05	23,47	12159	5070	7089
Amparo Do Serra	145,91	34,63	5053	2642	2411
Araponga	303,79	26,83	8152	3041	5111
Brás Pires	223,35	20,76	4637	2223	2414
Cajuri	83,04	48,74	4047	2096	1951
Canaã	174,9	26,46	4628	1859	2769
Cipotânea	153,48	42,66	6547	3014	3533
Coimbra	106,88	66	7054	5156	1898
Ervália	357,49	50,2	17946	9470	8476
Lamim	118,6	29,11	3452	1511	1941
Paula Cândido	268,32	34,55	9271	4936	4335
Pedra Do Anta	163,45	20,59	3365	2192	1173
Piranga	658,81	26,16	17232	5958	11274
Porto Firme	284,78	36,58	10417	4831	5586
Presidente Bernardes	236,8	23,38	5537	1642	3895
Rio Espera	238,6	25,44	6070	2403	3667
São Miguel Do Anta	152,11	44,44	6790	3746	3014
Senhora De Oliveira	170,75	33,28	5683	3256	2427
Teixeiras	166,74	68,1	11355	7623	3732
Viçosa	299,42	241,2	72220	67305	4915

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

A evolução da população rural destes pequenos municípios, como aconteceu em grande parte do Brasil, ao longo das décadas de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010, a qual pode ser observada na Tabela 65, apresenta ritmo decrescente, revelando a dinâmica de suas relações de produção no contexto municipal. Entretanto, a economia agrícola quando capaz de gerar renda devido inserção no mercado, as políticas públicas direcionadas à agricultura familiar como o PRONAF, o auxílio dos benefícios sociais como o Bolsa Família e de previdência social são estímulos importantes para a atração e fixação de pessoas do campo destes municípios.

Tabela 65- Dados percentuais da distribuição da população rural e urbana na Microrregião de Viçosa nas décadas dos anos 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Município	População 1970		População 1980		População 1990		População 2000		População 2010	
	R	U	R	U	R	U	R	U	R	U
Alto Rio Doce	80,8	19,2	77,8	22,2	72	28	64,6	35,4	58,3	41,7
Amparo Do Serra	82,1	17,9	75,4	24,6	65	35	54,2	45,8	47,8	52,2
Araponga	84,8	15,2	83,4	16,6	79,2	20,8	68	32	62,7	37,3
Brás Pires	86,9	13,1	84,7	15,3	76	24	64,7	35,3	52	48
Cajuri	72	28	61,3	38,7	54	46	45,4	54,6	48,2	51,8
Canaã	86,6	13,4	82,6	17,4	79,3	20,7	70,3	29,7	59,9	40,1
Cipotânea	81	19	80,3	19,7	74	26	61,9	38,1	54	46
Coimbra	65,3	34,7	54,4	45,6	46	54	46,6	53,4	30	73
Ervália	75,1	24,9	73,7	26,3	67,7	32,3	55,6	44,4	47,2	52,8
Lamim	83	17	77,4	22,6	71,3	28,7	62	38	56,2	43,8
Paula Cândido	79,4	20,6	71,4	28,6	63,8	36,2	57	43	46,8	53,2
Pedra Do Anta	85,8	14,2	76,8	23,2	62,7	37,3	47	53	34,9	65,1
Piranga	82	18	80,3	19,7	76,3	23,7	70,1	29,9	65,4	34,6
Porto Firme	80,6	19,4	77	23	70,7	29,3	58,9	41,1	53,7	46,3
Presidente Bernardes	90,9	9,1	87,9	12,1	84,6	15,4	76,7	23,3	70,3	29,7
Rio Espera	76,6	23,4	73,6	26,4	73,2	26,8	67,8	32,2	60,4	39,6
São Miguel Do Anta	71,6	28,4	61,1	38,9	56	44	49,9	50,1	44,6	55,4
Senhora De Oliveira	72	28	63,7	36,3	54,9	45,1	51,8	48,2	42,8	57,2
Teixeiras	66,9	33,1	55,5	44,5	46,7	53,3	37,7	62,3	32,9	67,1
Viçosa	33,9	66,1	19,4	80,6	10	90	7,9	92,1	6,9	93,1

Fonte: IBGE, Censo Demográfico de 1970, 1980, 1990, 2000 e 2010.

Já a classificação do IBGE, assume como cidade até mesmo a passagem a tal categoria daqueles distritos que após a constituição de 1988, com a política de descentralização política-administrativa, conseguiram a sua emancipação sem maiores critérios. Surgiram, assim, pequenas cidades por todo o Brasil independente do seu número de habitantes ou de outros critérios que as classificassem como espaços urbanos. No Brasil, os critérios científicos utilizados para caracterizar os municípios têm sido desprezados, imperando desde 1934 os critérios político-administrativos.

A fim de superar esta inconsistência política-administrativa na classificação dos municípios e de suas áreas internas, José Eli da Veiga (2002) utilizou uma combinação de

critérios, envolvendo o tamanho da população, a densidade demográfica, o tipo de economia, tal autor trouxe à tona a existência de “*ciudades rurais*” no Brasil. Santos (1979) também sugeriu uma classificação aplicável ao caso brasileiro e criou três categorias principais para observar os espaços urbanos: “*ciudades locais*”, “*ciudades regionais*” e “*metrópoles*”. Para tal autor, as cidades regionais, consideradas intermediárias, concentrariam economias de escala e mercados consumidores mais amplos, tendo uma ligação direta com as metrópoles e funcionando como um ponto de apoio para as cidades menores. As cidades locais seriam referentes às pequenas cidades, com uma aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas de sua população e de seu entorno, com as vilas e as áreas rurais.

Deste modo, as redes urbanas variam de acordo com seu padrão espacial e de sua complexidade funcional assumindo um caráter de maior centralidade do ponto de vista econômico. Santos (1979) verificou uma interdependência entre as cidades em forma de pirâmide, em que as cidades de mesmo nível recorreriam às de níveis superiores em termos de oferta de produtos e serviços, etc. As cidades locais seriam marcadas em grande medida pela ampla interdependência com o campo e vice-versa estabelecendo trocas materiais e imateriais reforçadas pelo avanço do processo de urbanização.

A atratividade ou centralidade exercida por uma cidade, segundo Santos (1979) está ligada ao seu circuito econômico. Este seria compreendido por um circuito inferior e um superior que estariam atrelados à organização do espaço e as ações econômicas locais e do entorno das cidades. As pessoas se deslocariam para os circuitos superiores em busca de serviços mais especializados, como saúde, educação e acesso a bens de consumo entre outros, visto que os circuitos superiores seriam dotados de maior modernização, cientificidade e tecnologia. Os circuitos inferiores poderiam ser associados à realidade do município em questão.

6.2 Entre ir e vir: condições para a acessibilidade dos rurais à cidade

Este item apresenta uma análise da mobilidade socioespacial dos rurais direcionada para o espaço urbano do próprio município e para outros municípios do entorno. O intuito foi o de analisar as características de tais deslocamentos em função da estrutura socioeconômica e administrativa ofertada pelos mesmos. Nos atentaremos, ao final do capítulo, a destacar os espaços mais buscados e frequentados pelos rurais na cidade.

A acessibilidade dos rurais entrevistados para o centro urbano do próprio município foi considerada como “fácil”, principalmente, pelos jovens e pelos idosos. Já entre os adultos houve

mais ceticismo em relação a esta avaliação: 43% dos homens e 50% das mulheres julgaram não existir dificuldade para se deslocar até a cidade. Um percentual de 39% dos homens adultos consideraram difícil se deslocar para o centro urbano do próprio município devido a condição das estradas e a distância. Já 32% das mulheres adultas e 43% das idosas ressaltaram a facilidade para se deslocar para o centro urbano do município, enfatizando a adequação dos meios de transporte utilizados e a proximidade existente (Tabela 66).

Os meios de transportes utilizados em larga escala foram considerados adequados para a realização do deslocamento no sentido campo-vila-cidade e vice versa. Os habitantes do campo deslocavam-se com mais facilidade para o centro urbano do município a fim de fazer compras para suprir as necessidades familiares, buscar atendimento médico, comercializar produtos agrícolas, resolver questões relacionadas a serviços bancários, adquirir insumos e produtos agrícolas, visitar parentes entre outros. A frequência de ida “à rua” (centro urbano do próprio município) dependia da disponibilidade de transportes, do período do ciclo agrícola, da condição financeira e da urgência do motivo.

Tabela 66: Avaliação quanto a condição de deslocamento para o centro urbano do próprio município

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	H	M	H	M	H	M
Fácil devido à proximidade e condição das estradas	40,0	12,5	34,8	18,2	83,3	28,6
Fácil devido ao meio de transporte utilizado e a proximidade	30,0	50,0	17,4	31,8	16,7	42,9
Difícil em decorrência do tipo de transporte e por depender de transporte alheio	5,0	25,0	8,7	22,7		14,3
Difícil devido a condição das estradas e a distância	25,0	12,5	39,1	27,3		
Não sai						14,3

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araçuaia, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Já em relação à acessibilidade dos rurais a outros municípios apenas 67% dos homens idosos consideraram que o deslocamento era fácil, visto estar neste segmento o maior percentual de proprietários de carro. Entre os demais respondentes a avaliação foi negativa. Principalmente, as moças e as mulheres adultas afirmaram que a mobilidade para outros municípios era difícil pelo tipo de transporte utilizado e por depender de transporte alheio (Tabela 67).

Tabela 67: Avaliação quanto a condição de deslocamento para outros municípios

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	H	M	H	M	H	M
Fácil devido à proximidade e condição das estradas	15,0	12,5	21,7	4,5	33,3	14,3
Fácil devido ao meio de transporte utilizado e a proximidade	10,0	25,0	21,7	27,3	50,0	
Difícil em decorrência do tipo de transporte e por depender de transporte alheio	35,0	37,5	21,7	31,8		28,6
Difícil devido a condição das estradas e a distância	40,0	25,0	34,8	31,8	16,7	42,9
Não sai				4,5		14,3

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

No que tange à avaliação relativa à capacidade do município atender as demandas das pessoas que vivem no campo (Tabela 68), de modo geral, a avaliação foi negativa, em todas as faixas etárias e gênero, com exceção das idosas, que foram menos céticas. De acordo com Endlich (2010) as pequenas cidades embora possam apresentar potencial para fortalecerem o intercâmbio comercial entre elas, ainda são muito carentes da prestação de serviços.

Tabela 68: Avaliação quanto ao atendimento das necessidades por parte do município

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	H	M	H	M	H	M
Atende (por ter banco, lotérica, médico de plantão e EMATER)	30,0	25,0	17,4	27,3	16,7	28,6
Não atende (falta recursos principalmente, para a saúde, para estudo, comércio de qualidade e segurança pública)	50,0	50,0	43,5	31,8	66,7	42,9
Em partes (há dependência de outras cidades, falta recursos principalmente para a saúde e comércio de qualidade)	20,0	25,0	39,1	40,9	16,7	28,6

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

De acordo com os dados apresentados na tabela anterior, os fatores mais débeis na prestação de serviço por parte do pequeno município em questão foram: a falta de recursos para a área da saúde, como atendimento médicos especializados e equipamentos nos postos de saúde, incentivo a continuidade nos estudos, comércio de qualidade (variedade e qualidade de itens) e segurança pública (policimento eficiente). No geral, as mulheres adultas e idosas foram as mais complacentes com o município, afirmando que o município atendia às suas necessidades, em parte. Neste contexto, a vila do município e o distrito, foram percebidos pelos rurais, especialmente pelas mulheres, como contribuindo de forma significativa para a melhoria das condições de vida das famílias rurais por facilitar o acesso a bens e serviços que estas

demandavam. Muitas famílias estabeleciam vínculo maior com o distrito do que com a sede municipal.

6.3 “A gente não sai por acaso, vai sempre com alguma intenção”: os espaços citadinos de afinidade para os rurais

Nos apêndices F, G e H respectivamente, podem-se observar a lista detalhada dos espaços frequentados pelos rurais na cidade: “espaços públicos”; “espaços públicos e privados” ou apenas “espaços privados” de sociabilidade.

Tabela 69: Espaços de sociabilidade dos rurais na cidade (em continuação)

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	H	M	H	M	H	M
Espaço público vinculado ao (serviço bancário, comércio, religião e a saúde)	5,0			4,5		14,3
Espaço público vinculado a (prestação de serviço e saúde)	10,0				16,7	
Espaço público vinculado ao comércio	15,0	25,0	4,3	22,7	16,7	
Espaço público vinculado a (saúde e comércio)	5,0			13,6		
Espaço público vinculado a (escolaridade, comércio, prestação de serviço e saúde)	10,0					
Espaço público vinculado a (prestação de serviço e comércio)	25,0		17,4			
Espaço público vinculado ao (lazer e prestação de serviços)	5,0		4,3			
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (comércio, lazer, prestação de serviço e religião)	5,0					
Espaço público vinculado ao (comércio, prestação de serviço e religião)	5,0		4,3			
Espaço público vinculado ao (lazer, prestação de serviço e comércio)	5,0		4,3			
Espaço público vinculado a (escolaridade, prestação de serviço, lazer e comércio)	5,0					
Espaço público vinculado ao (lazer, serviço bancário, comércio e escolaridade)	5,0					
Espaço público vinculado a (escolaridade, religião e ao comércio)		6,3				
Espaço público vinculado ao (comércio, a escolaridade, a religião e a saúde)		6,3				
Espaço público vinculado ao (comércio e aos serviços bancários)		6,3	13,0	22,7	16,7	28,6
Espaço público vinculado a saúde		6,3	4,3	4,5		
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (religião e ao comércio)		6,3		4,5		
Espaço público vinculado a (religião e ao serviço bancário)		6,3				
Espaço público vinculado ao (comércio, prestação de serviço e saúde)		6,3		4,5		

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Tabela 70: Espaços de sociabilidade dos rurais na cidade (conclusão)

(%)	Respondentes por geração e sexo					
	Jovens		Adultos		Idosos	
	H	M	H	M	H	M
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (lazer e ao comércio)		12,5				
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (escolaridade, prestação de serviço e lazer)		6,3				
Espaço público vinculado a (saúde, religião e comércio)		6,3		4,5		
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (saúde e comércio)		6,3				
Espaço público vinculado a religião			4,3			14,3
Espaço público vinculado ao (serviço bancário, comércio, saúde e prestação de serviço)			4,3			
Espaço público vinculado ao (comércio, serviço bancário e prestação de serviço)			13,0			
Espaço público vinculado ao (comércio, serviço bancário, prestação de serviço e religião)			4,3			
Espaço público vinculado ao (comércio e lazer)			8,7			
Espaço privado			4,3			
Espaço público vinculado a prestação de serviço			4,3			
Espaço público vinculado ao (comércio, religião, prestação de serviço e saúde)			4,3			
Espaço público vinculado ao (comércio, saúde e serviço bancário)				9,1		28,6
Espaço público vinculado a (saúde, prestação de serviço e serviço bancário)				4,5		
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (serviço bancário, saúde e comércio)				4,5	16,7	14,3
Espaço privado combinado com espaço público vinculado a (serviço bancário e prestação de serviço)					16,7	
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (serviço bancário e a saúde)					16,7	

Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

A circulação dos rapazes e dos homens adultos na cidade se dá predominantemente em espaços públicos ligados a prestação de serviço e comércio voltados, predominantemente, para o mundo público, tais como: oficinas mecânicas, postos de gasolina, mercearia, bar, padaria, loja, sorveteria, casa de produtos agropecuários, Igreja e farmácia. Já entre as mulheres, percebe-se um segmento expressivo, independente da geração, que busca na cidade os espaços vinculados predominantemente ao comércio para o mundo doméstico, tais como: “mercearia, padaria, supermercado, lanchonete, loja, açougue, casa de produtos agropecuários, banco e lotérica.” As idosas agregam a estes espaços a circulação mais voltada para os cuidados coma saúde, frequentando, também: farmácia, Unidades Básicas de Saúde e consultório médico. Já os homens idosos são os que circulam por ambientes mais diversificados, envolvendo uma

grande diversidade de espaços privados como públicos na cidade, tais como: casa de amigos e parentes, banco, lotérica, EMATER, STR (Sindicato de Trabalhadores Rurais, CRESOL (Cooperativa de Crédito Rural), UBS (Unidade Básica de Saúde), farmácia, lanhouse, loja, supermercado e bar. Tal situação pode estar vinculado ao fato de eles possuírem carro e estarem respaldados social e economicamente por seus papéis sociais, os quais lhe permitem a circulação em espaços interditados a outros segmentos.

De maneira geral, podem-se traçar algumas considerações avaliando os deslocamentos realizados dos rurais para o espaço citadino. Homens jovens e adultos procuram a cidade para a realização de atividades ligadas ao comércio e a prestação de serviços. Mulheres jovens e adultas buscam na cidade espaços predominantemente associados ao comércio. Mas, também as mulheres adultas juntamente com as idosas se deslocam até a cidade para realizar atividades relacionadas aos serviços bancários. As idosas ainda vão à cidade para cumprir funções direcionadas ao comércio, a saúde e ao serviço bancário. Os idosos do sexo masculino circulam pela cidade em espaços privados para realizar visitas a casa de parentes e amigos e pelos espaços públicos ligados ao serviço bancário, prestação de serviço, comércio, saúde.

Assim, percebe-se que “ir à rua” para realizar todas estas atividades expressa uma vivência da cidade como um espaço de pertencimento. O fato de morarem no campo não faz com que tomem a cidade como um espaço do qual não faz parte, pelo contrário, a cidade é parte integrante de suas vidas, compondo o binômio “casa e rua”, o qual expressa a totalidade de sua espacialidade vivida. Os rurais se deslocam periodicamente à cidade com o intuito de consumir determinados produtos e serviços não encontrados no campo. A maioria segue a lógica do ir e voltar ao final do dia ou do cumprimento de suas necessidades, retornando à sua vida no campo e só retornando à rua após vários dias, outros tantos retornam somente no mês seguinte.

O processo de reprodução requer, sobretudo, a mobilidade física para realizar as atividades, as quais implicam a disponibilidade de meios de transporte, sejam meios não automotores (a pé, de bicicleta, carona), sejam meios motorizados, públicos ou privados. Finalmente, implica a ligação física e temporal adequada entre os meios de transporte e os destinos desejados. Portanto, de acordo com Pereira (2009), o processo de reprodução é uma combinação entre meios pessoais, o sistema de circulação e os destinos desejados, logo refere-se ao modo como o indivíduo pode usar o espaço da cidade. De acordo com a estruturação que se estabelece em cada espaço urbano, pode haver aumento ou redução nos deslocamentos para a realização de determinadas funções segundo a localização das atividades no interior da cidade, conforme suas áreas centrais e as mais periféricas. Desta forma, a mobilidade está vinculada a

aspectos socioeconômicos e a acessibilidade está relacionada ao uso do solo e à forma urbana, que se referem ao processo de funcionamento da cidade.

Para Wagner (2014), os vínculos que conectam os rurais à cidade formam um conjunto de laços que corroboram para a construção da dinâmica social do município e a conformação de espacialidades frente à diversidade de fatores que integram o campo e a cidade. Nesse sentido, os espaços urbanos frequentados por diferentes grupos culturais, no caso em questão, os rurais podem ser identificados e descritos por categorias que conformariam as relações realizadas nestes espaços.

As relações econômicas expressas por meio da inserção em circuitos mercantis é um dos fatores geradores da mobilidade socioespacial que integra a sociedade rural com a sociedade englobante constituindo as relações econômicas formas de mediação que quebram o isolamento daqueles que vivem afastados dos núcleos de povoamento (QUEIROZ, 1973). Na situação estudada percebeu-se que a dimensão econômica teve significativa importância para integrar o campo e a cidade, através da venda e compra de produtos agrícolas como o café que é feita por atravessadores que buscam a produção da colheita na propriedade ou os agricultores se deslocam à cidade para oferecer a produção colhida. Esta ocasião de ida a cidade para a negociação da produção, compra de combustíveis e remédios, recebimento de aposentadorias ou alguma eventualidade permite também a aquisição de outros produtos manufaturados nas mercearias e “vendas”. Os gêneros alimentícios, artefatos pessoais e artigos de vestuário eram comprados na cidade, mas havia momentos que estes gêneros eram comprados também no distrito do município.

A diversificação do comércio na cidade foi um dos fatores que mais influência tem mostrado no processo de mudança das relações econômicas que os rurais mantêm com a cidade. Por isto, o centro urbano, bem como o distrito do município assume papel importante na provisão de mercadorias e prestação de serviços para os moradores do entorno por mais que o município seja considerado como insuficiente para atender as necessidades da sociedade rural. Neste contexto, os vínculos mercantis mantidos com a cidade através da aquisição de bens e produtos depende das condições financeiras e de transporte das famílias. Dessa forma, mesmo o centro urbano do município influenciando diretamente nas atividades cotidianas da sociedade rural, não se pode desconsiderar as funções que também tem o distrito, a vila do município em estudo.

Segundo Wagner (2014) a busca pelos serviços públicos considerados básicos no exercício da cidadania é um dos elementos que integra a sociedade rural à cidade. Este espaço concentra os serviços públicos de educação, sedes administrativas de órgãos públicos e

privados, das organizações sociais, cartórios, bancos, comércios, postos de saúde fazendo com que a circulação espacial dos rurais seja recorrente e reforçando o papel da cidade enquanto centro de serviços. Em algumas parcelas da sociedade rural a ida a cidade era pontual, no caso de pessoas que, por exemplo, precisavam recorrer a serviços esporádicos, como atendimento médico, já para outras a ida era recorrente, regular para aqueles que demandavam de alguns serviços como os bancários.

Ações estatais como o acesso aos recursos das políticas de transferência de renda como aposentadoria e bolsa família exigiram de algumas camadas da sociedade rural uma frequência maior de ida a cidade condicionando os beneficiados a frequentar a cidade para acessar os serviços bancários. Outros fatores relacionados a atividade agropecuária como a busca dos sindicatos de trabalhadores rurais, prestação de assistência técnica e extensão rural também corroboram com a dimensão político-administrativa das relações estabelecidas com o centro urbano do município. Estas relações se estabelecem por ocasião da centralização dos serviços públicos na cidade em estudo.

Em relação ao serviço público de saúde as situações mais simples são resolvidas na sede municipal, já nos casos mais graves que necessitam de atendimento em consultas médicas especializadas e realização de exames, há procura pela cidade polo da microrregião (Viçosa). As famílias que dispõem de melhores condições econômicas recorrem ao atendimento médico em outras cidades, onde consideram que o serviço médico privado seja mais qualificado, rápido e acessível em termos financeiros. Além do acesso aos serviços públicos a participação política dos rurais está vinculada a sede municipal, uma vez que na cidade estão as sedes administrativas dos órgãos estatais e do Sindicato de Trabalhadores Rurais.

As relações de parentesco e amizade consideradas como âmbito privado, também contribuem para a circulação dos rurais pela cidade, logo estas subscrevem idas e vindas da sociedade rural em direção a cidade para visitar parentes e amigos que lá residem. Segundo Wagner (2014), esses laços pessoais são exemplos da integração social que conformam a cidade como espaço de sociabilidade. A cidade assume importância diferenciada para as famílias cujos membros lá estabelecem. Ela é vista como local de vida mais confortável, este se refere a proximidade aos locais de serviço rotineiros e necessários como serviços bancários e espaços diversificados de lazer.

O espaço citadino em questão além de se constituir das relações acima supracitadas também é reconhecido como local de diversão devido a algumas opções de estabelecimentos comerciais como bares, lanchonetes, praças, festas, programações religiosas e outros eventos e ambientes de lazer como as lanhouses. Para Wanderley (2009), de forma associada a estrutura

física para o fornecimento de serviços e realização de uma série de atividades confluem para o hibridismo entre os aspectos da vida rural e da vida citadina dinamizando a sociedade rural.

A saída dos rurais do seu espaço de origem não está relacionada apenas à realização de atividades comerciais, os vínculos que mantêm com a cidade vão além da realização das atividades produtivas. O sentimento de pertencimento está associado, dentre outros fatores, ao fato da cidade ser além de um lugar de negócio, um local de conhecimento. Algumas parcelas dos respondentes deslocam-se para lá com o objetivo não apenas de estabelecer relações mercantis, mas também de fazer visitas a parentes e amigos, frequentar festas e bares, torneios de futebol, participar de encontros religiosos e eventos políticos. Naquele espaço social são encontrados diversos ambientes de lazer onde são firmados e reafirmados laços sociais e diversas formas de sociabilidade entre as pessoas que formam a sociedade de interconhecimento (MENDRAS, 1969).

A sociabilidade foi vista por Cândido (1971) como importante elemento da constituição da sociedade dos bairros rurais por representar a interação dos indivíduos em contextos mais amplos. Em seu estudo, Cândido verificou que alguns aspectos das formas de sociabilidade permaneceram mesmo em situação de mudanças da sociedade, enquanto outros foram modificados. No município em estudo, a cidade torna-se um importante ambiente onde tais interações sociais também ocorrem e as formas de convivência e sociabilidade ganham tom de diversão.

A sociabilidade religiosa é significativa na organização da sociedade local, assemelhando-se com a situação que Cândido (1971) verificou ao estudar os bairros rurais paulistas. Esse autor analisou que a vida religiosa era um elemento definidor da sociabilidade e se caracterizava por ser um complexo de atividades que transcendem o âmbito familiar, encontrando no bairro a sua unidade básica de manifestação (CÂNDIDO, 1971, p. 71). Por isso, a religião tem sido um importante mecanismo de interação social. Porém, diferente do que observara esse autor, as atividades religiosas não são concentradas na cidade, uma vez que nas próprias comunidades de origem existem igrejas e práticas relacionadas ao divino (Figura 16).

Figura 16- Mosaico de fotos de Igrejas em comunidades rurais de Araponga.



Fonte: Inquérito por questionário semi-estruturado, realizado no município de Araponga, MG, de Julho a Setembro de 2014.

Além das atividades religiosas, os torneios de futebol, festas de padroeiros que ocorrem na cidade são eventos sociais importantes na promoção do lazer e na formação de espaços e momentos de sociabilidade. No seio dessas formas de sociabilidade, interagem indivíduos das mais diversas categorias sociais. Essa heterogeneidade social converge para aproximar ou para afastar os indivíduos que a partir delas convivem.

As espacialidades aparecem como formas sociais singulares de apropriação e utilização dos recursos em um determinado espaço geográfico delimitado territorialmente gerando novas relações de produção. A espacialidade não configura essencialmente atributos físico-sociais para a consolidação de um novo território. É conjuntural o papel das espacialidades como questionadoras do espaço geográfico ou como sua condição embrionária. As espacialidades, inclusive, podem ser consideradas como formas de organização espacial datadas de outros momentos. Assim, uma espacialidade é uma forma de organização geral do espaço social que apresenta características predominantes que a qualificam e a diferenciam historicamente das outras. Além disso, a noção de espacialidade traz consigo a ideia de processo em permanente movimento, ou seja, não se trata do espaço em si, mas do espaço na história, pensado como processo histórico, incluindo tanto o realizado quanto o possível, num constante movimento dialético. Em suma, não existe espaço a priori, ele só pode ser pensado como espaço social, não sendo uma categoria independente da realidade. (RAMOS, 2002, p. 68).

Interessou-nos entender as espacialidades construídas pelos rurais na cidade como produto das relações sociais nela travadas e de seus movimentos e dinâmicas. Tais recortes, contudo, não pretendem se apresentar como fragmentos dissociados e impermeáveis. Para que possam cooperar com leituras do mundo críticas e precisas devem ser percebidos como esforços de compreensão das singularidades no interior de movimentos interdependentes e inter-relacionados, de construções sociais e históricas postas em questão pelos sujeitos do mundo. Talvez sua maior relevância esteja na possibilidade de reflexão a respeito de dinâmicas sociais que funcionem como legitimadoras ou transformadoras dos fluxos dominantes.

Em vias de conclusão, para Colucci (2011), o conhecimento é algo imprescindível para a transformação em qualquer. Uma sociedade que conhece e reconhece a sua história e experiência socioespacial, assim como seus feixes de conexão com a dinâmica mundial, tem a possibilidade de escolher, de maneira mais consciente, dentre os diversos caminhos que se apresente. Desta forma, o conceito de espacialidades tem função social se passível de aplicação no cotidiano. Cotidiano este que representa a prática costumeira de na história e nos saberes socioespaciais o que nos trouxe ao hoje construído e o conhecimento para o planejamento de uma existência repleta de possibilidades.

Para Aragón (2009) a mobilidade reflete diretamente no comportamento dos indivíduos que se deslocam, como na de suas famílias e na própria comunidade. Portanto, admite-se que as motivações que determinam os fluxos do campo para o espaço citadino, seja para os pequenos municípios não se resumem somente às demandas relacionadas aos bens materiais associados aos fatores econômicos, como a oferta de prestação de serviços, mas também estão relacionadas a determinações culturais, como a busca por atividades de lazer. Deste modo, os deslocamentos humanos, especialmente no período pós-fordista, tendem a acentuar novas trajetórias e atributos. Se a mobilidade campo-cidade ocorria antes em um período mais espaçado, com baixa frequência, atualmente ela ganha novas nuances.

A compreensão da dinâmica da mobilidade socioespacial perpassa o mundo da vida, o cotidiano das famílias, os valores que as movem, a organização advinda da sociedade civil, com as suas demandas e proposições, e o mundo público representado pelo Estado, pelo mercado e pelo trabalho (HABERMAS, 2007). Isto torna a mobilidade socioespacial um indicador importante das transformações da sociedade, pois a decisão de deslocar-se vai além do consumo material.

6.4 Notas conclusivas sobre o capítulo

“Ir à rua”, expressão comumente usada pelos rurais para designar o deslocamento à cidade, expressa uma vivência da cidade como um espaço de pertencimento. O fato de residir no campo, não torna a cidade como um espaço do qual não se faz parte. Pelo contrário, a cidade é parte integrante da vida das pessoas que residem no campo e expressa a totalidade de sua espacialidade vivida. Portanto, o sentimento de pertencimento está associado, dentre outros fatores, ao fato da cidade ser além de um lugar de negócio, um local de conhecimento. Neste espaço social são firmados e reafirmados laços sociais e diversas formas de sociabilidade.

Frente os deslocamentos corriqueiros entre o campo e a cidade, percebeu-se ao longo deste capítulo que os rurais circulam e se apropriam do espaço citadino motivados por necessidades diversas. Mas, sobretudo, frequentam lugares para realizar atividades ligadas ao comércio e a prestação de serviços, que orientam à construção de espacialidades econômicas. Portanto, a diversificação do comércio no município foi um dos fatores que tem influência no desenho destas conexões espaciais entre os espaços de origem e destino. Interessou-nos entender estas espacialidades como produto das relações sociais nela travadas e de seus movimentos e dinâmicas. Portanto, nesta investigação admitiu-se a espacialidade como uma experiência socioespacial dos rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou analisar os deslocamentos entre campo-cidade realizados pelos rurais do campo do município de Araponga, sob a perspectiva de gênero e geração, a fim de identificar a influência deste movimento espacial sobre os seus modos de vida e na conformação de espacialidades. Partiu-se do pressuposto de que, a mobilidade socioespacial dos habitantes do campo se intensificou pela facilidade dos meios de transporte e comunicação que comprimiram o espaço e o tempo, levando ao surgimento de espaços híbridos, fruto das interações entre os modos de vida rural e urbano. Os deslocamentos realizados pelos rurais permitem, assim, um intercâmbio entre os modos de vida rural e urbano e uma interação territorial entre campo e cidade. Assim, outra dimensão importante desta pesquisa se voltou para a identificação dos *espaços de afinidade* dos rurais na cidade. O entrelaçamento entre o rural e o urbano, partindo da mobilidade, revelou novas facetas de um processo amplo de transformação da sociedade rural em que o modo de vida urbano adentra o campo sob formas variadas, trazendo consigo mudanças que refletem nas condições materiais e imateriais de existência da população rural.

Quanto à primeira hipótese desta investigação a qual afirmava que os espaços frequentados e ocupados na cidade pelos rurais como bancos, órgãos públicos, consultórios médicos e dentários, bem como aqueles espaços de afinidade, como feiras e praças públicas, permitiam aos rurais a construção de espacialidades econômicas, culturais e políticas, constituintes do sentimento de pertencimento à cidade, além da incorporação de hábitos e valores típicos da cultura urbana, foi confirmada. A mobilidade dos rurais para fazer compras pessoais, para a casa e para a propriedade expressavam a incorporação de hábitos, práticas atreladas à utilização de equipamentos industrializados, afeitos ao modo de vida urbano. Tal fato se dá independentemente do deslocamento para a realização do consumo de produtos para uso pessoal. Bem como, para a casa ou para a propriedade se efetivar, quase que exclusivamente, em nível local, estando circunscrito ao âmbito do próprio município e de outros pequenos municípios circunvizinhos. Portanto, há o fortalecimento de hábitos urbanos ao nível das localidades, tornando-se evidente, a importância do comércio local na consolidação de hábitos típicos da cultura urbana.

A mobilidade dos rurais mostrou forte viés de gênero, mas não de geração. Os homens eram os habitantes do campo que mais se deslocavam dentro e fora do campo, em função de terem a posse dos meios de transporte, a moto no caso dos rapazes e dos homens adultos, e do carro, no caso dos senhores idosos. Em contrapartida, as mulheres de ambas as gerações são as

que menos se deslocam apresentando mobilidade limitada e circunscrita na escala municipal utilizando o distrito do próprio município para suprir suas demandas, além destas dependerem de meios de transporte não próprios. Há de fato, a ampliação da mobilidade no campo com o aumento da intensidade dos fluxos dos indivíduos para espaços do seu entorno e para o centro urbano do próprio município. Além disso, a renda se mostrou como um fator relevante para a escolha do tipo de transporte a ser utilizado.

A segunda hipótese da dissertação afirmava que a mobilidade socioespacial dos rurais contribuía na mudança dos seus modos de vida, em função do deslocamento habitual entre o campo e a cidade, influenciar o modo de vida dos homens e mulheres que vivem no campo, independente da geração. Neste sentido, o quadro 1, teve intuito de categorizar e sistematizar algumas variáveis evidenciadas neste estudo para traduzir o processo de transformação da sociedade rural, através das mudanças dos modos de vida. Portanto, este atuou como um modelo balizador para a análise da mobilidade socioespacial enquanto fenômeno social. É importante ressaltar, a partir deste constructo das características relacionadas aos modos de vida rural e urbano, que este instrumento de referência, não traduziu uma visão dicotômica de ambos, mas antes de tudo, que o mesmo é flexível frente ao processo de transformação do rural vislumbrado em diferentes pesquisas vinculadas ao GERAR.

Neste contexto, os hábitos de consumo parecem ser a dimensão da cultura urbana que mais se adentra no campo, em função dos deslocamentos motivados para o consumo de bens duráveis serem mais expressivos. Esta hipótese foi investigada, principalmente, a partir do objetivo específico que propôs verificar possíveis mudanças nos modos de vida dos rurais de acordo com os seus deslocamentos. Averiguou-se que o deslocamento para estudar foi baixo e concentrado entre os jovens reforçando a interpretação de que no pequeno município rural de Araponga, de economia cafeeira, o “modo de vida rural”, marcado pela maior valorização do trabalho do que pelo estudo, continua mais forte do que o “modo de vida urbano”, não tendo tido a possibilidade de deslocamento interferência neste âmbito.

Em relação ao trabalho percebeu-se que o trabalho agrícola realizado na própria propriedade mostrou-se como o principal fator de manutenção do modo de vida rural. O fato da economia do café gerar empregos agrícolas e renda para a manutenção dos membros da família na própria comunidade não alterou sobremaneira a escolaridade dos jovens e o uso dos meios de transporte para a consolidação de projetos de vida em maior confluência com a vida cidadina. O acesso aos meios de transporte e a possibilidade de deslocamento não incidiram de forma decisiva sobre o trabalho realizado fora da propriedade. Assim, a mobilidade socioespacial não

se constituiu em fator determinante para alterar o tipo de trabalho típico do modo de vida rural: a agricultura. Em contrapartida, no que se refere à esfera do consumo de eletrodomésticos e de tecnologias de uso pessoal as diferenças entre o modo de vida no campo e na cidade vem se atenuando, sendo o deslocamento campo-cidade um instrumento para efetivação desta proximidade. O estreitamento do intercâmbio simbólico e material dos rurais com a vida citadina trouxe várias mudanças nos seus modos de morar.

Desta forma, constatou-se que em termos do consumo de bens industriais era tênue a linha de separação entre os modos de morar citadinos e aqueles encontrados no campo. Em contrapartida, em relação às características do trabalho, ao acesso à *internet* e à escolarização ainda persistiam marcantes as características dos modos de vida rural.

Os rurais mostraram avaliar de forma consciente a imagem do campo e da cidade, apontando características positivas e negativas vinculadas a ambos os espaços. A imagem positiva da cidade foi caracterizada pela sua estrutura e funcionamento como polo aglutinador das decisões comerciais, econômicas e políticas, propiciadora de contatos diretos e facilitadora de acesso às tecnologias da informação como o celular e a internet, bem como de acesso ao tempo livre para diversão. Em contrapartida, a imagem positiva do campo apareceu associada à simplicidade da vida no campo, a natureza, a autonomia frente ao trabalho, a harmonia, a boa convivência. Assim, revelou-se uma postura avaliativa em relação ao campo comparando a vida no passado e no presente, demonstrando melhorias na vida rural com o passar dos tempos. A imagem negativa do campo apontou as dificuldades relativas à falta de alguns recursos e serviços reclamados como necessários, principalmente, aqueles ligados à área da saúde, à infraestrutura das vias, a dificuldade de acesso a telefonia móvel, internet e a escassez de atividades ligadas ao lazer, como as festas. O trabalho foi outro tema vinculado pelos rurais aos problemas enfrentados no campo.

A terceira hipótese trabalhada ao longo da dissertação era a de que o deslocamento dos rurais estabelecia espacialidades urbanas diferenciadas segundo o sexo e a geração. Essa afirmativa também foi confirmada. A circulação dos rurais pela cidade, passa por espaços de apropriação e exploração marcados por trocas comerciais. A economia agrícola do município, faz com que o setor de prestação de serviços e comércio na cidade, se torne mais ativa, sinalizando, portanto, que a produção rural alcança preços lucrativos para seus produtos permitindo um maior poder aquisitivo. Notou-se que, de modo geral, a conformação das espacialidades construídas na cidade pelos rurais não se diferiam conforme o sexo e a geração.

A circulação dos homens se mostrou muito mais ampla e diversificada, sendo este traço acentuado entre os idosos. Os homens jovens e adultos construíam a sua espacialidade citadina vinculada, sobretudo, aos espaços ligados ao comércio, à prestação de serviço, como oficinas de carro e bancos, e de lazer, como praças e bares. As mulheres delimitavam a sua espacialidade na cidade nos espaços predominantemente associados ao comércio, enquanto as idosas agregavam a esta dimensão os espaços vinculados à saúde e serviço bancário. Mas, de modo geral, no presente estudo, a construção social da cidade pelos rurais se traduziu na conformação de espacialidades marcadas por determinações econômicas, cuja maior expressão encontrou-se nas relações sociais de produção, consumo de bens e serviços.

Em suma, o presente estudo evidenciou que as transformações observadas em nível local são constituintes do processo de globalização que tendem a ocorrer de forma integrada por mais que se manifeste de modo desigual no tempo e no espaço. Um conjunto de impactos globais adentra no campo, revelando que o rural não é mais o único adjetivo relacionado ao campo. Foi perceptível a aproximação entre os modos de vida urbano e rural no campo, mediado pelos novos padrões de consumo. A hibridização do modo de vida rural é cada vez mais evidente, ao observar que os rurais vêm conjugando práticas culturais com as influências urbanas.

Nesse sentido, reporta-se a contribuição social e científica desta investigação, por apontar a necessidade de repensar as políticas públicas direcionadas ao campo, bem como as práticas extensionistas rurais, que devem perceber que o campo e a cidade estão cada vez mais integrados. Além de compreender que o campo vem se constituindo em uma realidade paulatinamente diversa quanto suas relações e processos sociais. Ademais, que os habitantes do campo deslocam-se para suprir necessidades sentidas no seu espaço de origem, logo pode-se perceber quais são suas reais demandas no espaço citadino.

Tendo em vista as limitações deste estudo, dada a proposta analítica utilizada, percebe-se que pesquisas que enfocam a mobilidade no campo de pequenos municípios de forma mais aprofundada ainda é um desafio. Trata-se de uma temática complexa e multidisciplinar e ainda pouco retratado na sociedade científica. Dessa forma, novas investigações que possam tratar da dinâmica da mobilidade no campo nestes municípios com vocações distintas são relevantes, por evidenciarem as reais demandas que orientam novos padrões de deslocamentos para a cidade e para os espaços a seu entorno. Por fim, sugere-se a realização de pesquisas futuras que investiguem a evolução do processo de urbanização do campo e de seus desdobramentos a nível microsocial. Uma vez que, o universo rural em sua dinamicidade oferece um amplo campo de investigação nos aspectos econômicos, políticos e culturais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAGÓN, Luis E.org. **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009.336 p
- ARAÚJO, L. F., COUTINHO, M.P.L. & SANTOS, M.F.S. O idoso nas instituições gerontológicas: um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia e Sociedade**, 18, n2.89-98, 2006.
- ASSIS, G. G. de. **Conhecer Araponga**. Araponga: Editora, 2003.
- AUGÉ, M. **Por uma antropologia da mobilidade**. Tradução de Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de A. Barros; revisão de Maria Stela Torres B. Lameiras. Maceió: Ed.da UFAL; São Paulo: Ed. da UNESP, 2010. 109 p.
- BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, 519p.
- BARROS, Vanessa Aparecida Moreira. **A institucionalização do habitus previdenciário rural na vida dos idosos que vivem no campo: em análise os municípios de Piranga e São Miguel do Anta, Minas Gerais**. Viçosa: DER – UFV, 2014.
- BECKER, O. M. S. “Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos” In: CASTRO, Iná et all. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p 319-367.
- BERNADELLI, Mara L. F. da H. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. IN: **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. Maria da Encarnação Sposito & Arthur Magon Whitacker (org.). 2ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BERTRAND, Alvin L. et al. **Sociologia Rural: uma análise da vida rural contemporânea**. São Paulo: Atlas, 1973.
- BELTRÃO, K. I; CAMARANO, A. A; MELLO, J. L. **Mudanças nas condições de vida dos idosos rurais brasileiros: resultados não - esperados dos avanços da Seguridade Rural**. Rio de Janeiro: IPEA, 2005 (texto para discussão, 1066).
- BIAZZO, P. P. **Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária**. In: Anais do IV Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa – ENGRUP. São Paulo, p. 132 - 150, 2008.
- BLUME, R. **Território e ruralidade: a desmistificação do fim do rural**. Porto Alegre – R.S. Dissertação (Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre, 2004.
- BOLFARINE, H.; BUSSAB, W.O. **Elementos de Amostragem**. Edgar Blucher, São Paulo, 2005.

- BONOMO, M. et al. Princípios Organizadores das Representações de Rural e Cidade. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 28. Número 1 - Janeiro/Abril 2013
- Bourdieu, P. **Outline of a theory of practice**. 18.ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1977
- BRANDÃO, C. R. “No rancho fundo”: espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009. 244p.
- BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 2003.
- CAMPOS, Ana Paula Teixeira de & MENDES, Fábio Faria. 2004. **Cooperação e confiança: a conquista conjunta de terras entre agricultores familiares de Araponga, Minas Gerais**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- CANCLINI, Nestor, Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2.ed. São Paulo: Editora da USP, 1998.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida**. São Paulo, 8ª Ed, Ed 34, 1997.
- CEPAL. América Latina: Proyecciones de Población Urbano – Rural (1970 – 2025). **Boletín Demográfico**, n. 63, 1999.
- COLUCCI, D. G.; SOUTO, M. M. M. *Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações*. **Geografias Online** (UFMG), v. 8, p. 114, 2011
- CARNEIRO, Maria J. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 11, out. 1998. p. 53-75.
- CORREA, Roberto Lobato. Uma nota sobre o urbano e a escala. **Revista Território**. Rio de Janeiro, v.7, n.11/13, set/out,2003.
- CORREA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 1997.
- DURKHEIM. Emile. **Representações individuais e representações sociais**. In: Sociologia e Filosofia. São Paulo: Ícone, 1994. p. 9-54.
- ENDLICH, Ângela M. Perspectivas sobre o urbano e o rural. IN: Sposito, M.E.B. WHITACKER, A.M. (org.). **Cidade e campo: relações e Contribuições entre urbano e rural**. São Paulo: Editora Expressão popular, 2010, 11-31p.
- EUROPEAN COMMISSION. **RURAL DEVELOPMENT IN THE EUROPEAN UNION**. Bruxelas: European Union, 2006. p. 411

- FROEHLICH, José Marcos. **Rural e Natureza: a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, 2002. 201 p. (Tese de Doutorado).
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas. 2010.159p.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Nova economia, Belo horizonte. V.7, n.1, p.43-81, maio de 1997.
- GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, p. 59–74, 1993.
- GUERRERO, Rafael Sergio Porcar. **La relación entre estructura urbana y movilidad obligada residencia – trabajo. Teoría, evidencia e implicaciones en el diseño de políticas: el caso de la región metropolitana de Barcelona**. Treball de recerca. Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona. 2003.
- GUPTA, Akhil & FERGUSON, James. **Beyond culture: space, identity and politics of difference**. Cultural Anthropology, pp. 6-23. 1992.
- HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia, entre facticidade e validade**. v. I. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. **Territórios alternativos**. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 349 p.
- HANNERS, Ulf. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras chave da Antropologia Transnacional. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v3. n1, Abril. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131997000100001. Acesso em: 09 out. 2013.
- HESPANHOL, R. A. de M. Relações Cidade-Campo e Urbano-Rural: Contribuição para a análise geográfica do Projeto Cinturão Verde de Ilha Solteira, São Paulo e para o Programa Vilas Rurais em Lerroville, Paraná, Brasil. **Revista GEOATOS**, FCT/UNESP, Campus Presidente Prudente, 2011.
- IBGE. **Sítio oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2013a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>
- IMAGE (1998). **Alceste: Analyse de donnés textuelles**. Tolouse: Manuel d'utilisateur.
- INTERNATIONAL FUND FOR AGRICULTURAL DEVELOPMENT. **Rural Poverty Report 2001 - The Challenge of Ending Rural Poverty**. New York: IFAD, 2001. p. 265

- JODELET, D. **As representações sociais**. Tradução, Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- LANDIM, F. L. P.; LOURINHO, L. A.; LIRA, R. C. M.; SANTOS, Z. M. S. A. **Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa**. RBPS, 19 (1): 53-58, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- LE GOFF, Jaques. **L'imaginaire medieval**. Paris, Gallimard, 1985.
- MAIA, Doralice Sátyro. Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa-PB. 2000. 360 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MARQUES, Marta. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**. São Paulo: ano 18, n. 19 p. 95-112 jul./dez. 2003.
- MARTINEZ, L. F; FERREIRA, A. I. **Análise de dados com SPSS: primeiros passos**. Escolar Editora: Lisboa, 2007
- MARTINS, José de Souza. **A imigração e a Crise do Brasil Agrário**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011
- MARTINS, José de Souza. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2 ed. 1988.
- MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Livro primeiro, Tomo 2. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MARX, Karl. **Grundrisse – Manuscritos Econômicos de 1857- 1858: esboços para a crítica da Economia Política**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MENDRAS, Henri. A cidade e o campo. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de (Org). **Sociologia Rural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- MERCADO COMUM DO CONE SUL. **CRITÉRIOS PARA DEFINIÇÃO DE POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE: ARGENTINA , BRASIL , CHILE , PARAGUAIPROJETO DE COOPERAÇÃO ESTATÍSTICA COMUNIDADE EUROPÉIA - MERCOSUL Grupo de Trabalho N . ° 6 . Estatísticas Sociais (emprego e educação) País responsável : Paraguai. Anais...Montevidéo: MERCOSUL, 2000.**

- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis (RJ.): Vozes, 2012.
- MURRAY, Warnich E. Geographies of globalization. **Routledge Contemporary Human**. London and New York, 2006.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1978.
- _____. **On social representations**. In J. P. FORGÁS (Ed.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). London: Academic Press. 1982.
- NASCIMENTO, P. et al. Variáveis evidenciadoras dos processos de transformação do campo: o caso do Espírito Santo-Brasil. **Mundo Agrario**, v. 13, n. 26, 2013.
- OCDE. **Creating rural indicators for shaping territorial policy**. Paris: OCDE, 1994.
- PEREIRA, Mirlei Fechini Vicente. Redes, sistemas de transportes e as novas dinâmicas do território no período atual: notas sobre o caso brasileiro. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 21 (1): 121-129, ABR. 2009.
- PESAVENTO, S.J. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V.15, n29, p 9-27. 1995.
- QUEIROZ, M.I., **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil**. Rio de Janeiro, São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, EdUSP, 1978, pp. 46-67
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMBAUD, Placide. **Société Rurale et Urbanisation**. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.
- _____. **Société Rurale et Urbanisation**. 2ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1973.
- RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “bairro” da água branca. **Revista do Departamento de Geografia – Departamento de Geografia da FFLCHUSP**, São Paulo, n. 1, p. 65-75, 1982. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/RDG/RDG_15/65-75.pdf> Acesso em: 07 dez.2014
- REICHARDT CS & COOK TD. Beyond qualitative *versus* quantitative methods. In TD Cook & LS Reichardt (orgs.). **Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation Research**. Sage, pp. 7-30. Londres. 1979
- ROSAS, Celbo Antonio da Fonseca. **A (des) construção da dicotomia rural-urbano no extremo noroeste paulista**. 246f. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. 2010.
- RUA, João. **Urbanização rural ou novas ruralidades?** In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA. 15. Goiânia, Comunicações... Goiânia: UFG, 2000 (a). p.418-420.

- SÁ, C. P. de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.
- SACK, Robert. **Human territoriality: its theory and history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- SAIAD, Edward. **Culture and Imperialism**. London, 1993.
- SALVATORE, M. et al. Mapping global urban and rural population distributions. In: **Environment and Natural Resources Series, No. 24**. Rome - Italy: FAO, 2005. v. 1995p. 88.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978
- _____ **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____ **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SETUBAL, M. A. **Vivências caipiras: pluralidade cultural e diferentes temporalidades na terra paulista**. São Paulo: CENPEC, 2005.144p.
- SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.
- SILVEIRA, Lidiane Nunes da, Elenice Aparecida Coutinho, Ana Louise de Carvalho Fiúza. A atualidade da obra Société Rurale et Urbanisation de Placide Rambaud para a compreensão das transformações do campo brasileiro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, abril de 2013, vol. 21, n. 1, p. 160-179, ISSN 1413-0580.
- SOBARZO, Oscar. **O rural e o urbano em Henri Lefebvre**. In: SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão; WHITACKER, Arthur Magon. Cidade e Campo: Relações e Contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- SORRE, M. «GÉOGRAPHIE DES TEXTILES» DE MM. ANDRÉ ALLIX ET ANDRÉ GIBERT. **Annales de Géographie**, v. 67, p. 59–61, 1958.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, Iná Elias, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) Geografia: Conceitos e Temas. 5ª edição. Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.
- SOUSA, Marcos Timóteo Rodrigues. **Uma abordagem sobre o problema da mobilidade e acessibilidade do transporte coletivo, o caso do bairro Jardim São João no município de Guarulhos-SP**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia Civil), Universidade de Campinas, Campinas.

SOTO, Willian Héctor Gómes. A crise da sociologia rural no Brasil e suas tradições teóricas. 2011. Disponível em: Acesso em: 07 Dezembro 2014.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. O mundo rural no horizonte dos jovens. Florianópolis: Editora da UFSC, 346 p. 2006.

SUZUKI, J. C. Campo e cidade no Brasil: transformações socioespaciais e dificuldades de conceituação. **NERA**, Presidente Prudente, ano 10, n. 10, p. 134-150, jan./jul. 2007. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/10/suzuki.pdf>. Acesso em: 7 abril. 2014.

TAJFEL, H. **Grupos humanos e categorias sociais II**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

TANAKA, Oswaldo Y.; Melo, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente-um modo de fazer**. Capítulo IV. São Paulo: Edusp, 2001.

TEIXEIRA, M. A; LAGES, V. N. **Transformações no espaço rural e a geografia rural: idéias para discussão**. Revista de Geografia. São Paulo, n.14, p. 9-33, 1997.

TIRADENTES, Leomar. O canto da Araponga: possibilidades de um turismo no espaço rural da microrregião de Viçosa – MG. Dissertação (Mestrado) UNESP, Rio Claro. 2004.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

THE WORLD BANK GROUP. **Data Indicators**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/SP.RUR.TOTL>>.

TURNER, Victor. Dramas sociais e metáforas rituais in Dramas, Campos e Metáforas. **Ação simbólica na sociedade humana**, Niterói: Eduff, 2008, p.19-54.

U.S. CENSUS GEOGRAPHY DIVISION. **2010 Census Urban and Rural Classification and Urban Area Criteria**. Disponível em: <<http://www.census.gov/geo/reference/ua/urban-rural-2010.html>>.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transporte urbano, espaço e equidade: análise das políticas públicas**. São Paulo: Annablume, 2001.

VASCONCELOS, E. M. **Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar: Epistemologia e Metodologia Operativa**. Petrópolis, Vozes, 2002, 343p.

VEIGA, J. E. **Destinos da ruralidade no processo de globalização**. Estudos Avançados 2004, Vol. 51, n. 18, pp. 51-67.

WAGNER, D; ASSIS, W, S de. Conexões entre campo e cidade na Amazônia paraense: agricultores familiares e suas relações com a cidade de Marabá- PA. **Revista Extensão Rural**. DEAER – CCR- UFSM, vol 21, n2, abri-jun de 2014.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como espaço de vida – reflexos sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WIRTH, L. O urbanismo como modo de vida. VELHO, O. G. O. **Fenômeno urbano.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Modelo de Termo de Consentimento do respondente

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

**TÍTULO DO PROJETO: A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões
citadinas: uma análise do município de Araponga, MG.**

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Ana Louise de Carvalho Fiúza

Departamento: Economia Rural tel: (31) 3899-1313 e-mail: louisefiúza@ufv.br

Equipe de pesquisa

Nome: Nayhara Freitas Martins Gomes

Departamento: Economia Rural tel: (31) 8709-7929 e-mail: nayhara_martins@yahoo.com.br

Você está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE redigido em atendimento à Resolução CNS 466/2012.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome:

Endereço:

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa chamada “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões citadinas: uma análise do município de Araponga, MG.**”. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo. Em caso de dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Este trabalho é de responsabilidade da professora Ana Louise de Carvalho Fiúza do Departamento Economia Rural e da estudante de mestrado Nayhara Freitas Martins Gomes do mesmo departamento.

A pesquisa tem por objetivo compreender como se dá o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo do município de Araponga, Minas Gerais. Mais especificamente, esta pesquisa está analisando o deslocamento de homens e mulheres, sendo estes, jovens, adultos e idosos, buscando-se compreender as particularidades e semelhanças nos movimentos realizados por estes entre o campo e a cidade, além de se verificar possíveis transformações no modo de vida rural. Para chegarmos aos dados precisamos que o (a) senhor (a) responda algumas perguntas relacionadas a como são realizados os deslocamentos, qual é a frequência deste, quais os motivos que o leva a deslocar para fora de seu espaço de origem,

onde são os espaços mais buscados na cidade e como se dá sua vivência no campo, principalmente. Os dados que o (a) senhor (a) informar na entrevista poderão ser utilizados em pesquisas futuras. Ressaltamos ainda que as respostas e ou dados gerados a partir do preenchimento do questionário poderão ser expostas, ainda que sua identidade pessoal seja mantida em sigilo. A sua participação nesta pesquisa contribuirá para a divulgação de conhecimentos sobre a sua realidade, bem como de outras pessoas que vivem no campo, além de poder contribuir com o poder público, auxiliando na construção de possíveis políticas públicas. A participação do (a) senhor (a) respondendo a este questionário, não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro para (a) o senhor (a), ou seja, a sua participação é voluntária. A presente pesquisa não irá lhe proporcionar riscos, visto que, esta se atenta aos aspectos descritivos da sua realidade no campo. No entanto, a pesquisadora tem conhecimento que a abordagem por meio de entrevistas pode incorrer o risco de lhe trazer lembranças desagradáveis ou outros desconfortos emocionais. Portanto, caso sinta algum desconforto, você pode solicitar que a questão seja descartada ou que ocorra o cancelamento de sua participação a qualquer momento. A sua identidade pessoal será preservada na divulgação da pesquisa, mas as suas respostas serão analisadas e tornadas públicas. O (a) senhor (a) poderá desistir de responder ao questionário ou solicitar que suas respostas não sejam analisadas e publicadas a qualquer momento da pesquisa, uma vez que sua participação não é obrigatória.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG.**”, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar deste estudo. Também fui informado (a) que em caso de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

*Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV),
Viçosa, Minas Gerais.
Telefone: (31) 3899-2492
e-mail: cep@ufv.br
site: www.cep.ufv.br*

_____, ____, _____ de 2014.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Participante da pesquisa

APÊNDICE B - Modelo de Termo de Consentimento para pais/responsáveis pelo respondente entre 15 a 18 anos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE específico para pais/responsáveis pelo menor de idade.

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

TÍTULO DO PROJETO: A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG.

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Ana Louise de Carvalho Fiúza

Departamento: Economia Rural tel: (31) 3899-1313 e-mail: louisefiuz@ufv.br

Equipe de pesquisa

Nome: Nayhara Freitas Martins Gomes

Departamento: Economia Rural tel: (31) 8709-7929 e-mail: nayhara_martins@yahoo.com.br

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado (a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. Todas as informações necessárias sobre a pesquisa encontram-se relacionadas abaixo e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE redigido em atendimento à Resolução CNS 466/2012.

IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA (VOLUNTÁRIO)

Nome:

Endereço:

O menor sob sua responsabilidade está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa chamada “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG.**”. Este trabalho é de responsabilidade da professora Ana Louise de Carvalho Fiúza do Departamento Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa e da estudante de mestrado Nayhara Freitas Martins Gomes do mesmo departamento.

A pesquisa tem como objetivo compreender como ocorre o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo do município de Araponga, Minas Gerais. Mais especificamente, esta pesquisa está analisando o deslocamento de homens e mulheres, sendo estes, jovens, adultos e idosos, buscando-se compreender as diferenças e semelhanças nos movimentos realizados por estes entre o campo e a cidade, além de se verificar possíveis transformações no modo de vida rural. Para chegarmos aos dados precisamos que o (a) senhor (a) autorize a participação do (da) menor sob sua responsabilidade para que este (a), responda algumas perguntas relacionadas sobre como são realizados os deslocamentos, qual é a frequência, quais os motivos que o leva a deslocar, onde são os espaços mais buscados na cidade e como se dá sua vivência no campo, principalmente. Os dados que o (a) menor informar na entrevista poderão ser utilizados em pesquisas futuras. Ressaltamos ainda que as respostas e ou

dados gerados a partir do preenchimento do questionário poderão ser expostas, ainda que sua identidade pessoal seja mantida em sigilo. A participação do menor nesta pesquisa contribuirá para a divulgação de conhecimentos sobre a sua realidade, bem como de outras pessoas que vivem no campo, além de poder contribuir com o poder público, auxiliando na construção de possíveis políticas públicas. A participação não implicará em nenhuma despesa bem como em nenhum benefício financeiro, ou seja, a participação é voluntária. A presente pesquisa não irá proporcionar ao envolvido riscos, visto que, esta se atenta aos aspectos descritivos da sua realidade no campo. No entanto, a pesquisadora tem conhecimento que a abordagem por meio de entrevistas pode trazer o risco de lembranças desagradáveis ou outros desconfortos emocionais. Portanto, caso o menor sinta algum desconforto, você pode solicitar que a questão seja descartada ou que ocorra o cancelamento da participação dele (a) a qualquer momento. A identidade pessoal do menor será preservada na divulgação da pesquisa, mas as suas respostas serão analisadas e tornadas públicas. O (a) senhor (a) poderá interromper a participação do menor em responder ao questionário ou solicitar que as respostas não sejam analisadas e publicadas a qualquer momento da pesquisa, uma vez que a participação não é obrigatória.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG.**”, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar a decisão de autorizar o menor de idade sob minha responsabilidade em participar deste estudo, se assim o desejar.

Também fui informado (a) que em caso de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

*Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV),
Viçosa, Minas Gerais.
Telefone: (31) 3899-2492
e-mail: cep@ufv.br
site: www.cep.ufv.br*

_____, ____, _____ de 2014.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Participante da pesquisa

APÊNDICE C - Termo de Assentimento para os respondentes com idade entre 15 e 18 anos

TERMO DE ASSENTIMENTO
(aos respondentes com idade entre 15 e 18 anos)

IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA

**TÍTULO DO PROJETO: A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões
cidades: uma análise do município de Araponga, MG.**

Coordenador da pesquisa (pesquisador responsável):

Nome: Ana Louise de Carvalho Fiúza

Departamento: Economia Rural tel: (31) 3899-1313 e-mail: louisefiúza@ufv.br

Equipe de pesquisa

Nome: Nayhara Freitas Martins Gomes

Departamento: Economia Rural tel: (31) 8709-7929 e-mail: nayhara_martins@yahoo.com.br

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa chamada “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidades: uma análise do município de Araponga, MG.**”. Este trabalho é de responsabilidade da professora Ana Louise de Carvalho Fiúza do Departamento Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa e da estudante de mestrado Nayhara Freitas Martins Gomes do mesmo departamento.

A pesquisa tem como objetivo compreender como ocorre o fenômeno da mobilidade socioespacial das pessoas que vivem no campo do município de Araponga, Minas Gerais. Mais especificamente, esta pesquisa está analisando o deslocamento de homens e mulheres, sendo estes, jovens, adultos e idosos, buscando-se observar as diferenças e semelhanças nos movimentos realizados entre o campo e a cidade, além de se verificar possíveis transformações no modo de vida rural. Precisamos que você responda algumas perguntas relacionadas sobre como são realizados os deslocamentos, qual é a frequência, quais os motivos que o leva a deslocar, onde são os espaços mais buscados na cidade e como se dá sua vivência no campo, principalmente. Estas informações poderão ser utilizadas em pesquisas futuras ou poderão ser expostas, mas sua identidade pessoal será mantida em sigilo. Sua participação nesta pesquisa contribuirá para a divulgação de conhecimentos sobre a sua realidade, bem como de outras pessoas que vivem no campo, além de poder contribuir com o poder público, auxiliando na construção de possíveis políticas públicas.

Sua participação não implicará em nenhuma despesa, bem como, em nenhum benefício financeiro, ou seja, ela é voluntária. A presente pesquisa não irá te proporcionar riscos, pois a pesquisa busca estudar os aspectos descritivos da sua realidade no campo. No entanto, a pesquisadora tem conhecimento que entrevistas podem trazer o risco de lembranças desagradáveis ou outros desconfortos emocionais. Portanto, caso você sinta algum desconforto, você pode solicitar que a questão seja descartada ou que ocorra o cancelamento de sua participação a qualquer momento, uma vez que sua participação não é obrigatória.

Declaro que fui informado (a) dos objetivos do estudo “**A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidades: uma análise do município de Araponga, MG.**”, de maneira clara e detalhada e esclareci as minhas dúvidas. Estou informado de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e o meu responsável poderá modificar a decisão de

participar deste estudo. Tendo o consentimento do meu responsável, declaro que concordo em participar dessa pesquisa.

Também fui informado (a) que em caso de discordância com procedimentos ou irregularidade de natureza ética posso buscar auxílio junto ao **Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa – CEP/UFV** no seguinte endereço e contatos:

*Prédio Arthur Bernardes, piso inferior, campus da Universidade Federal de Viçosa (UFV),
Viçosa, Minas Gerais.*

Telefone: (31) 3899-2492

e-mail: cep@ufv.br

site: www.cep.ufv.br

_____, ____, _____ de 2014.

Pesquisador Responsável pelo Projeto

Participante da pesquisa

APÊNDICE D- Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA RURAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

PROJETO: “A mobilidade socioespacial dos rurais e as suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga/MG.

Sou Nayhara Freitas Martins Gomes, mestranda em Extensão Rural na Universidade Federal de Viçosa. Estou realizando uma pesquisa sobre os lugares para onde as pessoas que vivem no meio rural costumam ir e costumam frequentar. O objetivo da pesquisa é compreender a relação que as pessoas que vivem no meio rural têm com as cidades ao seu redor. As respostas são confidenciais e sua participação é voluntária. Posso contar com sua participação?

Nome:

Local onde vive:

Respondente nº:

1- Naturalidade
2- Idade
3- Sexo (1) – Masculino; (2)- Feminino
4- Estado Civil (1) – Solteiro (a); (2) - Casado (a); (3) - União Estável; (4) - Separado/Divorciado (a); (5) – Viúvo (a);
5- Quantos anos o Sr.(a) estudou?
6- Com o que o Sr/ Sra trabalha? (1) – Ocupação agrícola; (2)- Ocupação Não agrícola; (3) – Nenhuma destas
Descrição
7- Alguém na família trabalha fora da propriedade e é remunerado? 1 () Sim 2 () Não
8- Quem?
9- Onde?
10- Com o que?
11- Alguém na casa do Sr/ da Sra estuda? 1 () Sim 2 () Não
12- Onde?
13- O que?

14- Quem mora na casa do Sr/ da Sra? (Listar membros)			
Nome	Parentesco em relação ao respondente	Idade	Anos de estudo

15- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para trabalhar?
1 () Sim 2 () Não

16- Quantas vezes?
(1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- diariamente
(5)- Uma vez por mês; (6)- Mais de uma vez por mês.

17- Onde o Sr/ a Sra trabalha?

18- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir trabalhar?

19- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o trabalho?

20- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para estudar?
1 () Sim 2 () Não

21- Em caso de sair, quantas vezes?
(1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana;
(4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.

22- Onde o Sr/ a Sra estuda?

23- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir estudar?

24- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local onde estuda?

25- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para fazer compras de uso pessoal (vestuário e calçados)?
1 () Sim 2 () Não

26- Em caso positivo, quantas vezes?
(1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana;
(4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.

27- Onde o Sr/ a Sra faz essas compras?

28- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir realizar essas compras?

29- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local destas compras?

30- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para fazer compras para a casa?
1 () Sim 2 () Não

31- Em caso positivo, quantas vezes?
(1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana;

(4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
32- Onde o Sr/ a Sra faz essas compras?
33- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir realizar essas compras para casa?
34- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local da compra?
35- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para fazer compras para a propriedade? 1 () Sim 2 () Não
36- Em caso positivo, quantas vezes o Sr/ a Sra faz compras para a propriedade? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
37- Onde o Sr/ a Sra faz as compras para a propriedade?
38- Qual o meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir fazer as compras da propriedade?
39- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local onde faz as compras para a propriedade?
40- O Sr/ a Sra costuma procurar os serviços de saúde? 1 () Sim 2 () Não
41- Quantas vezes o Sr/ a Sra costuma procurar os serviços de saúde? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
42- Onde o Sr/ a Sra costuma procurar pelos serviços de saúde?
43- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir ao serviço de saúde?
44- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local que oferece os serviços de saúde?
45- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para ir fazer serviços de banco ou ir a lotérica? 1 () Sim 2 () Não
46- Em caso positivo, quantas vezes o Sr/ a Sra costuma sair de casa para ir fazer estes serviços? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
47- Onde Sr/ a Sra costuma ir ao banco ou a lotérica?
48- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir?
49- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até estes locais?
50- O Sr/ a Sra costuma ir a práticas religiosas? 1 () Sim 2 () Não
51- Em caso positivo, quantas vezes? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.

52- Onde o Sr/ a Sra costuma ir a missa ou a cultos religiosos?
53- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir à Igreja ou ao culto?
54- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até a Igreja ou culto?
55- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para visitar familiares e amigos? 1 () Sim 2 () Não
56- Em caso positivo, quantas vezes? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
57- Onde residem os parentes e amigos que Sr/ a Sra costuma ir visitar?
58- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir visitar parentes e amigos?
59- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até a casa dos parentes que visita?
60- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para praticar esporte ou outra atividade de lazer? 1 () Sim 2 () Não
61- Em caso positivo, quantas vezes? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
62- Onde o Sr/ a Sra costuma ir para praticar esporte ou outra atividade de lazer?
63- Qual meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza?
64- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até o local onde pratica esportes ou outra atividade de lazer?
65- O Sr/ a Sra costuma sair de casa para ir a bares/ festas? 1 () Sim 2 () Não
66- Em caso positivo, quantas vezes? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
67- Onde o Sr/ a Sra costuma ir a bares e festas?
68- Qual o meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir a festas e bares?
69- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até os bares e os locais de festa?
70- O Sr/ a Sra costuma ir a: 1) Emater 2) Prefeitura 3) STR? (Circule as instituições citadas) 1 () Sim 2 () Não
71- Em caso positivo, quantas vezes? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês; (6)- uma vez por ano 1)_____ 2)_____ 3)_____

72- Em que cidade o Sr/ a Sra costuma ir a 1) Emater ao 2)STR?
73- Qual o meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza para ir a1) Emater 2) Prefeitura 3) STR? 1)_____ 2)_____ 3)_____
74- Quanto tempo o Sr/ a Sra gasta de casa até estes locais?
75- Quais os outros motivos que te levam a sair de casa?
76- Qual a frequência? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês.
77- Onde?
78- Quanto tempo gasta de casa até este local?
79- Qual o meio de transporte mais utiliza?
80- Quem sai mais na casa do Sr/da Sra?
81- Com que frequência?
82- Para fazer o que?
83- Quem sai menos na casa do Sr/da Sra?
84- Com que frequência?
85- Para fazer o que?
86- Qual o meio de transporte o Sr/ a Sra mais utiliza? (1) – Carro; (2)- Moto; (3)- Ônibus; (4)- Bicicleta (5) – Charrete ou Carroça; (6)- a pé; (7)- Táxi; (8)- Carona (9) Trator (10) Outros _____
87- Quais os meios de transporte a sua família possui? (1)- Carro; (2)- Moto; (3)- Caminhão; (4)- Bicicleta; (5) – Charrete ou Carroça; (6)-Trator; (7)- Carro de boi; (8)- Nenhum
88- O Sr/ a Sra depende de alguém para sair de casa? 1 () Sim 2 () Não 88.1Em caso de depender, de quem? _____
89- Dê uma nota de 1 a 5 para estes lugares, segundo a importância que eles têm na sua vida. O número 1 é pouco importante e 5 muito importante. 1-() Estevão de Araújo 2-() Viçosa 3-() Araponga 4-() Canaã 5-() Ervália 6-() São Miguel do Anta 7-() Teixeira 8-() Ubá 9-()Ouro Preto 10-() Coimbra 11-() Sericita 12-() Fervedouro 13-() Muriaé 14-() Abre Campo 15-() Ponte Nova 16-() Belo Horizonte 17-() Jequeri 18-() Campinas 19() São Paulo 20() Pedra do Anta ()Outras:_____
90- Qual a frequência, o Sr, a Sra costuma ir a estes lugares? (1)- Nunca (2)- Uma vez por semana; (3)- mais de uma vez por semana; (4)- Uma vez por mês; (5)- Mais de uma vez por mês. 1-() Estevão de Araújo 2-() Viçosa 3-() Araponga 4-() Canaã 5-() Ervália 6-() São Miguel do Anta 7-() Teixeira 8-() Ubá 9-()Ouro Preto 10-() Coimbra 11-() Sericita 12-() Fervedouro 13-() Muriaé

108- Quais as principais vantagens o Sr/ a Sra vê na zona rural?
109- Quais as principais desvantagens da zona rural para o Sr/ a Sra?
110- Quais as principais vantagens da cidade?
111- Quais as principais desvantagens da cidade?
A SEGUIR FAREI ALGUMAS PERGUNTAS PARA SABER A OPINIÃO DO SR/ DA SRA SOBRE AS SEGUINTE AFIRMAÇÕES:
112- Ir muito a cidade melhora a pessoa. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
113- Ir muito a cidade estraga a pessoa. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
114- A cidade faz as pessoas gastarem mais. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
115- O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
116- As pessoas da roça também fazem parte da cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
117- As pessoas da cidade tratam bem as pessoas da roça, quando estes vão a cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
118- Trabalhar na cidade dá mais segurança à pessoa do que trabalhar na roça. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
119- A cidade modifica o jeito das pessoas alimentarem. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
120- Os alimentos comprados na cidade facilitam o trabalho de preparar a comida. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
121- Ir a cidade desperta o interesse de comprar mais eletrodomésticos e móveis para a casa. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
122- A ida a cidade desperta o interesse de comprar mais roupas e calçados para uso pessoal. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente

123- A ida a cidade faz a pessoa comprar mais equipamentos agrícolas e insumos para a propriedade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
124- Os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho agrícola. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
125- A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
126- O modo de trabalhar na roça está parecido com o modo de trabalhar na cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
127- O modo de viver na zona rural está parecido com o modo de viver na cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
128- As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
129- As pessoas que vivem na cidade têm mais oportunidade de estudar e ter uma profissão que as pessoas que vivem na zona rural. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
130- Os meios de transporte encurtam a distância entre a zona rural e a cidade. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
131- Estudar faz a pessoa subir de vida. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
132- Na cidade existe maior acesso a informação. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
133- Assistir à televisão e escutar o rádio mudam o comportamento das pessoas que vivem na roça. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
134- O jovem prefere viver na cidade do que na roça. 1- Concordo totalmente; 2- Concordo parcialmente; 3- Não concordo, nem discordo; 4- Discordo parcialmente; 5- Discordo totalmente
135- Para terminar a entrevista gostaria de perguntar ao Sr/ a Sra se alguém na família recebe algum benefício do governo? (1)- Sim; (2)- Não Qual? (1)- Bolsa família; (2)- Aposentadoria; (3)- Pensão; (4)- Auxílio Saúde
136- Qual é a principal fonte de renda da família?
137- Qual a renda total mensal da sua família?

138- O Sr/ a Sra ou alguém na família possui algum destes equipamentos?

Aparelho	Possui: Sim (1) Não (2) Quantos	De quem é?/ Quem mais usa?
Televisão		
Aparelho de DVD		
Aparelho de Som		
Rádio		
Máq. de costura		
Computador		
Acesso a internet		
Antena parabólica		
Celular		
Telefone fixo		
Fogão à gás		
Forno elétrico		
Fogão à lenha		
Microondas		
Geladeira		
Freezer		
Ventilador		
Liquidificador		
Batedeira		
Máq. de lavar roupa		
Ferro elétrico		
Moto		
Carro		
Trator		
Cavalo		
Bicicleta		

139- Em termos de bens e aparelhos listados a seguir numere-o de 1 a 5 em termos de importância, considerando o 1 menos importante e o 5 mais importante:

Bens de consumo	Valor	Bens de consumo	Valor	Bens de consumo	Valor
Televisão		Telefone fixo		Liquidificador	
Aparelho de DVD		Fogão à gás		Máq. de lavar roupa	
Aparelho de Som		Forno elétrico		Ferro elétrico	
Rádio		Fogão à lenha		Moto	
Máq. de costura		Microondas		Carro	
Computador		Geladeira		Trator	
Acesso a internet		Freezer		Charrete	
Antena parabólica		Ventilador		Cavalo	
Celular		Batedeira		Bicicleta	

140- Com que frequência o Sr / a Sra realiza as seguintes atividades?

Lazer	1= Todos os dias 2= Várias vezes por semana 3= Uma vez por semana, num dia de semana 4= Só ao fim-de-semana
-------	--

	5= Uma vez por mês 6= Nunca 88= NS/NR
Assistir novela	
Assistir jornal	
Assistir futebol na tv	
Assistir filme	
Ler jornal	
Ler revista	
Ler livro	
Ouvir música	
Descansar e não fazer nada	
Jogar futebol ou ir torcer	
Fazer caminhadas	
Ir pescar	
Ir a festa/bares	
Andar a cavalo	
Outros	

OBRIGADA PELA SUA ATENÇÃO!

APÊNDICE E – Autorização da secretária de saúde de araponga para o levantamento dos dados cadastrais das famílias rurais, nas unidades básicas de saúde

**SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO MUNICÍPIO DE
ARAPONGA-MG**

Rua Ângelo Jacovini, 02, Centro- Araponga MG - 36594-000 - Tel. (31)3894-1234

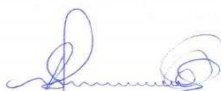
Carta de autorização para o desenvolvimento da pesquisa

Araponga, 26 de Maio de 2014.

Eu, Ana Flávia de Paiva Mendes na condição de responsável pela Secretaria Municipal de Saúde do município de Araponga, MG, declaro para os devidos fins que autorizo à estudante Nayhara Freitas Martins Gomes, matrícula 59431, regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, tenha acesso ao cadastro das famílias rurais registradas no Programa Saúde da Família de Araponga no período de Maio a Julho de 2014. Esse acesso se dará para fins de verificação do número de famílias rurais cadastradas pelo PSF desse município, assim como, coletar outras informações necessárias para o desenvolvimento de sua pesquisa intitulada, A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de *Araponga – MG*. Tenho ciência de que se trata de um trabalho acadêmico sério e que contribuirá para o conhecimento da realidade de nossa região.

Para todos os fins de direito, firmo a presente.

Araponga, 26 de Maio de 2014.



Ana Flávia de Paiva Mendes
Responsável pela Secretaria Municipal de Saúde de Araponga

APÊNDICE F – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço público

Categorias analíticas referentes ao espaço público	Categorias nativas
Espaço público vinculado a (escolaridade, religião e ao comércio).	-Escola, Igreja, supermercado;
Espaço público vinculado ao (comércio, a escolaridade, a religião e a saúde)	-Mercearia, escola, Igreja e Consultório odontológico;
Espaço público vinculado ao (comércio e serviços bancários)	-Padaria, mercearia e lotérica; -Supermercado e banco; -Lotérica, mercearia e loja; -Loja, padaria, açougue, mercearia e lotérica; -Loja, banco e supermercado; -Mercearia, açougue, padaria e banco; -Lotérica, mercearia e casa de produtos agropecuários;
Espaço público vinculado ao (serviço bancário, comércio, religião e a saúde)	-Lotérica, mercearia, Igreja, UBS e farmácia; -Lotérica, Igreja, UBS, loja e supermercado; -Banco, supermercado, loja, farmácia e Igreja;
Espaço público vinculado a (prestação de serviço e saúde)	-STR, CRESOL e UBS -Lanhouse, STR, EMATER, CRESOL, UBS;
Espaço público vinculado ao (comércio, saúde e serviço bancário)	-Farmácia, loja, supermercado, banco e UBS; -Consultório médico, loja, banco e farmácia; -Banco, UBS, supermercado, loja e padaria; -Loja, lotérica, banco e UBS;
Espaço público vinculado ao comércio	-Mercearia e padaria; -Mercearia, lanchonete, bar; -Mercearia e loja; -Loja; - Bar, mercearia e açougue; -Mercearia, casa de produtos agropecuários e bar;
Espaço público vinculado a (saúde e comércio)	-Consultório odontológico, loja e supermercado; -Farmácia, loja e supermercado;
Espaço público vinculado a saúde	-UBS; -Consultório odontológico; -Consultório médico;
Espaço público vinculado a religião	-Igreja;
Espaço público vinculado a (escolaridade, comércio, prestação de serviço e saúde)	-Escola, mercearia, lanhouse, UBS;
Espaço público vinculado a (prestação de serviço e comércio)	-Oficina, posto de gasolina, mercearia e bar; -Mercearia e posto de gasolina; -Padaria, mercearia, loja e oficina; -Bar, posto de gasolina e sorveteria; -Casa de produtos agropecuários, mercearia e posto de gasolina; -Mercearia, Igreja, posto de gasolina e farmácia;
Espaço público vinculado ao (lazer e prestação de serviços)	-Praça e lanhouse; -Praça, oficina e CRESOL;
Espaço público vinculado a (religião e ao serviço bancário)	-Igreja e lotérica;
Espaço público vinculado ao (serviço bancário, comércio, saúde e prestação de serviço)	- Lotérica, banco, açougue, farmácia, posto de gasolina e padaria;
Espaço público vinculado ao (comércio, prestação de serviço e religião)	-Padaria, mercearia, posto de gasolina e Igreja;

Espaço público vinculado ao (comércio, prestação de serviço e saúde)	-Loja, salão de beleza e consultório médico; -Loja, supermercado, salão de beleza e consultório odontológico;
Espaço público vinculado ao (lazer, prestação de serviço e comércio)	-Praça, posto de gasolina, oficina, loja e bar; -Praça, mercearia, loja e posto de gasolina;
Espaço público vinculado a (escolaridade, prestação de serviço, lazer e comércio)	-Escola, lanhouse, praça, loja e mercearia
Espaço público vinculado a (saúde, prestação de serviço e serviço bancário)	-Farmácia, prefeitura, lotérica e consultório odontológico;
Espaço público vinculado a (saúde, religião e comércio)	-Farmácia, UBS, Igreja e loja; - UBS, loja e Igreja;
Espaço público vinculado ao (comércio, serviço bancário e prestação de serviço)	-Mercearia, loja, banco, STR e CRESOL; -Banco, mercearia, casa de produtos agropecuários e posto de gasolina;
Espaço público vinculado ao (comércio, serviço bancário, prestação de serviço e religião)	-Mercearia, lotérica, posto de gasolina e Igreja;
Espaço público vinculado ao (comércio e lazer)	-Mercearia e praça; -Praça e bar;
Espaço público vinculado ao (lazer, serviço bancário, comércio e escolaridade)	-Praça, banco, loja e escola;
Espaço público vinculado a prestação de serviço	-Prefeitura e secretarias do município;
Espaço público vinculado ao (comércio, religião, prestação de serviço e saúde)	-Mercearia, Igreja, posto de gasolina e farmácia;

APÊNDICE G – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço público e privado

Categorias analíticas referentes a combinação de espaço privado com espaço público	Categorias nativas
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (serviço bancário e prestação de serviço).	-Casa de amigos e parentes, banco e EMATER;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (religião e ao comércio)	-Igreja, mercearia, loja e casa de parentes;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (prestação de serviço, religião e comércio)	-EMATER, Prefeitura, casa de parentes, Igreja e mercearia;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (comércio, lazer, prestação de serviço e religião)	-Mercearia, campo de futebol, Igreja, casa de parentes e oficina;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (serviço bancário, saúde e comércio)	-Casa de parentes, lotérica, UBS e loja; -Supermercado, banco, farmácia, casa de parentes e bar; -Banco, supermercado, farmácia e casa de parentes;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (lazer e ao comércio)	-Loja, praça e casa de parentes;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (escolaridade, prestação de serviço e lazer)	-Escola, lanhouse, praça e casa de amigos;
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado a (saúde e comércio)	-Casa de parentes, UBS, mercearia e loja;

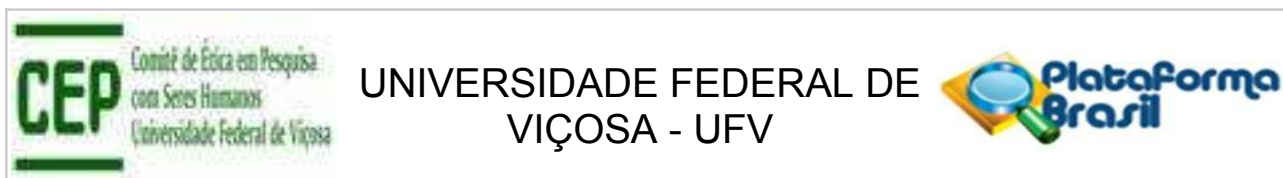
Combinação de espaço privado com espaço público vinculado ao (serviço bancário e a saúde)	-Banco, farmácia e casa de parentes;
---	--------------------------------------

APÊNDICE H – Lugares mais frequentados pelos rurais na cidade no âmbito do espaço privado

Categorias analíticas referentes ao espaço privado	Categorias nativas
Espaço privado	Casa de amigos e parentes;

ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP – UFV



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG. **Pesquisador:** Ana Louise de Carvalho Fiúza **Área Temática:**

Versão: 3

CAAE: 30754714.4.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Economia Rural

Patrocinador Principal: MINISTERIO DA EDUCACAO

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 713.588

Data da Relatoria: 04/07/2014

Apresentação do Projeto: conforme parecer anterior.

Objetivo da Pesquisa: conforme parecer anterior.

Avaliação dos Riscos e Benefícios: conforme parecer anterior.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: sem considerações adicionais do ponto de vista ético.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: todos foram apresentados adequadamente

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vidas, rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa, ou por ser representante legal, assim como pelo pesquisador responsável, ou pela(s) pessoa(s) por ele delegada(s), devendo as páginas de assinaturas estar na mesma folha. Para a submissão, não é necessária a assinatura do TCLE.

Continuação do Parecer: 713.588

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, prédio Arthur Bernardes, piso inferior

Bairro: campus Viçosa

CEP: 36.570-000

UF: MG

Município: VICOSA

Telefone: (31)3899-2492

Fax: (31)3899-2492

E-mail: cep@ufv.br

Página 01 de 02

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado com recomendação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao término da pesquisa é necessária a apresentação do Relatório Final e após a aprovação desse, deve ser encaminhado o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 4ª reunião de 2014.

VICOSA, 09 de Julho de 2014

Assinado por:
Patrícia Aurélia Del Nero
(Coordenador)